

EXPLICAÇÃO DE TEXTOS DIFÍCEIS DA BÍBLIA

Pedro Apolinário



Professor de Grego e Crítica Textual no
Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia
4ª EDIÇÃO (Corrigida) 1990
EDITORA UNIVERSITÁRIA ADVENTISTA
INSTITUTO ADVENTISTA DE ENSINO
Tel. (011) 511-4011
Estrada de Itapeperica (Km 23) 22-901
Santo Amaro – São Paulo

O Valor do Estudo da Bíblia

"O vigor de nossa vida espiritual está na proporção exata do lugar que a Bíblia ocupa em nossa vida e em nossos pensamentos." – George Müller.

"Por que não tendes exaltado a Palavra de Deus acima de toda produção humana? Não basta porventura manter-se achegado ao Autor de toda a verdade?" – E. G. White.

"A Bíblia é o mais poderoso instrumento que o pregador pode ter; com ela falo tão confiantemente à mais sofisticada ou mais degradada ou mais incrédula das pessoas. O alimentar-se da Palavra de Deus realmente faz o pregador." – H. M. S. Richards.

"Livro de minha alma aqui o tenho: é a Bíblia. Não o encerro na biblioteca entre os de estudo. Conservo-o sempre à cabeceira, à mão. É dele que tiro o pão para a minha fome de consolo, é dele que tiro a luz nas trevas das minhas agonias." – Coelho Neto.

ÍNDICE

Prefácio	4
1. Por que Estudar Hebraico e Grego?	6
2. Justificação, Santificação e Glorificação	14
3. Fé e Obras	37
4. Lei e Graça	48
5. A Lei e o Evangelho Segundo Lutero	58
6. A Predestinação Bíblica	62
7. Batismo com Água, Fogo e com o Espírito Santo	77
8. O Vinho na Bíblia	92
9. Duas Embaraçantes Passagens Relacionadas com Vinho	100
10. A Palavra Inferno e a Bíblia	103
11. O Arrependimento de Deus e do Homem	111
12. Pedro e a Pedra – Mat. 16:15-19	119
13. Camelo Pelo Fundo de uma Agulha? – Mat. 19:24	131
14. Duas Problemáticas Declarações em Marcos 7:15 e 19	140
15. A Discutível Terminação do Evangelho de Marcos	151
16. Uma Melhor Tradução de Romanos 1:17	155
17. "Seja Entregue a Satanás" – I Cor. 5:5	158
18. Batismo Pelos Mortos – I Cor. 15:29	165
19. Partir e Estar Com Cristo – Filip. 1:23	171
20. Pregar aos Espíritos em Prisão – I Ped. 3:19	177
21. Qual é o Descanso de Hebreus 4:9?	184
22. Estudo Exegético de Lucas 16:16	192
23. "Hoje Estarás Comigo no Paraíso" – Luc. 23:43	198
24. Dia do Senhor – Apoc. 1:10	203
25. Qual a Melhor Tradução de Apoc. 22:14?	209
26. O que Crêem os Adventistas Sobre a Parusia	214
27. Denominação para o Domingo no Novo Testamento Grego	222
28. Três Dias e Três Noites na Sepultura – Mat. 12:40	227
29. Jesus – Filho de Deus e Filho do Homem	233
30. Uma Contradição Explicada pelo Grego – Atos 9:7; 22:9 ...	244
31. A Doxologia do Pai Nosso	247
32. As Três Testemunhas Celestiais de I João 5:7-8	253
33. Qual o Significado de Hilastérion em Rom. 3:25?	258
34. Paracleto	265
35. Estudo das Palavras – Anátema e Maranata – I Cor. 16:22	267
36. Ósculo Santo	272
37. Novo em Grego e Novo em Português	277
38. A Ira de Deus e a Ira do Homem	281
39. Alma e Espírito	299

40. O Amor – A Maior das Virtudes	312
41. Glossolalia ou Dom de Línguas	321
42. A Hermenêutica e a Teologia da Libertação	336
Bibliografia	351

APÊNDICE

Da apostila:

Análise – Textos Bíblicos de Difícil Interpretação,
volume I, de Pedro Apolinário

1. O Problema da Dor e do Sofrimento Humano	357
2. O Estudo de Três Palavras Sagradas (Selá, Aleluia, Amém)	368

PREFÁCIO

Mais um livro! Exclamará alguém.

Haverá necessidade para este trabalho?

Sim, há e muita, mas prefiro que você mesmo dê a resposta após a sua leitura.

Quero fazer minhas as palavras introdutórias do livro *Princípios de Interpretação Bíblica* de Louis Berkhof:

"Em nossos dias a maior parte da confusão no terreno religioso e na aplicação dos princípios bíblicos tem suas raízes na má interpretação da Palavra de Deus. Isto é verdade até mesmo nos círculos que aceitam firmemente a infalibilidade das Escrituras Sagradas".

Se um nome apropriado pudesse ser dado ao presente trabalho creio que o melhor seria – *Tentativas para Explicar Passagens Difíceis da Bíblia*. Por que tentativas? Porque se todo o estudante, em qualquer ramo do saber, sente sua limitação diante da vasta imensidão do saber, muito mais o pesquisador da Bíblia sente a sua pequenez para exaurir da Fonte Sagrada do Saber todas as riquezas espirituais da Revelação Divina.

Estas páginas foram escritas com a esperança de que elas possam ajudar a compreender passagens bíblicas que sempre preocuparam os que manuseiam a Palavra de Deus. Se elas ajudarem a solucionar inquietações doutrinárias, estou satisfeito, porque como bem declarou Louis Courier:

"Qualquer produção do nosso espírito, uma vez que possa tornar-se útil, está por si mesma justificada".

Se este objetivo não for alcançado, ao menos estou satisfeito, porque lutei com esta finalidade.

Esta é apenas uma abertura do caminho, porque com a ajuda divina almejamos prosseguir até alcançar resultados mais positivos. Sei também que precisaria de mais tempo investigando e refletindo sobre alguns dos temas expostos, mas se fosse esperar pela completa realização de tudo quem se animaria a escrever?

Palavras apresentadas na edição do primeiro volume em 1980. Em 1981 apareceu o segundo volume. Sendo que ambos se esgotaram, achei melhor fundi-los em um só, para isto retirando alguns capítulos e acrescentando outros. Sugestões foram feitas para que apresentasse as apostilas em formato de livros, e por julgá-las vantajosas foram aceitas.

Ao compulsar este trabalho, o prezado leitor perceberá que alguns assuntos são difíceis, por requererem seleção de muito material existente. Procurei, na preparação dos diversos capítulos, dar especial atenção as nossas fontes de informação, como o *SDABC*, *Ministério Adventista*, escritos do Espírito de Profecia, Dicionários e Comentários Gregos, bem como estudos de autores conservadores afinados com as doutrinas das Escrituras Sagradas.

No estudo de textos difíceis lembremo-nos sempre da seguinte declaração.

"Algumas passagens da Escritura nunca serão perfeitamente compreendidas até que, na vida futura, Cristo as explique. Há mistérios a serem elucidados, declarações que a mente humana não pode harmonizar." – *Obreiros Evangélicos*, pág. 312.

Agradeço a Deus porque esta pesquisa foi útil para mim e almejo que o seja também a todos os que desejam entender melhor os escritos divinos.

Pedro Apolinário

POR QUE ESTUDAR HEBRAICO E GREGO?

Para que me servirão estas matérias no trabalho futuro?

Estou me preparando para pregar a Palavra e não ensinar grego e hebraico.

Grego e hebraico são esquecidos e nenhum valor apresentam na vida prática.

Estudo estas matérias apenas para ser aprovado e não para usá-las no ministério.

Estas declarações e outras idênticas são ouvidas freqüentemente de estudantes de Teologia e até mesmo de pastores de experiência.

O assunto é extenso, mas as idéias seguintes são suficientes para mostrar o valor destas matérias:

O grego e o hebraico não terão nenhum valor para aqueles que se contentam em permanecer na superfície, para os que se satisfazem com a opinião dos outros a respeito de certos problemas bíblicos. Nenhum valor terá o estudo do original para os que se satisfazem com alimento de segunda mão, para os que se contentam em cavar na areia.

Há grande recompensa física, mental e espiritual quando procuramos por nós mesmos, e auxiliados pelo Espírito Santo descobrimos a Verdade nas Escrituras para transmiti-la à Igreja.

O conhecimento das peculiaridades das línguas bíblicas nos possibilitam uma ligação mais direta com a fonte da Verdade.

Ellen G. White nos diz que os ensinamentos bíblicos, pela simplicidade de expressão, são acessíveis até mesmo aos iletrados, mas ressalta a necessidade de cavar mais fundo através do diligente estudo com meditação e oração, para um rendimento mental e espiritual mais proveitoso. Ao Ministro de Deus convém descer mais fundo no estudo da Bíblia, pois esta é a orientação divina por intermédio de Sua serva.

"Que o ministro jovem lute com os difíceis problemas que se encontram na Palavra de Deus, e seu intelecto todo se despertará. À medida que estuda diligentemente, as grandes verdades que se acham nas Escrituras, será habilitado a pregar sermões que encerrem uma mensagem direta, definida, e ajudarão os ouvintes a escolherem o caminho certo."

"O ministro que se arrisca a ensinar a verdade possuindo apenas leves noções da palavra de Deus, ofende o Espírito Santo."¹

"Penetrai além da superfície; os mais preciosos tesouros do pensamento aguardam o hábil e diligente estudante."²

Sem dúvida alguma o original nos ajudará a compreender melhor muitas mensagens bíblicas.

Por que tantas pessoas temem estudar o hebraico e o grego?

Generalizou-se na mente dos estudantes que estas línguas são muito difíceis. Entretanto a prática nos mostrará que elas não são mais difíceis do que o português, inglês ou alemão. O hebraico, no início é mais difícil, por ser totalmente diferente da nossa língua, mas a sua gramática é bastante simples em sua estrutura.

O grego apresenta a vantagem de que 85% do alfabeto é quase o mesmo do português. Muitos símbolos gregos são usados na matemática, mas não há nenhum

símbolo hebraico que nos seja familiar. A principal dificuldade com o grego está em seu complexo sistema verbal.

As línguas bíblicas requerem dedicação e constância no seu aprendizado. John Know estudou grego após os 50 anos. Alexander Maclaren tornou-se um dos mais competentes pregadores modernos, e uma das razões apresentadas para este sucesso, dizem os que o conheceram, foi o seu profundo conhecimento do grego e do hebraico. O conhecimento de uma faceta da vida de Erasmo deveria servir de estímulo aos nossos estudantes de teologia. Escrevendo a um amigo, enquanto estudava por conta própria na Universidade de Paris, declarou: "Tenho-me dedicado inteiramente de corpo e alma ao estudo de grego, e assim que conseguir algum dinheiro, comprarei livros de grego e depois roupas." Por isso tornou-se um dos maiores eruditos da língua grega no tempo da Reforma.

Suas palavras no prefácio do Novo Testamento Grego, por ele editado em 1516, são significativas:

"Estas páginas sagradas sintetizam a imagem viva de Seu Espírito. Elas vos darão o próprio Cristo, conversando, curando, morrendo, ressuscitando, o Cristo completo em uma palavra; elas darão Cristo a vós numa intimidade tão especial que Ele seria menos visível se estivesse em pé diante dos vossos olhos."

Hoje um dos debates mais comuns nas Faculdades de Teologia é se o estudo do hebraico e grego deve ser opcional para os estudantes. Os estudantes são estimulados a escolherem matérias mais fáceis e até ao seu ver mais importantes. É lamentável que as Faculdades de Teologia estejam seguindo a orientação de deixar opcional uma das línguas bíblicas ou ambas.

É lamentável também que escolas do segundo grau e cursos superiores tirassem o latim e o grego de seus currículos, em decorrência do progresso científico e do utilitarismo da nossa época.

Se não é possível ser um eficiente professor de português desconhecendo a língua latina, muito menos alguém poderá ser um eficiente pregador se desconhecer as línguas originais, em que a Palavra de Deus foi escrita.

A utilidade da língua grega jamais será suficientemente exaltada; a ela devemos uma grande dívida de nossa formação cultural. É incontestável que o grego é o mais perfeito veículo na transmissão de idéias.

Há estudantes de teologia que apresentam as seguintes perguntas:

1ª) Por que continuar a exigir o estudo do grego numa época quando há tantas traduções?

2ª) Não há muitas outras matérias mais práticas no currículo do que o estudo de línguas bíblicas?

3ª) Pode um estudante em dois anos de hebraico ou grego adquirir um preparo que o qualifique a usar satisfatoriamente o original?

4ª) Por que há tantos obreiros eficientes sem conhecer nada de línguas bíblicas, enquanto outros versados nestes estudos não alcançaram resultados consagradores?

Extensas respostas poderiam ser dadas a cada uma destas inquirições. Tentemos algumas:

1ª) Não há nada a objetar quanto às várias traduções da Bíblia, pois, podemos obter muito auxílio comparando diferentes traduções, mas o sentido exato só é obtido indo ao original. Os estudiosos têm chegado à conclusão que as traduções existentes são, muitas vezes, falhas em transmitir a exata nuance de significado do que foi escrito primitivamente. Existem boas traduções em português, mas quem depende apenas delas nunca poderá falar com autoridade em assuntos referentes ao texto. Ele está sempre na dependência do que os outros têm dito e jamais poderá fugir da condição de inferioridade quando lhe perguntam sobre o significado original de alguma palavra.

A seguinte verdade não deve ser olvidada: os heréticos e falsos mestres sempre foram prontos a adotar uma tradução que estivesse em harmonia com suas idéias preconcebidas.

2ª) À pergunta: não há outras matérias mais práticas no currículo? responderemos com outras interrogações que nos levam a reflexionar.

O que se entende por matérias práticas?

Há alguma coisa mais prática do que a compreensão exata da Palavra de Deus?

Que subsídio mais valioso para uma pregação expositiva do que um adequado conhecimento do original?

É possível preparar um bom sermão sobre o inferno, o estado do homem na morte, vinho na Bíblia, o arrependimento etc., sem conhecimento do hebraico e grego?

3º) Quanto ao terceiro quesito apenas isto: irá depender muito do estudante, do seu interesse pela matéria e sua dedicação ao estudo.

4º) A quarta alegação não invalida nosso ponto de vista de que com o conhecimento das línguas bíblicas estes obreiros ter-se-iam tornado pregadores mais eficientes. O verdadeiro sucesso na obra de Deus não se deve ao fato de ter ou não conhecimento de grego, mas à oração, ao estudo da Bíblia, à fidelidade no cumprimento dos deveres, à sua tenacidade no trabalho, às bênçãos divinas.

A seguinte verdade não deve ser desprezada: o sucesso de alguns sem conhecimentos acadêmicos não se deve a essa deficiência, mas a despeito dela. Os exemplos citados de Moody e Spurgeon não invalidam nossa tese.

O dicionarista Thayer disse:

"A depreciação um tanto indiscriminada do estudo das línguas mortas, na atualidade, não ocorre sem danosa influência sobre os que se estão preparando Para ser expositores da Palavra Divina."

O Pregador e Suas Ferramentas

O homem civilizado se projetou de modo extraordinário graças ao sábio uso de ferramentas. Quanto mais o homem progride mais ele sente necessidade de melhorar as ferramentas. E a eficiência dependerá da habilidade no manuseio da ferramenta adequada, O pregador moderno em seu escritório de estudos é um homem com suas

ferramentas. Se ele não tiver ferramentas certas sobre sua mesa não poderá produzir resultados rápidos, muito menos o trabalho de projeção que se espera de um mensageiro de Deus. Nenhum pregador pode estar satisfeito a não ser com o melhor que dele se espera. Geralmente pode aquilatar-se a qualidade do trabalho de um pregador observando os livros que ele tem em sua biblioteca.

Seria muito útil que entre seus livros se encontrassem o Velho Testamento em hebraico e o Novo em grego. Para o Velho Testamento o Dicionário de Gesenius e *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon* são valiosos. Dentre os bons dicionários gregos destacam-se Thayer, Arndt and Gingrich, mas para efeitos práticas o "*The Analytical Greek Lexicon*" é suficiente. Das gramáticas hebraicas "*A Practical Grammar for Classical Hebrew*" está entre as mais didáticas. As três melhores para o grego no consenso dos estudiosos são a de Robertson, Blass e de Moulton.

Exemplos Comprobatórios do Valor do Grego

O pregador foi comissionado por Deus para pregar a palavra (II Tim. 4: 2). O ministro cristão não foi incumbido de pregar as opiniões prevalecentes na filosofia, ou as mutáveis hipóteses da ciência, nem repousa sobre ele o dever de pregar o mais puro tipo de ética que conhece para tornar os homens melhores, mas para ser um eficiente pregador da Palavra de Deus ele precisa conhecer as línguas em que ela foi escrita primitivamente.

Das palavras estudadas por Kenneth Wuest destaquemos estas:

1ª) "E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente. . ." Rom. 12: 2.

"Conformeis" em grego é "**suschematizo**" e "transformai" é "**metamorphoomai**". **Suschematizo** precedido da forte negativa "**mê**" significa: "Paraí de assumir uma expressão exterior que não vem de dentro de vós e que não representa o que sois, mas é posta de fora e é moldada de acordo com este século." O grego fornece as seguintes idéias: santos que estão usando uma máscara, moldando-se de acordo com este século, pondo sobre si uma cobertura opaca que oculta a presença interior do Senhor Jesus e impede que o Espírito Santo manifeste a sua beleza na vida. Essas idéias emergem do verbo conformar-se, mas isto do texto grego.

O pregador toma a palavra "transformar" e encontra "**metamorphoomai**". O verbo simples significa "dar expressão exterior ao íntimo de alguém, sendo que essa expressão provém desse íntimo e o representa." A preposição "**meta**" indica mudança. Ele traduz: "Mudai vossa expressão exterior (daquela que veio de vossa natureza totalmente depravada quando não estáveis salvos) por aquela que vem do vosso íntimo (como salvos que estais). Esta tradução traz novas e ricas idéias: santos transfigurados, a vida exterior deve encontrar a sua fonte na natureza divina, a vida deve ser a expressão exterior de uma natureza interior, não um disfarce nos trajes do mundo. Apenas o grego pode guiar-nos a essas idéias.

2ª) Uma curiosa palavra grega é o verbo estudar de II Tim. 2:15: "Estuda para mostrar-te aprovado diante de Deus." Estudar, hoje se refere ao esforço para aprender, especialmente pelo ler e pensar. Fala de escola, livros, professores, e aplicação da mente na aquisição de conhecimento.

A palavra grega não tem essa conotação de acordo com o "Vocabulary of the Greek Testament de Moulton and Milligan". Sua real significação seria: apressa-te, sê impetuoso, usa de diligência, faz um esforço para conseguir o teu melhor, implicando em todas as áreas do serviço e da vida cristã.

O rico sistema verbal grego com seus aspectos, tempos, modos e vozes apresenta verdades intraduzíveis para línguas modernas, como João 15:7 ilustra. O verbo "**meno**" significa permanecer, estar, habitar, abrigar. A famosa concordância "Englishman's Greek Concordance" nos informa que na Bíblia este verbo quando usado com pessoas implica em amizade, companheirismo, como nas passagens de Luc. 1:56; 19:5. Uma boa tradução para S. João 15:7 seria: Se você mantiver uma viva comunhão comigo e as minhas palavras forem recebidas por você, então haverá um companheirismo constante, momento a momento, com o Senhor.

Os exemplos poderiam ser multiplicados, como prova do riquíssimo material existente à disposição dos estudantes de grego.

Conclusão

Sem algum conhecimento de hebraico e grego o Pastor não está à altura de entender os comentários críticos sobre as Escrituras; não poderá ajudar os que lhe pedem auxílio em problemas de tradução; não pode estar seguro se sua citação bíblica está apresentando o correto sentido primitivo e muito menos poderá ser um fiel intérprete da palavra de Deus.

Referências:

1. Obreiros Evangélicos, pág. 95
2. Mensagens aos Jovens, pág. 262.

JUSTIFICAÇÃO, SANTIFICAÇÃO E GLORIFICAÇÃO

Importância do assunto:

Este tema tem que ver com a salvação, e nada é tão essencial na Bíblia quanto a nossa redenção. Justificação, santificação e glorificação são três processos na salvação do ser humano.

"A mensagem presente, a justificação pela fé é a mensagem de Deus... Não há um em cem, que compreenda a verdade bíblica sobre este tema, tão necessário para o nosso bem-estar presente e eterno."¹

"Isso, porém, eu sei que nossas igrejas estão perecendo por falta de ensino sobre o assunto da justiça pela fé em Cristo e verdades semelhantes."²

"A mensagem da justificação pela fé: a mensagem de Deus, a mensagem da verdade, a mensagem que Deus ordenou fosse dada ao mundo, a mensagem que leva as credenciais do céu é a mensagem do terceiro anjo em linhas distintas e claras."³

"Muitos que professam crer na mensagem do terceiro anjo, perderam de vista a justificação pela fé."⁴

"O tema central da Bíblia, o tema em redor do qual giram todos os outros no Livro, é o plano da redenção, a restauração da imagem de Deus, na alma humana, o empenho de cada livro e passagem da Bíblia é o desdobramento deste maravilhoso tema."⁵

"A justificação pela fé, em seu mais amplo sentido, abrange todas as verdades vitais, fundamentais do evangelho, a começar pela situação moral do homem ao ser criado e implicações: seguem-se vinte e duas verdades embutidas na justificação pela fé."⁶

A doutrina da justificação pela fé em Cristo, de capital importância para a nossa salvação tem sido neutralizada por Satanás. Ela foi escondida durante séculos pelas tradições romanas, mas graças aos reformadores, destacando-se entre eles a figura ímpar de Lutero, ela foi revelada novamente.

A Igreja Adventista e a Justificação pela Fé

Nossa igreja, nos seus primórdios, correu o risco de entrar por sendas legalistas, mas damos graças a Deus, porque Ele nos mostrou o caminho seguro neste assunto. Este importante tema, estudado com interesse e entusiasmo pelos pastores Jones e Waggoner, foi apresentado em 1888, na Assembléia da Associação Geral de Mineápolis. Ele foi bem recebido pelo Presidente da Associação Geral e por Ellen G. White. Uma intensa e constante campanha foi encetada para que este ensino merecesse um lugar de destaque em nossos arraiais; contribuindo muito para a divulgação destas idéias pregações e artigos da mensageira deste movimento.

Alguns leigos e mesmo obreiros como Uriah Smith, a princípio rejeitaram a doutrina da justificação pela fé, temendo que estava havendo uma volta ao espírito das igrejas protestantes de onde havíamos saído.

Muitos adventistas, naqueles idos, e ainda hoje, apegados ao insidioso legalismo que ainda viceja em nossos arraiais, não podem ou não querem compreender esta

maravilhosa verdade, crendo que é uma doutrina antibíblica, logo espúria, característica do protestantismo.

Diante destas afirmativas a única conclusão segura é esta: como igreja precisamos compreender melhor este assunto, pregando mais sermões para que nosso povo o compreenda com clareza e objetividade.

O que é Justificação?

Para Vincent, *Word Studies in the New Testament*, vol. III, pág. XI: "Justificação pela fé envolve união pessoal com Cristo e conseqüente morte para o pecado e ressurreição moral para novidade de vida."

"É a obra de Deus ao lançar a glória do homem por terra, e fazer pelo homem o que não lhe é possível fazer em seu próprio poder."⁷

"A justificação é um ato da livre graça de Deus, mediante a qual Ele perdoa todos os nossos pecados e nos aceita como justos aos seus olhos, baseado somente na retidão de Cristo, a nós imputada, e recebida exclusivamente pela fé."⁸

"Ser justificado independentemente das obras é ser justificado sem contar com qualquer coisa que mereça tal justificação." Hodge.

"É a imputação divina da justiça de Cristo ao nosso nome individual."⁹

Justificação é uma parte do processo completo da salvação.

"A justificação é um ato declarativo de Deus. Este ato de declarar o homem justificado não é como o ato de Deus regenerando o homem. Na regeneração efetua Deus uma mudança radical no homem, mas na justificação Ele declara, apenas, que não pode mais condená-lo e o restaura à Sua graça. Deus não faz o homem justo por declará-lo justificado. Uma das maiores glórias do evangelho é esta doutrina, que Deus, o justíssimo entre todos, pode justificar o injusto sem praticar injustiça."¹⁰

Caminho a Cristo explica o que é justificação da seguinte maneira:

"Se vos entregardes a Ele e O aceitardes como vosso Salvador, sereis, por pecaminosa que tenha sido a vossa vida, considerados justos por Sua causa. O caráter de Cristo substituirá o vosso caráter e sereis aceitos diante de Deus exatamente como se não houvésseis pecado."

Em outras palavras, assim poderia ser explicada: aceitando a Cristo como nosso Salvador pessoal, Deus nos liberta de toda a culpa, cobre-nos com o manto da justiça de Cristo, em lugar dos farrapos da nossa justiça, vendo Deus em nós a perfeita e imaculada justiça de Seu Filho.

Justificar, segundo o pensamento da Reforma do século XVI, significa considerar justo e nunca tornar justo como defendia o catolicismo. A igreja católica não considera a justificação como uma imputação legal da parte de Deus, mas sim tornar-nos ou fazer-nos justos.

Da leitura de Romanos 8:33 e 34 se conclui que justificar e condenar apresentam significação contrária. Se condenar é declarar alguém culpado, justificar é declarar justo e não tornar ou fazer justo.

O livro *Fé e Obras*, pág. 94, de Ellen G. White confirma este conceito ao declarar: "Justificação é o contrário de condenação."

De modo geral, os comentaristas defendem que justificação é um ato exclusivamente judicial. Josué de Oliveira no livro *O Aspecto Jurídico da Justificação* insiste muito nesta tecla: "Justificação não é um ato de graça, mas sim de justiça. Na página 16 escreveu: "Justificação à luz da Bíblia é um vocábulo judiciário, por mostrar nossa relação para com as sagradas leis do código divino á luz das quais os crentes são julgados."

O conhecido professor Hans K. LaRondelle esposa a mesma idéia ao declarar sobre a justificação:

"Justificação é a divina atribuição ou imputação da justiça de Cristo, a crédito, perante Deus, do crente arrependido (Rom. 4:4-8). Trata-se de uma transação judicial de Cristo como mediador celeste, pela qual somos feitos retos para com Deus e temos acesso ao coração do Pai (Rom. 5:1-2) sendo, como resultado imediato que o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi outorgado (Rom. 5:51. Desse modo, sem qualquer mérito de nossa parte recebemos o Espírito Santo pela fé em Cristo (Gál. 3:2, 5), e pode apropriadamente ser dito que somos justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus (1 Cor. 6:11)"¹¹

Hans Joachim Iwand declara: "Assim a justificação do homem diante de Deus tem sempre caráter 'forense', isto é, desenrola-se diante do fórum de Deus que julga justamente."¹²

Mário Veloso diverge deste conceito ao afirmar:

"A justificação pela fé, conseqüentemente não é um simples ato forense ou justificação objetiva. Em verdade a justificação pela fé é um ato pelo qual Deus declara justo o homem injusto e pecador (II Cor. 5:21), porém, a reconciliação implica necessariamente uma transformação das relações existentes entre o homem inimigo e Deus. Esta transformação subjetiva é descrita pela paz que o homem inimigo recebe para tornar-se amigo de Deus no ato da justificação. Em sua atitude inimiga o homem perdeu sua verdadeira relação com Deus e dirige-se para a morte. Não há nada que ele possa fazer para sair desta situação. Somente a justiça de Cristo pode transformá-lo porque esta 'é um princípio que transforma o caráter e rege a conduta'. Mediante a justificação Deus perdoa ao homem. O perdão de Deus não é meramente um ato judicial pelo qual Ele nos livra da condenação. É não somente perdão pelo pecado, mas livramento do pecado. É o trasbordamento de amor redentor que transforma o coração."¹³

Processa-se a justificação no momento em que o homem aceita a Cristo como seu Salvador pessoal.

Paulo e a Justificação Pela Fé

O nascimento de Cristo foi o fato mais significativo que já aconteceu neste mundo. O Criador dos céus e da Terra, que habita na luz inacessível, torna-se um

membro da família humana. Este ser ilimitado e onipotente nasceu de uma mulher, cresceu em humildade lar campesino, viajou como um pregador itinerante, morreu em ignomínia e vergonha, ressurgiu da sepultura e ascendeu ao céu. Os doze apóstolos foram escolhidos como testemunhas oculares destas coisas.

Depois da ascensão, Cristo escolheu um outro homem através de quem o Espírito Santo mostraria a real significação daqueles históricos eventos que os doze apóstolos testemunharam.

É em Paulo que o Evangelho, dado aos filhos de Israel em tipos, sombras e promessas é totalmente revelado (Col. 1:26; Efés. 3:5; Rom. 16: 25-26; 1 Pe. 1:10-12; Heb. 1:2).

O tema do evangelho de Paulo era Cristo e Ele crucificado para a justificação de pecadores (I Cor. 2:2; Gál. 1:4). Naturalmente os outros apóstolos também enfatizaram a salvação de pecadores através de Jesus, mas Paulo mostra como o evangelho é uma revelação da justiça de Deus (Rom. 1:16-17).

Uma das grandes questões que perturbaram os comentaristas bíblicos foi esta: Como poderia um Deus justo justificar pecadores sem cometer injustiça? Como ser misericordioso com os transgressores da lei de Deus e consistente com os reclamos da justiça divina?

Dentre as acusações feitas por Satanás, esta parecia ser a mais destacada: Deus não poderia ser ao mesmo tempo justo e misericordioso para com o pecador. O pecado aparentemente colocara a Deus diante do seguinte dilema:

1º) Se usasse apenas a Sua justiça, o homem deveria morrer, pois o salário do pecado é a morte. Mas o amor de Deus havia provido um meio pelo qual o Filho de Deus, tornar-se-ia o substituto do homem.

2º) Sendo Deus misericordioso, podia perdoar aos pecadores sem levar em conta Suas leis e Sua justiça, mas esta não é a justificação que Deus nos proporciona.

Como podia Deus aplicar o castigo sendo misericordioso e perdoar ao pecador sendo justo? Se Deus matasse o homem, Satanás o acusaria de tirano.

Se lhe perdoasse, Deus seria mentiroso.

A solução para este impasse Deus apresentou na cruz, sendo ao mesmo tempo justo e misericordioso. Desde que o pecador devia morrer para que se cumprisse a justiça, Cristo morreu em seu lugar, e pela sua morte oferece ao transgressor da lei também a Sua misericórdia. A justiça e a misericórdia de Deus foram harmonizadas na cruz como declara Paulo em Rom. 3:25 e 26, ao declarar que Ele é ao mesmo tempo justo e justificador daquele que tem fé em Jesus.

No Apêndice da *Bíblia Vida Nova*, pág. 341, lemos:

"Uma vez que do ponto de vista de Deus, não há nem sequer um justo (Rom. 3:10), como pode um Deus justo justificar o injusto? Rom. 8:33. Que o perdoe, compreende-se; mas atribuir-lhe justiça (que esse injusto não tem), declará-lo justo e ainda manter Deus Sua própria justiça, como o poderá?

Paulo nos ensina que graças à obra de Cristo, o veredito final pode ser reconhecido por antecipação; que os homens reconciliados com Deus podem ter desde

já a certeza do pronunciamento final de justos. Mas sobre que base? Pelo fato de ter Cristo morrido por nós. . . justificados pelo seu sangue (Rom. 5: 9). À base do sacrifício de Cristo, de Sua vida entregue, Deus pode atribuir justiça a quem não a possui em si. Mas de que maneira? Graciosamente por Sua graça, responde Paulo. (Rom. 3:24). Esta dádiva preciosa é oferecida a todos, porém recebida somente pelos que depositam confiança em Cristo. (Rom. 3:22; 4:16; Col. 2: 16)."

O que Deus pede, de nós para sermos justificados? De acordo com Paulo, em Gál. 2:16, é preciso que tenhamos fé. Desta declaração jamais se deve concluir que a fé é a nossa salvadora.

Ellen G. White diz claramente: "A fé não é nossa salvadora. Cristo é o nosso Salvador."

Fé é a mão que se estende e se apega às promessas de Deus. Nenhum mérito existe na fé.

A Bíblia de Jerusalém traz o seguinte comentário a Rom. 1:16:

"A fé é um ato pelo qual o homem se entrega a Deus, que é ao mesmo tempo verdade e bondade, como a fonte única da salvação."

Para Paulo fé significa confiança em Cristo. "Fé é um dom divino que nos permite crer naquilo que não vemos. I Cor. 12:9; Heb. 11:1 e 3."

A doutrina da justificação pela fé, é resumidamente explicada em Fil. 3:9 e amplamente expressa nas Epístolas aos Gálatas e aos Romanos.

O livro de Gálatas apresenta rigorosamente a salvação pela graça mediante a fé em Cristo, com ênfase na justificação pela fé.

Os estudiosos têm encontrado na carta aos Romanos os três aspectos da salvação :

- a) Justificação - Rom. 3: 21 a 5: 21.
- b) Santificação - Rom. - capítulo 6, 7 e 8.
- c) Glorificação - Rom. 12 a 16.

No curso de Doutrina da Salvação do Dr. Hans K. LaRondelle, janeiro de 1983, ele salientou que a expressão "pela fé", aparece 25 vezes nos primeiros 4 capítulos de Romanos e apenas 2 vezes "viverá". Em Romanos 5 a 8 as expressões se invertem, pois "pela fé" aparece 2 vezes, e "viverá", 25 vezes. Em Romanos 1 a 4 existe uma concentração no aspecto da fé - justificação; enquanto nos capítulos 5 a 8, a ênfase está na maneira de viver, isto é, a santificação.

O estudioso Matthew Arnold condensou a doutrina paulina da justificação pela fé em Romanos da seguinte maneira:

"O primeiro capítulo se refere aos gentios, e seu comentário é: Vós não tendes justiça. O segundo capítulo se refere aos judeus, e seu conteúdo é: Vós não tendes mais justiça do que eles, embora assim penseis. O terceiro capítulo apresenta a fé em Cristo como a única fonte de justiça para todos os seres humanos. O quarto capítulo dá à idéia da justificação pela fé o respaldo do Velho Testamento e da história de Abraão. O capítulo quinto insiste nas causas pelas quais devemos estar agradecidos e gozosos pelo dom da justificação mediante a fé em Cristo; ademais, um a história de Adão como uma ilustração. O capítulo seis coloca esta importantíssima pergunta: 'Em que consiste esta fé em Cristo, à

qual eu, Paulo me refiro?' E responde a esta pergunta. O capítulo sete ilustra e explica sua resposta. Mas o capítulo oito, até o verso 28, amplia e completa a pergunta. O restante do capítulo oito expressa o sentido de segurança e gratidão que a solução do assunto colocado pode proporcionar. Os capítulos nove, dez e onze apoiam a tese do capítulo dois – tão difícil para um judeu, tão fácil para nós – segundo a qual a justiça não se obtém por meio da lei judaica; finalmente fala com esperança e gozo de um resultado final das coisas que hão de ser favoráveis para Israel."

A Justificação e a Lei

As Epístolas aos Gálatas e Romanos provam que o crente é salvo pela fé, naquilo que Cristo fez por ele, e não por sua dedicação na prática de boas obras, ou por sua diligência na observância aos preceitos da lei (Gál. 2:16, Rom. 3:28).

Se confrontarmos Romanos 3:28, onde diz que o homem é justificado pela fé, independente das obras da lei, com Fil. 2:12 onde Paulo afirma: desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor, parece haver contradição entre estas duas passagens. Como é possível dizer em Romanos que o homem é justificado independentemente das obras da lei e em Filipenses afirmar que temos de operar a nossa salvação? Nenhuma contradição pode haver nestas duas declarações do mesmo apóstolo.

Paulo diz taxativamente que ninguém pode tornar-se justo diante de Deus por seu próprio esforço. Ninguém pode apresentar-se perante Deus pensando ser aceito por ter praticado obras meritórias. A razão para isto é apresentada em muitas passagens bíblicas, como exemplo Ecles. 7:20 e Rom. 3:23.

A pessoa que aceitou a Cristo como seu Salvador revelará sua conversão no viver e no agir. Depois de crer, deve seguir um viver correto praticando as obras. Esta declaração de Lutero jamais deve ser esquecida: "Não nos tornamos justos praticando coisas justas, mas praticamos coisas justas sendo justos." Com esta frase ele cortou o nó górdio da filosofia aristotélica, também aceita pela igreja católica que assim poderia ser expressa: praticando as virtudes o homem se torna justo diante de Deus.

A crença adventista quanto à observância da lei e da prática de obras está bem consubstanciada no seguinte parágrafo:

"As obras da lei não podem expiar pecados passados. A justificação não pode ser adquirida. Ela só pode ser recebida pela fé no sacrifício expiatório de Cristo. Logo, neste sentido, as obras da lei nada têm a ver com a justificação. Ser justificado sem obras significa ser justificado sem que haja qualquer mérito de nossa parte na justificação."¹⁴

Na melhor biografia que já foi escrita sobre Cristo lemos:

"Uma religião legal nunca poderá conduzir almas a Cristo; pois é destituída de amor e de Cristo. . . . Nossas próprias obras jamais poderão comprar a salvação."¹⁵

Lutero e a Justificação Pela Fé

"Lutero buscou alívio para o coração oprimido, na renúncia e no afastamento do mundo, como monge, mas não o encontrou. Em 1500 encetou viagem a Roma, como

delegado, esperando lá encontrar alívio do peso que o esmagava. Ao enxergar de longe a cidade, exclamou: 'Santa Roma, eu te saúdo!' Ficou, porém, decepcionado e chocado com a impiedade que lá encontrou. Pôs-se afinal a subir de joelhos a escada de Pilatos, apinhada de gente supersticiosa. Arrastou-se de degrau em degrau, repetindo a cada degrau suas orações até que uma voz de trovão lhe pareceu bradar dentro de si: 'O justo vive pela fé!' Ergueu-se imediatamente, viu a loucura de sua esperança de alívio mediante obras de merecimento. Uma nova vida seguiu-se a essa nova luz. Sete anos depois pregou ele suas teses na porta da igreja de Wittenberg e iniciou a Reforma."¹⁶

Começou a ler intensamente a Bíblia e na carta aos Gálatas encontrou o ensino da justificação pela fé. Esta epístola de Paulo causou profunda impressão em sua vida, escrevendo o notável *Comentário aos Gálatas*, onde apresenta o pensamento central do cristianismo, a justificação do pecador exclusivamente por causa dos méritos de Cristo.

Outros estudiosos afirmam que ele descobriu a doutrina da justificação pela fé na epístola aos Romanos. Este pormenor não tem muita importância quando sabemos que Romanos foi uma expansão de Gálatas, pois as duas cartas são bastante semelhantes quanto ao seu tema e conteúdo. Lutero em seu prefácio à Epístola aos Romanos escreveu:

"Esta epístola é a verdadeira obra prima do Novo Testamento, contém o mais puro evangelho, e é digna e credora não somente que o cristão a aprenda de cor, palavra por palavra, senão que a trate como o pão cotidiano da alma, porque é impossível que seja lida ou estudada demasiadamente, pois quanto mais alguém a maneja, mais preciosa chega a ser, e mais doce o seu sabor."

Todas as confissões de fé protestantes são unânimes em mostrar o que é justificação, como ilustra o Artigo IV da Confissão de Ausburgo:

Sobre a Justificação

"Isto ensinamos: que não somos justificados diante de Deus em virtude de nossos méritos e obras, senão que somos justificados gratuitamente, na virtude de Cristo, pela fé, crendo que Cristo morreu para expiar nossos pecados e por Seu intermédio recebemos o perdão dos pecados."

O Concílio de Trento teve como escopo principal combater a reforma, mas o debate número um do concílio, foi justamente a questão da justificação pela fé.

Diferença Entre Perdão e Justificação

"Justificação, por exemplo, é mais do que perdão. Ambas são doutrinas referentes à salvação e intimamente relacionadas entre si. Entretanto, não são a mesma coisa.

"À luz da Bíblia, o pecador é perdoado por Deus, sem, todavia, ser considerado justo. Remitir as penas de uma lei a favor de um réu é uma coisa. Declarar que esse réu é inocente e justo, em face da lei, é coisa diferente.

"O perdão cancela a culpa, e as penalidades do pecado. A Justificação declara que as exigências da lei estão plenamente satisfeitas, e que o acusado é Justo.

"Perdão é ato soberano da livre graça de Deus. Justificação é ato judicial, resultante do acórdão de um Tribunal infalível, no qual os crentes são julgados e são encontrados sem culpa. Por isto, Deus os proclama Justos.

"Perdão, à luz da Bíblia e da razão, é ato negativo. Justificação é ato essencialmente positivo. Enquanto o perdão põe de lado a culpa, a Justificação declara a justiça.

"Pelo perdão, o pecador se despe dos andrajos vis dos seus pecados e das suas imundícies. Enquanto que a Justificação o adorna com as vestes talaras da justiça de Cristo a ele imputada."¹⁷

O comentarista Lange afirma:

"Os versos 7 e 8 de Rom. 4 provam claramente que o perdão dos pecados faz parte da justificação; mas isso apenas como seu lado negativo, o que está inseparavelmente vinculado ao seu lado positivo, a saber, a imputação e a aplicação da justiça de Cristo, o que contém o gérmen e o poder da santificação."

Justificação pela Fé no Velho Testamento

Muitos erram ao pensar que a justificação pela fé seja ensinada apenas depois de Cristo, quando na realidade ela é ensinada com o mesmo vigor nos dois testamentos.

A lembrança das seguintes passagens confirma nossa assertiva:

1º) Deut. 32:4: Tudo o que Deus faz e é, só é justiça.

2º) Isa. 11:4: Ele julgará com justiça.

3º) Sal. 72: 2: Livra-me por tua justiça.

4º) Jer. 23: 6: O Senhor será chamado: Justiça Nossa.

5º) Em Isa. 53 se encontra a justificação do ímpio através do sofrimento do Messias.

Os personagens do Velho Testamento não foram salvos por obedecerem ou praticarem boas obras, mas através de Cristo, como nos diz Paulo, citando o exemplo de Abraão em Romanos 4:2-3.

Não apenas em Romanos esta verdade é apresentada, pois em Gálatas 3:8, 11, 24 ele trata do fundo histórica da justificação no Antigo Testamento. Paulo faz bem claro em seus escritos que a justificação pela fé não é uma novidade excêntrica por ele inventada. Ela foi apresentada a Abraão quando Deus predisse que em sua semente todas as nações da terra seriam abençoadas. Gên. 12:1-3.

O exemplo mais significativo de justificação pela fé do Velho Testamento é o de Abraão, como nos indica Gên. 15:6: "Ele creu no Senhor, e isso lhe foi imputado para justiça."

Abraão é citado por Paulo (Rom. 4:3; Gál. 3:6) como contestação ao falso ensinamento da justificado pelas obras. Será de bom alvitre também frisar que este

mesmo personagem bíblico é apresentado por Tiago em oposição àqueles que negam o lugar das obras na vida do cristão.

Benefícios da Justificação

Paulo apresenta alguns destes benefícios:

- a) Rom. 5:1 – Temos paz com Deus.
- b) Rom. 5: 2 – Abre-se o caminho para nosso acesso a Deus.
- c) Rom. 5: 3 e 4 – Dá-nos a esperança de uma vida melhor.
- d) Efés. 2:10 – A justificação nos leva a produzir boas obras.
- e) Temos alegria e felicidade na vida.
- f) Proporciona-nos a esperança de uma vida futura.

Qual a Minha Parte na Justificação?

Parcialmente a resposta a esta pergunta já foi apresentada, mas podemos acrescentar:

Preciso crer em Cristo. Crer é confiar em tudo o que Ele faz e está fazendo por nós.

"O que significa crer em Cristo? Significa sentir necessidade dEle; crer que Ele pode e quer salvá-lo agora mesmo; e lançar-se sem reservas sobre Sua misericórdia, confiando unicamente nEle para a salvação."¹⁸

Pastor Morris Venden, autor do livro *Righteousness by Faith and the Three Angels Messages*, escreveu:

"Se gostaríeis de ter toda a mensagem da salvação unicamente pela fé em Cristo, podeis sintetizá-la em dois versículos: S. João 15:5, que declara: 'Sem mim nada podeis fazer.' Quanto? 'Nada!' É isso mesmo e nada mais!' A outra passagem é Fil. 4:13: 'Tudo posso naquele que me fortalece.' Quanto? 'Tudo'. É tão simples assim. O menor menino ou menina pode compreendê-lo. Sem Cristo, nada posso fazer. Com Ele, tudo posso fazer. Portanto a única coisa que posso realizar é ir ter com Cristo. Isso é tudo que posso fazer para ser salvo."¹⁹

Consciente de que nada posso fazer vou a Cristo, e a promessa bíblica é esta : ". . . e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora." S. João 6:37.

Paulo, em suas epístolas emprega 154 vezes a expressão "estar em Cristo".

Santificação

O que é santificação? Após sermos justificados, o Senhor trabalhará em nós e por nós, na obra de preparar-nos para o Céu, isto é santificação.

A santificação pode ser comparada a uma escada com muitos degraus que levam da terra ao Céu. Mas só existe uma escada assim, e precisamos descobrir onde ela começa antes de tentar subir. Os caminhos que a ela conduzem são: O chamado de

Deus, o arrependimento, a conversão, a justificação, a regeneração ou novo nascimento. Cumpra a nós trilharmos estes caminhos.

A palavra santificação apresenta uma gama muito variada de significados. Relacionada com os pertences do culto do santuário "pôr à parte para uso santo", "tornado livre do pecado", "purificado". Em nosso contexto, a palavra é empregada no processo pelo qual, depois da justificação, o cristão deve desenvolver um caráter que o qualifique para o céu.

"A santificação começa por ocasião da conversão, e continua através de toda a vida do crente. É o gradual desenvolvimento de um caráter semelhante a Cristo, produzido pela submissão do crente à graça de Deus. Abrange todo o momento da vida, e é de importância progressiva. Significa perfeito amor, obediência e perfeita conformidade à vontade de Deus."²⁰

Os que se convertem a Cristo são por Ele santificados, isto é, separados para Deus, e por isso denominados santos. Atos 9:32; Rom. 1:7.

A santificação é um processo de desenvolvimento espiritual, auxiliado pelo Espírito Santo, para que o homem possa prestar verdadeiro culto (serviço) ao Pai. Rom. 12:1.

Segundo a Bíblia, o propósito da santificação é que o velho homem deixe de viver e Cristo viva nele.

Justificados pela fé, declarados justos perante Deus, ou libertos da culpa de nossos pecados no passado, estamos preparados para a santificação ou para vencer o pecado em Cristo. Justificação é a obra de Cristo por nós, enquanto santificação é a obra de Cristo em nós. Disse alguém que: "Conversão é dar o primeiro lugar para Deus em nossa vida, enquanto santificação é permitir que Ele continue sendo o primeiro em nossa vida."

A justificação deve trazer como consequência a santificação, tendo a Cristo como o orientador em nossa vida. Gál. 2: 20; Efés. 3:14-19.

A aceitação de Cristo significa pautar a nossa vida pela Sua Palavra. Heb. 12:14.

A Sua Santa lei deve ser o nosso padrão de procedimento e de justiça.

Um caráter formado à semelhança de Cristo é o alvo a ser atingido. Efés. 4:13.

"Santidade é constante acordo com Deus. Não seremos nós aquilo que Cristo tão grandemente deseja que sejamos – cristãos em atos e em verdade – para que o mundo possa ver em nossa vida uma revelação do poder salvador da verdade? Este mundo é nossa escola preparatória e enquanto aqui estivermos enfrentaremos provas e dificuldades. Mas estamos seguros enquanto nos apegarmos Àquele que deu Sua vida como uma oferta por nós..."²¹

Paulo em suas epístolas deu muita ênfase à santificação como atestam os seguintes passos:

a) Rom. 8:1-11. Estes versos revelam que a justificação pela fé e a operação do Espírito resultam em uma vida de santidade.

b) II Cor. 5:17. "E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas."

- c) I Cor. 1:30. "Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou da parte de Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção."
- d) Col. 2:6. "Ora, como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele."
- e) I Tess. 4:3. "Pois esta é a vontade de Deus, a vossa santificação."

Pedro faz apelo idêntico: "Porque escrito está: Sede santos, porque eu sou Santo." I Ped.1:16.

Diferença Entre Justificação e Santificação

Na própria igreja adventista não tem havido uniformidade na distinção entre justificação e santificação, pois um de nossos líderes, na Austrália, crê que justificação não inclui santificação; do outro lado, os americanos defendem que justificação pela fé inclui santificação.

Ellen G. White advertiu-nos para que não tentássemos "definir minuciosamente os delicados pontos de distinções entre justificação e santificação" onde a inspiração silencia."²²

Barclay explica a diferença entre justificação e santificação nos seguintes termos:

"Por meio de Jesus mudou-se nosso 'status quo' em relação a Deus. Pecadores que éramos fomos postos na devida relação para com Deus. Mas isto não basta. Não só tinha que ser mudada nossa relação, mas também nosso estado. O pecador salvo não pode continuar pecador; tem de tornar-se homem reto. . . Aquele que mudou nossa relação para com Deus pode também mudar nosso estado. Começa Ele pondo os pecadores na devida relação com Deus, mesmo quando ainda são pecadores; prossegue Ele, por Sua graça, a habilitar esses pecadores a cessar seu pecado e tornarem-se homens bons. Existem nomes técnicos para esses fatos. A mudança do nosso 'status quo' é justificação; aqui é onde começa todo o processo da salvação. A mudança de nosso estado é santificação; aqui é onde continua o processo de salvação e jamais termina, até que O vejamos face a face e sejamos semelhantes a Ele."²³

A seguinte frase de Ellen G. White é oportuna para diferenciar justificação e santificação:

"É imputada a justiça pela qual somos justificados; aquela pela qual somos santificados, é comunicada."²⁴

Hans K. LaRondelle afirma:

"Existem dois erros que ameaçam nossa compreensão da relação bíblica entre a justificação e a santificação. Um deles é a separação das duas, o qual ilegitimamente vai além da distinção que Paulo fez das mesmas. O outro é a identificação total das duas de tal maneira que uma delas é absorvida pela outra."²⁵

Paulo em Col. 2:6 nos apresenta a diferença entre estes dois processos de salvação: "Ora, como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele." Receber o Senhor Jesus Cristo é justificação. Andar nele (permanecer nele) é santificado.

Morris Venden afirma:

"A justificação pela fé constitui o fundamento da salvação, e a santificação pela fé representa as paredes erguidas sobre esse fundamento."²⁶

Poderíamos acrescentar ser a glorificação o privilégio de habitar nesse edifício para sempre.

O pensamento seguinte é digno de nota:

"Se algum escritor quisesse interpretar as passagens da Escritura que se referem à justificação pela fé como se elas nos desobrigassem com respeito à santidade, tal interpretação deveria ser rejeitada, porque é contrária ao espírito do evangelho."²⁷

Seis meios usados para a Santificação dos Crentes:

- a) Deus. I Tes. 5:23. "O mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo."
- b) Jesus Cristo. I Cor. 1:30. "Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou da parte da Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção."
- c) O Espírito Santo. I Ped. 1:2. "Eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo: Graça e paz vos sejam multiplicadas."
- d) A Palavra. S. João 17:17. "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade."
- e) Provas. Tiago 1:2-4.
- f) A Igreja. Efés. 4:11-13.

Ellen G. White e a Santificação

No livro *A Santificação* ela nos apresenta preciosas gemas sobre este assunto, de onde quero destacar apenas dois excertos:

"A santificação bíblica não consiste em forte emoção. Eis onde muitos são levados ao erro. Fazem dos sentimentos o seu critério, Quando se sentem elevados ou felizes, julgam-se santificados. Sentimentos de felicidade ou ausência de gozo não é evidência de que a pessoa esteja ou não santificada. Não existe tal coisa como seja santificação instantânea. A verdadeira santificação é obra diária, continuando por tanto tempo quanto dure a vida." – Pág. 10.

"A santificação é uma obra diária. Que ninguém se engane a si mesmo com a crença de que Deus lhe perdoará e o abençoará, enquanto está pisando um de Seus mandamentos. A prática voluntária de um pecado conhecido silencia a testemunhadora voz do Espírito e separa de Deus a alma. Quaisquer que sejam os êxtases do sentimento religioso, Jesus não pode habitar no coração que desrespeita a lei divina. Deus apenas honrará àqueles que O honram." – Págs. 102-103.

"A santificação é um processo pelo qual o crente se torna realmente santo e justo." A. B. Langston.

Deus espera que seus filhos, pelo processo da santificação, alcancem o alvo que Ele tinha em vista quando lhe ofereceu o perdão e o regenerou.

Glorificação

É o ato final no processo da salvação. Paulo nos ensinou que ela viria em último lugar. Rom. 8:30.

É a recompensa dos que foram justificados e santificados por Cristo. Rom. 8:19-23; 1 Tes. 4:16-17; II Ped. 3:13.

A glorificação será após a segunda vinda de Cristo.

As promessas relativas a este evento são muitas nas Escrituras, como nos revelam as seguintes passagens:

a) Isa. 62:11.

". . . Eis que vem o teu Salvador; vem com Ele a Sua recompensa, e diante dele o seu galardão."

b) I Tes. 4:17 última parte:

". . . e assim estaremos para sempre com o Senhor"

d) II Tim. 4:8.

"Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele dia, e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda."

d) Apoc. 22:14.

"Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras, para que lhes assista o direito á árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas."

Os teólogos falam da salvação em três tempos como indicam os verbos no original grego:

Passado – **Justificação**. Fui salvo. É o que Cristo fez por nós. Tito 3:5.

Presente – **Santificação**. Sou salvo. É o que Cristo está fazendo por nós. I Cor. 1:18.

Futuro – **Glorificação**. Serei salvo. É o que Cristo fará por nós. Rom. 5:9.

O seguinte quadro apresenta uma síntese e cotejo das três facetas da salvação:

Justificação – salvação de nossos pecados passados.

Santificação – salvação de nossos pecados presentes.

Glorificação – seremos salvos de um mundo de pecado,

Justificação – limpa os registros de nossa vida.

Santificação – conserva os registros limpos.

Glorificação – não há mais lembrança desses registros,

Justificação – liberta-nos da penalidade ou culpa do pecado.

Santificação – liberta-nos do poder do pecado.

Glorificação – liberta-nos da presença do pecado.

Justificação – entregamo-nos a Cristo.

Santificação – seguimos o caminho com Cristo.

Glorificação – estaremos com Cristo.

Justificação – nosso título para o céu.

Santificação – nossa idoneidade para o céu.

Glorificação – o privilégio de estar no céu.

Justificação – é um ato de graça.

Santificação – é o crescimento na graça.

Glorificação – é o desfrute da graça.

Justificação – é momentânea.

Santificação – prolonga-se por toda a vida.

Glorificação – estende-se por toda a eternidade.

Justificação – é um processo pontilhar.

Santificação – é um processo linear.

Glorificação – é um processo imensurável.

A composição seguinte intitulada: Lugar da santificação, apesar de repetitiva em alguns de seus conceitos é útil para diferenciar Justificação, Santificação e Glorificação.

A Justificação é o ponto de partida.

A Santificação é o caminho a percorrer.

A Glorificação é a meta a que se tem de chegar.

A Justificação é a lavagem das vestes.

A Santificação é andar com as vestes brancas.

A Glorificação é entrar nas bodas do palácio real.

A Justificação nos faz sair do poço do pecado.

A Santificação nos guarda de cair novamente nele.

A Glorificação fará desaparecer o poço.

A Justificação é a justiça divina imputada ao pecador.

A Santificação é a santidade divina comunicada ao crente.

A Glorificação é a glória divina partilhada com o santo.

A Justificação é o ladrão na cruz.

A Santificação é Enoque andando com Deus.

A Glorificação é assentar-se á mesa com Abraão, Isaque e Jacó.

A Justificação é Cristo na cruz do Calvário.

A Santificação é Cristo no trono da graça.

A Glorificação é Cristo em Sua 2ª vinda em glória e majestade.

A Justificação ocorreu quando estávamos no mundo (passado).

A Santificação ocorre enquanto andamos pelo caminho que conduz ao céu (Presente).

A Glorificação ocorrerá quando chegarmos ao céu (futuro).

A Justificação é: "Eis que já estás são".

A Santificação é: "Vai-te e não peques mais".

A Glorificação é: "Não haverá lembrança das coisas passadas".

A Justificação é obra de um momento.

A Santificação é obra de toda a vida terrestre.

A Glorificação é obra da eternidade.

A Justificação é fazer o barco afundado flutuar.

A Santificação é a viagem de barco até o porto desejado.

A Glorificação é a chegada ao porto da salvação.

"Por isso que Deus nos escolheu desde o princípio para a salvação pela santificação do Espírito e fé na verdade." II Tess. 2:13.

Referências:

1. Ellen G. White, *Review and Herald*, 3-9-1889.
2. _____, *Obreiros Evangélicos*, pág. 301.
3. _____, *Review and Herald*, 28.5-1954.
4. _____, *Testemunhos Seletos*, vol. II, pág. 366.
5. _____, *Educação*, págs. 125-126.
6. _____, *Christ Our Righteousness*, pág. 607. A.G. Daniels. Ver *Revista Adventista*, março de 1966, pág. 6.
7. Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros*, pág. 456.
8. *Catecismo de Westminster*.
9. *Justificação, Santificação e Glorificação*, p. 27, Hans K. LaRondelle.
10. *Esboço de Teologia Sistemática* de A.B. Langston, pág. 285.
11. *Doutrina da Salvação*, pág. 56, Hans K. LaRondelle.
12. *A Justiça da Fé*, pág. 69.
13. *O Homem – Uma Pessoa Vivente*, pág. 188.
14. *SDABC*, vol. 6, pág. 509.
15. *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 280.
16. *6.000 Illustrations*, pág. 400.
17. *O Aspecto Jurídico da Justificação*, págs. 17 e 18 – Josué A. de Oliveira.
18. *Teologia Sistemática* de Strong, pág. 840.

19. *Meditações Matinais*, 11-2-1981.
20. Introdução da *Lição da Escola Sabatina* de 8 de agosto de 1959.
21. Manuscrito 61, 2-7-1903. Citado em *Meditações Matinais* de 2-7-1983.
22. Comentário sobre Romanos 3:24-28 do *SDABC*.
23. *The Letter to the Romans*, págs. 75 e 76.
24. *Mensagens aos Jovens*, pág. 35.
25. *Doutrina da Salvação*, pág. 20.
26. *Meditações Matinais* – 11-2-1981.
27. *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*, pág. 153 – Joseph Angus.

FÉ E OBRAS

Para boa compreensão de qualquer assunto é necessário definir palavras para ter noções exatas do seu significado.

Que é fé?

Dentre tantas definições coligidas estas se avultam por sua expressividade:

"A fé é um ato pelo qual o homem se entrega a Deus." – *Bíblia de Jerusalém*, pág. 1472.

Conservando a idéia anterior, mas usando outras palavras: é a completa entrega da nossa vida aos cuidados de Deus.

"Fé é a reação do homem diante de uma ação de Deus." – *Meditações Matinais* 6-5-1981.

Em Romanos 12:3 Paulo nos lembra que a fé constitui um dom concedido a cada pessoa.

Sua definição real segundo o sentido que Jesus lhe deu é: confiança.

Assim a definiu Ellen G. White: "A fé é a confiança em Deus, ou seja a crença de que ele nos ama e conhece perfeitamente o que é para o nosso bem." – *Educação*, pág. 253.

"Fé salvadora é uma transação, mediante a qual, os que recebem a Cristo se ligam em concerto com Deus." – *Obreiros Evangélicos*, pág. 261.

É a atitude de completa confiança em Cristo, de dependência exclusiva dele e ainda o abandono pelo homem de toda a confiança em seus próprios esforços para obter a salvação.

O Novo Dicionário da Bíblia, editado em português por R. P. Shedd, vol. II, pág. 609, explica o que é fé: "Fé significa lançar-se sem reservas nas mãos misericordiosas de Deus."

Fé significa apegar-se às promessas de Deus em Cristo, dependendo inteiramente da obra terminada de Cristo referente à salvação.

Fé implica em completa dependência de Deus e plena obediência ao Senhor. Fé é o ato de entrarmos numa relação de concerto com Deus.

Cristo deu à fé um valor importante na salvação, como nos mostram as passagens de Mat. 15:28 e Luc. 7:50.

Fé no Velho Testamento

A palavra é encontrada apenas duas vezes. Deut. 32: 20 e Habacuque 2:4 (hebraico מִן הַדִּינִים e מִן הַדִּינִים וְהַמָּוֶת).

Seria seu exíguo emprego o desprestígio da fé, no Velho Testamento? Não. Embora a palavra seja pouco freqüente, a idéia de fé é salientada por vocábulos que transmitem o mesmo sentido, tais como: crer, confiar, esperar, que ocorrem em abundância.

Mesmo nestas duas passagens, os comentaristas acham que os termos hebraicos mais significam lealdade, perseverança, fidelidade, do que fé.

אֱמוּנָה era confiança em Deus (YHWH). Para Paulo, fé (**pistis**) é confiança em Cristo.

Fé em o Novo Testamento

No Novo Testamento, a fé é altamente preeminente, porque agora Cristo se tornou muito mais real.

O substantivo **pistis** (fé) aparece 243 vezes; o verbo **pisteo** (exercer fé, crer, confiar) se encontra 241 vezes, enquanto o adjetivo **pistos** = fiel, ocorre 67 vezes.

Salvação e Boas Obras

Boas obras podem ser definidas assim: obediência às leis de Deus, prestar-lhe adoração, levar uma vida santa, praticar a caridade, visando granjear méritos para a salvação. Nas palavras de Paulo seriam as "obras da lei".

Biblicamente, ou de acordo com Tiago, a pessoa justificada diante de Deus deve pôr em ação a sua fé, realizando boas obras. Teologicamente nós as chamaríamos obras da fé, da graça ou do amor.

A salvação não é o fruto das boas obras. Por mais significativas que sejam nossas boas obras elas não podem desfazer os nossos pecados, porém, ao aceitar a Cristo desejamos fazer o bem.

Ellen G. White comentando Rom. 3:20 e 21 disse:

"Que ninguém assuma a restrita e mesquinha posição de que qualquer das obras do homem possa ajudar de alguma maneira a saldar a dívida de sua transgressão. Este é um engano fatal.

"Entende-se este assunto tão vagamente que milhares e milhares de pessoas que pretendem ser filhos de Deus são filhos de Satanás, devido a confiarem em suas próprias obras. Deus exigiu boas obras, a lei as reclama, mas como o homem se colocou em pecado, onde suas boas obras eram destituídas de valor, somente a justiça de Deus pode valer.

"Tudo o que o homem pode fazer, concernente à sua própria salvação, é aceitar o convite: Quem quiser tome de graça da água da vida." – *The SDA Bible Commentary*, vol. 6, pág. 1071.

O homem sempre comete um erro em religião quando transforma meios em fins. Jejum, oração, ir à igreja, guardar o sábado, praticar boas obras não são fins, mas meios que nos ajudam na vida espiritual.

Se nossas obras nos garantissem a salvação privaríamos a Cristo de ser nosso Medianeiro, nosso Salvador.

Qual a Posição Adventista Sobre Fé e Obras?

"Dentre as nossas crenças fundamentais com os cristãos conservadores e os credos protestantes históricos, cremos:

"Que a salvação por meio de Cristo é pela graça somente, pela fé em seu sangue. Que o homem é justificado pela fé." – *Questions on Doctrine*, pág. 22.

Nossa crença está fundamentada em Rom, 3: 28. "Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei." O verso 27 de Rom, 3 torna claro, que se o homem fosse justificado pelas obras, ele teria razões para se vangloriar, mas sendo justificado porque Jesus é o objeto de sua fé, então todo o crédito pertence a Deus,

E. G. White, com muita propriedade, nos ensina que toda a glória pertence a Deus, ao definir justificação da seguinte maneira: "É a obra de Deus ao lançar a glória do homem no pó e fazer pelo homem aquilo que ele por si mesmo não pode fazer." – *Testemunhos para Ministros*, pág. 456.

"Ser justificado sem obras significa ser justificado sem que haja qualquer mérito de nossa parte na justificação." – *SDABC*, vol. 6, pág. 509.

A mensageira deste movimento muito escreveu sobre a relação entre fé e obras, Eis uma de suas declarações:

"As obras jamais nos salvarão; é o mérito de Cristo que tem eficácia. Por meio da fé nele, Cristo torna todos os nossos imperfeitos esforços aceitáveis a Deus. A fé que devemos ter não é a fé inoperante; a fé salvadora é a que opera por amor e purifica a alma," – *Signs of the Times*, 16-6-1890.

Se a pessoa não é salva por meio de obras, muitos concluem então que não há necessidade de praticar boas obras. É necessário fazer bem claro a diferença entre fazer obras visando alcançar a salvação e praticar obras porque a pessoa foi salva.. . No primeiro caso boas obras são causa ou meio de salvação; no segundo, as boas obras são o resultado, os frutos daquele que nasceu de novo.

Lutero e as Boas Obras

Lutero foi um homem extraordinário, levantado por Deus para combater as trevas espirituais, que se alastravam pelo mundo em consequência de ensinamentos não

sancionados pelas Escrituras. Entre estes falsos ensinamentos se encontrava a importância que a Igreja Católica deu às obras no plano da salvação. Sentencia ela: O Homem é salvo pela fé e pelas obras. Para ela as obras estão em pé de igualdade com o sacrifício de Cristo na cruz do Calvário. A igreja fez uma grande confusão de "meios" e "fins". Se as obras salvassem, os homens teriam do que se gloriar e por seu intermédio alcançariam o céu. Jesus Cristo é o único caminho para o céu. As obras nunca foram meios de salvação.

O Pai da Reforma combateu tenazmente o ensino católico, mas como homem sujeito a falhas e imperfeições foi a outro extremo anulando totalmente as obras.

Ensinava ele: exaltemos a fé e a fé somente. Nada de obras, nem para a salvação (aqui ele estava bem certo), nem para o salvo (nesta afirmação ele estava errado, porque é contrária ao ensino bíblico).

Ele descobrira pelo estudo de Romanos e Efésios que a justificação é independente das obras (Romanos 3:21 a 31; Efésios 2:8 e 9).

Lutero, não compreendendo bem que as boas obras são o efeito e não a causa da nossa salvação, não soube harmonizar Paulo com Tiago.

Escudado em Paulo, que é o grande teólogo do Novo Testamento, concluiu que a salvação era independente das obras, como declara ele em Rom. 3:24 e Efés. 2:8-9; por isso não podia aceitar o que Tiago afirmava no capítulo 2 verso 24.

Chegou a ser impiedoso para com Tiago, chamando a sua carta de Epístola de Palha, afirmando ainda que daria seu barrete de doutor a quem pudesse harmonizar Paulo e Tiago.

É bom saber que somos salvos:

- a) Pela graça – é a fonte. Rom. 3:24; Efés. 2:8.
- b) Pelo sangue – é o meio. Rom. 5:9.
- c) Pela fé – é o método. Rom. 5:1.
- d) Pelas obras – são os frutos, as evidências. Tiago 2:24.

O Crente e as Obras

O crente não pratica boas obras para ser salvo, porém está salvo pela fé em Cristo, por isso as pratica.

Enéas Tognini no livro *O Cristão e as Obras*, página 20, nos apresenta esta importante verdade:

"Em Efésios 2:8, Paulo, pelo Espírito Santo diz: 'Pela graça sois salvos mediante a fé. . .' Nesta maravilhosa escritura temos as duas partes envolvidas no plano da salvação: Deus e o homem. Da parte de Deus é a Graça. Graça é favor de Deus, presente de Deus. A Mão de Deus está estendida para o homem com o presente eterno, que é Jesus. O Salvador Ihe é oferecido inteiramente de graça, isto é, sem dinheiro e sem preço. A parte do homem é a Fé. O homem estende a sua mão e recebe de Deus o

presente que é Jesus. E nesse ato de Deus dar e o homem receber, consumou-se a salvação."

A parte do homem é apenas dizer: "Sim, eu aceito o sacrifício que Cristo fez por mim, eu creio." Isto é fé.

As boas obras são condenadas quando praticadas visando à salvação, porém, são necessárias e aceitas por Deus como resultado da salvação que Cristo nos oferece gratuitamente.

As Escrituras aconselham a prática das boas obras quando realizadas com o Espírito de Cristo – obras da fé, da graça ou do amor.

Os textos bíblicos exaltadores das boas obras são abundantes:

- a) Salmo 90:17 – "Confirma sobre nós as obras das nossas mãos,"
- b) Prov. 10:16 – "A obra do justo conduz à vida."
- c) Ecles. 12: 14 – "Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más,"

As seguintes passagens de Paulo são a comprovação máxima de que ele esperava que os crentes praticassem boas obras como frutos da salvação.

- a) Tito 2:7 – "Torna-te, pessoalmente, padrão de boas obras."
- b) Col. 1:10 – "... frutificando em toda a boa obra."
- c) I Tim. 6:18 – "Que pratiquem o bem, sejam ricos de boas obras."
- d) Efés. 2:10 – "Pois somos feitura dele, criados em Cristo para as boas obras."
- e) Atos 9:36 – "Tabita era notável pelas boas obras que fazia."
- f) Apoc. 2:10 – "Conheço as tuas obras."
- g) Mat. 21:18-20. A condenação da figueira que não produzia frutos é a prova máxima do desejo de Cristo que Seus filhos produzam boas obras.

"Devemos ter receio de uma religião em que as pessoas simplesmente se assentam, esperam e não fazem nada." – *Meditações Matinais*, 14.7.1981.

A fé e as obras são coisas excelentes, mas cada uma no lugar que a Bíblia lhe destina no plano da salvação.

Após a Associação Geral de Mineápolis (1888), declarou E. G. White que as pessoas estavam em "grande perigo de adotar conceitos errôneos sobre a fé e as obras." (Ms. 23, 1891), em virtude do estudo da Justificação pela Fé, que muitos aceitaram, outros assumiram posição neutra, mas alguns a rejeitaram. Visando orientar a Igreja ela escreveu artigos e proferiu sermões esclarecedores. Dezoito deles estão reunidos no opúsculo: Fé e Obras.

Paulo e Tiago se Harmonizam

Os críticos da Palavra de Deus chegam a afirmar que a Bíblia entra em contradição consigo mesmo, no tocante à fé e às obras. Parece haver contradição entre

Paulo e Tiago neste sentido se compararmos Rom. 3, 4 e Gál. 3 com Tiago 2. O estudo cuidadosa dos escritos dos dois nos comprova que não há nenhuma incoerência entre ambos à luz dos princípios exegéticos. Uma análise serena nos leva à conclusão de que há perfeita harmonia entre os dois.

Os passos seguintes nos ajudarão a equacionar o problema enfrentado por Lutero e por muitos estudiosos da Bíblia.

1º) Fazer um confronto entre as passagens aparentemente conflitantes, isto é, colocá-las uma ao lado da outra: Rom. 3:20-31; Gál, 3: 6-14 e Tiago 2: 14-26.

2º) A leitura atenta dessas porções, especialmente no Novo Testamento Vim é suficiente para esclarecer o sentido.

3º) O estudo do contexto das epístolas é valiosa para ampliar a nossa compreensão.

Tiago se dirige a Judeus (1:1) "às doze tribos que se encontram na Dispersão". Eram cristãos ou crentes em Cristo. No capítulo 2 ele os chama 4 vezes de irmãos (versos 1, 5, 14 e 15). Se eram crentes já tinham a Cristo no coração, Sendo crentes não iam fazer obras para alcançar a salvação, apenas deviam praticá-las para provar que eram crentes. Eles afirmavam ter fé, mas Tiago a chama de "morta", porque não a evidenciavam nas obras.

Paulo escreveu aos Gálatas, porque os membros das igrejas da Galácia, influenciados por mestres judaizantes pensavam que adquiririam a salvação cumprindo as obras e minúcias do judaísmo (Gál. 2:16; 3:1-6). Paulo torna claro que ninguém poderia ser salvo por suas ações ou pela guarda da lei.

Em Romanos 3:28 ele diz: "somos salvos pela fé em Cristo, e não pelas obras boas que fazemos" (*Novo Testamento Vivo*).

Tiago 2:24 – "Assim vocês vêem que a pessoa é aprovada por Deus por meio de suas ações, e portanto, que um homem é salvo pelo que faz, como pelo que crê". (*Novo Testamento Vivo*).

Onde Paulo diz "fé", Tiago afirma "obras". São contraditórios? Não. Paulo está escrevendo para judeus que queriam alcançar a salvação guardando preceitos da lei, fazendo as boas obras.

A pessoa é salva do pecado somente por Cristo. "Nada que vá além de Cristo" (Gál. 1:9). Para o céu só há um caminho, Cristo (João 14:6); a salvação só é possível por Ele (Atos 4:12); Ele é o único mediador (I Tim. 2: 5).

"A vida de Cristo que está no convertido terá que manifestar-se em obras, não para viver, mas porque está vivo, não para se salvar, mas porque está salvo. Paulo nunca combateu obras para o salvo, pelo contrário, estimulou-as repetidamente. Paulo condenou, e isso sim, obras como meio de salvação." – *O Cristão e as Obras*, de Enéas Tognini, p. 55.

Paulo e Tiago estavam no mesmo palco, de costas um para o outro, cada um tratando com problemas específicos.

Paulo combatia o legalismo (o uso indevido da lei, o esforço para obter méritos através de obras). Tiago enfrentava o problema do intelectualismo, pessoas que tinham uma fé na mente. Defendiam que a fé, sem as obras, é suficiente. Tiago diz a estes que

eles não tinham fé, porque não a revelavam em obras de amor. Tiago não acredita em fé e obras, mas em fé que opera.

Paulo condena as obras da lei e Tiago defende as obras da fé, do amor ou da graça.

Se o contexto indica que eles estão falando de obras diferentes, a hermenêutica nos instrui que diferente deve ser a sua explicação.

Tognini no mesmo livro e mesma página já citados conclui:

"Se uma pessoa diz que crê em Jesus, prove isso realizando algo. Paulo atenta para a causa da salvação, Tiago para os efeitos da mesma salvação; Paulo fala em fé, Tiago em obras, ambos, porém, se referem à mesma salvação; fé que produz obras e obras que provam a fé."

O que mais intrigava a Lutero era que Paulo e Tiago defendiam suas posições aparentemente contraditórias com o mesmo exemplo bíblico, o de Abraão. Paulo afirma que o Patriarca foi justificado pela fé, sem qualquer obra de lei; enquanto Tiago diz que Abraão foi justificado por obras, quando estava disposto a oferecer o seu filho ao Senhor. Paulo olha para o ato da salvação, o momento em que o Senhor entrou e possuiu o coração do Patriarca; Tiago, porém, contempla o efeito dessa fé, que se manifestou no oferecimento de Isaque no monte Moriá.

Enéas Tognini conclui de maneira feliz suas ponderações ao dizer:

"Paulo contempla a causa da salvação, que é a fé em Cristo e Tiago o efeito da mesma salvação que são as obras. Paulo não combateu as obras, nem Tiago a fé. Cada uma delas é legítima em seu devido lugar."

Em Gênesis 15 Abraão foi justificado pela fé (Paulo cita o verso 61, mas em Gênesis 22, Deus justificou Abraão por suas obras, mas obras de fé. Fé em ação é o que Tiago nos apresenta no capítulo 2 de seu livro, ilustrando-a com a experiência de Abraão relatada. É o capítulo do sacrifício.

Conclusões

"Que ninguém diga que vossas obras nada têm que ver com vossa categoria e posição diante de Deus. No juízo, a sentença pronunciada será de acordo com o que tenha sido feito ou deixado de fazer." – *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 381.

Como igreja jamais depreciemos as boas obras, porque "a justiça de Cristo consiste em ações corretas e boas obras provenientes de motivos puros e altruístas." – *Testimonies*, vol., 3, pág. 528.

É errado pensar em Paulo enaltecendo a fé e apoucando as obras e julgar que Tiago exalta as obras e minimiza a fé.

Paulo condena as obras para a salvação, mas a exemplo de Tiago conclama os crentes, que aceitaram a Cristo, para as praticarem.

Fé e obras longe de serem princípios contraditórios, quando biblicamente compreendidas, ambas são processos de salvação, apenas dois lados de uma grande verdade que o Espírito Santo nos ajuda a harmonizar.

Nota

Dentre as fontes consultadas para este capítulo, as mais expressivas foram:

- *O Cristão e as Obras*, de Enéas Tognini.
- *Fé e Obras* de E. G. White.
- *Justificação, Santificação e Glorificação* de Hans LaRondelle.

LEI E GRAÇA

Introdução

Infelizmente, membros de Igrejas Evangélicas e até estudantes de Teologia de certas faculdades crêem firmemente que a lei se opõe à graça.

Anote estas declarações:

"Pondo o assunto em seu devido lugar, somente quando a lei é feita um meio de salvação, entra ela em choque com os princípios da graça. A lei destina-se a revelar o pecado; a graça destina-se a salvar do pecado. Nenhum conflito pode existir entre ambas."¹

Os dispensacionalistas, contrariando o ensino bíblico, têm defendido duas épocas distintas: dispensação da lei – Velho Testamento e dispensação da graça – Novo Testamento.

A finalidade deste estudo é harmonizar a lei com a graça, colocando cada uma em seu devido lugar.

Comentários Gerais

I. Que é Lei?

Na Bíblia, a palavra é empregada com múltiplos significados.

- a) Designa o Pentateuco. Luc. 24:44.
- b) A lei dada a Moisés no Monte Sinai. Rom. 5:13; Gál. 3:17,19.
- c) É empregada no sentido de expressão da vontade de Deus e do Seu caráter justo e santo. Rom. 3:20; 7:12; I Tim. 1:8; Tiago 1:25.

Em outras palavras: é a expressão do caráter de Deus em termos humanos.

Como igreja cremos nesta tríplice finalidade da lei.

1º) Ela nos mostra o pecado ou convence-nos de que somos pecadores. "Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado." Rom. 3: 20.

2º) Guia o pecador a Cristo. Efés. 4:24-25.

3º) Será a norma do juízo. Tiago 2:12.

As leis são as normas estabelecidas por Deus para que por elas pautemos a nossa vida.

II. O que é Graça?

- a) Favor imerecido. Dádiva a que se não faz jus.
- b) É uma qualidade intrínseca de Deus, que brota do Seu amor por nós, levando-o a fazer tudo em nosso favor a fim de que possamos ser salvos.
- c) É a fonte de nossa salvação. "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus." Efés. 2:8.
- d) "Graça é a mão de Deus que se estende em direção a Terra. Fé é a mão do homem que se ergue para pegar a mão de Deus." – *Dicionário Adventista*.
- e) É a aceitação do homem por parte de Deus.
"A graça divina, eis o grande elemento do poder salvador; sem ela, todo o esforço humano é inútil." – CPPE, pág. 487.
- f) Elemento divino que nos dá poder para obedecer á lei de Deus.
"Sem a graça de Cristo é impossível dar um passo em obediência à lei de Deus." – *Selected Messages*, vol. 1, pág. 372.
- g) "A graça é uma qualidade que dá ao homem a força de executar as exigências de Deus." Lutero.

Os Adventistas e a Lei

Como igreja já fomos acusados de crermos na justificação pela obediência à lei.

É uma realidade inegável, que antes de 1888 nossos pregadores encareciam muito a lei de Deus, mas após a Conferência Geral de Mineápolis graças à atuação segura de Ellen G. White e os estudos dos pastores Waggoner e Jones passamos a encarecer a Justificação pela Fé.

A acusação de crermos que somos salvos pela guarda dos mandamentos é infundada. Ninguém poderá provar através de nossas sermões e de nossa literatura esta idéia antibíblica.

A rica bibliografia adventista confirma que jamais atribuímos à lei uma função salvadora. Nossa posição quanto aos Dez Mandamentos é esta: São grandes preceitos morais, imutáveis, obrigatórios a todos os homens, em todas as épocas. Êxo. 20:1-17.

Aceitamos a declaração do eminente teólogo batista, Strong, em sua *Teologia Sistemática*, pág. 538:

"A lei de Deus é, por conseguinte, simplesmente uma expressão da natureza divina, em forma de reivindicações morais."

No parágrafo oitavo, das Crenças Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia se encontra:

"O homem é justificado, não pela obediência da lei, mas pela graça que há em Cristo Jesus. Aceitando a Cristo, é ele reconciliado com Deus, justificando por seu sangue quanto aos pecados cometidos no passado e salvos do poder do pecado pela permanência de Sua vida nele."

A seguinte declaração de Santo Agostinho é oportuna: "Pela lei tememos a Deus, pela graça confiamos nele."

O Legalismo e a Guarda dos Mandamentos

Nos dias de Paulo havia três erros concernentes à lei e à graça, erros esses que têm perdurado até os nossos dias. Esses erros são:

1º) O Legalismo – É o ensino que somos salvos pelas obras, observando cerimônias e preceitos da lei. O livro de Romanos refuta esse erro.

2º) O Antinomianismo. Ensina que se somos salvos pela graça, não faz diferença alguma como vivemos e nos conduzimos.

A epístola de Tiago é uma resposta a este erro doutrinário.

3º) O galacianismo. É o ensino que somos salvos pela graça, mas, após isto, somos guardados pela lei. Em outras palavras: Somos salvos pela fé e obras. Paulo guiado pelo Espírito Santo escreveu a carta aos Gálatas combatendo esta heresia. Ver *Novo Testamento Interpretado*, de Russel Norman Champlin, 4º vol. pág. 435.

Deploravelmente, há muita gente entre nós não sabendo distinguir o legalismo da guarda dos mandamentos. Legalismo não é guardar a lei, obedecer a Deus, mas guardar a letra da lei para obter méritos diante de Deus. Legalismo é o mau uso da lei.

A obediência é necessária, mas depender de nossa obediência para a salvação é totalmente contrária ao espírito do evangelho.

Os judeus afirmavam que Jesus não interpretou bem a lei, quando sabemos que Ele é o verdadeiro intérprete da lei.

Nossa atitude para com a lei deve ser a que Cristo teve, como está relatada na profecia messiânica de Isaías 42:21 – "Foi do agrado do Senhor, por amor de sua própria justiça, engrandecer a lei e fazê-la gloriosa."

Hal Lindsey na obra *Satan is Alive and Well on Planet Earth*, pág. 163, escreveu:

"Se procurarmos ser justificados como crentes pela obediência a qualquer lei, negamos o poder de Cristo em nossa vida. Isto é o que Paulo afirma em Gál. 5:1-5.

"Obediência é o resultado de um relacionamento espiritual com Cristo e não o meio para alcançar esse relacionamento."

Ellen G. White escreveu:

"Há dois perigos contra os quais os filhos de Deus – particularmente aqueles que só há pouco aceitaram Sua graça – devem, especialmente, evitar. O primeiro. . . é o de considerar as próprias obras, confiando em qualquer coisa que se possa fazer, a fim de se colocar em harmonia com a vontade de Deus. Aquele que procura se tornar santo por suas próprias obras, guardando a lei, tenta o impossível. Tudo que o homem possa fazer sem Cristo está poluído de egoísmo e pecado. . . .

"O erro oposto e não menos perigoso é o de que a crença em Cristo isenta o homem de guardar a lei de Deus, considerando que somente pela fé é que nos tornamos participantes da graça de Cristo e que as obras nada têm que ver com nossa redenção." – *Caminho a Cristo*, págs. 59-60.

O Bispo Hopkins ensinou:

"Pregar a justificação pela lei, como um concerto, é legalismo e torna sem efeito a morte e os méritos de Jesus Cristo. Mas pregar a obediência à lei como regra, é evangélico."

Paulo e a Lei

Há algumas expressões paulinas que são mal compreendidas porque não são explicadas de acordo com uma exegese correta.

Paulo escrevendo a Timóteo (I Tim. 1:8) expôs a sua concepção sobre a lei. "Sabemos, porém, que a lei é boa se alguém dela se utiliza de modo legítimo." A tradução da *The New English Bible* transmite bem a idéia do original: "A lei é uma excelente coisa, contanto que a consideremos como lei".

I. "Morrer para a Lei"

Em Rom. 7:4-6 ele declara que morremos para a lei e fomos dela libertados.

Com a expressão "morrer para a lei" Paulo fazia referências ao rompimento da crença que a guarda da lei era o caminho para nossa aceitação perante Deus.

O que Paulo fez foi condenar terminantemente crenças errôneas dos judeus como as seguintes: a lei para ele era equivalente ao plano divino para a salvação do mundo; o homem era aceito por Deus guardando os seus mandamentos.

O Sr. Walter Martin, no livro *The Truth About Seventh Day Adventism* afirma que o sábado como lei se cumpriu, não sendo mais obrigatório aos cristãos. Na página

161 ele afirma: "Em mais de um lugar, o Novo Testamento comenta desfavoravelmente sobre a prática de qualquer tipo de observância legalista de dias", acrescentando mais adiante que "o apóstolo Paulo ensinou que o sábado, assim como a lei se cumpriu na cruz e não era obrigatório aos cristãos."

Em defesa de suas afirmações cita textos do Novo Testamento, sendo o primeiro deles Col. 2:13-17. A explicação para este texto bíblico se encontra em nossa apostila: *Leia e Compreenda Melhor a Bíblia*.

Poucos versos do próprio Paulo são suficientes para provar que ele jamais foi contra a lei.

Rom. 3:31 – "Anulamos, pois, a lei, pela fé? Não, de maneira nenhuma, antes confirmamos a lei."

Rom. 7:12 – "Por conseguinte, a lei é santa; e o mandamento, santo e justo e bom."

A. R. Vidler, em seu livro *Natural Law*, pág. 25, escreveu:

"A lei é de utilidade aos crentes como um padrão de obediência a Deus, na vida de fé, por meio da qual os frutos do Espírito possam surgir."

Aparente Contradição de Paulo

"O objetivo da Epístola aos Romanos, comparado com o da Epístola aos Gálatas, explica uma aparente contradição entre as duas cartas: Numa, é permitida a observância dos dias (Rom. 14:5); noutra, é proibida (Gál. 4:10-11). A permissão é a favor dos judeus convertidos, que tinham escrúpulos de consciência com respeito a pôr de parte certos preceitos da Lei em que tinham sido educados. A proibição é para os gentios convertidos, aos quais os judaizantes ensinavam que só podiam ser salvos praticando o ritual judaico. Essa observância, com o fim de salvação, devia ser, portanto, condenada."²

Se aqueles que crêem que Paulo se opõe à lei moral em Gálatas (4: 9-11) atentassem para o contexto desta carta jamais chegariam a esta conclusão. O contexto de Gálatas é claro em informar-nos que Paulo a escreveu porque membros das igrejas da Galácia, influenciados por mestres judaizantes pensavam que poderiam ser salvos cumprindo as obras e minúcias do judaísmo (Gál. 2:16; 3:1-6). Paulo insiste que ninguém pode ser salvo por suas próprias ações, desde que a salvação é dom gratuito de Deus.

The Interpreter's Bible, vol. X, págs. 429-443, na Introdução ao Livro de Gálatas, "salienta que Paulo queria livrar os crentes do conceito errado de que eles poderiam ser salvos observando a lei mosaica; esclarecendo-os também de que não deveriam guardar a lei dos Dez Mandamentos visando conquistar méritos diante de Deus para sua salvação."

Paulo dá ênfase a esta verdade fundamental: já lhes mostrei que ensinamentos da lei, visando dirigir a atenção dos homens para a vinda de Cristo, e tendo este cumprido Sua missão, não deveriam mais ser observados na dispensação cristã.

Antes de concluir são úteis ainda mais alguns pensamentos esclarecedores:

"Sob o Evangelho ficamos libertos do jugo da lei cerimonial e da maldição da lei moral. . . A lei moral não foi senão para a localização da ferida, e a lei cerimonial serviu como sombra precursora do remédio: Cristo, porém, é o fim de ambas."³

"A graça não importa em liberdade para pecar, mas numa mudança de senhores, e uma nova obediência e serviço. A graça não anula a santa lei de Deus, mas unicamente a falsa relação do homem para com ela."⁴

"A graça não elimina a obediência, mas antes torna-a imperiosa (Rom. 1:5 e 6:17)⁵

Paulo prevê esta objeção à doutrina da salvação pela graça por meio de nossa fé em Cristo. Se a salvação é "à parte da lei", então a lei é inútil. A resposta de Paulo é esta: A função da lei não é livrar do pecado, mas revelar o pecado.

Definindo a relação entre a lei e a graça disse Agostinho:

"A Lei é dada para que a Graça possa ser exigida; a Graça é concedida para que a Lei possa ser cumprida."

Strong diz com convicção:

"A graça, contudo, não deve ser entendida como se ab-rogasse a lei, mas sim como reafirmando-a e estabelecendo-a (Rom. 3:21)."

Para a nossa salvação devemos aceitar a graça de Deus, e pelo nosso viver devemos exaltar a Sua Santa Lei.

Referências:

1. *Our Hope* – Ray C. Stedman. Citado no *Ministério Adventista*, julho/agosto, 1962, pág. 20.
2. *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*, Joseph Angus, pág. 150.
3. *Comentários das Escrituras de Mateus Henry* (autor presbiteriano).
4. *Word Studies in the New Testament*, vol. III, pág. XI. Vincent.
5. Comentário de Russell Norman Champlin sobre Efés. 2:8 em *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*.

A LEI E O EVANGELHO SEGUNDO LUTERO

Palavra de Deus = lei e evangelho

Se perguntarmos a Lutero o que ele entende por palavra de Deus, ele nos responde que a Palavra de Deus é lei e evangelho. Quem não fizer essa distinção não poderá explicar corretamente a Escritura. Ambas as coisas devem permanecer, a lei e o evangelho, mas cada qual deve permanecer em seu devido lugar.

Para Lutero a graça é uma qualidade que dá ao homem a força para executar as exigências de Deus, as quais não pode cumprir em sua própria capacidade.

Cristo seria então aquela dádiva de Deus, que coloca o homem em condições de realmente realizar seus alvos inatos, morais e bons, não por força própria, mas pela força de Deus. Evangelho é presente da graça de Deus entre nós. Onde se ensina 'deveis crer em Cristo' aí se executa em verdade a obra da lei. Pois é justamente o sentido da lei, que com ela Deus quer tornar claro ao homem: 'tu precisas de Cristo'. A lei exige a obrigatoriedade de termos o amor e Jesus Cristo, mas o evangelho nos oferece ambos e os traz.

Essa clara frase de Lutero, escrita com referência a Romanos 7:7, será durante toda a sua vida por ele defendida e explanada. Ambos, a lei e o evangelho, têm o mesmo conteúdo; lá ele é exigido, aqui ele é presenteado. Lá é dito: 'tu tens que ter Cristo e seu espírito' – e em toda a parte, onde isso é o conteúdo da Palavra de Deus, há lei, quer sejamos colocados diante desse postulado no Antigo ou no Novo Testamento, quer nas palavras dos profetas ou do próprio Jesus.

Antinomianismo

Lutero não foi um antinomiano, porque sua doutrina – exatamente como a paulina – não ab-roga a lei, mas ao contrário a ensina nova e positivamente. É sabido que Lutero combateu a disputa antinomiana com máxima veemência. Abordamos neste ponto a questão do antinomianismo em si, a qual até hoje constitui um, senão o

problema interno do protestantismo. Todo o combate moderno contra o Antigo Testamento tem aí sua raiz.

Lutero divisa o grande perigo de que em suas próprias fileiras seja desconsiderado o mandamento máximo de sua teologia, a saber, a correlação e o inter-relacionamento de lei e evangelho, a fim de que em aparente radicalidade, a qual em verdade não passa de cegueira e incompreensão, entrar em vigor exclusivamente o evangelho, exclusivamente a graça, exclusivamente a cruz.

Lutero luta em favor do "e": lei e evangelho. Propugna para que não se invertam ambas as grandezas ou, pior ainda, se exclua totalmente a lei. Pois por certo é verdade que a lei só é compreensível a partir do evangelho. A seqüência, portanto deve ser lei e evangelho.

Motivos Práticos para a Pregação da Lei

Temos visto acima que Lutero rejeita a graça como postulado, porque todas as exigências estão determinadas na lei. Pois pela lei Deus mostra aos homens que temos necessidade de Cristo e de sua graça. Lutero citou toda uma série de argumentos em favor da lei, dos quais queremos anotar os mais importantes. Em primeiro lugar, Lutero concede que todos os homens têm por natureza um saber a respeito do bem e do mal, mas diz que esse saber está obscurecido, sendo por isso necessário auxiliar o homem, através do mandamento e da palavra de Deus, à verdadeira clareza e ao conhecimento da vontade divina. A lei não diz nada de novo ao homem; ao contrário, aborda-o sempre naquilo que já sabe, ou seja, no que é bom e no que o Senhor dele exige.

Lutero dá ênfase que a lei deve ser pregada tanto aos descrentes como aos crentes. Aos descrentes para que se convertam mudando assim sua maneira de viver, Aos crentes pelo fato de que ainda carregam consigo vestígios do pecado. Eles ainda não são piedosos, santos e bons, mas estão se tornando. Enquanto vivermos, estamos em formação. Por isso, também para nós a lei é necessária. A disciplina externa e interna de nossa vida é ainda – sua obra. Declara ele que a lei, coloca freios em nossas inclinações e desejos. Somente anjos não têm mais necessidade da lei, mas homens de carne e sangue – e nem mesmo os cristãos estão disso excluídos – precisam, enquanto viverem, da lei.

Por que ainda lei, se se concede que a lei não é necessária para a justificação? Não implica isso mesmo a frase tão destacada por Lutero que o homem se torna justo sem as obras da lei, somente pela fé? Vemos, portanto, como devemos perguntar adiante e ir mais a fundo, se queremos compreender não somente sua imprescindibilidade prática, mas sua determinação e necessidade divinas. Por que é ela necessária a partir de Deus?

Perguntamos: há realmente uma revelação de Deus na lei, assim como também há a sua revelação no evangelho, ou não se encontra aquilo que chamamos de lei numa linha só com o que chamamos de ordem política, social e natural da vida, no sentido de que cada povo e cada estado têm sua ordem? Há, além disso, ainda a lei divina,

uma lei que é Sua lei, estabelecida por Deus, dada a partir do céu? Justamente isso Lutero defende, justamente isso afirma contra os antinomianos, que querem rebaixar a lei ao nível de ordem política. De fato, é um mandamento do céu, isto é, não humano, não terreno, como o do imperador. Lutero assume o que Paulo diz, a saber: a lei é santa, divina e boa; também a designa de espiritual, querendo assim descrever sua natureza. Por isso pela fé tampouco é suspensa ou ab-rogada a lei; ao contrário, a partir daí é plenamente colocada em vigor, pois somente a fé cumpre a lei, presenteando o homem com um novo coração e um novo espírito, que compreende a lei, que nela ama e adora a vontade do Pai."

Assim Lutero pode contrapor as mais agudas teses àqueles que desejam suprimir a lei da revelação de Deus. É de opinião que esses "fanáticos", sob a alegação de construir tudo sobre o sacramento e o exemplo de Jesus Cristo, em verdade acabam assim suprimindo Cristo. "Pois se a lei é ab-rogada, então não se pode mais saber quem é Cristo, o que ele fez, já que cumpriu a lei por nós. Pois se quero compreender corretamente o cumprimento da lei, isto é, Cristo, então é necessário saber o que é a lei e seu cumprimento. Isso, no entanto, não pode ser ensinado, a não ser que se diga que a lei não está cumprida em nós, sendo nós portanto devedores do pecado e da morte. Se isto é ensinado, então aprendemos que todos somos devedores da lei e filhos da ira. Por isso, a doutrina da lei é necessária na igreja e tem que ser mantida por princípio, porque sem ela Cristo não pode ser mantido. Em suma: suprimir a lei e manter o pecado e a morte, isso significaria praticamente esconder a doença do pecado e da morte, para a destruição dos homens. Se morte e pecado foram subjugados (como Cristo o fez), então a lei poderia muito bem ser aniquilada, mas ao contrário é confirmada como está escrito em Romanos 3.

Lutero conclui suas asseverações sobre o valor da lei sintetizando: "Ambas as doutrinas, da lei e do evangelho, devem ser mantidas na igreja."

Nota: Estes pensamentos foram retirados do livro *A Justiça da Fé*, págs. 29-37, de Hans Joachim Iwand, uma Exposição conforme a doutrina de Lutero. Editora Sinodal, 1977.

A PREDESTINAÇÃO BÍBLICA

COMO HARMONIZAR A LIBERDADE HUMANA COM A DOCTRINA DA PREDESTINAÇÃO?

Antes do estudo do tema da Predestinação é necessário e muito útil o conhecimento de algumas idéias calvinistas e da contestação que Armínio e seus seguidores lhes fizeram.

Vamos transcrevê-las do livro dos adventistas – *Questions on Doctrine*, pág. 402 e seguintes, também traduzidas no Ministério Adventista, janeiro/fevereiro, 1970, págs. 19-21.

Cinco pontos da Predestinação Calvinista

Em 1537, na obra *Instruction in Faith* (Paulo T. Fuhrmann, 1949, pág. 36), João Calvino declarou:

"Ora, a semente da Palavra de Deus só se enraíza e produz frutos nas pessoas que o Senhor, por Sua eleição eterna, predestinou para serem filhos e herdeiros do reino celestial. Para todos os outros (que pelo mesmo conselho de Deus foram rejeitados antes da fundação do mundo) a clara e evidente pregação da verdade só pode ser um cheiro de morte para morte."

Em 1610 foram apresentados aos Estados Gerais da Holanda os famosos cinco pontos essenciais na teologia calvinista, expostos da seguinte maneira:

1. - Que Deus (como alguns asseveraram), por um decreto eterno e irrevogável, ordenou alguns dentre os homens (a quem Ele não considerava criados; muito menos caídos) para a vida eterna; e alguns (que eram por grande diferença a maior parte) para a perdição eterna, sem qualquer consideração a sua obediência ou desobediência, a fim de manifestar tanto a Sua justiça como a Sua misericórdia; de tal modo que as pessoas por Ele destinadas à salvação devem forçosa e inevitavelmente ser salvas, e as demais devem forçosa e inevitavelmente ser condenadas.

2.- Que Deus (como outros ensinaram) considerou a humanidade não só como criada, mas também como caída em Adão, e, conseqüentemente, sujeita à maldição; tendo Ele determinado livrar alguns dessa queda e destruição e salvá-los como exemplos de Sua misericórdia; e deixar outros, até mesmo filhos do concerto, sob a maldição, como exemplos de Sua justiça, sem qualquer consideração a crença ou descrença. Com essa finalidade, Deus usou também certos meios pelos quais os eleitos fossem necessariamente salvos e os réprobos fossem necessariamente condenados.

3. - Que, por conseguinte, Jesus Cristo, o Salvador do mundo, não morreu por todos os homens, mas somente pelos que foram eleitos de acordo com a primeira ou a segunda forma.

4. - Que, portanto, o Espírito de Deus e Cristo atuaram nos eleitos com força irresistível a fim de compeli-los à crença e à salvação, mas que aos réprobos não foi dada necessária e suficiente graça.

5. - "Que aqueles que uma vez obtiveram verdadeira fé jamais poderiam perdê-la por completo ou terminantemente". A. W. Harrison, *The Beginnings of Arminianism* (1926), págs. 149 e 150.

Esse ponto de vista, porém, não se originou com Calvino. Mil anos antes, de acordo com G. F. Wiggers, Agostinho expressou a mesma idéia:

"Agostinho introduziu no sistema eclesiástico diversas idéias inteiramente novas. . . . Entre elas encontravam-se a graça irresistível, absoluta predestinação e a limitação aos eleitos da redenção por meio de Cristo". – *An Historical Presentation of Augustinism and Pelagianism*, pág. 368.

Refutação Elaborada Pelo Arminianismo

Em oposição e esses pontos de vista, Armínio e seus colaboradores elaboraram uma refutação que apresenta cinco argumentos contrários. Mais tarde eles se tornaram a síntese do que se conhecia por arminianismo. Eram os seguintes:

1. - Que Deus, por meio de um decreto eterno e imutável em Cristo, antes de existir o mundo, determinou eleger para a vida eterna dentre a caída e pecaminosa raça humana os que por intermédio de Sua graça crêem em Jesus Cristo e perseveram na fé e na obediência; e, pelo contrário, resolveu rejeitar os impenitentes e descrentes, para condenação eterna (S. João 3:36).

2. - Que, em conseqüência disto, Cristo, o Salvador do mundo, morreu por todos os homens, de modo que obteve, pela morte na cruz, reconciliação e perdão do pecado para todos os homens; de tal forma, porém, que só os fiéis a desfrutaram em realidade (S. João 3:16; 1 S. João 2:2).

3. - Que o homem não podia obter fé salvadora por si mesmo ou em virtude de seu próprio livre arbítrio, mas precisava da graça de Deus por meio de Cristo para renovar-se em pensamento e vontade (S. João 15:5).

4. - Que essa graça constitui a causa do início, do desenvolvimento e da conclusão da salvação do homem; de maneira que ninguém poderia crer ou perseverar na fé sem essa graça cooperante, e, conseqüentemente, que todas as boas obras devem ser atribuídas à graça de Deus em Cristo, Todavia, quanto à sua maneira de operar, essa graça não é irresistível (Atos 7:51).

5. - Que os verdadeiros crentes possuíam suficiente poder, mediante a graça divina, para batalhar contra Satanás, o pecado, o mundo, sua própria carne, e alcançar a vitória sobre eles; mas, para que pela negligência não apostatassem da verdadeira fé, perdessem a felicidade de uma boa consciência e fossem privados dessa graça, deveriam investigá-la mais cabalmente em conformidade com a Escritura Sagrada, antes de começar a ensiná-la." – Harrison, *op. cit.*, págs. 150 e 151.

Essa controvérsia, que foi ativada por Armínio em 1603, atingiu o ponto culminante no Sínodo de Dort, em 1618 e 1619, e teve amplas conseqüências. Os seus efeitos se fizeram sentir não somente na igreja holandesa, mas as divisões alemã, suíça, escocesa, inglesa e francesa, da igreja cristã, também participaram dessa controvérsia ou se dividiram por sua causa. Desde então, o arminianismo se tornou o termo usado para exprimir conceitos teológicos contrários ao calvinismo. Entretanto, os seguidores de Armínio foram mais além em suas declarações do que o seu próprio mestre. Com efeito, ele ficaria surpreso e até indignado se pudesse ler as

interpretações teológicas de alguns que têm sido classificados como arminianos. E o mesmo se pode dizer no tocante aos adeptos de Calvino. Parece até que o calvinismo atual sofreu maiores modificações que o arminianismo.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia não é calvinista nem totalmente arminiana em sua teologia. Reconhecendo os méritos de ambos esses sistemas, procuramos assimilar o que nos parece ser o claro ensino da Palavra de Deus. Embora creiamos que João Calvino foi um dos maiores reformadores protestantes, não adotamos a idéia de que algumas pessoas "são predestinadas para a morte eterna sem qualquer demérito de sua parte, simplesmente por causa da soberana vontade de Deus" (Calvino, *Institutes*, Livro 3, cap. 23, § 21). Ou que os homens "não são todos criados com o mesmo destino; mas a vida eterna é preordenada para alguns, e, para outros, a condenação eterna" (Idem, Livro 3, cap. 21, § 5).

Pelo contrário, cremos que a salvação é acessível a todo e qualquer membro da raça humana, pois "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (S. João 3: 16). Exultamos com o apóstolo Paulo porque "antes da fundação do mundo" (Efés. 1:4) Deus resolveu suprir a necessidade do homem, se ele pecasse. Esse "eterno propósito" abrangia a encarnação de Deus em Cristo, a vida sem pecado e a morte expiatória de Cristo, Sua ressurreição dentre os mortos e o Seu ministério sacerdotal no Céu, o qual culminará nos grandiosos aspectos do julgamento.

Cremos que nosso ensino a respeito do assumo do julgamento está inteiramente de acordo com a Bíblia e é a conclusão lógica e inevitável de nosso conceito acerca do livre arbítrio. Temos a convicção de que, como indivíduos, cada um de nós é responsável perante Deus. Declara o apóstolo Paulo: "Todos compareceremos perante o tribunal de Deus. Como está escrito: Por Minha vida, diz o Senhor, diante de Mim se dobrará todo joelho, e toda língua dará louvores a Deus. Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus." Rom. 14:10-12.

Livre Arbítrio e Predestinação

Afirma a Bíblia que há livre arbítrio, liberdade de escolha e ao mesmo tempo predestinação?

Que a palavra de Deus declara que o homem é livre para escolher ninguém duvida, mas se ela também fala em predestinação, é necessário saber a que predestinação se refere.

A Bíblia não se contradiz, não pode apresentar doutrinas antagônicas, portanto não pode ensinar o livre arbítrio e a predestinação calvinista.

Que é livre arbítrio?

Livre arbítrio é um princípio escriturístico que declara que o homem é livre para tomar decisões, para decidir a questão do seu destino.

Que é predestinação?

Predestinação pode ser definida no sentido geral e no sentido bíblico.

No consenso do povo é crer que Deus traçou um plano para a nossa vida e devemos segui-lo sem o direito da escolha. Em outras palavras – somos autômatos, desempenhando um papel previamente estabelecido por Deus.

Calvino, ampliando idéias já antes defendidas por Santo Agostinho, afirmou que desde a antigüidade Deus estabeleceu dois decretos: Um selecionando um grupo para a salvação ou vida eterna e um outro decreto selecionando aqueles que serão destruídos. O próprio Calvino qualificou-o como terrível decreto de Deus.

Estaria este ensino em harmonia com as doutrinas bíblicas? De modo nenhum. Porque a dupla predestinação ensina que se não fomos arbitrariamente escolhidos para a salvação, não há esperança, mesmo que almejemos ardentemente esta graça. A Bíblia não diz isto.

Predestinação bíblica, seria o decreto de Deus que possibilita a salvação a todos os que aceitarem a Cristo.

Os adventistas não temos pregado e escrito o suficiente sobre este magno assunto. Creio ser nosso dever compreendê-lo melhor e expô-lo com clareza aos outros, embora reconhecendo, que ele é complexo, e em alguns aspectos transcende a nossa limitada compreensão.

Disse Russel Norman Champlin em *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*: "As questões relativas à predestinação e à eleição não podem ser explicadas por raciocínio humanos."

Concordamos – Elas são explicadas pelo raciocínio divino, isto é, pela Palavra de Deus.

"A doutrina da predestinação de uns para o bem e a felicidade e de outros para a mal e a infelicidade, parece ter nascido da necessidade de alguns teólogos de conciliarem a misericórdia com a Justiça Divina. Deus é justo com os que predestina ao mal e misericordioso com os que predestina para a salvação. As passagens de Isaías 1:27 e Rom. 3:25 negam que a misericórdia e a justiça sejam atributos divinos distintos; Deus não é metade misericórdia e metade justiça, mas inteiramente misericórdia e inteiramente justiça." – Hans K. LaRondelle, *Apostila Predestinação Bíblica*.

Em que passagens e fatos bíblicos se baseiam os defensores da predestinação divina para a perdição?

As passagens mais enfáticas para eles são:

Prov. 16:4; Rom. 9:18; 8:29 e 30; Efés. 1:5,11. Leitores apressados da Bíblia, deslocando, às vezes, estas passagens do seu contexto, concluíram, que Deus arbitrariamente predestinou algumas pessoas para serem salvas e outras para se perderem.

Dentre os fatos mais citados estes se destacam:

- a) O endurecimento do coração de Faraó.
- b) Judas predestinado para trair a Jesus.
- c) A declaração de Rom. 9:13: "Amei a Jacó, porém me aborreci de Esaú."

A palavra predestinação não aparece na Bíblia, mas o verbo predestinar, em grego **prooridzo**, é empregado quatro vezes, isto é, em Rom. 8:29 e 30; Efés 1:5 e 11. (Alguns manuscritos o trazem também em Atos 4:28 e 1 Cor. 2:7). A palavra é formada de **πρ** (pró), antes e o verbo **ορίζω** (**horidzo**) – definir, limitar. Este verbo é usado em português na palavra horizonte, como círculo limitante do campo da nossa observação. **Prooridzo** pode ser traduzido por demarcar de antemão, ser determinado anteriormente.

A Hermenêutica e a Predestinação

Três úteis princípios hermenêuticos ou interpretativos nos ajudarão a compreender o problema da predestinação.

1º) É a regra áurea da interpretação, chamada por Orígenes de "Analogia da Fé". O texto deve ser interpretado através do conjunto das Escrituras e nunca através de passagens isoladas. Não podemos basear uma doutrina numa só passagem.

2º) Para compreender bem uma passagem é precisa consultar as passagens paralelas. São aquelas que tratam do mesmo assunto.

3º) Observar bem o contexto. Ver o que vem antes e depois para saber de que autor está tratando.

Ilustremos com exemplos bíblicos estes princípios, visando elucidar o assunto que estamos apresentando.

1º) Prov. 16:4 – "O Senhor fez todas as coisas para determinados fins, e até o perverso para o dia da calamidade."

Eccl. 7:29 – "Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias."

Deus de modo algum é o originador do mal, mas os que se tornam malvados por sua livre vontade, Deus os destruirá.

2º) O segundo princípio pode ser ilustrado com Rom. 9:18 que declara: "Logo, tem ele misericórdia de quem quer, e também endurece a quem lhe apraz."

Colocando ao lado as passagens paralelas de Sal.18:25 e 26 e Isa. 55:7 sabemos com quem Deus quer ser misericordioso e com quem age com dureza. Estas passagens nos afiançam que com os benignos Ele é benigno, mas destruirá os perversos e impenitentes.

Êxodo 4:21 e 7:3 afirmam que Deus endureceu o coração de Faraó. Estas passagens são citadas pelos defensores da predestinação. Temos aqui um idiomatismo hebraico, ou seja o verbo usado não para expressar a execução de algo, mas a permissão para fazer isso. Confira Êxo. 5:22 – "Ó Senhor, por que afligiste a este povo?" (isto é, toleraste que fosse afligido).

Ademais as passagens paralelas de Êxodo 7:13, 22 e 8:32 nos mostram que foi Faraó que endureceu o seu próprio coração.

3º) O contexto das passagens de Romanos e Efésios que falam da predestinação é claro em nos mostrar que todos fomos predestinados para a salvação. Paulo nos diz que Deus através de Cristo nos predestinou para que fôssemos seus filhos por adoção.

Os gentios ficaram admirados por serem atingidos pelo evangelho. Eles perguntavam: Por que só agora lhes fora revelado este privilégio? Paulo lhes diz claramente que eles já tinham sido destinados ou predestinados para serem participantes do evangelho.

Deus tem um propósito para este mundo e para cada pessoa individualmente. Este propósito é que todos cheguem ao conhecimento da verdade e se salvem. "Deus não deseja que alguém se perca" II Ped. 3: 9.

Alguns afirmam: estava predestinado que Judas trairia a Cristo, por isso ele não era livre para escolher.

A Bíblia não diz que estava predestinado que Judas o trairia. Embora a morte de Cristo fosse pré-ordenada, Pilatos e Judas não precisariam ter sido instrumentos dessa morte, eles eram livres para aceitá-lo ou colaborarem na sua condenação,

O Espírito de Profecia declara:

"O Salvador lia o coração de Judas; sabia as profundezas de iniquidade a que, se o não livrasse a graça de Deus, havia ele de imergir. ... Abrisso ele o coração a Cristo, e a graça divina baniria o demônio do egoísmo, e mesmo Judas se poderia tornar um súdito do reino de Deus." – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 294.

Outra passagem muito citada pelos calvinistas para a dupla predestinação é Rom. 9:13 – "Amei a Jacó, porém me aborreci de Esaú." Afirmam: Antes do nascimento, um é predestinado para a Salvação e outro para a condenação. Esta é uma conclusão simplista e antibíblica.

Devemos atentar para estes dois pontos:

1º) Esta citação de Paulo foi tirada de Malaquias 1: 2-3, escrita mais ou menos 1.000 anos depois que eles viveram, portanto não é uma profecia, mas sim fato histórico.

2º) Malaquias não está falando de Esaú e Jacó como duas pessoas, mas de dois povos distintos: israelitas e edomitas. Jacó está representando o povo do concerto e Esaú os incrédulos e inimigos de Deus. O aborrecimento de Deus por Esaú – ou melhor pelos seus descendentes – foi após um milênio de paciência.

Paulo declara que Jacó foi escolhido para uma função, para representar um papel de destaque na história do povo de Deus. Rom. 9:11-12.

Os versos 34 e 41 de Mat. 25 contradizem frontalmente a dupla predestinação de Calvino.

Verso 34 – "Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possui por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo." Isto sugere predestinação para a Salvação.

Verso 41 - ". . . Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos." Se houvesse a dupla predestinação a afirmativa de Cristo seria – preparado para vós desde a fundação do mundo. O fogo foi preparado para o diabo e seus anjos, não para o homem.

Outra declaração importante de Paulo, que precisa ser bem compreendida é a de Rom. 9:22 e 23.

O verso 22 fala dos vasos de ira preparados para a perdição, mas que Deus os *suportou com muita longanimidade*.

No verso 23 há o relato dos vasos da glória preparados previamente, O comentário do Púlpito em inglês chama-nos a atenção para uma palavra muito importante ao interpretar estes versos, isto é, previamente.

A Bíblia nos prova de maneira inequívoca que os vasos da ira não foram feitos por Deus para a destruição. Basta ler as passagens paralelas de Romanos 2:4 e 5 onde Paulo nos fala que Deus trabalha para a Salvação do homem, mas o próprio homem endurece o seu coração para o dia da ira.

Em Adão todos são predestinados para a perdição. I Cor. 15:22.

Em Cristo todos são predestinados para a salvação. S. João 1:12.

Provas Bíblicas Contra a Predestinação Calvinista

Dentre as múltiplas citações escriturísticas, que contradizem o ensino satânico de Deus haver predestinado pessoas para a perdição, as 10 seguintes devem ser destacadas, por sua objetividade e clareza ímpar:

1ª) 1 Tim. 2:4 – "O qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade." O relato de Paulo aqui não admite divagações. Sua declaração nos leva a afirmar: ninguém foi designado para a perdição.

2ª) II Ped. 3:9 – ". . . não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento."

É impossível, harmonizar – Deus não deseja que alguém se perca, com a idéia de Ele escolher pessoas para serem destruídas.

3ª) Apoc. 22:17 – ". . . quem quiser receba de graça a água da vida."

Todos têm a oportunidade, graças a Deus. Aqui entra em cena a vontade pessoal. Querer é um verbo que indica vontade, portanto a pessoa escolhe; não aparece a imposição.

Maravilhoso é o livre arbítrio concedido por Deus.

4ª) São João 3:16 – ". . . todo aquele que nele crê. . ." Deus decretou que todos os que aceitarem a Cristo se salvem. Não decretou que todos devem aceitar a Salvação que Ele oferece. Deus não força a vontade de ninguém.

5ª) Ezeq. 18:32 – "Porque não tenho prazer na morte de ninguém, diz o Senhor Deus, Portanto convertei-vos e vivei."

Deus tem prazer na salvação, nunca na perdição.

6ª) Mat. 7:21 - "Nem todo o que me diz : Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus."

Muitos não serão salvos, porque não aceitam as condições da salvação.

7ª) Jer. 21:8 – ". . . Eis que ponho diante de vós o caminho da vida e o caminho da morte."

Para que dois caminhos se a sorte de cada um já está traçada antes?

8ª) Apoc. 2:10 – "... Sê fiel até a morte e dar-te-ei a coroa da vida."

Vejam que a salvação também depende de nós. Depende da nossa perseverança. Heb. 3:14.

9ª) Atos 17:30 – "... agora, porém notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam."

O convite a todos para que se arrependam seria um escárnio ao nome de Deus se os homens não se pudessem arrepender. Paulo declara em Tito 2:11 que "a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens."

10ª) I Tes. 5:9 – "Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo."

Esta declaração é muito significativa e seria suficiente para desmorronar o frágil edifício dos calvinistas.

Após a leitura destas passagens a nossa conclusão só pode ser esta: Deus não predestinou que pessoa alguma se perca.

Eleição e Vocação

Intimamente relacionadas com a predestinação se encontram a eleição e a vocação.

- Vocação é o chamado.
- Eleição é a escolha.

A Bíblia está repleta de exemplos, de que a eleição, tanto de um povo, como de indivíduos é para o serviço, para o desempenho de um papel no plano da salvação, para ser uma bênção aos outros e não simplesmente como um privilégio. Veja Gên. 12:2.

Israel foi eleito como um povo para um especial serviço. Deut. 4: 37; 7:6-8.

Exemplos bíblicos de pessoas eleitas para a execução de um trabalho especial:

- a) Moisés – Êxodo 3.
- b) Os Sacerdotes – Deut. 18:5.
- c) Os reis – I Sam. 10:24.
- d) Os profetas – Jer. 1:5.
- e) Os apóstolos – S. João 6:70

Três verdades não podem ser olvidadas quanto à eleição:

1ª) A eleição de Deus inclui todo o mundo. *PP* 207, 208; *DTN* 615; I Tim. 2: 4, 6; II Cor. 5:14-15.

Deus não elegeu ou predestinou apenas aqueles que eram dignos de Sua graça. Mas elegeu o indigno, Ele elegeu o iníquo, Ele elegeu os seus inimigos. Rom. 5: 6.

2ª) Deus nos escolhe para o serviço na base do caráter e não em bases pessoais. Nós nos elegemos, quando pelo poder de Cristo atingimos o padrão que ele estabelece. *PP* 208; *SDABC*, Vol. VI1, pág. 944.

3ª) A escolha de uma pessoa, não significa a rejeição de outras. A escolha de Israel não significou a rejeição dos gentios. Ao escolher Israel Deus desejava que por seu intermédio outras nações pudessem ser participantes de sua graça.

Berkouwer, em seu notável livro, *Divine Election*, escrito com a finalidade principal de combater a dupla predestinação calvinista, nos informa que aprendeu nas Escrituras que o termo bíblico para eleição não implica necessariamente na rejeição de outros.

Há um duplo propósito na eleição:

- a) Para a salvação dos eleitos – Rom. 11:7-11; II Tes. 2:13.
- b) Para a glória de Deus – Efés. 1:6, 12, 14,

Ilustração

A historieta de um velho preto, membro leigo, de poucos conhecimentos teológicos, nos informa da nossa parte no problema da salvação: "Bem, há uma eleição onde Deus está votando a nosso favor e o diabo votando para a nossa perdição, do lado em que pusermos o nosso voto esse ganhará a eleição."

Comentando esta declaração o famoso evangelista Wilbur Chapman declarou: "Tenho feito um curso de teologia, sou graduado num seminário teológico, mas nunca ouvi uma explicação tão boa como esta".

Por que Condenamos a Predestinação Calvinista?

Além das provas bíblicas já apresentadas podem ainda ser adicionadas:

- a) A debilidade da doutrina da predestinação consiste em que ela destrói o livre arbítrio, que é uma doutrina fundamental ensinada na Bíblia.
- b) Atos 10:34 e 35 – afirma que Deus não faz acepção de pessoas. Se predestinasse alguns para se salvarem e outros para se perderem estaria fazendo acepção de pessoas.
- c) Se em Cristo há plena possibilidade de salvação para todos, cai por terra a doutrina gnóstica e calvinista da redenção limitada.
- d) Ellen G. White faz bem claro em *Conflito dos Séculos* pág, 279 - Que a doutrina calvinista do duplo decreto divino havia conduzido muitos à rejeição virtual da lei de Deus.
- e) Na conhecida Conferência Geral de Mineápolis, em 1888 este assunto foi discutido e por orientação divina chegou-se à conclusão seguinte: a predestinação calvinista não é defensável pela Bíblia, deve ser rejeitada, desde que o homem é livre para escolher.
- f) Deus decretou que todos os que aceitarem a Cristo se salvem. Não decretou que todos devem aceitar a salvação que ele oferece.
- g) Podemos fazer a escolha Segundo a nossa vontade. I Ped.1:2
"Eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito para a obediência. . ."

h) A salvação é nossa em Cristo. É preciso aceitar a Jesus Cristo para receber a salvação. I João 5:11.

Os que estão com Ele são chamados os escolhidos, os fiéis. Apoc. 17: 14.

Conclusão

Os adventistas cremos:

"Que o homem é livre para escolher ou rejeitar o oferecimento da salvação por meio de Cristo; não cremos que Deus tenha predestinado que alguns homens sejam salvos e outros perdidos" – *Questions on Doctrine*, pág. 23.

Compreendida em seu sentido positivo e bíblico a predestinação é algo sublime, é confortadora para cada cristão, mas em seu sentido negativo, antibíblico, calvinista pode levar ao fracasso na carreira cristã.

Passagens bíblicas que falam de predestinação nos afirmam que fomos predestinados para a Salvação, por meio de Jesus Cristo. Rendamos sempre louvores a Ele por este sublime privilégio, que nos é oferecido graciosa mente.

Nota

Dentre as fontes consultadas a mais valiosa foi a Apostila *Herança Teológica Protestante, Predestinação Bíblica* do Prof. LaRondelle.

BATISMO COM ÁGUA, COM FOGO E COM ESPÍRITO SANTO (Batismo de João e Batismo de Jesus)

De acordo com Mateus 3:11 há três tipos de batismo:

"Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderosa do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo."

Que é Batismo?

Para os adventistas o batismo não é um sacramento no sentido em que o aceita a Igreja Católica.

Que é sacramento?

O Catecismo Romano, pág. 209, § 3, letra D, referindo-se aos sacramentos afirma:

"Deus os instituiu com a virtude, não só de simbolizar, mas também de produzir alguma coisa. . . São sinais de instituição divina, e não de invenção humana, que possuem também a virtude de produzir os santos efeitos que simbolizam. Assim cremos com fé inabalável!"

Para os teólogos católicos romanos o batismo é uma ablução que lava o corpo e purifica a alma da mancha do pecado. Esta declaração não se harmoniza com afirmações bíblicas que nos esclarecem que é o sangue de Cristo que nos limpa de todo o pecado. I Ped. 3:21; I João 1:7.

Como igreja cremos ser o batismo não um sacramento, mas um compromisso de lealdade como escreveu Ellen G. White na carta 129, do ano de 1903: "Ao se submeterem os cristãos ao solene rito do batismo, Ele registra o voto feito por eles de Lhe serem fiéis, Esse voto é o seu compromisso de lealdade."

O batismo é um requisito importante no plano da salvação por simbolizar a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo.

É a porta de entrada para a igreja.

É o processo pelo qual nos tornamos membros da família de Deus.

O batismo é um ato de fé, por isso como igreja não aceitamos o batismo infantil.

Nos escritos de Paulo é o sinal da comunhão espiritual que deve existir entre o crente e Cristo. O batismo é um testemunho público de que o batizando aceitou a Cristo como Seu Salvador pessoal.

É um sinal externo do verdadeiro arrependimento do pecado e a manifestação de um desejo íntimo de ser purificado.

Pode ainda ser definido, como uma manifestação de fé, do crente, na morte propiciatória de Cristo.

"Simboliza o batismo soleníssima renúncia do mundo. Os que ao iniciar a carreira cristã são batizados em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, declaram publicamente que renunciaram o serviço de Satanás, e se tornaram membros da família real, filhos do Celeste Rei." – *Evangelismo*, pág. 307.

O batismo em o Novo Testamento é o sinal externo de que a pessoa aceitou o plano divino para sua salvação, assim como a circuncisão o era entre Deus e os israelitas do Velho Testamento. Em outras palavras, o rito da circuncisão foi substituído na Era Cristã pelo batismo, como nos informa Paulo em Col. 2:11 e 12.

Modos Diferentes de Batizar

Há três maneiras diferentes de batizar: por imersão, aspersão e afusão.

Imersão é o ato de imergir, mergulhar, fazer penetrar, afundar, banhar.

Aspersão é o ato de aspergir, respingar, borrifar, orvalhar.

Afusão quer dizer derramamento.

Encontra-se na Bíblia justificação para qualquer um dos três processos?

Se o batismo é uma comemoração da morte, sepultamento e ressurreição de Cristo (Rom. 6:3; Col. 2:12), apenas uma maneira pode representar com fidelidade esses aspectos da vida de nosso Salvador. A maneira bíblica de batizar foi apenas por imersão, Confirmam este processo o batismo de Cristo e o da igreja primitiva.

A Bíblia de Jerusalém (tradução católica) traz a seguinte nota para Rom. 6:3:

"O 'banho' por imersão na água (sentido etimológico de batizar) sepulta o pecador na morte de Cristo (Col. 2:12), de onde sai com ele pela ressurreição (Rom. 8:22), como nova criatura (II Cor. 5:17), homem novo (Efés. 2:15) . . ."

Atos 8:36 e 38, são passagens muito evidentes, na indicação do batismo por imersão. Se apenas um pouco de água é suficiente no batismo por aspersão, não haveria necessidade de Filipe e o eunuco procurarem um lugar de água abundante. No verso 38 lemos: "ambos desceram à água". Há traduções que trazem – desceram para dentro da água. Que esta tradução é melhor confirma-se pelo verso 39, que diz "saíram da água". Para sair da água é necessário primeiro nela entrar.

O comentário que Mathew Henry, faz deste verso, é um exemplo frisante para comprovar aonde pode chegar a influência de idéias preconcebidas: "desceram à água, porquanto não tinham em sua posse qualquer vaso conveniente (pois estavam de viagem), com que tirar a água; e por isso tiveram de descer à mesma. Não que se tivessem despido, e tivessem entrado nus na água, mas, estando descalços, de conformidade com o costume, desceram talvez até aos tornozelos ou o meio da canela, e Filipe o aspergiu."

Seguem-se alguns pensamentos muito úteis sobre o batismo, apresentados por Colin Brown:

"A despeito de asseverações ao contrário parece que '**baptizo**', tanto em contextos judaicos como nos cristãos, normalmente significa 'imersão', e que, mesmo quando veio a ser um termo técnico para o batismo, o pensamento de imersão permanece."

"O batismo de João. João administrava um 'batismo de arrependimento para remissão de pecados (Mar. 1:4), antecipando o batismo no Espírito e em fogo que o Messias exerceria (Mat. 3:10)."

"O batismo em Cristo é batismo para a igreja, porque estar em Cristo é ser membro do corpo de Cristo (Gál. 3:27 e segs.; I Cor. 12:13).

"O batismo em Cristo é para uma vida segundo o padrão da morte de Cristo para o pecado e Sua ressurreição para a retidão.

"Sendo que o batismo significa a união com Cristo (Gál. 3:27), tudo quanto Cristo tem operado em prol do homem nos Seus atos de redenção, e tudo quanto Ele

outorga a ele em virtude dos mesmos, é associado com o batismo nos escritos apostólicos."¹

A Igreja Adventista administra o batismo por imersão escudada nas seguintes premissas:

1º) O verbo batizar no original grego – **baptizo**, significa imergir, mergulhar, submergir, como nos confirma a própria história profana.

2º) A narração dos batismos apresentados em o Novo Testamento são evidência de que as pessoas eram imersas.

Confiramos:

a) Mat. 3:6. – Muitas pessoas eram batizadas por João no rio Jordão.

b) Mat. 3:16. – Batizado Jesus saiu logo da água.

O apóstolo João (3:23) afirma: "Ora, João estava também batizando em Enom, perto de Salim, porque havia ali muitas águas."

c) A referência ao batismo do eunuco etíope – Atos 8:38 e 39.

d) O simbolismo paulino de Rom. 6:4 é uma confirmação evidente de que para ele batismo significa imersão.

Para o Professor Jorge E. Rice batismo é:

1º) A porta de entrada na igreja.

Os que ouviram o sermão pentecostal de Pedro perguntaram: "Que faremos irmãos? Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo." Atos 2:37 e 38.

Lucas diz ainda mais: "Acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos." Atos 2:47.

2º) Porta de entrada para comunhão e relacionamento íntimos com Cristo.

Ele nos chama a atenção para a preposição grega '**eis**' e não '**en**' usada por Paulo para denotar o objetivo buscado e alcançado pelo batismo. Rom. 6:3 e 4. A preposição '**eis**' indica reciprocidade e não repouso.

3º) A porta de entrada no Concerto.

Sendo a circuncisão o sinal entre Deus e Seu povo no Velho Testamento, o batismo representa a circuncisão espiritual do coração, e uma relação salvífica com Jesus. Afirmação baseada em Col. 2:11, 12."²

O Significado do Batismo

1) "O significado central do Batismo é a participação na morte e ressurreição de Cristo. O Batismo com o qual o próprio Jesus foi batizado, segundo Marcos 10:38, fornece-nos a chave para o entendimento comum deste tema. Jesus começou por solidarizar-se com os pecadores, no seu batismo no rio Jordão, e prosseguiu a sua carreira terrena nos caminhos do Servo Sofredor, através da sua paixão, morte e ressurreição. O Espírito que desceu sobre Jesus no batismo, desce também sobre a Igreja e une o Seu povo com Ele na Sua morte e ressurreição, no batismo e através da ação batismal. O nosso batismo une-nos com Cristo que tomou sobre si mesmo os

nossos pecados e os de todo o mundo, para que esses pecados pudessem ser perdoados e apagados, abrindo-nos as portas para uma vida renovada.

2) No Batismo, administrado com água e em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, para remissão de pecados, somos batizados por um Espírito em um corpo. Em nosso Batismo, o Espírito do Pentecostes une-nos ao corpo de Cristo que é a Sua Igreja, e é recebido por aqueles que crêem em Jesus Cristo. Administrado em obediência à ordem de Nosso Senhor, é sinal e selo do nosso discipulado. Este batismo único, que nos coloca em comunidade com Cristo e uns com os outros, põe fim a toda segregação humana baseada, por exemplo, em diferenças de raça ou de classe."³

Diferença do Batismo com Água, com Fogo e com o Espírito Santo

A mensagem de João Batista, declarando que Cristo batizava com o Espírito Santo e com fogo, assim como ele batizava com água, tem ensejado muita discussão e até acalorados debates entre os cristãos.

O batismo com água é um símbolo da operação feita pelo Espírito Santo de acordo com Tito 3:5 e I João 5:6, 8.

Quando se dá o Batismo no Espírito Santo?

Três idéias diferentes têm sido apresentadas:

- 1º) Quando cremos;
- 2º) Quando somos batizados nas águas;
- 3º) Quando Deus julgar necessário.

Elemer Hasse discute as três, mostrando pela Bíblia, as possibilidades e impossibilidades de cada uma delas.

De suas declarações, a mais importante é esta:

"Jesus recebeu o Espírito Santo logo após o batismo no Jordão (Mar. 1:10-12; Luc. 4:1, 18); os crentes de Cesaréia e o apóstolo Paulo, antes (Atos 10:44-48; 9:17-18); os discípulos, os irmãos de Samaria (Atos 8:12-17) e os de Éfeso (Atos 19:4-6) receberam o batismo do Consolador depois do batismo nas águas (os discípulos, anos depois)"⁴

Leia atentamente a seguinte declaração:

"O batismo no Espírito ou a conversão, precede de modo ideal a batismo na água."

Este é uma demonstração externa da mudança que ocorreu no coração, O verdadeiro crente é nascido do Espírito (S. João 3:5, 6); o Espírito é o Instrumento

selador (Efés. 1:13, 14); e o Espírito é dado a ele com penhor ou garantia e uma permanente lembrança de que ele pertence a Deus (II Cor. 5:5)."⁵

Os pentecostais usam as passagens de Atos 2:1-13; 8:4-12; 9:1-18; 10:1-48; 19:1-7 e outras como provas de que o batismo do Espírito Santo é uma experiência posterior ao batismo da água. Ver comentários esclarecedores sobre estes textos na Apostila *Movimento Carismático* do Dr. Wilson Endruweit, págs. 20 c e d.

As divergências maiores estão no "quando" o crente recebe o batismo do Espírito Santo, tendo como ponto de referência o batismo da água.

Ivan Carlo Zanella estudou o assunto nestes três tópicos:

A – O Batismo do Espírito Santo junto com o Batismo da Água

Esses são os que identificam o batismo do Espírito Santo no momento do batismo na água. Dizem que se o crente tem sido batizado com água em nome da Trindade, então pode ser considerado filho de Deus, herdeiro do reino dos Céus e "equipado" com o Espírito Santo.

Esta é a posição sustentada pela Igreja Católica.

Os católicos, bem como os pentecostais, crêem numa plenitude, posterior ao batismo da água, do Espírito Santo à qual denominam de Sacramento da Confirmação.

B – O Batismo do Espírito Santo, depois do Batismo da Água

Dizem que o batismo do Espírito Santo vem após um crescente progresso na vida cristã.

Os que assim crêem, endossam que o batismo do Espírito Santo é subsequente à conversão. Vem depois da conversão e do batismo da água.

São inclinados a tomar a conversão do crente como um 1º estágio e a subsequente plenitude do Espírito Santo, o qual é normalmente acompanhado pelo falar línguas como um 2º estágio. Os pentecostais chamam a este 2º estágio de Pentecostalismo ou Neopentecostalismo, e é tido como um indispensável passo para o poder espiritual e completa vida cristã.

C – O Batismo do Espírito Santo antes do Batismo da Água

Esses crêem que quando um homem se arrepende e crê em Cristo, quando sua vida é colocada aos pés de Jesus, e aceita o Espírito de Cristo ressuscitado em sua personalidade, é batizado com o Espírito Santo.

A aceitação deste ponto de vista coloca o batismo da água depois do batismo do Espírito Santo ou o batismo do Espírito Santo é por ocasião da conversão.

Posição Adventista do 7º Dia ou do Novo Testamento

Batismo é um testemunho público de que o batizando aceitou a Cristo como seu Salvador pessoal. Em casos normais o batismo com o Espírito Santo precede o batismo cristão com água.

a) Atos 1:8

O poder do batismo no Espírito é primeiro e acima de tudo um poder que nos une a Cristo. A grandeza do batismo no Espírito Santo consiste não no fato de levar o homem além de Cristo, mas exatamente de o levar a Cristo. Ser batizado no Espírito significa tornar-se de Cristo. Em outras palavras: O batismo com o Espírito Santo é o sinal da ligação espiritual entre o crente e Cristo.

b) Atos 10:44-48

O dom do Espírito aqui é a conversão e não uma experiência posterior à conversão. O batismo nas águas e o batismo no Espírito pertenciam juntos de tal maneira que formavam "um batismo" da Igreja.

c) Mar. 1:10

A conexão de água com o dom do Espírito Santo foi iniciada pelo próprio batismo de Jesus.

d) I Cor. 12:13

A expressão descreve o ato soberano de Deus, pelo qual todos os cristãos são incorporados, no corpo de Cristo, por ocasião de sua conversão. Paulo identifica o batismo no Espírito com a conversão ou regeneração.

O batismo na água é o símbolo de nossa união vital e essencial com Cristo, em sua morte e ressurreição – nós morremos para o pecado e ressuscitamos para uma nova vida. O batismo na água é o sinal simbólico do batismo do Espírito Santo, ou a união espiritual que deve existir entre o crente e Cristo.

Russel Norman Champlin, comentando Rom. 6: 3, que assim reza: "Ou, porventura, ignorais que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua morte?", disse entre outras coisas o seguinte:

"O batismo em água simboliza a regeneração, embora de forma alguma seja agente dessa realização espiritual. A água é apenas símbolo da operação feita pelo Espírito Santo. (Ver Tito 3:5 e I João 5:6-8)...

"O batismo em água é um ato de obediência, o qual visa, especificamente, mostrar ao mundo que o batizando assumiu uma nova lealdade."

Billy Graham afirma:

"Já que o batismo com o Espírito Santo ocorre no momento da regeneração, a Bíblia nunca diz que devemos procurar por ele. Estou convencido que muitas coisas que alguns teólogos e pregadores adicionaram ao batismo com o Espírito Santo na verdade pertencem à plenitude do Espírito. A finalidade do batismo com o Espírito Santo é fazer o novo cristão adentrar no corpo de Cristo. Não há intervalo de tempo entre a regeneração e o batismo com o Espírito.

"No momento em que recebemos a Jesus Cristo como Senhor e Salvador, recebemos também o Espírito Santo."⁶

A água representa a purificação de nossos pecados efetuada através do Espírito Santo.

O Espírito Santo convence o homem do pecado de rejeitar a Cristo; da justiça da obra redentora de Cristo; do juízo por Satanás ter sido derrotado por Cristo na cruz.

Muito se tem discutido sobre o significado da água e idéias divergentes têm sido apresentadas, mas creio que melhor seja esta: o nascimento da água foi empregado metonimicamente por Cristo para significar o lavar dos pecados, ou a purificação espiritual, sem a qual ninguém pode ver a Deus. Ezequiel 36:25 confirma esta exegese.

Batismo com Fogo

Dos muitos comentários existentes sobre o significado do batismo com fogo de Mat. 3:11 limitemo-nos a estes três:

I. "1) Alguns acham que aqui temos dois batismos, um do Espírito e outro de fogo, e que este último fala de juízo, provavelmente até do inferno. Assim interpretaram Orígenes e outros pais da igreja, – Neander, Meyer, de Velte, Lange, e outros modernos. 2) Outros acham que o fogo, neste caso, significa o fogo que destruirá o mundo no último dia. 3) Outros relacionam esse fogo com o purgatório. Essas interpretações falham ao considerar que o 'fogo' do verso 11 e o fogo do verso 12 não falam do mesmo ministério de Cristo. O ministério do Espírito seria com 'fogo', assim como o ministério de João foi com 'água'. É verdade também que Cristo julgará (verso 12), e que o fogo é símbolo de juízo. . . 4) A interpretação mais aceita é de que o fogo do verso 11 indica o caráter do batismo do Espírito. ... Os hinos de ➔◆○□☞■ falam de batismo de fogo, tais como um rio em chamas que engolfaria os 'lançados fora'; e alguns bons intérpretes reputam esse batismo de fogo como algo que se refere ao juízo." – *O Novo Testamento Interpretado, Versículo por Versículo*, vol. 1, págs. 288-289.

II. "O fogo e a água são dois grandes agentes naturais de purificação, e é apropriado que ambos sejam empregados para representar a regeneração do coração. Semelhantemente, são os dois agentes pelos quais Deus purificou, ou purificará a Terra do pecado e dos pecadores (II Ped. 3:5-7). Se os homens se apegarem persistentemente ao pecado, terão de afinal ser com ele consumidos. Quanto melhor, então, permitir que o Espírito Santo faça a obra purificadora agora, enquanto ainda há graça! O pecador será, ou purificado do pecado, ou com ele destruído. Disse Paulo: 'O fogo provará qual seja a obra de cada um.'" – *SDABC*, vol. V, pág. 300.

III. "O fogo, instrumento de purificação menos material e mais eficaz do que a água, simboliza já no Antigo Testamento a intervenção soberana de Deus e do seu Espírito, que purifica as consciências." – *Nota da Bíblia de Jerusalém sobre Mateus 3:11*.

O Selo

Nos países do Oriente o selo era muito usado em documentos oficiais, como uma garantia de que esses documentos não seriam violados.

A Bíblia nos diz que o crente após ser regenerado, justificado e batizado com o Espírito Santo ele é selado. Efés. 1:13; 4:30.

Paulo parece ter em mente duas coisas quando fala de sermos selados com o Espírito Santo. Uma é segurança, a outra é propriedade. O vocábulo selo no grego quer dizer confirmar ou imprimir. Quando o Espírito Santo nos sela ou põe em nós sua marca, nós estamos seguros em Cristo.⁷

O Professor Elemer Hasse discute o problema do selamento do Espírito Santo nos seguintes termos:

"E que sinal dá Deus para sabermos se estamos ou não selados? Deus não deixou nenhum sinal. O importante é que Jeová o saiba. Não há perigo de que na Sua vinda Ele o ignore. 'o fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: o Senhor conhece os que são seus (II Tim. 2:19).

"Ademais, todos os que buscam emoções e sinais para a confirmação e certeza de sua fé, mostram que não têm certeza da salvação e aceitação por Cristo. Têm dúvidas a respeito de sua experiência com Jesus.

"A verdadeira fé não busca sinais: 'os judeus pedem sinal' (I Cor. 1:22); 'Se não virdes sinais e milagres não creereis (João 4:48); 'Que sinal, pois, fazes Tu, para que o vejamos e creiamos em Ti? Que fazes Tu?' (João 6: 30). Mas nós 'andamos por fé, e não por vista' (II Cor. 5: 7)."⁸

O selo é a certeza ou a confirmação de que pertencemos a Cristo. Pode também ser chamado de selo de propriedade, confirmado pelo Espírito Santo. A pessoa que aceita a Cristo pela fé é imediatamente selada por Deus como Seu filho ou filha.

Quero concluir esta parte com o seguinte comentário de II Cor.1:22.

"Paulo usa aqui a figura do penhor (garantia) para ilustrar o dom do Espírito Santo aos crentes como uma espécie de primeiro pagamento, a certeza de plena herança no futuro (ver Efés. 1:13-14; Rom. 8:16). É privilégio do cristão receber definitiva convicção de sua aceitação da parte de Deus, como Seu filho adotado, quando da conversão, e retê-lo pelo resto da vida."⁹

Batismo de João e Batismo de Jesus

O batismo de João tinha que ver com o arrependimento, enquanto o batismo de Jesus inclui o arrependimento, mas também o ato de unir-se a Cristo em sua morte e ressurreição; isto é o que deduzimos das declarações de Paulo em Atos 19:3-5.

A Revista Adventista, através de sua "Caixa de Perguntas" apresentou as seguintes respostas à inquirição que encima este subtítulo:

1º) "João fora enviado para preparar o caminho do Senhor, pregando energicamente a mensagem do arrependimento e era natural que ele oferecesse uma cerimônia de lavagem dos pecados aos que atendiam a essa mensagem. Quando as pessoas se dirigiam, arrependidas, a João, confessando seus pecados ele as levava ao rio Jordão, e lá as batizava imergindo-as nas águas. Isto significava também que testemunhavam publicamente a decisão de aceitar a orientação de João, que era

conduzi-las a Cristo. Atos 19:4. Era, portanto, distinto do batismo cristão, ordenado por Jesus em Mat. 28: 19. . .

"Que o batismo de João não era suficiente confirma-se pelo fato de S. Paulo ter rebatizado alguns que vieram a ele em Éfeso, os quais haviam sido batizados por João. Atos 19:5."¹⁰

2º) "O batismo de João era um chamado ao arrependimento, mas não um meio de transmitir graça espiritual. Assim o batismo com o qual Cristo batizava os crentes era batismo muito maior do que o de João."¹¹

De tudo o que os comentaristas apresentam, para diferenciar o batismo de João do batismo de Cristo, parece ser o essencial e, isto é bíblico, o batismo de João tinha um significado simbólico, e ele o chama da água para contrapô-lo ao de Cristo, que é chamado do Espírito Santo e do fogo.

Não encontramos evidências em o Novo Testamento de que aqueles que foram batizados por João, tornando-se discípulos de Cristo eram obrigados a um segundo batismo. O batismo de João era aceito como batismo cristão. Este grupo rebatizado, mencionado em Atos 19:5 supõe-se que não havia experimentado a verdadeira conversão.

É bom saber que os anabatistas (a palavra significa rebatizados) se apegavam a esta passagem (Atos 19:5) como prova de que pessoas anteriormente batizadas convertendo-se a sua seita, deveriam batizar-se de novo.

Pesquisando sobre o batismo na Bíblia, concluiremos que no tempo de João Batista, o verdadeiro significado do batismo não era bem compreendido. Depois dos escritos paulinos, especialmente Rom. 6, houve melhor consciência de sua profunda significação.

Conclusão

Esta conclusão não é bem uma conclusão, mas um adendo que reforça e esclarece certos aspectos já apresentados neste estudo.

"Consideramos ser o batismo uma das ordenanças da igreja cristã e um memorial apropriado da morte, sepultamento e ressurreição de Cristo.

"Como hábito cerimonial, o batismo antecede a era cristã. O fato de o batismo por imersão haver sido um dos requisitos que os prosélitos eram obrigados a cumprir, evidencia que os judeus o praticavam.

"Para o judeu familiarizado com o sistema mosaico, as 'várias abluções' (Heb. 9:10) indicadas nas ordenanças tinham significação espiritual.

"Em sua oração Davi implorou a Deus – Lava-me. Sal. 51:7.

"Batismo significa mudança de proprietário.

"Batizado em Cristo, significa tomar-se propriedade de Cristo.

"O batismo significa a renúncia de todos os liames da velha vida de pecado – as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo. II Cor. 5:17.

Batismo significa ligação vital com Cristo. O batismo significa fé em Cristo: 'Quem crer e for batizado. ..' Mar. 16:16.

O batismo significa arrependimento: 'Arrependei-vos e cada um de vós. . . ' 'Arrependei-vos porque é chegado o reino dos céus'."12

Referências:

1. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, vol. 1, págs. 260-264.
2. *O Ministério Adventista*, setembro/outubro de 1963, págs. 16 e 17.
3. Um só Batismo, Uma só Eucaristia e Um só Ministério, Documento da Comissão de "Fé e Ordem", do *Conselho Mundial de Igreja*, págs. 16 e 17.
4. *Luz Sobre o Fenômeno Pentecostal*, pág. 36.
5. Nota da *Lição da Escala Sabatina* do dia 5 de Novembro de 1978.
6. *O Espírito Santo*, Billy Graham, pág. 70.
7. Ver Billy Graham – Opúsculo citado, págs. 72 e 73.
8. *Luz Sobre o Fenômeno Pentecostal*, págs. 26 e 27.
9. *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. VI, pág. 833.
10. *Revista Adventista*, janeiro de 1974, págs. 30 e 31.
11. *Idem*, janeiro de 1961, pág. 37.
12. *O Ministério Adventista*, novembro e dezembro de 1962, pág. 11.

O VINHO NA BÍBLIA

Introdução

A finalidade deste estudo é pesquisar no Livro Santo para saber o que ele tem a nos dizer sobre o uso do vinho.

Se a Bíblia não se pode contradizer em seus ensinamentos, como iremos harmonizar declarações aparentemente contraditórias como estas: o uso do vinho é uma maldição, o uso do vinho é uma bênção. Essa aparente contradição escriturística levou os

editores de *O Novo Dicionário da Bíblia* a afirmarem: "Esses dois aspectos do vinho, seu emprego e seu abuso, seus benefícios e sua aceitação aos olhos de Deus e sua maldição estão entrelaçados na trama do Antigo Testamento de tal modo que o vinho pode alegrar o coração do homem (Sal. 104:15) ou pode fazer a mente errar (Isa. 28:7). O vinho pode ser associado ao regozijo (Ecl. 10:19) ou à ira (Isa. 5:11); pode ser usado para descobrir as vergonhas de Noé (Gên. 9:21) ou, nas mãos de Melquisedeque pode ser usado para honrar a Abraão (Gên. 14:18)."

Se estas duas possibilidades antagônicas provêm do vinho é fácil concluir que a Bíblia apresenta duas espécies distintas de vinho. A primeira espécie seria o vinho não fermentado, o puro suco de uva que pode ser uma bênção. A outra espécie é o vinho fermentado, intoxicante, causador de muitos problemas sociais como discórdia, miséria, destruição da vida, por isso vários escritores bíblicos o condenaram com veemência.

O que diz a Bíblia? O que dizem os exegetas e os comentaristas sobre este problema?

O Vinho no Velho Testamento

Três vocábulos distintos são empregados no Antigo Testamento para designar três espécies de vinho.

1º)      – Gên. 9:21.

É o mais usado, porque aparece nada menos de 140 vezes. Esta palavra é empregada indistintamente sem considerar se o vinho é fermentado ou não.

2º) O segundo vocábulo é Tirôsh, empregado 38 vezes. Ao contrário da palavra anterior, esta indica que o vinho não é fermentado! Algumas vezes é traduzido como vinho novo ou "mosto". Deut. 12:17.

3º)      é a terceira palavra usada. Tem a conotação negativa, normalmente é traduzida por bebida forte. Os escritores do Velho Testamento a empregam 23 vezes. Prov. 31:6 – "Dai bebida forte (                                

que o usam (cap. 20:1), e os recompensa com ais, dores, lutas e feridas sem causa (cap. 23:29, 30). 'No seu fim morderá como uma serpente, e picará como um basilisco' (v. 32). O profeta Isaías declarou: 'Ai dos que do heróis para beber vinho, e valentes para misturar bebida (Isa. 5:22). Daniel e seus compatriotas deram um digno exemplo pela recusa de beber o vinho do rei (Dan. 1:5, 8, 10-16). Ao jejuar posteriormente, Daniel absteve-se de carne e vinho (cap. 10:3)."

Não é possível terminar esta parte do comentário, sem enfatizar mais uma vez: existem no Velho Testamento as mais variadas advertências dos grandes perigos advindos do uso do vinho e bebidas fortes. Dentre estas advertências as que mais se agigantam são as apresentadas por Salomão no livro de Provérbios (20:1; 20, 21 e 30).

Vinho em O Novo Testamento

As referências ao vinho nesta segunda parte da Bíblia são mais escassas do que as encontradas no Velho Testamento.

Os escritores do Novo Testamento também empregaram três vocábulos gregos, que podem ser traduzidos para a nossa língua por vinho: $\square \times \blacksquare \blacklozenge$ - oinos; $\blacklozenge \times \& \mathfrak{M} \square \textcircled{\times}$ - sikera; $\mathfrak{V} \bullet \mathfrak{M} \blacklozenge \bullet \square \blacklozenge$ - gléukos. Destas três a mais usada é **oinos** (aparece 36 vezes), tendo o mesmo sentido de $\star \textcircled{\times} \square \times \blacksquare$ no hebraico, e que na Septuaginta, como já vimos traduz também o hebraico Tirôsh. A palavra sikera aparece apenas uma vez em Luc. 1:15 – "João Batista não bebia vinho (**oinos**) nem bebida forte (**sikera**).". De modo idêntico o vocábulo **gléukos** só foi usado uma vez em Atos 2:13. Outros zombando diziam: "Estão cheios de mosto (**gléukos**)."

O principal problema no estudo do vinho é este: embora a língua grega seja especialista em empregar palavras distintas para idéias diferentes, ela não possui uma palavra para vinho com álcool e outra para vinho sem álcool. O Novo Testamento emprega **oinos** tanto para o vinho fermentado como não fermentado.

O Vinho Usado por Jesus na Última Ceia

Podemos afirmar com certeza que o vinho usado por Jesus nesta ocasião não era fermentado. Esta afirmação é conclusiva da Bíblia pelo seguinte:

Na cerimônia da páscoa não devia haver fermento em nenhum compartimento da casa, desde que este é o símbolo do pecado. Se os pães asmos não continham fermento como o próprio nome indica, é fácil concluir que o vinho também não podia conter fermento. A leitura das seguintes passagens nos levam a esta conclusão: Gên. 19:3; Êxodo 13:6-7; Lev. 23:5-8; Luc. 22:1. Tanto o vinho da ceia como o das bodas em Caná da Galiléia não era fermentado, porque Jesus jamais aceitaria partilhar daquilo que é tão fortemente condenado na Bíblia. Todas as igrejas cristãs tradicionais conservam o costume de usar o vinho sem fermento para simbolizar o sangue de Cristo, oferecido por nós na cruz, para remissão de nossos pecados.

Estudo de Duas Passagens

I. I Tim. 3: 8. – "Não inclinados a muito vinho."

Embora este conselho de Paulo seja difícil de ser explicado, se pensarmos bem sobre ele, e se o pesquisarmos em fontes sadias, concluiremos o seguinte:

O termo grego usado é **oinos**, empregado em O Novo Testamento, como já vimos, para o vinho fermentado e não fermentado. Se Paulo aqui se refere ao vinho fermentado, ele está em contradição com suas próprias declarações quanto ao cuidado do corpo (I Cor. 6:19 e 10: 31) e em oposição à orientação geral da Bíblia no tocante a bebidas intoxicantes (Prov. 20:1; 23:29-32; João 2:9). Como bem pondera o *Comentário Adventista*, se sua referência era ao uso do suco de uva não havia necessidade desta advertência.

Neste conselho Paulo adverte aqueles que exercem liderança dentro da comunidade cristã para não incorrerem neste vício, porque este os incapacitaria para o correto desempenho de sua tarefa.

Estas e outras passagens correlatas seriam bem compreendidas quando se pondera no seguinte: Deus deseja o nosso afastamento das bebidas com álcool, mas o ser humano, muitas vezes, se afasta desta orientação, daí a constante advertência dos mensageiros de Deus para que os seus filhos o evitem.

II. A Problemática Passagem de I Tim. 5:23.

Os defensores da abstinência total têm se preocupado muito com esta passagem. Se o verso de I Tim. 5:23 for analisado no seu contexto ele jamais deverá ser usado para liberar o uso do vinho fermentado.

The Interpreter's Bible, vol. XI, pág. 445 comentando este verso declara:

"Sendo que na ocasião o vinho era considerado como útil na medicina indicado na cura de uma variedade de doenças, a prática da abstinência total significa renúncia ao vinho não apenas como uma bebida, mas também como um remédio. Esta prática é prejudicial, diz o autor: Tendo Timóteo um estômago fraco ou por causa de suas freqüentes enfermidades, ele não devia hesitar em usar um pouco de vinho."

"O verso ilustra muito bem o senso comum, o ponto de vista moderado do autor. Ele não defende nenhum vinho como prazer. A religião é demasiado séria para isto. Mas quando ela chega a recusar remédio, ele traça-lhe um limite."

O *SDABC* apresenta sobre esta passagem os seguintes esclarecimentos:

"Alguns comentaristas crêem que Paulo aqui defende o uso moderado de vinho fermentado para propósito medicinais. Chamam a atenção para o fato de que aquele vinho assim tem sido usado através dos séculos. Outros sustentam que Paulo se refere ao suco de uvas não fermentado, arrazoando que ele não daria conselho inconsistente com o resto das Escrituras, que advertem contra o uso de bebidas intoxicantes (veja Prov. 20: 1; 23: 29-32)." vol. VII, pág. 314.

O estudo da passagem de 1 Tim. 5: 23 nos leva à conclusão de que neste caso Paulo está tratando de um caso isolado e especial – um problema de doença. Em suas demais epístolas ele sempre defendeu total abstinência do vinho, como nos

comprovam Rom. 14:21 – ". . . é bom não beber vinho..." Efésios 5:18 "... Não vos embriagueis com vinho. . ."

Não é justo alguém apoiar-se nesta passagem para defender o uso do vinho com álcool.

Do excelente folheto "Vinho", de autoria de Walter G. Borchers, destacamos estas judiciosas palavras concernentes a este verso:

"Os que querem beber vinho que contém álcool, não obstante a proibição bíblica, no seu desespero lançam mão, por último, de um só texto (eu diria dois, sendo o outro I Tim. 3:8), a saber, I Tim. 5:23. Mas, vamos ao texto. Descobriremos logo que o jovem pregador Timóteo, que conhecia as Sagradas Escrituras desde a sua infância, era um consciencioso e rigoroso abstinente; também, que ele tinha a infelicidade de não andar bem de saúde, tendo estômago fraco e sofrendo freqüentes indisposições; e que S. Paulo lhe aconselhou o uso de um pouco de vinho, como remédio, por causa dessas suas enfermidades.

"Se olhássemos para o texto pelo prisma dos apologistas do vinho, diríamos: parece que S. Paulo, como algumas pessoas de hoje, que não acompanham a ciência moderna, pensava que o uso de 'um pouco de vinho', como remédio, embora fermentado, talvez fizesse bem.

"Notemos, porém, que o termo '**oinos**', usado neste texto, sendo empregado, às vezes, no sentido de vinho doce, não diz com clareza se era vinho novo e doce ou fermentado, o que Timóteo devia usar; mas mesmo que fosse vinho fermentado, existe muita diferença entre o uso de um pouco, no caso de doença, e o beber vinho fermentado de preferência ao novo e doce, sob uma infinidade de pretextos fúteis, desprezando assim a Palavra de Deus, que, no Velho Testamento, proíbe, em 134 textos diferentes, o uso do vinho fermentado, e, no Novo Testamento, coloca na categoria de libertinos, idólatras, maldizentes, adúlteros, ladrões e assassinos, os bebedores de vinho dessa qualidade (I Cor. 6:9 e 10; Gál. 5:19-21; etc., etc.), deixando bem claro que os bêbados não herdarão o reino de Deus." – págs. 9 e 10.

Quais Seriam as Razões Fundamentais Indicadas pela Palavra de Deus para que Seus Filhos se Abstenham de Bebidas Alcoólicas?

Uma resposta segura e abalizada se encontra no artigo O Consumo de Vinho do Ponto de Vista Bíblico de L. E. Froom, de onde extraímos os seguintes passos:

"Transportando agora todos os tipos e figuras, que alguns poderiam minimizar, passamos à plena admoestação de Deus sobre o cuidado e a proteção que devemos dedicar ao nosso corpo, e à razão relativa disso. Descobrimos que de nosso corpo é declarado ser o 'templo de Deus' três vezes e a habitação do Espírito Santo. Não devemos contaminar este templo com bebidas e alimentos proibidos, mas conservá-lo santo, para não sermos destruídos quando todos os maus forem exterminados. Paulo enuncia isto em 1 Coríntios: 'Não sabeis vós que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá'. I Cor. 3:16, 17.

"No sexto capítulo declara que somos 'templos do Espírito Santo', o qual não tem qualquer parentesco com o álcool e a embriaguez. Devemos glorificar a Deus com este corpo que é redimido em virtude do sangue de Cristo: o nosso corpo deve ser cuidado como lugar de habitação de Deus. I Cor. 6:19, 20.

"Enfim, o apóstolo Paulo repete a admoestação divina afirmando que nós somos o templo de Deus vivente, no qual Ele faz morada. Por isso devemos ser separados como o eram os nazireus da antigüidade. Não devemos tocar aquilo que é impuro, mas antes purificar-nos de toda imundícia e aperfeiçoarmo-nos na santidade. Agora e para sempre devemos ser possessão divina, pois é o que Deus espera de nós – Ver II Cor. 6:16-17." – *O Atalaia*, Maio de 1977 págs. 6 e 7.

A sábia orientação divina consiste em advertir-nos, seriamente, para os perigos e as nefastas conseqüências das bebidas. Os apreciadores de vinho não deviam ingeri-lo, justificando este desejo com exemplos bíblicos. Em vez de assim fazê-lo deviam meditar bem que esta fraqueza poderá levá-los à embriaguez, que está arrolada na Bíblia entre as obras da carne, que nos excluem do reino dos céus. (Gál. 5:21; I Cor. 6:10).

As Escrituras o condenam com veemência em muitas passagens, como os versículos 29 e 35 do capítulo 23 de Provérbios, por conseguinte, tocas as bebidas alcoólicas, logo ninguém deve ingeri-las escudado na Palavra de Deus.

Conclusão

Diante da exposição feita a única conclusão a que devemos chegar deve ser esta:

A sábia lição aos sacerdotes no santuário: o edificante exemplo dos nazireus; as ponderadas advertências de Salomão; e a orientação divina no caso de João Batista; as oportunas exortações do apóstolo Paulo com respeito a ser o nosso corpo o templo do Espírito Santo; a moral elevada que deve ser seguida na vida dos verdadeiros cristãos, tudo nos leva a afirmar: a abstinência do vinho ou de qualquer bebida alcoólica é o caminho seguro e o ideal proposto por Deus para os seus filhos em todas as idades e através de todas as épocas.

Conquanto o uso do álcool como bebida não seja condenado per si na Bíblia, os princípios de saúde esboçados nas páginas sagradas e os horríveis exemplos, tais como os de Nabal, dão autenticidade ao conselho dado por Ellen G. White de que "a única atitude segura é não tocar, não provar, não manusear". – *A Ciência do Bom Viver*, pág. 335.

Ela acrescenta que "a total abstinência é a única plataforma sobre que o povo de Deus pode conscienciosamente firmar-se." – *Testimonies*, vol. 7, pág. 75. – Comentário da Lição da Escola Sabatina, 21-5-1983, pág. 120.

DUAS EMBARAÇANTES PASSAGENS RELACIONADAS COM O VINHO

"Esse dinheiro dá-lo-ás por tudo o que deseja a tua alma, por vacas, ou ovelhas, ou vinho, ou bebida forte, ou qualquer coisa que te pedir a tua alma; come-o ali perante o Senhor teu Deus, e te alegrarás, tu e tua casa." Deut. 14:26.

"Dai bebida forte aos que perecem, e vinho aos amargurados de espírito." Prov. 31:6.

Limitar-nos-emos ao que diz o Comentário Adventista e a uma ligeira alusão de Adão Clark.

O que escreveram os teólogos e comentaristas adventistas sobre Deut. 14:26.

"Bebida forte. O vinho e a bebida forte aqui mencionados eram ambos fermentados. Em tempos passados Deus freqüentemente tolerava a grosseira ignorância responsável por práticas que Ele nunca pôde aprovar. Mas finalmente veio o tempo quando, em cada ponto, Deus ordenou a todos os homens que se arrependessem (Atos 17:30). Então aqueles que persistissem em suas práticas, a despeito do conselho e advertência não mais teriam uma desculpa para seu pecado (João 15:22). 'Se eu não viera, nem lhes houvera falado, pecado não teriam; mas agora não têm desculpa do seu pecado.' No seu procedimento anterior eles não tinham pecado e Deus não os considerava totalmente responsáveis, embora suas obras estivessem afastadas do ideal. Sua longanimidade é extensiva a todo aquele que não sabe o que está fazendo (Luc. 23:34). Como Paulo que perseguia a Igreja ignorantemente na incredulidade eles podem obter misericórdia."

Depois de falar que Deus suportou a escravatura e a poligamia, coisas contrárias aos princípios divinos, o *SDABC* assim conclui:

"Assim foi com o 'vinho' e 'bebida forte'. A ninguém era estritamente proibido beber, exceto os engajados em deveres religiosos e talvez também na administração da justiça (Lev. 10:9; Prov. 31:4). Os males do 'vinho' e da 'bebida forte' foram claramente indicados, o povo aconselhado a abster-se deles (Prov. 20:1; 23:29 a 33), e uma maldição pronunciada sobre aqueles que induzissem outros a abusar da bebida (Hab. 2:15). Mas Paulo coloca diante de nós o ideal declarando: 'Portanto, quer comais, quer bebais, ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus.' (I Cor. 10:31), e informa que Deus destruirá aqueles que desonram seus corpos (I Cor. 3:16-17). Coisas intoxicantes destroem o templo de Deus e seu uso não pode ser considerado um meio de O glorificar (I Cor. 6:19-20; 10:31). Paulo abandonou o uso de cada coisa prejudicial ao seu corpo (I Cor. 9:27). Não há desculpa hoje para o argumento de que não há nada intrinsecamente errado no uso de bebidas intoxicantes, baseando-se no fato de que uma vez Deus as permitiu. Como já foi notado, Ele também permitiu uma vez a escravatura e a poligamia. A Bíblia adverte que os bêbados não herdarão o reino de Deus (I Cor. 6:10)."

Sobre Prov. 31:6 este mesmo Comentário tece as seguintes considerações:

"Pronto para perecer. Sem o conhecimento de narcóticos possuído pelos médicos hoje, os antigos tinham freqüentemente apenas várias misturas de bebidas intoxicantes

e preparações de ervas narcóticas com as quais insensibilizavam as dores de doenças fatais. Àqueles que eram crucificados, no tempo de Cristo, ofereciam-lhes uma mistura de vinagre e fel. Nosso Senhor recusou beber aquela mistura. Ele desejava uma mente clara para resistir à tentação de Satanás e conservar forte Sua fé em Deus."

Adão Clark apresenta esta mesma idéia sobre Provérbios 31:6, apenas usando vocabulário diferente:

"Dai bebida forte para aquele que está morrendo. Já temos visto que bebidas embriagantes eram misericordiosamente dadas aos criminosos condenados, para torná-los menos sensíveis às torturas que enfrentariam na morte. Isto é o que foi oferecido a nosso Senhor, mas Ele recusou."

Do matutino paulista "O Estado de São Paulo" de 22-1-1984, retirei a seguinte nota:

"A História nos científica que no tempo de Napoleão a pobreza da farmácia não oferecia muitas possibilidades de aliviar os sofrimentos dos feridos. Não lhes era oferecida senão uma esponja embebida em suco de ópio para sugar."

Introdução

Dois grandes mistérios têm preocupado o homem através dos séculos:

1º) A origem do ser humano.

2º) O que acontece ao homem após a morte.

A explicação para estes dois problemas se encontra na revelada Palavra de Deus e não em cogitações filosóficas dos homens.

O profeta Isaías declara (8:20): "À lei e ao testemunho: se eles não falarem segundo esta palavra é porque não têm iluminação." – (Tradução Trinitariana).

Ensina a Bíblia que os ímpios não ficarão sem castigo Prov. 11:21. Porém, este castigo, que no sentido escatológico bíblico é chamado a ira de Deus é sempre justo e temperado com misericórdia: Salmo 101:1; 118:1-4.

Muitas pessoas têm duvidado da existência de Deus, quando ouvem o ensino errôneo de que a Bíblia ensina que Deus criou um lugar de tortura eterna para castigo dos maus.

Queremos com esta pesquisa esclarecer nossos estudantes para estes dois aspectos:

1º) Quais as palavras hebraicas e gregas que foram impropriamente traduzidas por inferno.

2º) Que significavam no original e as dificuldades em bem traduzi-las.

Comentários Gerais

A doutrina de um inferno para tormento eterno é de origem pagã, foi aceita pela igreja dominante, nos séculos escuros da Idade Média, para intimidar os pagãos a aceitar as crenças católicas.

O que levou o jovem Lutero para dentro do convento, a fim de tornar-se sacerdote foi o medo do inferno. Pensava ele que aderindo às crenças e práticas da Igreja Católica Romana, encontraria o único meio de escapar à morte eterna.

Na mitologia greco-romana o inferno era o reino de Plutão.

A idéia de um lugar debaixo da Terra para tormento dos maus nasceu da mitologia romana (basta ler a Eneida de Virgílio para nos cientificarmos desta realidade), daí a origem da palavra inferno – do latim **inferi**, inferior, que vai para baixo.

Esta palavra normalmente foi usada pelos tradutores para expressar o sentido do termo hebraico "𐤁𐤍𐤔𐤁𐤀" e dos gregos "**Hades**", "**Geena**" e "**Tártaro**".

Sheol

Este vocábulo aparece 62 vezes no Velho Testamento.

𐤁𐤍𐤔𐤁𐤀 era o lugar para onde iam os mortos, por isso é sinônimo de sepultura, ou lugar de silêncio dos mortos.

♠⌘□● nunca teve em hebraico a idéia de lugar de suplício para os mortos.

Sendo difícil traduzi-los porque nenhuma palavra em português dá exata idéia do significado original, o melhor é mantê-la transliterada como fazem muitas traduções. A tradução brasileira não a traduz nenhuma vez.

Experimente traduzir ♠⌘□● por inferno nestas duas passagens: Gên. 42:38 e Jonas 2:1-2.

Hades

É usada apenas 10 vezes no Novo Testamento, Mat. 11:23; 16:18; Luc. 16:23; Atos 2:27, 31; Apoc. 1:18; 6:8; 20:13, 14 (I Cor. 15:55).

Sobre o emprego desta palavra em 1 Cor. 15:56, Edilson Valiente numa Monografia sobre a palavra Hades, pág. 27 (1978), declarou:

"A passagem de Paulo de 1 Cor. 15:56 apresenta um problema de crítica textual. Na leitura feita na Septuaginta, encontramos também neste verso a palavra hades, no vocativo. As traduções mais antigas da Bíblia, antes das descobertas do século XIX para cá, traziam a palavra 'inferno' como sendo a tradução de hades.

"Com estudos feitos na área da crítica textual, valendo-se das importantíssimas descobertas de Tishendorf, verificou-se que a palavra usada não era hades, mas a palavra *yanate* (morte). Este estudo foi baseado nos mais fidedignos MSS descobertos até hoje.

"Com tudo isto ficou claro que Paulo não usou nem uma vez o termo hades em seus escritos, provavelmente para não confundir com os conceitos deturpados do hades que existiam em sua época. Outra razão é dada por Edwards, dizendo que Paulo, escrevendo em grego, procurava fugir do mau agouro que acompanhava a palavra e causava terror ao povo; cita Platão para reafirmar sua idéia: 'O povo em geral usa a palavra Pluto como eufemismo de hades, com seus temores de levá-los para as partes errôneas do invisível'. É certo, também que Paulo não usou nenhuma vez a expressão Pluto, mas subentendendo o conceitualismo bíblico, em Rom. 10:7 usa o termo abismo."

O Edilson concluiu suas ponderações declarando:

Além de todas estas razões, Nichol, em seu *Answers to Objections* diz:

"Nós concluimos que também em I Cor. 15:55, onde a palavra sepultura é uma tradução de hades, e descreve que sobre o tal os justos serão finalmente vitoriosos na ressurreição. Incidentalmente, 1 Cor. 15:55 é uma citação do Velho Testamento (Oséias 13:14), onde encontramos a palavra ♠⌘□● aplicada." – F. Nichol. *Answers to Objections*, pág. 366.

Nas melhores traduções da Bíblia, inclusive na Versão de Almeida Revista e Atualizada, o termo inferno já foi substituído por morte.

A palavra "Hades no Novo Testamento corresponde exatamente à palavra "♠⌘□●" do Velho Testamento. No Salmo 16:10 Davi disse: "Pois não deixarás a

minha alma no $\heartsuit \heartsuit \heartsuit \heartsuit \heartsuit$." Pedro usando esta passagem profética do Velho Testamento afirmou em Atos 2:27: "Porque não deixarás a minha alma no hades."

Outra prova da sua exata correspondência se encontra na tradução da Septuaginta, pois das 62 vezes que $\heartsuit \heartsuit \heartsuit \heartsuit \heartsuit$ é usada no Velho Testamento, 61 vezes ela foi traduzida por hades.

Origem da Palavra Hades

Provém do prefixo $\heartsuit$ – **alfa** grego com a idéia de negação, privação e do verbo $\heartsuit \heartsuit \heartsuit \heartsuit$ – **idein** = ver, significando então: o que não é visto, lugar de onde não se vê, por isso é sinônimo de sepultura, habitação dos mortos. Os dicionários e comentários confirmam este significado.

1º) Arndt and Gingrich: "Hades (originalmente nome próprio, nome do deus do subterrâneo) o subterrâneo, como lugar da morte."

2º) Liddell and Scott : "Hades – o não mundo, lugar de descanso dos mortos."

3º) Vincent: "É o lugar em que todos os que partem desta vida descem, sem referência a seu caráter moral."

4º) Moulton and Milligan, *The Vocabulary of the Greek Testament* : "Hades é o submundo, a sepultura."

Os gregos dividiam o Hades em duas partes, (posteriormente falavam até em quatro) o **Elysium** – a habitação dos vitoriosos e o **Tártarus** – a habitação dos ímpios.

O Pseudo-epígrafe de Enoque divide o Hades em quatro partes distintas:

1ª) Ocupada pelos santos mártires.

2ª) Lugar onde se encontravam os justos em geral.

3ª) Ímpios que não foram suficientemente punidos na vida.

4ª) Dos pecadores que sofreram uma morte violenta.

Esta idéia de divisões e subdivisões do hades é totalmente pagã sem nenhum apoio bíblico.

Hades traz-nos também a idéia não apenas de um local, mas como um estado intermediário entre a morte e a ressurreição.

$\heartsuit \heartsuit \heartsuit \heartsuit \heartsuit$ e Hades significam a condição dos mortos.

Geena

Palavra hebraica transliterada para o grego geena, que se encontra nas seguintes 12 passagens: Mat. 5:22, 29, 30; 10:28; 18:9; 23:15, 33; Mar. 9:43, 45, 47; Luc. 12:5; Tiago 3:6.

Geena vem do vocábulo hebraico $\heartsuit \heartsuit \heartsuit \heartsuit \heartsuit$ ou $\heartsuit \heartsuit \heartsuit \heartsuit \heartsuit$ – Vale de $\heartsuit \heartsuit \heartsuit \heartsuit \heartsuit$ ou Vale do filho de $\heartsuit \heartsuit \heartsuit \heartsuit \heartsuit$. Neste vale havia uma elevação denominada $\heartsuit \heartsuit \heartsuit \heartsuit \heartsuit$, onde ímpios queimavam seus próprios filhos.

Este vale se situava a sudeste de Jerusalém; neste local, antes da conquista de Canaã pelos filhos de Israel, cananitas ofereciam sacrifícios humanos ao deus $\heartsuit \heartsuit \heartsuit \heartsuit \heartsuit$. Posteriormente, judeus apostatados continuaram com esta prática

nefanda e abominável, como nos relata II Crônicas 28:3. "Também queimou incenso no vale de $\text{☿} \text{■} \text{□} \text{○}$, e queimou a seus próprios filhos no fogo, segundo as abominações dos gentios que o Senhor lançara fora de diante dos filhos de Israel."

Esta é uma referência ao ímpio rei Acáz, como também nos mostra II Reis 16:3.

"Porque andou no caminho dos reis de Israel, e até queimou a seu filho como sacrifício. . ."

Que esta prática existia fora dos arraiais dos israelitas é evidente da leitura de alguns textos bíblicos como Lev. 18:21 e Deut. 18:10, onde Deus adverte os seus filhos a não dedicarem seus descendentes a $\text{☿} \text{■} \text{□} \text{●} \text{□} \text{□} \text{◆} \text{♂}$.

Manassés, neto do rei Acáz, restaurou esta prática execrável – II Crôn. 33:1; Jer. 32:35.

Alguns anos mais tarde, o bom rei Josias exterminou os sacrifícios humanos, derribando totalmente as elevações do vale de $\text{☿} \text{■} \text{□} \text{○}$ ou o $\text{☿} \text{■} \text{□} \text{♂} \text{♂} \text{◆} \text{♂}$, como está relatado em II Reis 23:10.

Em conseqüências destas transgressões Deus advertiu o seu povo de que o Vale de $\text{☿} \text{■} \text{□} \text{○}$ se tornaria um dia "o vale da matança" por causa dos cadáveres deste povo: Jer. 7:32, 33; 19:6, confira Isa. 30:33.

Terminados os sacrifícios humanos, este local ficou reservado para depósito do lixo proveniente da cidade de Jerusalém. Juntamente com o lixo vinham cadáveres de mendigos encontrados mortos na rua ou de criminosos e ladrões mortos quando cometiam o delito. Estes corpos, às vezes, eram atirados onde não havia fogo, aparecendo os vermes que lhes devoravam as entranhas num espetáculo dantesco e aterrador. É a este quadro que Isaías se refere no capítulo 66, verso 24.

Por estas circunstâncias, este vale se tornou desprezível e amaldiçoado pelos judeus e símbolo do terror, da abominação e do asco e mencionado por Jesus com estas características. Ser atirado à Geena após a morte, era sinônimo de desprezo ao morto, abandonado pelos familiares, não merecendo ao menos uma cova rasa, estando condenado à destruição eterna do fogo.

O vale de $\text{☿} \text{■} \text{□} \text{○}$ era um crematório das sujidades da cidade de Jerusalém. O fogo ardia constantemente neste sitio e com o objetivo de avivar as chamas e tornar mais eficaz a sua força lançavam ali enxofre. Devido a estas circunstâncias, Jesus com muita propriedade usou este vale para ilustrar o que seria no fim do mundo a destruição dos ímpios, sendo queimados na geena universal.

Os rabis mais primitivos baseiam a idéia de ser a Geena um tipo do fogo do último dia da passagem bíblica de Isaías 31:9.

Tártaro

A palavra grega "tártaro" ocorre somente uma vez no Novo Testamento. Encontra-se em II Pedro 2:4 e diz o seguinte:

"Ora, se Deus não poupou a anjos quando pecaram, antes precipitando-os no inferno (**tártaro** no original) os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo."

A palavra tártaro, usada por Pedro se assemelha muito à palavra "**Tartarus**", usada na mitologia grega, com nome de um escuro abismo ou prisão; porém, a palavra tártaro, parece referir-se melhor a um ato do que a um lugar. A queda dos anjos que pecaram foi do posto de honra e dignidade à desonra e condenação; portanto a idéia parece ser: Deus não poupou aos anjos que pecaram, mas os rebaixou e os entregou a cadeias de trevas. Não existe nenhuma idéia de fogo ou tormento nesta palavra, ela simplesmente declara que estes anjos estão reservados para um julgamento futuro.

Conclusão

Os problemas relacionados com a palavra inferno se desfazem como bolhas de sabão, quando conhecemos bem o significado etimológico dos termos ♦𐤀𐤓𐤌𐤃, **hades**, **geena** e **tártaro**, que jamais poderiam ser traduzidos pela nossa palavra inferno por ter uma conotação totalmente diferente do que é expresso por aqueles vocábulos.

A palavra inferno foi usada pelos tradutores por influências pagãs e por preconceitos enraizados na mente de muitos, mas totalmente estranhos ao texto sagrado.

De acordo com a Bíblia todos os que morrem, quer sejam bons, quer sejam maus descem á sepultura, ao lugar do esquecimento e ali esperam até o dia da ressurreição quando então receberão a recompensa. Apoc. 22:14.

Muitas das traduções modernas da Bíblia, mais fiéis aos originais hebraico e grego, preferem manter estas palavras transliteradas, por expressarem melhor o que elas significam.

As palavras ♦𐤀𐤓𐤌𐤃 em hebraico e **hades** em grego eram usadas para sepultura, não trazendo nenhum sentido de sofrimento e castigo eterno.

Geena apenas figurativamente foi usada por Jesus como um símbolo das chamas destruidoras dos últimos dias por causa do envolvimento da palavra nos acontecimentos anteriormente descritos.

O ARREPENDIMENTO DE DEUS E DO HOMEM

Introdução

O leitor da Bíblia ao chegar a passagens como Gênesis 6:6; I Samuel 15:11 e Jonas 3:10 que declaram que Deus se arrependeu e posteriormente confrontá-las com Números 23:19; I Samuel 15:29; Salmo 110:4 e Hebreus 6:17 que afirmam ser impossível que Deus se arrependa, pensará que existe grande contradição na Palavra de Deus quanto ao arrependimento divino.

Com a finalidade de dissipar dúvidas sobre a veracidade da palavra inspirada e para que declarações aparentemente conflitantes sejam esclarecidas esta monografia foi preparada. Para que este objetivo seja alcançado é necessário pesquisar diretamente nas línguas originais em que o Velho e o Novo Testamento foram escritos, porque estas nos fornecem elementos convincentes.

O Que é Arrependimento?

Afirmou Billy Graham que se o vocábulo arrependimento pudesse ser descrito com uma palavra, ele usaria o vocábulo renúncia. E esta renúncia seria o pecado.

O primeiro sermão pregado por Jesus foi: "Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus."

Devemos a salvação unicamente à graça de Deus, mas a fim de que o sacrifício de Cristo na cruz do Calvário se torne eficaz ao crente, é preciso que ele se arrependa do pecado e aceite a Cristo através da fé.

O arrependimento é mencionado 70 vezes no Novo Testamento. Jesus disse: "... se, porém não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis."

Que significaria a palavra arrependimento para Jesus?

Qualquer um de nossos dicionários a definirá como "sentir tristeza, ou lamentar." Porém, a palavra no original hebraico e grego tem uma conotação muito mais ampla por significar mais do que lamentar e sentir tristeza pelo pecado.

Arrependimento na Bíblia significa "mudar ou voltar-se". A Palavra indica que deve haver uma completa mudança no indivíduo.

Pedro mostrou com seu arrependimento que estava disposto a transformar sua vida, a seguir uma nova direção. De outro lado, Judas entristeceu-se, sentiu remorso, mas não se arrependeu.

De acordo com o *Dicionário da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, "arrependimento é sinônimo de compunção, contrição. Insatisfação causada por violação da lei ou de conduta moral e que resulta na livre aceitação do castigo e na disposição de evitar futuras violações."

Como um termo teológico é o ato de abandonar o pecado, aceitando a graciosa dádiva da salvação de Deus, entrando para o companheirismo com Ele.

Arrependimento evangélico tem sido definido como mudança de pensamento, que leva a novo modo de agir. Em outras palavras, é a revolta consciente e definitiva do homem contra seu próprio pecado.

Arrependimento significa tornar-se outra pessoa. "Se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de medo algum entrareis no reino dos céus". Mateus 18:3.

Russell Norman Champlin assim define arrependimento:

1º) "É um ato divino que transforma o homem, mas que depende de reação positiva do homem, uma vez inspirada pela fé."

2º) "É o começo do processo da santificação."¹

"Consiste de uma revolução naquilo que é mais determinativo na personalidade humana, sendo o reflexo, na consciência, da radical mudança operada pelo Espírito Santo por ocasião da regeneração."²

Arrependimento no Velho Testamento

No hebraico são encontrados dois vocábulos para expressar a idéia de arrependimento.

1.    –                                     . É o arrependimento de Deus e corresponde ao grego **metamélomai**. As seguintes passagens bíblicas confirmam a sua existência. Gênesis 6: 6 e 7; Êxodo 32: 14; Jonas 3:9 e 10.

Deus é imutável em seu ser, na sua perfeição e em seus propósitos. O arrependimento divino não traz mudança do seu ser, do seu caráter, mas apenas mudança em sua maneira de tratar com os homens. O arrependimento de Deus é uma referência à alteração que se realiza na sua relação para com o homem. O exemplo dos ninivitas nos ajuda a compreender o arrependimento de Deus. A cidade não foi destruída porque o povo se arrependeu de suas más obras. Deus mudou o seu

tratamento devido à mudança operada no povo. O arrependimento de Deus (𐤀𐤃𐤍𐤃𐤐) foi uma consequência do arrependimento do povo (𐤏𐤍𐤁𐤏𐤃𐤐).

Na *International Standard Bible Encyclopaedia*, vol. IV, pág. 2.558 se encontra a seguinte explicação:

"A palavra hebraica 𐤀𐤃𐤍𐤃𐤐 é um termo onomatopaico, que significa dificuldade em respirar, como gemer, suspirar, e também lamentar, magoar-se, compadecer-se e, quando a emoção é produzida pelo desejo do bem dos outros, chega a significar compaixão e simpatia; quando, porém, se refere ao próprio caráter e atos, significa lastimar, arrepender-se. A fim de adaptar a linguagem à nossa compreensão, Deus é representado como alguém que se arrepende, quando retarda as penalidades que tem de aplicar ou quando o mal a sobrevir é desviado por ter havido uma reforma genuína (Gênesis 6:6; Jonas 3:10)."

II. 𐤀𐤃𐤍𐤃𐤐 – 𐤏𐤍𐤁𐤏𐤃𐤐 – arrependimento do homem.

Este vocábulo hebraico corresponde ao grego **metanoéo**.

A palavra significa girar, voltar ou retornar, e é aplicada quando a pessoa deixa o pecado e se volta para Deus de todo o coração.

Se pecado etimologicamente significa falhar em atingir o alvo, desviar-se do caminho certo; arrepender-se é retornar ao caminho correto ou total retorno da pessoa a Deus.

Arrependimento em o Novo Testamento

Assim como há no hebraico duas palavras, uma para expressar o arrependimento divino e outra o humano, existem também em grego duas diferentes palavras para transmitir estes dois tipos de arrependimento.

I. O verbo usado em grego para o arrependimento de Deus é 𐤀𐤃𐤍𐤃𐤐 – metamélomai.

Metamélomai pode ser traduzido por pesar, sentir tristeza, remorso, mudança de sentimento. Ter cuidado ou preocupação por alguém ou alguma coisa. Etimologicamente significa mudar uma preocupação por outra.

Possuindo Deus caráter e atributos imutáveis Ele é perfeito, logo não pode mudar nem para melhor nem para pior. No entanto, a imutabilidade divina não consiste em agir sempre da mesma maneira. Há casos e circunstâncias que podem ser alterados.

Strong nos esclarece sobre a imutabilidade de Deus:

"Deus, embora imutável, não é imóvel. Se Ele, coerentemente, segue um curso de ação segundo a justiça, Sua atitude precisa ser adaptada á toda mudança moral nos homens. A imutável santidade de Deus requer que Ele trate os ímpios diferentemente dos justos.

"Quando os justos se tornam ímpios, seu tratamento a respeito destes deve mudar. O sol não é volúvel ou parcial porque derrete a cera, enquanto endurece o barro; a mudança não está no sol, mas nos objetos sobre os quais brilha. A mudança no

tratamento de Deus para com os homens é descrita antropomorficamente como se ocorressem mudanças no próprio Deus."³

II.  – metanoéo é o verbo usado em grego para o arrependimento do homem.

Dicionários e comentários nos informam que significa:

- a) Uma mudança de mente, de pensamento
- b) Literalmente significa pensar diferentemente.
- c) Teologicamente a palavra inclui não somente mudança da mente, mas uma nova direção da vontade, propósito e atitudes.

O verbo **metanoéo** é usado em o Novo Testamento 32 vezes.

O arrependimento inclui três aspectos:

1º) O aspecto intelectual, ou seja, o reconhecimento, pelo homem, do erro de sua vida, sua culpa diante de Deus, sua incapacidade para, em suas próprias forças agradar a Deus. Sendo o homem um ser intelectual, Deus somente se agrada em ser adorado por meio de um processo racional.

2º) O aspecto emocional – tristeza pelo seu pecado como uma ofensa contra um Deus santo e justo. Os sentimentos não são equivalentes ao arrependimento, mas podem conduzir a um verdadeiro arrependimento, porque o verdadeiro arrependimento não pode provir de um coração frio ou indiferente.

3º) O aspecto da vontade ou volitivo – mudança de propósito, resolução íntima contra o pecado e disposição para buscar de Deus o perdão, purificação e poder. Este é o mais importante dos elementos, pois Deus pode apelar à pessoa para se converter, chamá-la ao arrependimento, mas como Deus dotou o homem com o livre arbítrio, somente este pode ou não aceitar o perdão divino; somente o próprio homem pode escolher arrepender-se ou não.

Apesar das ponderações anteriores, o arrependimento, no mais profundo sentido está além das forças ou do poder humano. Ellen G. White declara: "O arrependimento, bem como o perdão, são dons de Deus por meio de Cristo."⁴

É importante compreender (como insiste Morris Venden, o autor de *Meditações Matinais*, 1981, nos dias 22 a 31 de maio) esta verdade fundamental. Não podemos primeiro arrepender-nos para depois ir a Cristo. Devemos ir a Ele como estamos e Ele irá transformar a nossa vida.

Paulo em Romanos 2:4 nos asseverou com muita objetividade que é a bondade de Deus que nos conduz ao arrependimento.

O arrependimento é um passo decisivo na vida do cristão, desde que a Bíblia no-lo apresenta como uma das condições para a salvação. As seguintes citações bíblicas corroboram para esta afirmação:

Mat. 3:1 e 2 – "Naqueles dias apareceu João Batista, pregando no deserto da Judéia, e dizia: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus."

Mat. 4:17 – "Daí por diante passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus."

Luc. 13:3 – "... Se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis."

A Pena abalizada de Ellen G. White confirma a nítida distinção entre o arrependimento divino e humano.

"O arrependimento de Deus não é como o do homem. 'Aquele que é a Força de Israel não mente nem se arrepende; porquanto não é um homem para que se arrependa.' I Samuel 15:22. O arrependimento de Deus implica uma mudança de circunstâncias e relações. O homem pode mudar sua relação para com Deus, conformando-se com as condições sob as quais pode ser levado ao favor divino; ou pode pela sua própria ação, colocar-se fora da condição favorável, mas o Senhor é o mesmo, ontem, hoje e eternamente. Heb. 13:8."⁵

"O arrependimento quando referente a Deus significa uma mudança de atitude, ou um voltar atrás. Nesse sentido é que a expressão é usada em I Sam. 18:8. Deus não modifica seu propósito, porém o homem, sendo um agente moral livre, pode modificar a realização do propósito divino. O relato de Jonas sobre a destruição de Nínive nos mostra que houve uma mudança de atitude com relação a Deus, e Ele também mudou Seu procedimento, isto é, arrependeu-se do mal de que lhes ameaçara."⁶

Dois Exemplos Distintos de Arrependimento Encontrados na Bíblia

1º) O arrependimento de Pedro.

Após a negação do Mestre, quando o olhar compassivo e perdoador de Cristo lhe penetrou na alma, ele se rendeu à influência benfazeja do amor. Lucas 22:62 afirma que ele chorou amargamente. Esta é a tristeza que opera o arrependimento que conduz à salvação – II Cor. 7:9-10. O arrependimento de Pedro foi o **metanoéo** que modificou toda a sua vida. Ele estava triste por causa do seu pecado. Sua trágica queda por ocasião do julgamento de Cristo, seguida de seu arrependimento e subsequente reabilitação, aparece como sendo o ponto de conversão de sua vida e caráter. Daí por diante, e com uma única exceção (Gál. 2:11-13), ele nos é apresentado como nobre apóstolo, com dignidade, coragem, prudência e firmeza de propósito.

2º) O arrependimento de Judas.

Em Mateus 27:3 se encontra o verbo **metamelomai**, que em algumas traduções aparece traduzido por arrepender-se, mas o seu arrependimento foi somente no sentido de tristeza ou remorso pelo seu pecado, e não no sentido de mudança de vida, de abandono do pecado. Essa tristeza segundo o mundo é a que opera a morte (II Cor. 7:10).

Judas não sentiu profundo pesar por haver traído a Cristo, mas tristeza por perceber que seus planos falharam.

O verbo **metamelomai** foi usado porque o seu arrependimento foi apenas mera tristeza, desespero, sem nenhuma mudança da mente (**metanoéo**).

Cristo sabia que o traidor não se arrependera verdadeiramente.

A pena inspirada confirma esta declaração:

"Até dar esse passa Judas não passara os limites da possibilidade de arrependimento. Mas quando saiu da presença de seu Senhor e de seus discípulos, fora tomada a decisão final. Ultrapassara os termos."⁷

Conclusão

A idéia principal na afirmação de que Deus se arrependeu, nada tem a ver com falhas e pecados como acontece com o homem, mas apenas a sua mágoa com o mau procedimento humano e o seu desejo de sustar o curso do mal.

Rendamos sempre graças a Deus porque no seu infinito amor ele se entristece com o nosso pecado e muda o seu tratamento, quando nos arrependemos de nossas obras más.

Deus é imutável, mas a mutabilidade humana faz com que ele mude o seu trato para conosco.

Referências

1. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, vol. III, pág. 68.
2. *O Novo Dicionário da Bíblia*, vol. 1, pág. 141.
3. *A Teologia Sistemática de Strong*, pág. 124.
4. *Testemunhos Seletos*, de Ellen G. White, vol. II, pág. 94.
5. *Patriarcas e Profetas*, de Ellen G. White, pág. 630.
6. *SDA Bible Dictionary*
7. *O Desejado de Todas as Nações*, de Ellen G. White, págs. 654 e 655.

PEDRO E A PEDRA ESTUDO EXEGÉTICO DE S. MATEUS 16:15-19

São Mateus 16:18 tem sido considerado como o texto mais controvertido do Novo Testamento. Nenhum outro tem suscitado tantos problemas e levantado tantos debates.

A Igreja Católica Romana tem pregado através dos séculos, que Cristo nomeou São Pedro chefe dos Apóstolos, primaz de seus colegas, superior hierárquico da ordem clerical, papa da Cristandade.

Se perguntarmos: Mas, onde estão no Novo Testamento os títulos dessa nomeação e dessa transmissão hereditária, três passagens serão citadas:

- 1) São Mateus 16:18-19.
- 2) São Lucas 12:31, 32.
- 3) São João 21:15-17.

Dos três passos citados o único importante para a defesa católica é o de Mateus 16:18, 19. Apelando ainda para a tradição, a igreja de Roma pretende provar estas quatro coisas:

- 1) Pedro é a pedra fundamental do texto de Mateus.
- 2) Pedro foi o superior hierárquico dos Apóstolos.

3) Pedro estabeleceu em Roma a sede de seu episcopado.

4) Ele instituiu os bispos de Roma seus herdeiros.

Os líderes católicos romanos chamam de "Primado de Pedro" esta distinção e primazia sobre os demais apóstolos.

A dificuldade exegética de Mat. 16:18, 19 encontra-se na interpretação correta de duas metáforas – pedra e chaves.

Quem é a pedra? O que são as chaves?

Identificação da Pedra

A leitura atenta do contexto é útil para uma melhor compreensão do assunto.

Jesus caminhando para Cesaréia de Filipe pergunta aos discípulos: "Quem diz o povo ser o Filho do homem?" Mat. 16:13.

Após várias respostas interroga diretamente os discípulos: "Mas vós quem dizeis que eu sou?". A resposta de Pedro é imediata e firme: "Tu és o Cristo, e Filho do Deus vivo". Mat. 16:15-16.

A Igreja Católica Romana ensina que como recompensa a esta confissão. . .

1) Cristo lhe mudou o nome, indicando a posição que ocuparia daí por diante.

2) Edificou a Sua Igreja sobre Pedro.

Cristo não mudou o nome neste momento, mas apenas confirmou o sobrenome que lhe atribuíra no dia do seu chamado. S. João 1:41, 42; S. Lucas 6:14.

Três principais e diferentes interpretações têm sido dadas para identificar a pedra sobre quem Cristo edificou a Sua Igreja:

1ª) A pedra é Cristo.

2ª) A pedra sobre a qual a igreja está edificada é Pedro.

3ª) A pedra é a confissão que Pedro fizera sobre Cristo.

Pais da Igreja, Teólogos e Comentaristas têm lutado com mais ou menos ardor em defesa de cada uma destas alternativas. Antes de discutirmos sobre quem a Igreja foi construída seria bom lembrar estes princípios hermenêuticos:

Deixe a Bíblia interpretar a própria Bíblia, pois como disse Irineu: "Se há passagens obscuras, estas se explicam pelas que são mais claras, de tal sorte que a Escritura se explica pela própria Escritura"

Orígenes apresenta mais ou menos a mesma idéia através das seguintes palavras: o texto deve ser interpretado através do conjunto das Escrituras e nunca através de textos isolados.

A Pedra é Cristo

Teólogos protestantes sempre foram ardorosos defensores da Igreja construída sobre Cristo.

Jerônimo, Agostinho e Ambrósio aplicam a pedra tanto a Pedro como a Cristo. Eis as palavras que aparecem no fim do Evangelho de S. Mateus, tradução da Bíblia do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, edição de 1857, de Lisboa, pág. 95:

"Santo Agostinho no tratado CXXIV sobre S. João entende por esta pedra não a Pedro, mas a Cristo, em quanto confessado Deus por Pedro, como se Cristo dissera: Tu és Pedro, denominado assim da pedra, que confessaste, que sou eu, sobre a qual edificarei a minha igreja".

Estas palavras do maior teólogo católica romano por serem muito claras dispensam comentários.

É do nosso conhecimento que o termo "pedra ou rocha" foi usado no Velho Testamento para Deus. Salmo 18:2 – "O Senhor é a minha rocha"; Deut. 32: 4 – "Eis a Rocha! Suas obras são perfeitas."

O Messias é descrito em Isaías 28:16 como "uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada".

O Novo Testamento apresenta a Cristo como o fundamento da igreja: 1 Cor. 10:4; Atos 4:12; Rom. 9:33; 1 Cor. 3:11; Efés. 2:20; I Pedro 2:4, 5; Mat. 21:42-44.

A estrutura da fé cristã tem resistido, e irá resistir até o fim, porque é construída sobre um alicerce firme – o próprio Jesus Cristo.

Argumento Baseado na Diferença Entre Pétros e Pétra

O Folheto Nº 44, da Série V.A. pontifica: "O Evangelho de S. Mateus foi escrito originalmente em aramaico".

Há uma forte corrente baseada em algumas citações de Pais da Igreja, como uma de Irineu, apresentada por Eusébio (História da Igreja, vol. 8) que diz:

"Mateus escreveu seu Evangelho entre hebreus, em sua própria linguagem, enquanto Pedro e Paulo estavam pregando e fundando a igreja em Roma, sendo depois traduzido para o grego".

Na base desta citação e de outras congêneres alguns concluem que o Evangelho de Mateus foi primitivamente escrito em aramaico. Se escreveu em aramaico a distinção entre **Pétros e Pétra** não podia existir.

Outros ainda acrescentam: Cristo falava o aramaico, não o grego, não fazendo também esta distinção. Se Cristo não a fez por falar em aramaico, por que Mateus ao relatá-las em grego não poderia fazer inspirado pelo Espírito Santo?

Suposições de alguns Pais da Igreja, reforçadas por um ou outro teólogo moderno, não nos devem levar à conclusão definitiva de Mateus ter sido escrito em aramaico.

É preferível ficar com as declarações do *Comentário Adventista*, vol. V, pág. 272:

- 1) O texto grego de Mateus não revela as características de uma obra traduzida.
- 2) A uniformidade de linguagem e estilo nos conduzem à distinta impressão de que o livro foi escrito em grego.

Dicionários e Comentários nos comprovam que Pedro, em grego "**Pétros**" significa um fragmento de pedra, pedra movediça, lasca da rocha; enquanto pedra, no grego "**Pétra**" significa rocha, massa sólida de pedra.

Alguns comentaristas asseveram que o Espírito Santo orientou o apóstolo, ao redigir esta passagem para empregar duas palavras, em grego, para evitar a idéia de que Pedro fosse a pedra.

Desta sucinta explicação se conclui que **Pétros** não é um símbolo apropriado para um fundamento, um edifício, mas que **Pétros** – rocha – é um símbolo muito próprio para o fundamento estável e permanente da Igreja.

Na *Ilíada*, VI, 270, Ajax está atirando uma Pedra (**Pétros**) em Heitor, mas na *Odisséia*, IX, 243, há o relato de uma Pedra (**Pétra**) colocada na Porta de uma caverna, inamovível pelo seu tamanho descomunal.

Afirmam alguns que esta distinção do Grego Clássico não mais existira na (**Koinê**) do Novo Testamento, porque o povo comum destrói sutis distinções gramaticais.

Moulton afirma que em Mateus 16:18 Cristo usou a forma **Pétros**, masculina, para Pedro, porque não era próprio aplicara um homem um nome feminino.

A Igreja Construída Sobre Pedro

Esta tese é sustentada pela maioria dos comentadores católicos.

Vincent, comentando Mateus 16:18 defende a idéia de que a Igreja foi construída sobre Pedro, desde que Cristo nesta passagem aparece não como a fundação, mas como o arquiteto.

Outros apresentam o seguinte argumento: a conjunção coordenativa "e", em grego "**kai**" liga orações que têm o mesmo valor, por isso se Cristo visasse estabelecer um contraste entre ele e Pedro teria empregado a conjunção "**allá**" = mas. Este argumento não é seguro porque "**kai**" tem em grego também o significado de "mas". Ver Arndt and Gingrich, página 393 e Robertson, página 1181.

A igreja católica se baseia num texto isolado sem levar em consideração o consenso de todo o ensino bíblico a respeito, isto é, sem considerar os dois princípios hermenêuticos (de Irineu e Orígenes) já citados anteriormente.

Cotejando vários textos das Escrituras chega-se à conclusão iniludível de que a Bíblia ensina que Cristo é a Pedra e não Pedro.

O próprio Pedro, através de suas enfáticas declarações, se encarregou de dirimir todas as dúvidas neste sentido. I S. Pedro 2:4-8.

Paulo, outro grande baluarte do cristianismo, apresenta em seus escritos declarações insofismáveis de que Cristo é a Pedra. I Cor. 3:10-11; 10:4; Efés. 2:19-22.

Provas Bíblicas de que Pedro não foi Escolhido como Líder da Igreja, ou Superior Hierárquico dos Apóstolos

a) Mateus 23:8 e 10 nos ensina que Cristo não queria que nenhum deles fosse mestre ou guia, porque esta é uma prerrogativa divina.

b) Lucas nos relata (9:46; 22:24-30), que por duas vezes se levantou entre os discípulos, o problema de quem entre eles tinha a primazia. Tal problema jamais se levantaria se Cristo tivesse estabelecido a Pedro como superior a eles.

c) Se Cristo tivesse indicado a Pedro como o líder da Igreja, como o Papa, ele seria infalível em suas decisões, portanto jamais lhe aconteceria o que Lucas nos relata no seu evangelho capítulo 22:54-60.

d) Sendo Pedro o dirigente seria a pessoa que enviaria outros, mas Lucas nos informa em Atos 8:14 que Pedro e João foram enviados pelos apóstolos.

e) Se fosse o superior hierárquico dos apóstolos a arguição que eles fizeram e a defesa de Pedro seriam inoportunas e desarrazoadas, conforme o relato de Atos 11:1-18.

f) O primeiro concílio da igreja não foi convocado e dirigido por Pedro mas por Tiago. O contexto apresentado pelo Dr. Lucas (Atos 15:13, 19) sugere que Tiago era o presidente.

g) Em Atos 15:22-29 há o relato de que a epístola enviada a Antioquia foi dirigida em nome dos apóstolos, dos presbíteros, e da igreja e não por Pedro.

h) Se Pedro fosse o líder, Paulo não poderia escrever o que se encontra em Gálatas 2:11-14, pois seria faltar à ética hierárquica. A afirmação de Paulo no verso 11 é bastante taxativa para desmorrar todo o falso edifício que o papado tem construído na base de Mateus 16:18 sobre o primado de Pedro.

i) 1 Coríntios 12:28. Se Pedro fosse o Papa, na enumeração dos ofícios da Igreja, Paulo não se esqueceria deste tão preeminente – o Vigário de Cristo.

j) Paulo afirma em Gálatas 2:9 que Tiago, Cefas (Pedro) e João eram considerados como colunas. Note-se que Tiago está em primeiro lugar.

No *SDABC*, Vol. V pág. 431 se encontram estas oportunas palavras: "Talvez a melhor evidência, de que Cristo não apontou a Pedro como a 'pedra' sobre a qual edificaria Sua igreja seja o fato de que nenhum dos que ouviram esta afirmação de Cristo, nem o próprio Pedro assim entendeu Suas palavras, nem durante o tempo em que Cristo esteve na Terra nem posteriormente. Houvesse Cristo feito a Pedro chefe entre os discípulos, depois disto eles não se veriam envolvidos em discussões sobre qual deles seria considerado o maior."

Pedro Estabeleceu em Roma a Sede de Seu Episcopado. Esteve Pedro em Roma?

Eduardo Carlos Pereira no livro *O Problema Religioso na América Latina*, págs. 276 a 278, procura provar, que afirmações da igreja católica, quanto à estada de Pedro em Roma são destituídas de valor por lhe faltarem base comprovatória.

A Igreja Católica declara que Pedro estabeleceu em Roma a sede do seu governo no ano 42 e que após ter governado a Igreja por 25 anos, ai faleceu mártir com Paulo, no ano 67, durante o reinado de Nero.

As principais ponderações de Eduardo Carlos Pereira são estas:

1ª) Se Pedro estivesse em Roma a Epístola aos Romanos, escrita em 58, seria desnecessária, porque haveria quem os exortasse e doutrinasse.

2ª) A Igreja Católica cita vagas afirmações de Clemente, Papias e Hierápolis para concluir que Pedro esteve em Roma, como líder da igreja todos aqueles anos. Mas como harmonizar estas declarações com o fato do Novo Testamento que se iniciou depois de 42 AD e foi concluído no final do século silenciar totalmente sobre a notável investidura de Pedro como a cabeça da Igreja?

3ª) Cita do renomado historiador eclesiástico P. Schaff, do livro *History of the Church*, Vol. 1, página 250 esta afirmação:

"A tradição romana de 20 ou 25 anos de episcopado de S. Pedro em Roma é sem contestação um erro cronológico colossal".

4ª) Eusébio, *História Eclesiástica*, livro III, C. 2, provavelmente baseado em Irineu, declara que Lino foi considerado o primeiro bispo de Roma. Irineu afirma que Pedro e Paulo ordenaram primeiro bispo a Lino, cujo nome aparece em II Tim. 4:21.

Historiadores Católicos defendem ardorosamente a estada de Pedro em Roma, enquanto os protestantes negam a afirmação anterior.

Não há nenhuma prova bíblica para afirmar ou negar estas opiniões divergentes.

O Espírito de Profecia declara sobre esta pendência:

"Na providência de Deus foi permitido a Pedro encerrar seu ministério em Roma, onde sua prisão foi ordenada pelo imperador Nero, aproximadamente ao tempo da última prisão de Paulo". – *Atos dos Apóstolos*, pág. 537.

A Igreja Construída Sobre a Confissão de Pedro

Crisóstomo (350-407 AD) afirmou que a igreja foi construída sobre a confissão de Pedro. Outros Pais da Igreja e reformadores como Lutero, Huss, Zwínglio e Melancton defendem a mesma idéia.

Os fatos parecem indicar que esta não é a melhor interpretação, desde que a Igreja é construída não sobre confissões, mas sobre os que fazem a confissão, isto é, sobre seres vivos: Cristo, os Apóstolos e os que aceitam a Cristo como Seu Salvador. As passagens de Efésios 2:20 e 1 Pedro 2: 4-8 confirmam as declarações anteriores.

Que Significam as Chaves?

Se as chaves são usadas para abrir e fechar, a figura indica que as chaves do Reino dos Céus, servem para abrir e fechar o Reino dos Céus.

O abrir e fechar é expresso no texto por ligar e desligar ou desatar.

As chaves, que abrem e fecham a Casa de Deus, ligam os homens à Igreja, ou dela os desligam, são os princípios dos Evangelhos, as condições da Salvação, aceitas ou rejeitadas pelos homens. Pedro abriu, com a chave da Palavra de Deus, as portas do

Reino dos Céus a três mil pessoas que se converteram, Atos 2:14-41. Este privilégio não foi apenas concedido a Pedro, mas a todos os discípulos. São Mateus 18:18.

Autoridades acatadíssimas na literatura bíblica nos ensinam que entre os rabinos "ligar e desligar" eram sinônimos de "proibir e permitir". Esses doutores da lei se arrogavam o direito de possuir a "chave da ciência" para declarar o que era ilícito, segundo a lei de Moisés. As passagens de Mateus 23:14 e Lucas 11:52 nos esclarecem a este respeito.

Quando uma pessoa completava satisfatoriamente um curso de estudos com um rabi judeu, era costume receber ela uma chave, significando que se havia tornado bem versada na doutrina e que estava agora habilitada para abrir os segredos das coisas de Deus. As palavras de Cristo se referem a este costume.

"As chaves simbolizam a autoridade que Jesus confiou a Sua igreja para agir em Seu nome. Especificamente elas indicam as Escrituras onde Deus expõe o plano da salvação. A autoridade não é baseada numa escritura de igreja como tal, mas nas Escrituras". – *Lição da Escola Sabatina*, 10-1-81.

Algumas declarações bíblicas nos levam a concluir que a igreja de Deus na Terra se acha investida de grande autoridade, mas esta autoridade tem sido mal interpretada pela Igreja Católica em alguns aspectos, como no problema de perdoar pecados.

Comentando S. João 20: 23, diz o douto exegeta Dr. Adão Clarke o seguinte:

"É certo que Deus unicamente pode perdoar pecados; e seria não somente blasfêmia, mas também crasso absurdo, dizer que qualquer criatura pudesse perdoar a culpa de uma transgressão cometida contra o Criador. Os apóstolos receberam do Senhor a doutrina da reconciliação e a doutrina da condenação. Os que em consequência de Sua pregação cressem no Filho de Deus, tinham perdoados os seus pecados; e os que não cressem, permaneciam na condenação."

Russell Norman Champlin em *O Novo Testamento Interpretado* enfatiza a mesma idéia comentada acima ao analisar Mat.16:19:

"O perdão de pecados não pertence ao indivíduo, em si mesmo, mas Cristo outorga essa autoridade àqueles que pregam a Palavra de Deus, porquanto a aceitação ou rejeição dessa mensagem é que determina o 'perdão' ou ausência de perdão dos pecados, O homem não perdoa nem se recusa a perdoar, mas a sua ação, uma vez dirigida por Deus, está revestida dessa autoridade".

As declarações de Ellen G. White no livro *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 413 e 414, são bem claras neste sentido:

" 'As chaves do reino dos céus' são as palavras de Cristo. Todas as palavras da Santa Escritura são dEle e se acham aqui incluídas. Estas palavras têm poder para abrir e fechar os céus. Declaram as condições sob que os homens do recebidos ou rejeitados".

Este pensamento do livro *Mensagens Escolhidas*, vol. II, pag. 396 jamais deve ser esquecido:

"Devemos lembrar que a igreja, enfraquecida e defeituosa como seja, é o único objeto na Terra a que Cristo concede Sua suprema consideração. Ele vela constantemente com solicitude por ela, e fortalece-a por Seu Espírito Santo."

Teodoro Beza, a notável figura da Crítica Textual e propugnador da difusão do texto bíblico declarou:

"A igreja é uma bigorna que já desgastou muitos martelos."

"As Portas do Inferno Não Prevalecerão Contra Ela." Que Significa Esta Afirmação?

A interpretação mais comum é que os poderes do mal nunca poderão prevalecer contra a Igreja de Cristo. Outros comentaristas defendem que uma melhor interpretação, de acordo com o significado da palavra original – Hades – impropriamente traduzida por inferno, pois significa a habitação dos mortos, a sepultura; será que a morte que não pôde vencer a Cristo, também não poderá vencer os que O aceitarem como seu Salvador pessoal.

O *SDABC* analisando Mat. 16:18 afirma: "O triunfo de Cristo sobre a morte e a sepultura é a verdade central do cristianismo".

"O último inimigo que será vencido é a morte".

Será útil ainda o conhecimento do que afirmou Rui Barbosa em sua destacada obra – *O Papa e o Concílio*. (Obra traduzida de Janus, mas a introdução de Rui, exatamente a metade do livro, 330 páginas, por sua profundidade faz com que ela seja sempre atribuída ao ínclito brasileiro), pág. 412:

"Tudo isso explica-se, porém, logo que examinarmos de perto, mediante os Padres, a significação das bem conhecidas palavras de Cristo a S. Pedro. Não as aplica aos bispos de Roma como sucessores de S. Pedro nenhum dos Padres que trataram exegeticamente, nessa época, os tópicos do Evangelho relativos ao poder transmitido a Pedro (Mat. 16: 18; João 21:18). Que de Padres não se ocuparam com esses tópicos! Entretanto, nenhum daqueles cujos comentários possuímos ainda, Orígenes, Crisóstomo, Hilário, Agostinho, Cirilo, Teodoreto, nem dos outros cujas explicações se acham agrupadas nas Catenas, nenhum desses exprimiu, por uma sílaba sequer, a idéia de que se refira ao primaz de Roma a consequência da missão incumbida e das promessas dirigidas a Pedro. – Nenhum deles interpretou a pedra, ou a base onde o Cristo quer edificar a sua igreja, como atributo especialmente cometido a Pedro, e, por morte deste, hereditário. Aquilo para eles significava o próprio Cristo, ou a fé notória de Pedro em Cristo; porque nos seus escritos é freqüente confundirem-se essas duas idéias. – Por outro lado, entendiam-se que Pedro era tão fundamento da igreja quanto os demais apóstolos, isto é, pensavam que os apóstolos todos juntos formavam as doze pedras fundamentais da igreja."

Após tecer considerações sobre a impossibilidade de Pedro ter sido o primeiro papa em Roma, Russel Norman Champlin conclui, ao comentar Mat. 16:18:

"Finalmente, podemos afirmar que essas doutrinas, como a do papado, a da extrema primazia de Pedro, só aparecem no dogma posterior da história eclesiástica, e

não se alicerçam nas próprias Escrituras nem em qualquer precedente da igreja primitiva. Não havia primazia do bispo de Roma sobre o bispo de Jerusalém, de Cesaréia ou de qualquer outra localidade, A primazia do bispo de Roma foi desenvolvimento muito posterior".

É certamente confortador crer que a igreja não esteja fundada sobre um homem frágil e vacilante como Pedro, que no momento em que o Mestre mais dele carecia o negou. Embora admiremos a Pedro e nos alegremos por sua nobre confissão, agradeçamos a Deus por Sua Igreja estar fundada sobre o "Príncipe da Paz", a "Rocha Poderosa", o "Fundamento Indestrutível" o "Nome Maravilhoso" o "Deus Forte" isto é, Cristo Jesus.

Nota

Este trabalho pesquisado em várias fontes, recebeu a melhor orientação das seguintes obras:

1. *O Problema Religioso na América Latina* de Eduardo Carlos Pereira e
2. O Comentário Adventista.

CAMELO PELO FUNDO DE UMA AGULHA?

S. Mateus 19:24

Muitos concluem: Os ricos não poderão entrar no reino do Céu, desde que um camelo jamais passará pelo fundo de uma agulha.

Comentários Gerais

A palavra camelo é usada seis vezes no Novo Testamento:

1. Três vezes relatando uma ilustração de Cristo. S. Mat. 19:24; S. Mar. 10:25 e S. Luc. 18:25.
2. Duas vezes com referência às vestes de João Batista. S. Mat. 3:4 e S. Mar. 1:6.
3. Uma crítica de Cristo aos escribas e fariseus que coavam um mosquito e engoliam um camelo. S. Mat. 23:24.

Uma leitura rápida da passagem tem levado muitos à seguinte conclusão: Os ricos nunca poderão entrar no reino dos Céus, desde que um camelo jamais passará pelo fundo de uma agulha.

Vejamos primeiro o estudo do contexto porque ele nos ajudará na boa compreensão do texto.

Um moço rico aproximou-se de Cristo dirigindo-Lhe a pergunta: "Mestre, que farei de bom, para alcançar a vida eterna?" S. Mat. 19:16.

Jesus o informa da necessidade de guardar os mandamentos. A resposta do jovem foi incontinente: "Tudo isso tenho observado; que me falta ainda?"

Preso aos bens materiais, a sua maneira de guardar os mandamentos, não se coadunava com as diretrizes divinas. Diante desta realidade foi que Cristo lhe expôs a necessidade de guardar os mandamentos não de maneira fria, ritualística e farisaica, mas sim de modo consentâneo com o desprendimento celeste.

O jovem rico, embora houvesse guardado os mandamentos literalmente, a sua atitude egoísta não se harmonizava com o que Deus espera de nós, guardara na letra, mas não no espírito, por isso de maneira franca e sincera Cristo lhe apresentou o que lhe faltava – desprender-se completamente das posses terrestres. O pedido do Mestre lhe pareceu exigente demais para ser cumprido, portanto o diálogo foi encerrado.

Cristo espera que Seus filhos não vejam as possessões com o único objetivo de trazer-lhes comodidade e conforto, mas como um privilégio outorgado por Deus para converter-se numa bênção aos mais carentes.

Os judeus tinham noções erradas sobre os ricos e os pobres, Inclonavam-se a pensar que a prosperidade era a prova máxima do favor divino e um símbolo das bênçãos de Deus; iam mesmo além em suas conjecturas, pois criam que era mais fácil a salvação para os ricos do que para os pobres. Cristo teve que desarraigar estas conclusões erradas, por isso O vemos antes deste incidente com o moço citar a parábola do Rico e Lázaro, onde o rico vai para a perdição e o pobre para a salvação. Longe de nós a conclusão simplista de que os ricos vão se perder, e de outro lado os pobres se salvarão. O ensinamento bíblico de acordo com esta passagem é este: É mais difícil para um rico ser salvo do que para um pobre. As riquezas podem ser perigosas para aqueles que as possuem.

O *Comentário Adventista* tem para o verso 23 a seguinte observação:

"É difícil para um homem rico obter o reino dos Céus, não porque ele é rico mas por causa da sua atitude para com as riquezas."

O contexto de S. Mateus 19:24 não apresenta a impossibilidade da salvação para os ricos, mas apenas as maiores dificuldades que eles terão de vencer, basta ler os versos 23 e 26.

Os três maiores perigos das riquezas, de acordo com William Barclay, ao comentar S. Mateus 19:24 são estes:

1º) As posses numerosas fomentam uma falsa independência.

Quem tem bens materiais é inclinado a pensar que pode vencer qualquer situação inesperada. O dinheiro leva a pessoa a pensar que pode comprar o caminho da felicidade, bem como aquele que o livrará da dor. Pensa ainda que pode afastar todas as dificuldades sem Deus.

2º) As riquezas prendem as pessoas a este mundo.

"Porque onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração." S. Mat. 6:21.

Se tudo o que o homem deseja pertence a este mundo, se todos os seus interesses estão centralizados aqui, nunca pensa em ir ao mundo do além. Apegado demasiadamente à Terra é possível esquecer que há um Céu.

3º) As riquezas tendem a fazer a pessoa egoísta.

Por mais que possua é natural ao homem desejar um pouco mais. O suficiente é sempre um pouco mais do que se tem. A pessoa que chegou a desfrutar do luxo e da comodidade sempre tende a temer viver sem eles. A vida se converte em uma luta cansativa para reter o que se possui. O resultado é que quando o homem enriquece, em lugar de sentir o impulso de dar, só experimenta o desejo de prender-se às coisas. O seu instinto o leva a possuir mais e mais, em busca da segurança, que crê, as coisas lhe possam dar.

O perigo das riquezas é que estas levam o homem a esquecer que perde o que retém e ganha aquilo que dá aos outros.

Três Interpretações Para S. Mat. 19: 24

1ª) Houve uma substituição da palavra grega – **kámilos** – corda, para **kámelos** – o animal. O fundo da agulha considerar-se-ia literalmente.

2ª) A palavra camelo deve ser considerada literalmente, mas o fundo da agulha era uma pequena porta ao lado da porta principal de Jerusalém, pela qual um camelo passaria, após tirar-lhe a carga e, mesmo assim ajoelhado e aos empurrões.

3ª) Tanto o camelo quanto o fundo da agulha são considerados literalmente.

1ª) A Substituição por uma Palavra Semelhante:

Júlio Nogueira em seu livro *A Linguagem Usual e a Composição* pág. 350, sem citar nenhuma fonte, nem autoridade declara: "Tem-se visto em S. Mateus 19:24 um engano de tradução do texto grego, feita por S. Jerônimo: Em vez de **kámilos**, corda grossa, cabo, ele tomou a palavra **kámelos**, camelo."

O que aconteceu foi o inverso, pois Robertson, na pág. 192, da sua memorável gramática afirma: "Alguns poucas manuscritos cursivos substituem **kámelos** por **kámilos**, mas isto é evidentemente um erro, um mero esforço para solucionar uma dificuldade do texto."

R. C. H. Lenski, na obra *The Interpretation of St. Mathew's Gospel*, pág. 755, confirma:

"Antes do quinto século **kámelos** não foi mudado para **kámilos**."

O renomado comentarista Henry Alford na obra *An Exegetical and Critical Commentary*, vol. I, pág. 197 acrescenta:

"Nenhuma alteração para **kámilos** é necessária ou admissível. Esta palavra, com o significado de corda ou cabo, parece ter sido inventada para escapar da dificuldade encontrada aqui."

O *Dicionário Enciclopédico da Bíblia* da Editora Vozes de Petrópolis corrobora as declarações anteriores:

"Sem muito fundamento autores mais recentes quiseram ler **kámilos**, corda grossa, em vez de **kámelos**, alegando que no Talmud se encontram expressões análogas e que no tempo bizantino essas duas palavras pronunciavam-se da mesma maneira.

A Crítica Textual nos esclarece que algum copista, séculos depois de Cristo fez a substituição para **kámilos**. Este fato apareceu em apenas alguns manuscritos cursivos, isto é, minúsculos.

A prova de que Cristo usou a palavra camelo, nós a temos no fato de que assim aparece nos primitivos manuscritos e nas primeiras traduções da Bíblia, como a *Menfítica*, Latina e *Peshita*.

2ª) A Explicação da Porta Estreita Chamada Fundo de Agulha

Aquino apresenta um comentário sobre Anselmo, observe a data (1033-1109 AD) declarando que este autor afirma que em Jerusalém havia certa porta, chamada "fundo de agulha" pela qual um camelo só passava se entrasse de joelhos, depois de lhe ser retirada toda a carga.

Existem muitas outras vagas citações, mais ou menos idênticas à seguinte:

Lorde Nugent, ouviu falar, faz muitos anos em Hebrom de uma entrada estreita para os que passavam a pé, ao lado da porta grande e que se denominava "o fundo de uma agulha".

Talvez um dos livros que mais contribuiu, para que esta idéia se generalizasse foi *Memórias de um Repórter dos Tempos de Cristo* do Padre Carlos M. de Heredia, onde ele faz menção a esta porta estreita chamada "fundo de uma agulha". Devemos notar bem que o próprio autor nos adverte no Prólogo, que sua obra é uma novela.

O comentarista Lenski, no mesmo livro e página já citados, prossegue:

"No século quinze foi tentado o oposto, o fundo de agulha foi aumentado pela referência a um pequeno portal, que era usado por viajores a pé ao entrarem em uma cidade murada, pelo qual um camelo poderia passar ajoelhado, depois de removida a sua carga. Isto mudou o impossível para o possível e tornou-se atrativo porque sugeria que, como o camelo tinha de deixar sua carga e arrastar-se sobre seus joelhos assim o homem rico teria que desprender-se de suas riquezas ou de seu amor por elas e humilhar-se sobre seus joelhos. Mas como em S. Mateus 23: 24 Jesus tinha em mente um mosquito e um camelo reais, assim aqui camelo e fundo de agulha são reais."

O livro *Jóias do Novo Testamento Grego*, de Kenneth S. Wuest, pág. 25 diz:

"Alguns têm imaginado que o buraco da agulha referido fosse uma portinhola, no muro de Jerusalém, através do qual pudesse finalmente passar um camelo, depois de muitos puxões e empurrões.

"O grego de S. Mateus 19:24 e de S. Marcos 10:25 fala de uma agulha usada com linha, enquanto que o de S. Lucas 18:25 usa o termo médico que indica uma agulha usada nas operações cirúrgicas. É evidente que ali não é considerada nenhuma portinhola, mas sim, o pequeno orifício de uma agulha de costura."

A palavra grega usada por Mateus (19:24) é "**rhafis**" = agulha de costura; enquanto Lucas por ser médico empregou "**belone**" = agulha cirúrgica.

Note bem a afirmação seguinte, encontrada na obra: *A New Testament Commentary*, G. C. Howley. Consulting Editors F. F. Bruce e H. L. Ellison:

"A interpretação popular em certos círculos de que o fundo de uma agulha é uma pequena porta dentro do portão de uma cidade é sem fundamento."

Dentre os mais considerados estudiosos do Novo Testamento Grego se acha Vincent; este autor após comentar o verso 24 de S. Mateus 19, sintetiza enfaticamente:

"A alusão não deve ser explicada como se referindo a uma porta estreita chamada o fundo de uma agulha."

Segundo o comentarista Broadus, esta explicação nada mais é do que uma conjectura sugerida da seguinte observação alegórica de Jerônimo:

"Assim como os camelos de Midiã e Efá (Isa. 60:6), vindos com dádivas, torcidos e apertados entravam pelas portas de Jerusalém, assim os ricos podem entrar pela porta estreita despojando-se de sua carga de pecados e de toda a deformidade corporal."

O preeminente estudioso F. F. Bruce, conceituado entre nós por suas notáveis obras, no livro *Answers to Questions*, págs. 55 e 56, respondeu da seguinte maneira à um de seus inquiridores. Eis a pergunta e a resposta dada:

"Tem-se afirmado recentemente que a passagem que menciona um camelo passando pelo fundo de uma agulha (S. Mar. 10:25) tem sido mal traduzido devido a uma confusão entre as palavras gregas **kámelos** ('camelo') e **kámiolos** ('corda'), e que nosso Senhor realmente falou de uma corda passando pelo fundo de uma agulha. É isto assim?

"Em S. Marcos 10:25 a evidência textual parece ser unânime em favor de **kámelos** ('camelo'). No tocante às duas analogias sinóticas, um punhado de minúsculos e a Versão Armênia atestam **kámiolos** ('corda') em S. Mat. 19:24, bem como o fazem um mais recente uncial e uns poucos minúsculos em S. Luc. 18:25. Em todos os três lugares a evidência é esmagadora em favor de 'camelo', e isto é reconhecido pela maioria das traduções. Eu penso que no momento a única versão inglesa que dá a tradução de 'corda' é *The Book of Books*, publicada em 1938. Os poucas escribas ou editoras que substituíram 'camelo' por 'corda' podem ter sido inconscientemente influenciados pelo desejo de fazer a entrada de um rico no reino de Deus levemente menos difícil do que nosso Senhor disse que era.

"O mesmo pode ser dito da idéia de que Suas palavras se referem a uma pequena passagem subterrânea em um grande portão, através da qual um camelo poderia comprimir-se quando as entradas principais estivessem fechadas, por cujo motivo sua carga deveria ser primeiramente removida. Nosso Senhor Se referia aos embaraços na impossibilidade da entrada de um rico no reino. Se víssemos um camelo entrando pelo fundo de uma agulha, diríamos ser isto um milagre; e é igualmente um milagre um homem rico ser salvo. Esta não é minha interpretação, é a clara afirmação de nosso Senhor: 'Para os homens é impossível, mas não para Deus; porque para Deus todas as coisas são possíveis' (S. Mar. 10:27). Uma observação adicional: em comparação com as condições da Palestina nos dias de nossa Senhor, muitos de nós que gozamos os padrões do viver comum através de nossa 'opulenta saciedade' ocidental, hoje seríamos classificados como 'ricos'."

3ª) A Única Explicação Defensável:

"Tanto o camelo, como o fundo da agulha devem ser compreendidos literalmente. . . não é necessário sugerir que camelo poderia significar uma carda, ou que o fundo de agulha era um nome, às vezes, dado a um pequeno portão lateral para passageiros a pé. Nenhum expositor antigo adota este método de explanação, mas toma o fundo de agulha em sentido literal, como podemos crer que Cristo fez."

Estas declarações foram feitas por Alfred Plummer na obra *An Exegetical Commentary on the Gospel of Mathew*, pág. 269.

Outro comentarista apreciado, especialmente por suas idéias conservadoras, é William Hendriksen. Em *New Testament Commentary* (Mathew), págs. 727 e 728, ele nos afirma:

"Para explicar o que Jesus quer dizer é inútil e injustificado tentar mudar camelo para cabo – veja S. Mat. 23:24, onde um camelo real deve ter sido empregado – ou definir o fundo de agulha como o portão estreito no muro de uma cidade, através do qual um camelo pode passar apenas de joelhos e depois de ter sido removida sua carga."

Os comentaristas nos informam que Jesus Se valeu de uma ilustração, que já existia em forma de provérbio no seu tempo, como prova o Talmud. Em Babilônia, nesta mesma época, havia uma frase idêntica, apenas com a seguinte variante: "É mais fácil um elefante passar pelo fundo de uma agulha."

Os exemplos poderiam ser multiplicados, como os do *The Interpreter's Bible*, *The Anchor Bible* e muitos outros, porque nesta mesma tecla insistem os exegetas e comentaristas, mas para término de nossas considerações, apenas mais um relato: o do *Comentário Adventista* sobre S. Mateus 19:24.

Fundo de Uma Agulha

"A explicação que o fundo de uma agulha, se refere a uma porta menor aberta no painel de uma grande porta da cidade pela qual os homens podiam passar quando a grande porta estava fechada para o tráfego principal, originou-se nos séculos depois dos dias de Cristo. Não há portanto nenhum fundamento para tal explicação, embora ela possa parecer plausível, Jesus está tratando com impossibilidades (v. 26) e não há nenhum apoio para se defender uma explicação pela qual se possa traduzir como possível o que Jesus especificamente salientou como impossível."

Será que há necessidade de aduzir mais exemplos comprobatórios, para a eliminação completa de explicações não alicerçadas em bases seguras?

Conclusão

Das três explicações existentes apenas uma é defensável para os teólogos adventistas, bem como para todos os eruditos das demais organizações religiosas. Cristo estava usando uma hipérbole, figura que se caracteriza pelo exagero, com o objetivo de despertar a atenção dos ouvintes, para melhor fixar o fato na memória.

A informação de uma porta estreita se espalhou pelo mundo por influência de suposições e de relatos não fidedignos.

Jamais devemos usar explicações populares vulgarizadas, porque não são sancionadas pelos grandes estudiosos da Bíblia.

O seguinte princípio exegético não deve ser esquecido por nós.

O pregador deve ser bastante cuidadoso para não tirar do texto o que seu autor nunca tencionou dizer.

O contexto nos mostra que os impossíveis para os homens, tornam-se possíveis para Deus.

DUAS PROBLEMÁTICAS DECLARAÇÕES EM MARCOS 7:15 e 19

Introdução

Marcos 7:15 – "Nada há fora do homem que, entrando nele o possa contaminar; mas o que sai do homem é o que o contamina."

Marcos 7:19 – "Porque não lhe entra no coração, mas no ventre, e sai para lugar escuso? E assim considerou ele puros todos os alimentos."

O objetivo deste trabalho é esclarecer certas afirmações bíblicas, que por serem mal interpretadas, são usadas em defesa de ensinamentos não sancionados pelas Escrituras Sagradas.

Para uma boa compreensão deste assunto três princípios hermenêuticos devem ser lembrados:

- 1º) A Bíblia deve ser seu próprio intérprete.
- 2º) O contexto quase sempre ajuda a explicar o texto.
- 3º) Colocar os fatos narrados em sua moldura histórica.

Para chegarmos ao exato sentido do que Cristo quis dizer com a frase: "Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar;" e a declaração de Marcos – "e assim considerou ele puros todos os alimentos", precisamos analisar outras passagens bíblicas, que nos esclarecerão sobre o exato significado destas afirmativas. As duas mais significativas seriam:

- a) A experiência de Pedro em Atos 10;
- b) Os esclarecimentos paulinos em Romanos 14.

Estaria Cristo com esta declaração anulando ensinamentos do Velho Testamento? A classificação dos animais em limpos e imundos agora deixaria de existir?

Peçamos a Deus que nos esclareça a mente, para entendermos com clareza os sábios ensinamentos da Sua Palavra.

Comentários Gerais

I. A Experiência de Pedro com Cornélio.

Lucas nos relata a experiência com certa pessoa de destacada posição social, da cidade de Cesaréia, chamada Cornélio. São salientados os predicados que ornavam seu caráter: piedosa e temente a Deus com toda a sua casa, dava muitas esmolas aos necessitados e de continuo orava a Deus. Apesar destes atributos, ele necessitava da orientação divina, para melhor compreender o seu plano para conosco. Foi esta a razão que ao estar orando um anjo lhe indicou que devia chamar a Pedro para lhe dar nova orientação.

Cristo, conhecendo que Pedro não estava preparado para este mister, deu-lhe a visão do terraço, na hora sexta (para nós ao meio-dia). Sendo a hora da refeição ele estava com fome e ao estar esta sendo preparada, ele viu o céu aberto, do qual descia algo como um grande lençol, repleto de animais próprios e impróprios para a alimentação. Neste ínterim, ele ouve aquelas tradicionais palavras: "Levanta-te, Pedro; mata e come" (Atos 10:13). Mas ele replicou com decisão e firmeza: "De modo nenhum, Senhor, porque jamais comi coisa alguma comum e imunda." (10:14). A voz treplica: "Ao que Deus purificou não consideres comum." (10:15).

O relato sem levar em consideração o contexto, e a interpretação através do conjunto das Escrituras, pode significar que não há alimentos imundos, já que Deus a todos purificou, porém, todos sabemos, que através desta visão, Deus queria ensinar a Pedro a não fazer distinção entre pessoas. Terminada a visão, ao Pedro estar reflexionando sobre seu exato significado, aproximam-se os mensageiros de Cornélio com o inusitado convite para que fosse a sua casa. Iluminado pelo Espírito Santo ele compreendeu o exato significado da visão.

Esta experiência de Pedro nos científica de que ele teria recusado seguir àqueles gentios, se a visão não lhe tivesse sido dada. A visão nos mostra ainda, que Deus se utiliza de processos os mais variados, para nos ensinar suas preciosas lições.

A finalidade primordial da visão foi ensinar-lhe que não deveria considerar a nenhum homem comum ou imundo, pois todos são dignos de receber a salvação, Nada neste relato tem a ver com a classificação bíblica de animais próprios e impróprios para nossa alimentação.

II. O Problema de Consciência de Romanos 14.

Romanos 14 aparece na Tradução Revista e Atualizada no Brasil com o título: "A Tolerância para com os Fracos na Fé". Aqueles que se opõem aos adventistas julgam encontrar em Romanos 14 poderosa escora para derribar a distinção bíblica entre animais limpos e imundos e a observância do sétimo dia.

O renomado estudioso W. Rand em seu *Diccionario de la Santa Biblia*, pág. 560 afirma:

"Segundo se depreende da própria epístola, o motivo que teve Paulo para escrevê-la foram as desinteligências que surgiam entre os conversos judeus e os conversos gentios, não somente em Roma, mas em todas as partes. O judeu, quanto aos seus privilégios, sentia-se superior ao gentio, o qual por sua vez, não reconhecia tal superioridade, e se sentia desgostoso quando tal se lhe afirmava."

Conforme o terceiro princípio hermenêutico anteriormente citado seria bom destacar:

Com a expansão do cristianismo pela Ásia Menor e Europa, o evangelho foi aceito por gentios e judeus. Os judeus, mesmo após a sua aceitação do cristianismo, conservavam resquícios da tradição judaica e princípios da lei cerimonial.

O Comentário Adventista diz:

"De fato, os primeiros cristãos não foram solicitados a deixarem repentinamente de comparecer às festas judaicas anuais ou repudiarem de imediato, todos os ritos cerimoniais. . . O próprio Paulo, após sua conversão, esteve em muitas festas, e conquanto ensinasse que a circuncisão nada era, circuncidou a Timóteo, e concordou em fazer um voto de acordo com estipulações do Antigo Código."

Além da inoportunidade destas festas e cerimônias dos judeus, o que mais agravava este estado de coisas, era o fato dos judaizantes quererem impor aos gentios estas observâncias. Os gentios não as aceitavam, com isso os judeus se irritavam, tornando o ambiente carregado e comprometedor para a causa do evangelho. Dentre estas pendências, destacava-se a carne sacrificada aos ídolos pelos pagãos. Após seu oferecimento a Júpiter, Mercúrio, Diana e a outros deuses mitológicos esta carne (bovina) era vendida, a preço módico, aos açougueiros, que a colocavam com as outras carnes que vendiam. Os judaizantes eram totalmente contrários à compra de carne no açougue, pelo fato de não saberem se ela tinha ou não sido oferecida aos ídolos. Os cristãos gentios não eram tão escrupulosos e criam que o oferecimento da carne aos ídolos não a contaminava.

O *SDABC* tecendo considerações sobre Romanos 14:1, acentua:

"Débil na fé – Isto é, aquele que tinha limitada compreensão dos princípios da justiça, ansioso por salvar-se e disposto a fazer tudo quanto cria que dele se exigia. Contudo na imaturidade de sua experiência cristã e provavelmente em decorrência de sua crença e educação anteriores, ele procurava assegurar salvação pela observância de certos preceitos e regulamentos, que na realidade não se exigiam dele. Para ele tais preceitos assumiam a maior importância. Julgava-os absolutamente necessários à salvação, e ficava escandalizado e confuso, ao ver outros cristãos ao seu redor, sem dúvida mais amadurecidos e experientes, que não partilhavam destes escrúpulos."

Com respeito às carnes sacrificadas aos ídolos, quem as julgasse imundas, não as deveria comer, embora não devesse julgar aquele que assim o fizesse.

I Cor. 8 trata do mesmo assunto e a sua leitura nos é mais elucidativa sobre este problema. O ponto capital, tanto em Rom. 14 e I Cor. 8 é concluir que não havia mal nenhum em comer carne sacrificada aos ídolos, mas se isto escandalizasse os irmãos fracos era melhor evitar.

Paulo não visa com estes relatos, determinar que espécie de alimento deve ser ingerido pelos cristãos, como uma exegese errada poderia mostrar. O fulcro da questão nada tem a ver com regime alimentar como todos os comentaristas reconhecem, mas simplesmente um problema de consciência. Em outras palavras, recomenda que aquele

que é fraco na fé não deve ser desprezado pelos demais membros da igreja, mas sim tratado com o mesmo amor cristão.

O exegeta Charles R. Erdman em seu *Comentário de Romanos*, pág. 153 se expressa desta maneira:

"Aquele que é débil na fé, que não aprende o pleno sentido da salvação pela graça, que pensa que observar certas regras ou preceitos quanto ao alimento ou a ritos religiosos o fará mais aceitável diante de Deus, deve ser recebido na Igreja, contudo, não se deve com ele discutir a respeito desses escrúpulos por ele afagados. Uma pessoa pode admitir que comer ou abster-se de certos alimentos sadios é matéria de indiferença moral; outra pode crer que agradará mais a Deus se apenas se alimentar de legumes."

Paulo orienta a igreja para o extermínio de partidos, a fim de que a igreja não se dividisse e os dois grupos pudessem viver num espírito de tolerância e harmonia.

Estudo do Contexto de Marcos 7:15 e 19

O evangelista começa o capítulo sete nos informando, que um grupo de fariseus e escribas se aproximou de Cristo para o interrogarem, porque os seus discípulos não seguiam preceitos estabelecidos pela tradição humana.

O Talmud está repleto de regras e regrinhas orientadoras de como o povo judeu devia comportar-se em todas as circunstâncias da vida.

Os discípulos e Seu Mestre orientavam-se por princípios elevados, porque advindos da palavra de Deus, e não por regulamentos humanos, que naquele tempo eram conhecidos como "Lei Oral" e "Tradição dos Anciãos". Este comportamento díspar fez com que surgissem conflitos entre eles. Por exemplo, uma destas divergências era quanto a lavar as mãos, não por medidas higiênicas, mas como rito cerimonial.

Como bem nos esclarece o comentarista William Barclay em *El Nuevo Testamento*, vol. 3, pág. 179:

"Esta era a religião para os fariseus e escribas. Rituais, cerimônias, regras e regulamentações como estas era o que se considerava a essência do serviço de Deus. A religião ética está imersa sob uma massa de tabus, regras e regulamentações."

A resposta de Cristo é um terrível libelo aos ensinamentos dos homens:

"Respondeu-lhes: Bem profetizou Isaías, a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim, E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens. Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens." Mar. 7:6-8.

A Verdadeira Contaminação

Ao ventilar este ponto negativo, totalmente farisaico, Jesus chamou a multidão para junto de Si e disse: "Ouvi-me, todos vós, e compreendei." Mar. 7:14.

Cristo lhes ensina o que na realidade contaminava o homem. Através de uma linguagem figurada procurou mostrar-lhes que o verdadeiro objetivo da religião, consistia em libertar o cristianismo do legalismo. Apresentou-lhes o fato de que o

coração é a fonte de toda a contaminação. "Nada há, fora do homem, que entrando nele, o possa contaminar, mas o que sai dele, isso é que contamina o homem." Mar. 7:15.

Não há nenhuma preocupação, neste relato, em apresentar provas de que este alimento é limpo ou impuro, mas apresentar ao povo a necessidade de abandonar doutrinas, que são preceitos dos homens, e seguirem a religião pura ensinada por Cristo.

O Comentário Expositivo do Evangelho Segundo Marcos de J. C. Ryle, pág. 69, consigna:

"A pureza moral não depende de lavar ou deixar de lavar, de manusear ou deixar de manusear, de comer ou deixar de comer como queriam e ensinavam os escribas e fariseus."

Jesus queria adverti-los de que não valeria nada fazerem tremendos esforços se não tivessem o verdadeiro Deus. O resultado de lavar as mãos seria inútil, como o próprio Cristo disse, se o coração estivesse inundado de lascívia, de prostituição, furtos, homicídios, adultérios, avareza, malícia, dolo, inveja, soberba e loucura. Mar. 7:21-22.

Purificando Todos os Alimentos

Ao Deus estabelecer o homem na Terra, indicou-lhes precisamente qual deveria ser sua alimentação. O registro divino nos ensina que o homem devia comer os produtos do campo e das árvores, ou seja: grãos, nozes e frutas.

Gênesis 1:29, declara: "E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra, e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento."

Após o dilúvio, pela escassez destes alimentos, permitiu-se ao homem a alimentação cárnea; porém, a Bíblia é bastante clara na distinção entre animais próprios para a alimentação e impróprios para este mister, de conformidade com Levítico 11. Neste capítulo notaremos uma classificação de alimentos aprovados por Deus, isto é, alimentos puros, e também uma série de alimentos considerados imundos. Esta classificação é divina, transmitida a Moisés, para que por seu intermédio o povo de Israel a praticasse e posteriormente todos os que pautassem a sua vida pelos princípios da Palavra de Deus. Como Adventistas do Sétimo Dia, ou israelitas modernos, cremos que esta classificação perdura, basta para isto aceitarmos o propósito divino ao fazer esta distinção e considerarmos a Bíblia como um todo inspirada por Deus.

O contexto geral do capítulo sete de Marcos nos mostra que Jesus não está interessado em falar se esta ou aquela comida é pura ou imunda, mas em ensinar ao povo judeu e a nós como igreja cristã que o essencial é aceitarmos a Bíblia e não o que dizem os homens em suas doutrinas erradas.

O SDABC corrobora as afirmações anteriores ao declarar sobre Marcos 7:15 o seguinte: "Foi sempre, e exclusivamente contra preceitos de homens (v. 7) que Jesus protestou em aguda distinção do mandamento de Deus (v. 8), como se apresenta nas Escrituras. Aplicar os versos 15-23 ao caso de alimentos puros e impuros é ignorar

completamente o contexto. Tivesse Jesus nessa ocasião eliminado a distinção entre as carnes limpas e imundas e seria óbvio que Pedro não teria, posteriormente, respondido como respondeu à idéia de comer alimentos impuros."

"E Assim Considerou Ele Puros Todos os Alimentos"

Esta declaração de Marcos tem sido problemática para copistas, teólogos, exegetas e comentaristas:

Alguns têm declarado que esta afirmação do verso 19, em grego: *kayarizon panta ta brwmata* – **catharidzon panta ta bromata** não se encontrava no original de muitos manuscritos, sendo portanto um acréscimo posterior.

O renomado exegeta Bruce M. Metzger, com sua autoridade inquestionável, no livro *A Textual Commentary on the Greek New Testament* pág. 95 ao tecer considerações sobre este verso declara: o peso esmagador dos manuscritos nos convence de que esta afirmação foi escrita por Marcos. Diante da dificuldade do verbo purificar, muitos copistas tentaram correções e melhorias. Metzger conclui: Muitos eruditos modernos, seguindo a interpretação sugerida por Orígenes e Crisóstomo consideram o verbo **catharidzo**, ligado gramaticalmente com "**leguei**" do verso 18 tomando assim o comentário do evangelista com as implicações das palavras de Jesus concernentes às leis dietéticas judaicas.

Esta mesma idéia é esposada pelo livro *Consultoria Doutrinária* da Casa Publicadora Brasileira, págs. 130 a 132, das quais destacamos:

"Nalgumas Bíblias a declaração final do versículo 19, parece fazer da instrução de Cristo, com o sentido de que o processo da digestão e eliminação tem o efeito de 'purificar todos os alimentos'. O texto grego, porém, torna evidente que estas palavras não são de Cristo, mas sim de Marcos, e constituem seu comentário sobre o que Cristo queria dizer. Por conseguinte é necessário interpretar esta expressão sob o aspecto das palavras 'Então lhes disse', do versículo 18. Destarte a última frase do versículo 19 rezaria assim: '(Então lhes disse isto), purificando todos os alimentos' ou 'considerando puros todos os alimentos' – a saber, sem levar em consideração se a pessoa que comia realizara ou não a ablução cerimonial preceituada, Era essa a questão em debate (verso 2).

"Em segundo lugar, convém notar que a palavra grega **bromata**, traduzida por alimentos, significa simplesmente 'o que se come', e inclui todas as espécies de alimentos; jamais distingue a carne dos animais de outras espécies de alimentos. Restringir as palavras 'considerou puros todos os alimentos' aos alimentos cárneos e inferir que Cristo aboliu a distinção entre as carnes limpas e imundas usadas como alimento (ver Lev. 11), é desconhecer completamente o sentido do texto grego.

"Percebe-se, pois, que o versículo 19 não foi acrescentado, mas que a expressão final deste versículo não foi usada por Cristo, e sim, por Marcos, para indicar que a cerimônia de lavar as mãos várias vezes antes de comer – não por limpeza, mas por formalidade – nada tinha que ver com a salvação. Isto, no entanto, não quer dizer que

se deva comer com as mãos sujas, ou que se possam usar todas e quaisquer carnes de animais, mesmo dos que foram proibidos em Lev. 11."

Outra autoridade, não menos destacada, Marvin R. Vincent, em *Word Studies in the New Testament*, vol. 1, pág. 201, afirma sobre Marcos 7:19:

"Cristo estava enfatizando a verdade de que toda contaminação vem de dentro. Isto era em face das distinções rabínicas entre alimentos limpos e imundos. Cristo declara que a impureza levítica, como o comer sem lavar as mãos, é de pouca importância quando comparada com a impureza moral. Pedro ainda sob a influência dos antigos conceitos, não consegue entender a declaração e pede uma explicação (Mat. 15:15), que Cristo dá nos versos 18-20. As palavras 'purificando todos os alimentos', não são de Cristo, mas do evangelho, explicando o significado das palavras de Cristo; a Versão Revisada do Novo Testamento, portanto, traduz corretamente 'isto ele disse (em itálico), tornando limpos todos os alimentos.'

"Esta era a interpretação de Crisóstomo, que diz em sua homília sobre Mateus: 'Porém, Marcos diz que ele disse estas coisas tornando puros todos os alimentos.' Canon Farrar refere-se a uma passagem citada de Gregório Taumaturgo: 'E o Salvador, que purifica todos os alimentos diz' . . ."

Conclusão

Nada melhor do que concluir este trabalho, com as oportunas palavras de J. C. Ryle, em seu *Comentário Expositiva do Evangelho Segundo Marcos*, ao tecer considerações sobre o capítulo sete de Marcos:

"Devemos pedir diariamente o ensino do Espírito Santo, se quisermos adiantar-nos no conhecimento das coisas divinas. Sem o Espírito Santo a inteligência mais robusta e o raciocínio mais vigoroso pouco nos farão adiantar. Na leitura da Bíblia e na atenção que prestamos à pregação da Palavra, tudo depende do espírito com que lemos e ouvimos.

A DISCUTÍVEL TERMINAÇÃO DO EVANGELHO DE MARCOS

Sendo que a genuinidade dos versos 9 a 20, do capítulo 16 de Marcos, tem sido constantemente questionada pela crítica textual, é necessário que os estudantes da Bíblia estejam bem enfronhados deste problema.

Alguns estudiosos declaram enfaticamente que Marcos não escreveu os versos 9 a 20 do capítulo 16, para isso apresentando duas razões principais:

1ª) As evidências textuais mais antigas não justificam estes versos, pois eles não se encontram nos dois mais antigos manuscritos unciais do 4º século, ou sejam os manuscritos *Alef* ou *Sinaítico* e o do *Vaticano*, Versões antigas latinas, siríacas, etíopes e armênias também não apresentam esta parte.

2ª) Existem nítidas diferenças de estilo, vocabulário e de doutrina nestes versos com as outras partes do livro de Marcos.

Quanto ao argumento do estilo, os comentaristas nos chamam a atenção para frases peculiares destes versos, não condizentes com a maneira de Marcos escrever. Outro curioso aspecto estilístico que nos relembram é este: nos primeiros oito versos, do capítulo, seis deles começam com a conjunção **kai**, isto é, e, enquanto nos doze finais questionáveis, apenas um deles se inicia com esta partícula. Com respeito ao vocabulário aparecem palavras, como por exemplo: **porenomai**, **ekeinos** e **theomai** não encontráveis no resto do evangelho. A maior objeção a estes versículos, são encontradas nas declarações seguintes: "pegarão em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal" (verso 18).

Alguns comentaristas declaram: É difícil acreditar que Jesus fizesse tais promessas, porque o veneno mata tanto o crente como o incrédulo e que Marcos lhe atribuísse tal declaração. Jesus quando esteve aqui na Terra nunca se isentou, nem aos seus discípulos das conseqüências dos seus atos. Um dos ensinamentos fundamentais do Cristianismo é este: os cristãos têm que tomar o "seu lugar no mundo", submetendo-se às condições de vida, não isentas de perigos naturais, neste mundo tão repleto de injustiças.

Certos comentaristas têm sugerido o seguinte: a última folha do evangelho, muito cedo foi danificada, perdendo-se assim o fecho do livro. Para que este não terminasse de maneira incompleta e abrupta algum copista acrescentou esta terminação. É evidente que as primeiras e as últimas páginas de um manuscrito estavam mais expostas a se estragarem, especialmente se o rolo ou códice fosse de papiro.

Seria bom sabermos que os manuscritos, quanto a este problema, podem ser agrupados em quatro classes:

- 1ª) Os que finalizam com o verso 8 do capítulo 16.
- 2ª) Os chamados de terminação longa, isto é, até o verso 20.
- 3ª) Aqueles que apresentam uma conclusão curta, ou seja uma síntese da longa.
- 4ª) Finalmente outros que trazem as duas terminações.

Vejamos o que nos dizem os estudiosos sobre este problema.

a) *The Interpreter Dictionary of the Bible*, vol. III, págs. 275 e 276 ao tratar da terminação de Marcos pondera: "Embora se encontre na maioria dos manuscritos gregos, ela é omitida nos unciais Alef e Vaticano e nos manuscritos das versões geórgicas, etiópicas e armênias. Tanto Eusébio quanto Jerônimo, reconhecem que estes versos não são autênticos, em virtude da sua ausência em quase todos os manuscritos gregos conhecidos por eles."

Este dicionário acrescenta que há quatro possíveis sugestões para solucionar este problema:

- 1ª) Que Marcos por uma ou outra razão não pôde concluir o seu evangelho.
- 2ª) Que a conclusão foi perdida ou destruída por alguma desgraça.
- 3ª) Que a conclusão foi deliberadamente suprimida.
- 4ª) Que Marcos intencionalmente concluiu o seu evangelho no verso 8.

b) *O Novo Comentário da Bíblia* de Davidson, apresenta uma hipótese que não aparece em outros comentários e é a seguinte:

"O Evangelho de Marcos talvez tenha perdido a sua popularidade em consequência do aparecimento dos evangelhos de Mateus e Lucas. Sendo assim ele foi colocado de lado por algum tempo. Mais tarde, quando a igreja de Roma teve interesse em preservar seus documentos, ela encontrou apenas um exemplar do evangelho de Marcos, mutilado em seu final. Este se tornou o original de todos os exemplares futuros, e a este foi acrescentada a conclusão atual, que é bastante diferente das outras partes escritas pelo apóstolo."

c) Lenski é um dos poucas comentaristas que argumenta em favor da conclusão longa. Para ele, talvez, a explicação mais aceitável é que a conclusão do evangelho original se perdeu antes que cópias suficientes fossem dele tiradas. Para enfrentar esta realidade outros tentaram uma conclusão substitutiva, sendo a mais afortunada destas a que hoje comumente conhecemos.

d) Barclay com suas peculiaridades comentarísticas afirma que não precisamos entender tudo literalmente. Não precisamos crer que o cristão precise ter o poder de levantar víboras e beber líquidos venenosos sem correr perigo. A linguagem do verso 18 apenas quer indicar que o cristianismo transmite ao cristão um poder para enfrentar as vicissitudes da vida que outros não têm, nem podem ter.

e) *SDA Bible Commentary*, vol. 5, págs. 656 e 659 relata:

"Podem-se citar importantes evidências textuais para a omissão dos versos 9-20, concluindo o evangelho de S. Marcos com o verso 8. Os comentaristas que favorecem em omissão apontam para numerosas diferenças no estilo literário, idiomatismo e fraseologia entre esses versículos e a parte anterior do Evangelho. Alguns manuscritos trazem o resumo: 'Mas relataram resumidamente a Pedro e aos que com ele estavam tudo que lhes fora dito. E depois disto, Jesus mesmo enviou por meio deles, do Oriente ao Ocidente, a sagrada e imperecível proclamação da salvação eterna'. Como um todo, porém, a evidência textual favorece o texto como se encontra nos versos 9-20."

A tradução de Almeida – Edição Revista e Corrigida – apresenta: "Mas o justo viverá da fé"; enquanto na Revista e Atualizada no Brasil aparece "O justo viverá por fé".

Estudos recentes, feitos por ilustres exegetas, baseados na Teologia Paulina e em considerações específicas sobre a epístola aos Romanos têm sugerido que uma melhor tradução seria: O justificado pela fé, viverá.

Em grego encontramos: ο εὐχρηστωμένος ἐκ πίστεως διζήμενος – **o dé díkaios ek pisteos dzésetai**.

O problema com o texto grego é o seguinte: ele pode ser lido de duas maneiras:

1ª) O justo / viverá pela fé.

2ª) O justo pela fé / viverá, ou o que for justificado pela fé, viverá,

Em outras palavras: a expressão – **ek pisteos** (pela fé) pode ligar-se ao verbo **dzésetai** (viverá) ou com o **dikaiois** (o justo) apresentando em cada caso um sentido diferente.

É bastante conhecido o fato de que os primitivos manuscritos não possuíam pontuação alguma, e ao ser esta colocada a passagem poderia ser lida com sentido bem diferente ao ser alterada a sua pontuação. Esta afirmação pode ser comprovada com estes exemplos e com muitos outros que poderiam ser alistados.

Ressuscitou, não está aqui.

Ressuscitou? não, está aqui.

A voz daquele que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor.

A voz daquele que clama: no deserto preparai o caminho do Senhor.

Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso.

Em verdade te digo hoje: estarás comigo no paraíso.

Em última análise, o problema de Rom. 1:17 segunda parte, é também um problema de pontuação como é facilmente deduzível.

Sabemos que a citação de Rom. 1:17 é tirada de Habacuque 2:4, mas que aparece na Septuaginta da seguinte maneira:

ο εὐχρηστωμένος ἐκ πίστεως μου διζήμενος – **o dé díkaios ek pisteos mou dzésetai** – O justo pela minha fé viverá.

A teologia de Paulo nos afiança de que o homem justificado pela fé é o único que possui vida. Ele insiste na tecla de que a lei não pode dar vida, porque esta vem unicamente de Cristo, recebida através da fé, O grande tema da epístola aos Romanos pode ser sintetizado nesta frase: O pecado conduz à morte; a justificação conduz à vida (Rom. 5:17, 21; 8:10).

Os escritores do Velho Testamento criam que a justificação vinha através da observância da lei: Lev. 18:5; Hab. 2:4, mas Paulo nos ensinou que a justificação vem através da fé em Cristo. A lei só poderia doar vida se o homem pudesse por si mesmo cumprir todos os seus requisitos, porém, isto não é possível.

O estudioso Anders Nygren em seu *Commentary on Romans*, página 86, afirma que a ênfase na primeira parte da epístola aos Romanos está na palavra fé, através da

qual vem a justificação. Nos primeiros 4 capítulos – **pistis** ou o verbo **pisteuo** aparecem pelo menos 25 vezes, enquanto vida – **dzoê**, é usada 2 vezes. Em oposição nos 4 capítulos seguintes **pistis** (fé) é usada 2 vezes e **dzoê** – 25. Assim sendo nos primeiros quatro capítulos predomina a justificação pela fé, mas nos capítulos cinco a oito Paulo enfatiza a vida vitoriosa em Cristo ou a santificação.

Estudiosos sustentam que Paulo ao citar Habacuque, ele não queria dizer "viver pela fé", mas "ser justificado pela fé" ou sendo "justificação pela fé" é a condição necessária para alcançar vida.

Rudolf Bultmann, *Theology of the New Testament*, pág. 270 diz:

"Se o homem, antes da fé, é um homem caído no poder da morte, o homem sob a fé é o homem que recebe vida. A passagem paralela de Rom. 5:1 – dikaiwyentev ek pistewv – **dikaiothentes ek písteos** – justificados pela fé, nos confirma que esta será uma melhor tradução em Rom. 1:17.

Estudiosos profundos dos problemas exegéticos e de tradução, como Lange, Beza, Meyer e Dr. Benedito de Paula Bittencourt ligam "**pisteos**" com "**dikaiois**" dando-lhe a seguinte tradução: "O homem que é justificado pela fé – viverá."

A prova de que estas afirmações são procedentes se encontra nas abalizadas traduções: Nygren, Beza, RSV, NEB, *O Novo Testamento na Linguagem de Hoje*.

"SEJA ENTREGUE A SATANÁS"

Comentário Exegético de I Cor. 5:5

Introdução

A tradução Revista e Atualizada no Brasil apresenta:

"Entregue a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no dia do Senhor."

Sendo este um dos textos mais citados pelos nossos oponentes, crentes na imortalidade da alma, como prova da dicotomia que fazem entre corpo e alma, ele necessita de uma análise detida, para se chegar à conclusão exata do que Paulo queria dizer.

Os que ensinam doutrinas não defensáveis pela Bíblia, se valem de versos difíceis de serem explicados para nos confundirem e rejeitarem as mensagens que pregamos. Não nos devemos impressionar com as artimanhas dos inimigos da verdade, por mais especiosas que sejam, porque temos a verdade e esta não teme nem ataques nem confrontos.

Comentários Gerais

Em nenhum Dicionário ou Comentário Bíblico, encontramos uma explicação defendendo a extravagante idéia, do corpo ser destruído em consequência do pecado e a alma ser salva para o reino de Deus.

Para uma impressiva compreensão desta passagem devemos conhecer bem o contexto, porque este nos ajuda a entender o motivo da declaração paulina.

No primeiro verso do capítulo cinco lemos:

"Geralmente se ouve que há entre vós imoralidade e imoralidade tal, como nem mesmo entre os gentios, isto é, haver quem se atreva a possuir a mulher de seu próprio pai."

O relato do apóstolo nos dá a entender que ele ouvira esta desagradável história, provavelmente, através dos escravos da casa de Cloe (ver I Cor. 1:11). Concluímos, quedas notícias indignas que ouvira, relatando o procedimento reprovável de alguns membros da igreja de Corinto, o caso mais escabroso era um pecado de incesto. Certa pessoa mantinha relações sexuais com a mulher de seu pai, evidentemente sua madrasta.

O vocábulo grego traduzido por imoralidade é "**pornéia**", que significa prostituição, falta de castidade, fornicação. Em grego a palavra designava qualquer relação sexual proibida. A palavra "pornográfica" muito usada, entre nós, para designar gravuras ou literatura obscenas nos indica porque ela é apropriada para as mulheres decaídas. Paulo usando "**pornéia**" e não "**moicheia**" adultério, talvez indique, que o pai daquele homem já houvesse falecido. Não havendo nenhuma censura, por parte do autor da epístola à mulher, tem levado os comentaristas a concluírem que ela não era cristã.

A surpresa do apóstolo, de acordo com o verso dois, é que esta pessoa, apesar de seu pecado ser público e vexatório para a incipiente comunidade cristã, ela continuasse desfrutando da comunhão da igreja. Ele censura duramente os membros da igreja, por sua complacência, em face deste notório escândalo. Baseado em sua autoridade apostólica, mesmo ausente (estava em Éfeso como nos indica o capítulo 16 verso 8), sugeriu a sua sentença – o afastamento do faltoso ou a sua excomunhão da igreja.

O torneio frásico para indicar esta disciplina – "seja entregue a satanás para destruição da carne" tem trazido alguma perplexidade aos comentaristas, porque ele parece destoar com a harmonia que existe entre as doutrinas bíblicas.

Para a boa compreensão desta sentença é necessário atentar para os seguintes itens:

1º) No original não se encontra a palavra corpo (**soma**), mas carne (**sarks**). Esta palavra grega tem vários significados, entre eles o de natureza ou tendência carnal. Por isso a tradução inglesa – *Authorized Version* – apresenta com propriedade I Cor. 5:5 assim: "Entregue ao domínio de Satanás o homem que assim pecou, para a destruição de suas cobiças carnis; a fim de que seu espírito se possa salvar no dia do senhor Jesus."

2º) Nosso pródromo em crítica textual bíblica, o exegeta Arnaldo Christianini escreveu:

"O pensamento paulino era que o autor de tão infame pecado fosse imediatamente excluído da comunhão da igreja, entregue à sua própria sorte, sofresse fora da proteção de Deus, sob o domínio do príncipe das trevas, e viesse a cair em si, a arrepender-se e, finalmente, a ser recuperado na fé e salvar-se por ocasião da vinda de Jesus."

Para comprovar suas afirmações ele cita alguns autores, que aqui transcrevemos:

Humberto Rohden: "Na qualidade de representante de Jesus Cristo, excluiu S. Paulo da comunidade eclesial o pecador impenitente e escandaloso, entregando-o ao reino de Satanás, isto é, ao mundo dominado pelo príncipe das trevas, para que este castigo o faça cair em si (arrepender-se)."

P.: Matos Soares: "Seja o tal entregue a satanás, seja separado da comunhão da igreja, para a morte da carne, isto é, para ser atormentado no seu corpo por Satanás por meio de doenças, causadas pelos seus próprios vícios, de modo que, assim castigado, se venha a voltar para o bem, e sua alma seja salva."

Do autor batista A. B. Rudd em seu *Comentário às Epístolas aos Coríntios*:

"Esta passagem não é difícil de entender. Paulo já tinha juízo formado sobre o caso, e dá instruções concretas à igreja. Sem entrar em todos os pormenores destas instruções, resume-as como segue: 'O autor de tal ato incestuoso não é digno de ser membro de vossa igreja; portanto, em nome de nosso Senhor Jesus e com sua autoridade, separai-o formalmente da comunhão e, deixando-o assim no mundo cujo príncipe é Satanás, ficará sujeito à influência dele, que pode infligir-lhe no corpo moléstias que resultam logicamente dessa espécie de pecado. Este castigo servirá para despertar o arrependimento no transgressor e importará assim em sua salvação.'"

A obra *Exposição da Primeira Epístola aos Coríntios*, págs. 51 e 52, do presbiteriano Charles R. Erdman, nos declara:

"A falta era gravíssima. o ofensor vivia maritalmente com a própria madrasta. . . Paulo, como se presente estivera na congregação, descreve o ato solene da disciplina como já estando a realizar-se: 'considerai-me, pois, presente no vosso meio, a sentenciar, em nome de Cristo e com a vossa aquiescência, a excomunhão do autor da infâmia, bem como a sua entrega a Satanás, para que lhe imponha sofrimentos capazes de quebrar a força de sua cobiça pecaminosa, e assim venha a sentir arrependimento, seja restaurado à condição anterior, e se salve no dia do Senhor! . . .

"O que mais importa, porém, é observar que o sofrimento, qualquer que fosse sua natureza e procedência, teve como escopo reconduzir o culpado ao arrependimento, como uma advertência de que o alvo supremo de qualquer ação disciplinar na igreja é a reabilitação dos ofensores."

Christianini conclui suas asseverações desta parte declarando:

"Não indica no texto que o corpo perece e a alma se salve. Dizem as Escrituras que Deus lançará na geena tanto o corpo como a alma. A salvação, como a perdição, abrange o homem integral." – *Revista Adventista*, Julho de 1958, pág. 37.

Confirmando, que os comentaristas, apenas com palavras diferentes, insistem na mesma tecla, eis o que se encontra em *The Interpreter's Bible*, vol. 10, pág. 62, ao comentar I Cor. 5:5:

"Na verdade, o apóstolo entrega o homem a Satanás, tendo em vista a destruição de sua natureza carnal. Isto também tinha seus precedentes: Paulo é fruto do seu tempo. Com a história de Jó e muitos outros exemplos em mente, ele partilhava da crença geralmente aceita, de que os poderes sobrenaturais do mal, estão sempre a postos para tentar e destruir os fiéis. Assim como Jó foi provado, testado e tentado muito mais atormentariam eles os que fossem desligados da comunhão da igreja. As conseqüências poderiam tomar várias formas, tais como enfermidade e sofrimento e até mesmo a morte. Tais idéias eram comuns naqueles tempos e não são desconhecidas da mitologia grega. Elas ainda exerciam uma poderosa influência na mentalidade judaica (Lucas 13:1-5). Paulo e a comunidade judaica partilhavam dessas opiniões.

"Portanto, invocando sua autoridade apostólica, e no sagrado nome do senhor Jesus ele entrega o homem a Satanás, para que através do sofrimento seu espírito pudesse ser salvo no Dia do Juízo. A porta não é cerrada para sempre. Tendo lugar uma mudança de coração, a restauração pode ocorrer. Contudo a disciplina é essencial. Os grandes padrões da moralidade cristã devem ser mantidos. Por todos os meios, que a disciplina seja em primeiro lugar persuasiva em seu método de lidar com aqueles que se têm desviado. Que a fraternidade, a amizade e a assistência cristã façam o máximo possível."

Este estudo estaria incompleto se não acrescentássemos aqui o que diz o Comentário Adventista (*SDABC*) sobre o texto de I Cor. 5:5:

"Seja entregue a Satanás. só existem dois reinos espirituais neste mundo: o de Deus e o de Satanás. Se alguém deixa o reino de Deus, naturalmente passará a

participar do reino de Satanás (ver S. João 12:31; 16:11; II Cor. 4:4). Aquele pecador ousado e arrogante se havia, por seu próprio procedimento pecaminoso, se afastado do reino de Deus, e isso deviam os irmãos da igreja reconhecer, expulsando-o da igreja. Comparar com 1 Tim.1:20.

"Para destruição da carne. As Escrituras chamam as práticas imorais de "obras da carne". (Gál 5:19; Col. 3:5). Os cristãos são admoestados a não viverem segundo a carne (Rom. 8:13), A "destruição da carne" pode, pois, ser compreendida como uma mortificação dos desejos carnis. A idéia do sofrimento físico, que Satanás muitas vezes inflige, pode também estar incluída no sentido. Paulo denominou a sua própria enfermidade de "mensageiro de Satanás". (II Cor. 12:7). Satanás é o autor das doenças e sofrimento. Portanto a pessoa ímpia, o autor do incesto, devia ser deixado, sofrendo as conseqüências do seu procedimento indigno.

"O espírito. Por ocasião da ressurreição os homens receberão novos corpos. O corpo que agora temos voltará ao pó (Gên. 3:19).

"Seja salvo. A finalidade da sentença aqui descrita é correcional. Isto era verdade também no caso de Himeneu e Alexandre, que Paulo 'entregou a Satanás' para que aprendessem a não blasfemar (I Tim. 1:20). A disciplina da igreja destina-se a despertar o transgressor, levando-o a reconhecer sua situação perigosa e revelar-lhe a necessidade de arrependimento e contrição. Uma vez corrigido e humilhado pela disciplina, pode o pecador retornar a uma vida de virtude e fé. O alvo da punição da igreja não deve nunca ser a vingança, mas recobrá-lo da ruína. O membro excluído devia ser alvo de profunda simpatia por parte da igreja, e ingentes esforços deveriam ser feitos para conseguir sua restauração espiritual (ver S. Mateus 18:17; Rom. 15:1; Gál. 6:1-2; Heb. 12:13)."

Um ponto final poderia ser colocado neste comentário, pois creio que a declaração de Paulo está bem clara, mas atendendo também àqueles que gostam de multiplicar exemplos comprobatórios, vamos transcrever o de M. C. Wilcox, do livro *Questions and Answers*, pág. 179:

"É certo que a igreja de Deus, se ela está na situação em que deve estar, é lugar sagrado, seguro, abençoado; mas uma pessoa como a descrita em nosso texto perdeu todos os direitos à igreja, e o Senhor queria que ele não continuasse sob a proteção da igreja, e experimentasse o que significava ficar fora e lutar sozinho contra Satanás. Isso devia a igreja fazer a fim de levar o pecador ao arrependimento, e assim pudesse ser salvo – não salvo em sua carne concupiscente, mas salvo em sua vida espiritual. A julgar pela segunda epístola, parece claro que o homem se arrepende, e Paulo pede à igreja que o receba, para que não seja devorado de demasiada tristeza. II Cor. 2:6-11."

Da expressão – "a fim de que o espírito seja salvo no dia do Senhor", o vocábulo espírito merece esta referência:

Os dicionários gregos que mais se notabilizam, como os de Liddell e Scott, Arndt e Gingrich, apresentam para a palavra "**pneuma**" além dos sentidos comuns de sopro, ar, respiração, vento, vida, etc., o de ser vivente, pessoa.

BATISMO PELOS MORTOS

I Coríntios 15:29

A explicação deste verso é das mais difíceis do Novo Testamento, porque os expositores ficam quase sempre no terreno das hipóteses.

Uma distintiva doutrina dos Mórmons está baseada em I Cor. 15:29. Afirmam eles: "Sendo que o batismo é essencial para a salvação e que muitos morreram antes da restauração da igreja por Joseph Smith, é essencial que os vivos sejam batizados pelos mortos que faleceram sem o conhecimento do Evangelho. Esse batismo por imersão, realizado pelo morto é creditado em seu registro como se fosse realizado por ele mesmo".

Os estudiosos têm apresentado muitas explicações tentando solucionar o que Paulo quis dizer nesta passagem, chegando os comentaristas a afirmarem que nenhuma passagem do Novo Testamento tem produzido tantas interpretações.

Para que haja real compreensão do problema é necessário que a análise seja firmada nas doutrinas bíblicas, sem a qual alguns têm chegado a conclusões absurdas.

Antes da exegese do texto é muito útil saber:

- a) quem o pronunciou;
- b) sob que circunstâncias ele foi escrito;

- c) com que objetivo, Paulo escreveu a primeira carta aos coríntios em Éfeso, cerca de 59 AD, perto do fim de seu ministério nesse lugar – Atos 20:31; I Cor. 16:8.

Corinto era uma cidade rica, populosa e muito imoral, situada ao sul da Grécia. Durante 18 meses, Paulo ali esteve estabelecendo uma grande igreja. Depois de partir desta cidade, surgiram múltiplos problemas e a finalidade da carta era ajudá-los na sua solução. O assunto geral da epístola é o modo correto do bom procedimento cristão. Dentro deste objetivo se encontra o tema do capítulo 15, onde ele apresenta de modo leal e franco – **a verdade da ressurreição**.

Uma leitura atenta de todo o capítulo 15, ou o contexto desta intrigante passagem para exegetas e comentaristas, é muito útil para a sua exata compreensão. Observe especialmente os versos 1 a 6, 12 a 16, 32.

Embora estas afirmações sejam úteis para nossa análise, admitamos com Vincent: "Nenhuma das explicações propostas está livre de contestação."

O *SDABC* afirma: dois pontos importantes devem ser considerados para uma boa compreensão da passagem:

1º) Paulo está ainda falando da ressurreição e qualquer solução deve estar intimamente ligada com o tema do capítulo 15.

2º) Uma razoável interpretação deve conformar-se com a correta tradução da frase grega:

"**HUPER TON NECRON**" (pelos mortos), e é geralmente aceito que **huper** (pelo) aqui significa "em favor de".

O original, muitas vezes, nos ajuda na resolução do problema. No grego se encontra: baptizomenoi uper tw n nekrown – **BAPTIZOMENDI HUPER TON NECRON**.

Desta frase a palavra que nos interessa mais é a preposição **hiper**. Ela rege o genitivo e o acusativo, estando aqui regendo o genitivo. Neste caso a tradução será: por, em favor de, por causa de.

Das explicações visando solucionar o problema as principais, incluindo as do *SDA Bible Commentary*, são as seguintes:

1ª) As traduções bíblicas mais comuns para o português são a Edição Revista e Corrigida e a Revista e Atualizada no Brasil. Embora ambas tenham o mesmo autor, o Padre João Ferreira de Almeida, o leitor notará que os comentaristas apresentam pontos de vista diferentes baseados nas duas traduções. A Revista e Atualizada apresenta: "por causa dos mortos" e a Edição Revista e corrigida afirma: "pelos mortos".

"Por causa dos mortos", isto é, como resultado do testemunho que deram enquanto vivos, ou ao morrerem. Mesmo que esta exegese seja válida, aqueles que se batizavam por causa do testemunho daqueles que já haviam morrido, eles próprios não acreditavam na ressurreição do corpo. Assim sendo, o apóstolo aqui condena este vão procedimento.

2ª) Uma segunda corrente afirma que crentes vivos eram batizados em lugar de crentes mortos, porque estes, por alguma razão não puderam ser batizados. É possível

que alguns desses crentes tivessem falecido repentinamente, devido a alguma praga ou outra ocorrência funesta, não tendo assim a oportunidade de se batizarem.

3ª) O Comentário de Adam Clarke sobre esta passagem é mais ou menos o seguinte:

Depois de afirmar que é o verso mais difícil do Novo Testamento e apresentar várias interpretações ele enfatiza esta: Paulo emprega a palavra batismo como sinônimo de dores, de sofrimento, que os apóstolos estavam sofrendo pelo fato de pregarem o evangelho, com a esperança de ressuscitarem um dia, à semelhança de Cristo, para herdarem a vida eterna. A palavra batismo neste verso é usada no mesmo sentido de Mar. 10:39 e Luc. 12:50.

4ª) De acordo com *The Pulpit Commentary* batismo, nesta passagem é o batismo do Espírito Santo, referindo-se portanto à conversão da alma pelo Espírito de Deus.

Em outras palavras, devemos compreender a expressão batismo pelos mortos como uma referência àqueles que das trevas pagãs foram convertidos pelo evangelho e admitidos na igreja, a fim de ocuparem o lugar de crentes que pelo martírio ou qualquer outra razão tinham morrido, Assim o batismo ou a conversão compensava as perdas causadas pela morte.

5ª) Ainda uma outra sucinta idéia defendida com ardor por vários estudiosos é que a palavra "mortos" neste passo se refere a Cristo, sendo usado o plural pelo singular (sinédoque) significando – por causa do morto, isto é, Cristo. No original está mortos, e é difícil vermos como Cristo poderia representar uma "categoria" inteira de pessoas. Além disso Cristo não está morto mas bem vivo como a passagem ensina.

6ª) É uma explicação sugerida por aqueles que defendem a tese de que não havendo pontuação no original, ao colocarem esses sinais, houve uma distorção naquilo que Paulo realmente desejou dizer.

O Dr. W. E. Vine apresenta a seguinte solução: "Lembrados de que o original foi escrito sem pontuação, podemos pôr o sinal de interrogação depois da palavra "batizados" e então o versículo adquire sentido de acordo com a doutrina da Escritura. Assim ler-se-á: "Que farão os que são batizados? É para os mortos. Se os mortos não ressuscitam, por que se batizam por causa deles?"

Vejamos agora a interpretação sugerida pelos estudiosos adventistas, de conformidade com o *SDABC* ao comentarem I Cor. 15:29.

"Paulo neste verso retorna à sua linha principal de raciocínio concernente à ressurreição. Esta é uma das difíceis passagens nos escritos de Paulo para a qual nenhuma explicação inteiramente satisfatória tem sido encontrada. Os estudiosos têm apresentado 36 interpretações procurando solucionar os problemas deste verso. (Estas 36 diferentes explicações apareceram em Junho de 1890, em *Newbery House Magazine*, apresentadas por J. W. Horsley. Nota de P.A.).

Três interpretações são sugeridas:

1ª) A passagem deveria ser traduzida: "O que então farão os que são batizados? (são eles batizados) por causa dos mortos? Se os mortos não ressuscitam, por que então eles são batizados? Por que então nos expomos sempre ao perigo por eles?" No entanto, esta tradução, embora possível, não explica satisfatoriamente a frase 'em favor dos mortos'.

2ª) Paulo está se referindo aqui a um costume herético, onde cristãos vivos eram batizados em favor dos mortos; portanto, parentes ou amigos não batizados, poderiam ser salvos por procuração.

Pais da igreja fazem várias referências a uma tal prática citando o costume dos heréticos marcionistas.

Tertuliano se refere ao festival pagão: Kalendae Februare onde os adoradores se submetiam a uma purificação, ou lavagem em favor dos mortos (Contra Marcion Verso 10). Marcion floresceu aproximadamente na metade do segundo século A.D.

Este segundo ponto de vista exige a admissão de que a prática data de dias anteriores a Paulo. A objeção que se levanta é que o apóstolo seria inconsistente em citar uma prática herética ou pagã para sustentar uma doutrina cristã fundamental. Mas Paulo, sem endossar a prática poderia dizer em essência: Se os próprios pagãos e heréticos têm a esperança da ressurreição, quanto mais nós deveríamos alimentar esta sublime esperança. Jesus usou a história do Rico e Lázaro como elemento para uma parábola, embora não endossasse sua aplicação literal.

3ª) É possível interpretar o verso 29, em termos de seu contexto (versos 12-32) como uma outra prova da ressurreição: I – A expressão se refere ao argumento dos versos 12-28 e poderia ser parafraseada, 'mas se não há ressurreição. . .' II – A palavra "batizado" é usada figuradamente para perigo ou morte como em Mat. 20:22 e em Luc. 12:50. III – Aqueles que são batizados "refere-se aos apóstolos, constantemente enfrentando a morte, quando eles proclamavam a esperança da ressurreição (I Cor. 4:9-13; conf. Rom. 8:36; II Cor. 4:8-12). IV – Os mortos do verso 29 são os cristãos mortos dos versos 12-18, e potencialmente todos os cristãos vivos, que, de acordo com alguns em Corinto não tinham esperança além da morte (verso 29 poderia ser parafraseado assim: "Mas se não há ressurreição, o que devem fazer os mensageiros do evangelho, se eles continuamente enfrentam a morte em favor dos homens que são destinados a perecer na morte?

Seria tolice (v. 17) para eles, enfrentar a morte pelos outros, "se os mortos não ressuscitam" (versos 16, 32). Portanto, a coragem dos apóstolos, mesmo em face da morte, é uma excelente evidência de sua fé na ressurreição. Que não é possível que os cristãos fossem batizados vicariamente em favor de parentes e amigos mortos como alguns ensinam, é comprovado pelas Escrituras que declaram que um homem deve crer pessoalmente em Cristo, e confessar seus pecados a fim de beneficiar-se com o batismo, e assim ser salvo (Atos 2:38; 8:36-37; conforme Ezeq. 18:20-24; João 3:16; I João 1:9). Mesmo o mais justo dos homens pode livrar apenas a sua própria alma (Ezeq. 14:14, 16). A morte determina o fecho da experiência humana (veja Sal. 49:7-9; Ecl. 9:5, 6, 10; Isa. 38:18, 19; Luc. 16:26; Heb. 9:27, 28)".

Conclusão

O livro *Consultoria Doutrinária* da Casa Publicadora Brasileira, pág. 246 comentando esta passagem conclui:

"Uma das soluções mais razoáveis do texto em lide é o que o apóstolo S. Paulo, ao debater a doutrina da ressurreição, cita um costume pagão ou herético de sua época, se bem que não o aprova".

Finalizo com a sintética explicação apresentada a este versículo em *A Bíblia Vida Nova*: "Há umas quarenta interpretações. Seria uma prática sem fundamento bíblico que Paulo aproveita para mostrar a incoerência dos seus oponentes em Corinto".

PARTIR E ESTAR COM CRISTO

Filip. 1:23

Para uma boa compreensão desta passagem tão problemática para muitos, é útil estudá-la no seu contexto e em traduções diferentes.

Os versos 21 a 23 do primeiro capítulo de Filipenses rezam assim na Edição Revista e Atualizada no Brasil, de João Ferreira de Almeida.

"Porquanto, para mim o viver é cristo, e o morrer é lucro. Entretanto, se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho, já não sei o que hei de escolher. Ora, de um e outro lado estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com cristo, o que é incomparavelmente melhor."

Fil. 1:23 aparece assim em diferentes traduções.

"Estou cercado dos dois lados, pois quero muito deixar esta vida e estar com Cristo, o que é bem melhor." – *O Novo Testamento na Linguagem de Hoje*.

"Às vezes quero viver e outras vezes não quero, pois estou ansioso para ir e ficar com cristo. Como seria muito mais feliz para mim do que estar aqui! – *O Novo Testamento Vivo*.

"Sinto-me num dilema: o meu desejo é partir e estar com cristo, pois isso me é muito melhor, mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa." Fil. 1:23-24 – *A Bíblia de Jerusalém*.

Satanás, com seu acendrado espírito de rebelião, tentou muitas vezes exterminar as Escrituras Sagradas; porém, vendo que seus esforços foram infrutíferos, passou a

usar de outros processos ardilosos, como este: torcer o sentido das palavras ou das idéias da Bíblia para que se ajustem aos seus enganos. Um exemplo bem frisante deste método se encontra no processo interpretativo de Fil. 1: 23.

O argumento mais ponderável dos que crêem na imortalidade da alma, é dizerem que a Bíblia esposa esta idéia, citando entre outras passagens esta de Paulo, onde afirmam eles, o apóstolo declara que para ele o morrer é lucro, porque assim estaria imediatamente com Cristo, gozando das delícias eternas.

O *Comentario del Nuevo Testamento* de Louis Bonnet e Alfredo Schroeder, vol. 3 diz a este respeito: "Para estar com Cristo, prova evidente de que Paulo esperava esta felicidade imediatamente depois de sua morte."

O pensamento paulino neste sentido é bastante claro e as passagens de I Cor. 15; I Tess. 4:16-18; II Tim. 4:8; Rom. 8:23 não deixam dúvidas de que ele não cria numa recompensa incorpórea e imediatamente após a morte.

É princípio fundamental da exegese, que a Bíblia não se contradiz, e que um texto deve ser explicado através do conjunto das Escrituras e não isoladamente. Logo, sendo Filipenses 1:23 uma passagem controvertida, ela tem de harmonizar-se com outras passagens paulinas e com a doutrina geral da Bíblia concernente ao estado do homem na morte.

Há muitas outras passagens bíblicas, que comprovam a crença de Paulo quanto ao estado do homem na morte, e de que a recompensa só será uma realidade quando Jesus voltar. S. João 14:1-3; Atos 2:34; Heb. 11:39; Apoc. 14:13; Ecl. 3:18-21; 9:5-6.

Walter R. Martin, no livro *The Truth About Seventh Day Adventism*, apresenta Filipenses 1:21-23 como contestação à doutrina adventista da imortalidade condicional e da destruição dos ímpios, afirmando que a Bíblia ensina a existência consciente depois da morte, e o tormento eterno dos incrédulos.

Em artigo inserto no Ministério Adventista, Maio/Junho de 1965, pág. 9, o Pastor D. E. Mansell refutou as idéias apresentadas pelo nosso oponente. Parte delas serão transcritas para este trabalho:

"Chegamos agora a Fil. 1:21-23. Novamente o Sr. Martin afirma o que devia ter provado, isto é, que Paulo 'desejava partir de seu corpo e desfrutar espiritualmente a presença de seu Senhor' (pág. 124). Nosso amigo pode pensar que Paulo almejava sair de seu corpo e ir a presença de Cristo como uma entidade espiritual, mas como ele compreende bem 'a Bíblia não diz assim' (Pág. 122).

"Não é por obstinação que os adventistas insistem que 'a Bíblia não diz assim', mas pela simples razão de que esta passagem das Escrituras nada declara sobre deixar o corpo e desfrutar espiritualmente a presença do Senhor. Além disso, cremos haver sólidas razões, no contexto, para assumirmos esta posição, a despeito das afirmações do Sr. Martin.

"É curioso que embora o Sr. Martin dê grande ênfase à construção gramatical de Fil. 1 23, que alega ser 'gramaticalmente devastadora para a posição dos adventistas do sétimo dia', passa por alto o contexto e a exegese da passagem sob consideração. Ora, nem por um momento admitimos que a construção gramatical da frase 'partir e estar com cristo, o que é incomparavelmente melhor', seja devastadora para a nossa posição.

Pelo contrário, cremos ser ela devastadora para a posição do Sr. Martin, pelo simples motivo de que a passagem não diz coisa alguma sobre partir do corpo e desfrutar espiritualmente a presença do Senhor, o que, aliás, o Sr. Martin procura provar.

"Ademais ele desconsidera significativamente certas porções do contexto em que esta frase é encontrada. Na frase precedente o apóstolo Paulo declara estar 'em aperto' 'de ambos os lados'. O contexto torna bem claro que por esses dois lados Paulo quer indicar a 'vida' e a 'morte'. Portanto, o aperto em que ele se encontrava era escolher entre a vida e a morte (versos 21 e 22). Ora, segundo a opinião de Walter Martin, o crente 'nunca pode experimentar perda de comunhão do companheirismo como entidade espiritual, embora seu corpo possa morrer' (pág. 121). Conseqüentemente, de acordo com essa teoria, quer Paulo vivesse ou, morresse, a 'comunhão de companheirismo permaneceria inalterada'. O Sr. Martin insinua que como Paulo desfrutava comunhão com Cristo na vida, continuaria a gozá-la depois da morte, encontrava-se num dilema. Esta conclusão seria lógica, não fora o fato de Paulo desejar algo 'que é incomparavelmente melhor' (verso 23). Melhor do que o quê? Obviamente muito melhor do que a vida ou a morte. Que era isto? Paulo diz que era partir e estar com Cristo (verso 23). Sendo que partir para estar com Cristo é melhor do que a vida ou a morte, é evidente que a morte não conduziria à 'presença de seu Senhor' (Pág. 124), como afirma o Sr. Martin.

"Os Adventistas do sétimo Dia crêem que Paulo está se referindo aí à trasladação, isto é, ser lavado corporeamente para o céu sem provar a morte, como Enoque (Heb. 11:5), Elias (II Reis 2:11) e como sucederá com os santos que estiverem vivos por ocasião do segundo Advento (I Tess. 4:17). Isto seria de fato 'incomparavelmente melhor' do que a presente vida ou a morte. Transportaria Paulo da anual condição mortal para a condição final, sem que passasse pela morte."

Vincent, após mencionar a expressão "estar com Cristo" de Fil. 1:23, leva-nos a comparar este texto com I Tes. 4:14-17, onde Paulo coloca o estar com Cristo para o tempo da ressurreição, por ocasião da Segunda Vinda de Cristo.

Outra explicação:

Os adventistas cremos que as duas afirmações "partir e estar com Cristo" não pressupõem dois acontecimentos imediatos ou em seqüência.

Haverá base bíblica para esta crença?

Sim, e os dois seguintes exemplos confirmam nossa assertiva:

1º) Em Isaías 61:1-2 há uma profecia da obra que Cristo efetuará em seu primeiro advento. Em S. Lucas 4:17-19 se encontra o relato de que Cristo leu esta passagem, acrescentando, no verso 21: "Hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos". Atentando para o relato de Isaías, veremos que Cristo não leu toda a profecia, embora seja uma declaração aparentemente ligada; Ele concluiu com a frase: "e anunciar o ano aceitável do senhor". A frase seguinte diz: "e o dia da vingança de nosso Deus". Ele não leu esta parte, porque não devia cumprir-se naquela época, embora estivesse unida na mesma frase. Toda a era cristã devia passar antes de vir o dia da vingança do nosso Deus.

2ª) Pedro em sua segunda carta, cap. 3: 3-13 relata a segunda vinda de Cristo e a destruição da Terra pelo fogo. Se lermos Apoc. 20 sabemos que haverá entre os dois acontecimentos um intervalo de mil anos.

Conclusão

Se Pedro podia colocar na mesma sentença (II Ped. 3:10) dois extraordinários acontecimentos separados por 1.000 anos e Isaías fez o mesmo (Isa. 61:2) com dois destacados eventos separados por mais de mil e novecentos anos, por que estranhar que Paulo seguisse a mesma orientação de unir numa só sentença (Fil. 1:23) o triste fato da morte como glorioso acontecimento de estar com Cristo por ocasião do seu segundo advento?

O Comentário Adventista ao analisar Fil. 1:23 assim se expressa:

"Estar com Cristo. Paulo não está aqui apresentando uma exposição doutrinária do que acontece na morte. Está explicando o seu 'desejo', que é deixar a presente existência; com seus problemas, e estar com Cristo sem referir-se a um lapso de tempo que possa ocorrer entre os dois eventos, com toda a força de sua ardente natureza ansiava viver com Aquele a quem ele fielmente servira, sua esperança se centraliza num companheirismo pessoal com Jesus por toda a vida futura. Os cristãos primitivos de todas as épocas tiveram este mesmo desejo, sem necessariamente esperarem ser imediatamente introduzidos à presença do Salvador, quando seus olhos se fechassem na morte.

"As palavras de Paulo aqui devem ser consideradas em conexão com suas outras afirmações, onde ele claramente se refere à morte como um sono (I Cor, 15:51; I Tes. 4:13-15). Desde que não há consciência na morte, nem consciência do período de tempo, a manhã da ressurreição parecerá como acontecendo logo após a morte".

Paulo jamais esperava, com a morte, receber imediatamente o galardão, pois ele mesmo disse: "O tempo da minha partida é chegado. . . a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele dia". II Tim. 4:6 e 8.

A pergunta natural que nos vem a mente é esta. Quando será aquele dia? O próprio Paulo nos responde – será no dia da vinda de Cristo – "a todos os que amarem a sua vinda". (verso 8).

Outras explicações congêneres se encontram em *Questions on Doctrine*, págs. 527 e 528 ou no *Ministério Adventista*, setembro - outubro de 1973, pág. 23.

PREGAR AOS ESPÍRITOS EM PRISÃO

I Pedro 3:19

Introdução

Os católicos, e até protestantes afirmam que enquanto Cristo esteve morto, passou este tempo pregando aos espíritos em prisão. Justificam esta crença baseados em I Pedro 3:18-20.

Estaria esta crença em harmonia com o ensino geral das Escrituras Sagradas?

De modo nenhum, porque afirmar que entre a crucifixão e a ressurreição, Jesus foi a algum lugar, ou desceu ao Hades, selecionou os espíritos dos antediluvianos, dos dias de Noé, e lhes pregou, concedendo-lhes segunda oportunidade, seria crer que a Bíblia advoga esta segunda oportunidade e também o estado de consciência na morte; da existência de algum lugar, como seja o purgatório, onde estão os espíritos desencarnados, doutrinas estas estranhas ao Livro Sagrado.

A resposta às perguntas que se seguem nos ajudará a equacionar o problema de conformidade com "um assim diz o Senhor":

1ª) Quem eram os espíritos que estavam em prisão?

2ª) Que espécie de espíritos eram? Vivos ou mortos?

3ª) Quem lhes pregou?

4ª) Quando lhes foi pregado?

5ª) Pode a verdade ser ensinada aos mortos?

6ª) Defende a Bíblia a crença numa segunda oportunidade após a morte?

7ª) Qual é a prisão mencionada em 1 Pedro 3: 19?

8ª) Será que houve algum problema com copistas ou de tradução, tornando a passagem obscura?

Comentários Gerais

1ª) Quem eram os espíritos que estavam em prisão?

A Bíblia usa espírito como sinônimo de pessoa, o ser humano vivente. Em I Cor. 16:18 – "Porque trouxeram refrigério ao meu espírito, isto é, a mim, a minha pessoa." Gál. 6:18. "A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja irmãos, com o vosso espírito." Vosso espírito, quer dizer convosco, a vossa pessoa.

A primeira parte do verso 20 de I Pedro 3 parece identificá-los com as pessoas que viviam na Terra. Eram seres humanos reais, como as "oito almas" que se salvaram na arca.

2ª) Eram estes espíritos vivos ou mortos?

O termo espírito só é usado na Bíblia com referência aos vivos. Paulo em Heb. 12:22 e 23 dá as boas vindas aos novos membros que ingressaram na igreja – "espíritos dos justos aperfeiçoados". O apóstolo faz referências a pessoas viventes.

Em Núm. 27:15-16, relata que Moisés, no término da vida, roga que um líder, dentre os vivos o substitua. O texto fala dos "espíritos de toda a carne", isto é, seres vivos e não mortos.

Adam Clarke, vol. VI, pág. 862, comentando esta passagem conclui pela impossibilidade de se tratar de "espíritos desencarnados", pois diz que a frase "os espíritos dos juros aperfeiçoados" (Heb. 12:23) certamente se refere a homens justos, e homens que se acham ainda na igreja militante; e o Pai dos Espíritos (Heb. 12:9) tem referência a homens ainda no corpo; e o "Deus dos Espíritos de toda a carne" (Núm. 27:16) significa homens, não em estado desencarnado".

3ª) Quem lhes pregou?

O Dr. João Pearson, em sua *Exposição do Credo*, obra clássica da Igreja Anglicana, observa: "É certo, pois, que Cristo pregou àquelas pessoas que nos tempos de Noé foram desobedientes, em todo o tempo em que a longanimidade de Deus esperava e, conseqüentemente, enquanto era oferecido o arrependimento. E é igualmente certo que Ele nunca lhes pregou depois de haverem morrido". Este eminente teólogo, crente na imortalidade da alma, afirma que esta passagem não ensina tal doutrina.

As palavras "no qual" do verso 19 podem tanto referir-se ao Espírito Santo como a Cristo. O *Comentário Bíblico Adventista*, bem identificado, entre nós, pelas siglas SDABC, apresenta três explicações para a expressão "no qual".

a) "No qual" refere-se ao termo anterior "Espírito" e o verso 19, significa que Cristo pregou aos antediluvianos, pelo Espírito Santo, através do ministério de Noé.

b) "No qual" refere-se ao termo anterior para a versão preferida, "espírito" que é a referência a Cristo, em seu estado preexistente, um estado que, como a sua glorificada natureza na pós-ressurreição, pode ser descrito como no "espírito". Compare a expressão: "Deus é espírito" João 4:24. A pregação de Cristo foi para os

antediluvianos, "enquanto se preparava a arca", portanto durante o seu estado preexistente.

c) "No qual" refere-se ao verso 18 como um todo, e o verso 19 significa que em virtude da sua ainda futura morte vicária e ressurreição no "espírito" Cristo foi e pregou "aos antediluvianos através do ministério de Noé. Foi em virtude do fato, de que Jesus foi "morto na carne, mas vivificado no espírito" (verso 18), que Ele primitivamente pregou a salvação através de Noé e "foram salvos através da água", aqueles que a aceitaram. Semelhantemente é "por meio da ressurreição de Jesus Cristo" que o batismo agora também nos salva" (verso 21).

"A primeira destas explicações é aceita se a expressão "no qual" se refere ao Espírito. A segunda e a terceira estão mais de acordo com a construção grega (dos versos 18 e 19), com o contexto imediato e com as passagens paralelas de outras partes do Novo Testamento".

4ª) Quando lhes foi pregado?

No verso 21 há a expressão "noutro tempo", que claramente se identifica com o tempo em que "a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé". O tempo era os dias de Noé, os 120 anos durante os quais Deus procurou libertá-los da prisão do pecado.

5ª) Pode a verdade ser ensinada aos mortos?

O ensino das Escrituras sobre o estado do homem na morte não admite tergiversações. Elas claramente nos afirmam que não há consciência na morte. Basta ler: Salmo 146:4; Ecles. 9:5, 6, 10; Mat. 10: 28; João 11:11; I Tes. 4:13.

Isaías 38:18 e 19 nos afiança que não há nenhuma esperança dos mortos aceitarem a salvação.

6ª) Defende a Bíblia a crença numa segunda oportunidade após a morte?

Os ensinamentos bíblicos são muito evidentes em nos mostrarem que há apenas uma oportunidade para a salvação, isto é, nesta vida.

A leitura de apenas algumas passagens, como II Cor. 6:1-2; Heb. 3:7-8; 6:4-6; 9:27; Rom. 2:6 elucida bem o assunto.

A doutrina da segunda oportunidade é antibíblica, portanto não deve ser aceita.

7ª) Qual é a prisão mencionada em 1 Ped. 3:16-20?

No salmo 142:7 Davi suplicou que Deus tirasse a sua alma da prisão.

Prov. 5:22 nos afirma que a prisão que traz a alma prisioneira é a prisão do pecado.

Isaías 42:6-7 nos informa que o trabalho de Cristo, quando viesse à Terra seria "tirar da prisão os presos". O mesmo profeta messiânico no capítulo 61:1 profetizou a libertação dos cativos do pecado, por Cristo. Lucas 4:18 afirma que Cristo em sua cidade natal, aplicou as palavras de Isaías ao Seu ministério. O Espírito do Senhor me ungiu para proclamar libertação às almas presas pelo pecado.

Os seres a quem Jesus pregou "espíritos em prisão" eram pessoas presentes e bem vivas.

Que os antediluvianos estiveram bem presos na prisão do pecado é facilmente deduzível da leitura de Gên. 6:5-13.

8ª) Seria possível um erro de tradução ou omissão de alguma palavra por copistas?

A tradução de Moffatt para o inglês é diferente, pois reza assim: "Cristo foi morto na carne, porém viveu à vida no Espírito. Também no Espírito Enoque foi e pregou aos espíritos em prisão, que haviam desobedecido no tempo quando a paciência de Deus aguardou, enquanto era construída a arca, nos dias de Noé."

Por que Moffatt introduz na sua tradução a palavra Enoque, que não aparece em nenhum manuscrito grego?

Ao considerar qualquer trecho em grego, os eruditos, freqüentemente, utilizam um processo, que se chama emenda. Este processo consiste no seguinte: Às vezes, os estudiosos crêm haver encontrado algo incorreto no texto como se encontra, porque algum escriba, parece haver copiado erroneamente, tornando o texto sem sentido. Portanto sugerem que determinada palavra deveria ser trocada, ou agregada alguma outra, mesmo que essa palavra não apareça em nenhum manuscrito grego.

No que se refere a esta passagem, Rendel Harris sugeriu, que ao copiar o manuscrito de Pedro se omitiu a palavra Enoque e que deveria ser reincorporada. Ele diz que entre as palavras "**kai**" e "**toi**" se havia omitido a palavra Enoque.

A razão que ele apresenta para isto é a seguinte: Como a cópia dos manuscritos se fazia por ditado, os escribas estavam expostos a omitir palavras que aparecendo em sucessão tivessem um som semelhante – **en ho kai Enoque**.

É uma sugestão interessante e engenhosa, mas que não devemos aceitar por falta de evidências comprobatórias.

Segue-se uma explicação para esta passagem dada por Artur S. Maxwell, aparecida na *Revista Adventista*, setembro de 1962, pág. 8:

"Na primeira epístola de S. Pedro ocorre esta estranha afirmativa: I Ped. 3:18-20. Naturalmente, somos levados a indagar: Quem eram os espíritos em prisão? Como podia Cristo lhes pregar e quando? Não haverá aqui algum erro? Não. Se compararmos esta passagem com a história do dilúvio, em Gênesis 6, tudo se torna claro. As palavras "no qual" referem-se ao Espírito Santo, e foi por esse Espírito que Cristo pregou aos 'espíritos em prisão', que no versículo 20 são definidos como pessoas que 'noutro tempo foram desobedientes'. Esse 'noutro tempo' é claramente identificado como o tempo em que 'a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé.' Assim, o tempo eram os dias de Noé, o lugar era o mundo antediluviano, e o meio pelo qual Cristo contendia como homem era seu santo Espírito – fato claramente expresso em Gênesis 6:3. O ministério de Noé, ministério presidido e motivado pelo Espírito, durou 120 anos – tempo durante o qual Deus procurou libertar o povo da prisão do pecado e salvá-lo na arca. A maior parte recusou o convite, salvando-se 'através da água', apenas 'oito pessoas'."

Conclusões

Sintetizando as idéias aqui apresentadas concluimos com o sumário feito por Mary E. Walsh, em seu estudo bíblico sobre esta problemática passagem.

1. "Espírito" – verificamos referir-se a seres vivos, e não a pessoas mortas.
2. "Prisioneiro" – pessoa presa aos seus maus hábitos. Está na prisão do pecado.
3. Cristo, enquanto esteve na Terra pregou, na sinagoga de Nazaré a almas aprisionadas. Sua mensagem visava libertá-las do pecado. Tanto Cristo quanto as pessoas a quem Ele pregava, estavam vivos.
4. Ao ler com atenção I S. Pedro 3:18, verificamos que o Espírito Santo que ressuscitou dos mortos a Cristo, foi o meio usado por Cristo para advertir o povo do tempo de Noé, de que estava iminente o dilúvio e se preparassem para entrar na arca. Não obstante, eles rejeitaram a mensagem, e somente Noé e sua família foram salvos.

Não há, pois, nestes passos, insinuação alguma de que enquanto esteve na sepultura, Cristo haja pregado. Essa doutrina é ensinada pela Igreja católica, sem apoio nas Escrituras". – *O Ministério Adventista*, Março/Abril, 1963, pág. 23.

QUAL É O DESCANSO DE HEBREUS 4:9?

Durante anos temos ouvido de pregadores e lido de estudiosos, argumentos baseados em sabbatismov – **sabbatismós** de Heb. 4:9 em defesa da continuidade da guarda do sábado no Novo Testamento.

Pesquisando este assunto com mais profundidade, concluiremos que este texto não deve ser usado, como prova de que o repouso sabático permaneceu inalterável após a morte de Cristo. Embora o tema ventilado nesta passagem não seja o dia santificado, ele nos traz uma profunda mensagem referente ao sábado do sétimo dia.

Para uma boa compreensão deste problema, é preciso estudar os capítulos 3 e 4 da carta aos Hebreus, ou o contexto deste verso. Pela leitura se conclui que o autor da carta mostra como o povo judeu, do tempo de Moisés e Josué, não conseguiu entrar no repouso de Deus por causa da sua incredulidade.

Quando Deus tirou a Israel do Egito Ele disse a Moisés: "A minha presença irá contigo, e eu te darei descanso". Êxo. 33:14.

Para Moisés e Israel estas novas eram muito agradáveis após um período de lutas e agitações no Egito.

As promessas de descanso eram condicionais:

"Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz, e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos. . .". Israel, muito interessado em entrar na Terra prometida, sempre se lembrava das promessas, mas se esquecia de cumprir as condições. Sabemos que por sua incredulidade quase todos morreram no deserto, sem desfrutarem da Terra prometida.

Foi a este mesmo descanso que Jeremias se referiu quando disse: "Ponde-vos à margem no caminho e vede, perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho; andai por ele e achareis descanso para as vossas almas.. ." Jer. 6:16.

O livro de Hebreus tem como centro a obra de Cristo para salvar a humanidade. Os capítulos 3 e 4 constituem um apelo para que o povo não falhasse em entrar no repouso divino, como havia acontecido aos filhos de Israel durante as vagueações pelo deserto.

O descanso aqui mencionado é a libertação das tribulações, tragédias, angústias e dores após a segunda vinda de Cristo. Este descanso seria uma maneira diferente de falar da salvação que Deus nos oferece.

Norman Russell Champlin em *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, Vol. 59, pág. 513, assim se expressou sobre o descanso de Hebreus 3 e 4:

"A fim de que se aplique bem a passagem do A.T., em consideração, o termo chave descanso deve assumir um sentido diferente daquele que foi obviamente empregado no caso da **geração do deserto**. Ali a palavra indicava uma vida pacífica e estabelecida em Canaã, a Terra prometida. Portanto, esse termo tinha um sentido essencialmente físico. Para os judeus cristãos, porém, era necessário dar-lhe um significado espiritual, equivalente ao entrar nas bênçãos do mundo espiritual. Todavia, essa modificação não foi feita pelo próprio autor sagrado. Primeiramente, isso faz parte inerente do próprio A.T., pois, apesar de que Israel buscava um descanso terreno, por outro lado sempre houve o ensino de seu paralelo celeste, o bem-estar espiritual,

embora os pensamentos sobre o outro mundo não tenham sido definidos do mesmo modo como o é no cristianismo, séculos mais tarde".

Uma pergunta natural que vem à nossa mente é esta: Em que tempo o cristão entra para este repouso? Quando aceita a Cristo ou apenas após a sua segunda vinda?

O estudo do contexto, especialmente das palavras resta (**katakeipo**), hoje (**semeron**) e entrar (**eiserkomai**) nos dão a idéia de que o repouso está à nossa disposição no presente. Este descanso pode ser parcialmente desfrutado agora, mediante a lealdade a Cristo, mas a apropriação plena deste descanso só será possível no futuro, na Nova Terra.

O livro *Consultoria Doutrinária* da Casa Publicadora, pág. 161, declara: "Quando o homem angustiado e perdido abandona seus próprios esforços e lutas, suas próprias obras, sua justiça própria e seus pecados, e se rende inteiramente a Deus através de Cristo e de sua justiça imaculada, ele entra no princípio desse repouso, e esse repouso se completará, quando o homem entrar na Terra renovada por ocasião da segunda vinda de Cristo".

Uma outra pergunta que nos ajuda a reflexionar é a seguinte: Como se entra para este repouso? A resposta se encontra no capítulo 4 verso 3. Este é o repouso no qual entrarão os crentes e do qual fala Jesus em Mat. 11:28 e 29. Vinde a mim. Porque nós, os que cremos, entramos neste descanso. Crer é ter fé, é obedecer, é ter confiança em Deus.

Esta oportunidade não estará para sempre à nossa disposição, por isso Heb. 3:13, 15, nos mostra que ela deve ser aproveitada hoje. Este privilégio está à disposição de todo aquele que aceita a Cristo como seu Salvador pessoal.

Através de Hebreus 3 e 4 Paulo usa 9 vezes o termo repouso **katapausis**, como o alvo a ser atingido, mas em Heb. 4:9 surge uma palavra diferente para repouso – **sabbatismós**, que apropriadamente pode ser traduzida por "descanso sabático".

"A palavra usada como 'repouso' aqui é diferente da que tem sido empregada em toda a primeira parte do comentário (**katapausis**) . . . A palavra significa 'o repouso de um sábado', e fornece um importante elo de ligação no argumento, indicando o fato de que 'o repouso' que o autor tem em vista é o repouso de Deus, uma concepção muito mais alta de repouso, do que qualquer espécie de descanso que Canaã pudesse tipificar de modo adequado. O sábado, que em II Macabeus 15:1 é chamado o 'dia de repouso', é tipo mais aproximado do céu do que Canaã." – Farrar, Cambudge, *Greek Testament, Epistle to the Hebrews*, pág. 88.

Os estudiosos são unânimes em declarar que o termo "**sabbatismós**" foi criado pelo autor de hebreus, já que em nenhum documento ou inscrição esta palavra foi encontrada.

Qual a razão do emprego desta nova palavra?

Tudo indica que o apóstolo está unindo a mais profunda experiência de repouso, à qual Deus convida seu povo, com o símbolo da fé que o próprio Deus instituiu, o sábado. Em outras palavras, sendo **katapausis** o símbolo do repouso de Deus em

Cristo, ele nos relembra o repouso do sábado como cessação das nossas obras, assim como Deus cessou das Suas no sétimo dia da Criação.

Como bem asseverou Russel Norman Champlin em *O Novo Testamento Interpretado*, ao explicar Hebreus 4:9: O autor sagrado criou um vocábulo, que fala ao mesmo tempo, de "descanso" e de "sábado". E foi assim que ele obteve dois resultados:

1º) Ele distinguiu esse descanso restante de qualquer outro descanso.

2º) Ele o identifica com o próprio descanso de Deus, o qual no quarto versículo, é visto como algo que ocorreu no sétimo dia, quando toda a obra da criação se completara".

Após citar Heb. 4:9, 11 Ellen White diz:

"O repouso aqui mencionado é o repouso da graça, que se obtém seguindo o preceito: Trabalhai diligentemente. . . . Aqueles que não estão dispostos a prestar ao Senhor um fiel, zeloso e amorável serviço não acharão repouso espiritual nesta vida nem na vida porvir. Apenas de um diligente trabalho provém a paz e o gozo no Espírito Santo – felicidade sobre a Terra e glória no além". – *The SDA Bible Commentary*, comentários de Ellen G. White sobre Heb. 4:9, 11.

O pastor Jerry N. Page em artigo no *Ministry*, junho 1978, pág. 13, com muita propriedade assim se expressou sobre o repouso de Heb. 4:9:

"Embora o sábado seja mencionado apenas incidentalmente em um contexto que enfatiza a disponibilidade do repouso da salvação para o homem, o repouso de Deus, no sétimo dia da semana da Criação, revela que o sábado é um símbolo, é uma amostra do repouso da graça. Da mesma forma que o homem comunga com Deus pela fé e desse modo obtém o repouso, assim aconteceu no domínio do tempo, de modo que esta comunhão encontra sua suprema expressão na simbólica dádiva divina do sábado. Quando nosso autor introduz o conceito do repouso divino, não é por coincidência que ele faz um trocadilho pela introdução da palavra **sabbatismós**. A relação entre o repouso divino como experiência e o sábado como seu símbolo é de maneira conveniente explicada por E. J. Waggoner: 'O repouso no Éden era repouso sabático. O sábado é um pedaço do Éden que nos resta, até que o Éden seja novamente restaurado; aquele que guarda o sábado como Deus o fez, como Deus o concedeu para ser guardado, goza do repouso que o Senhor Jesus Cristo tem no céu. Mas como pode alguém guardá-lo? pela fé!'"¹

O sábado como um símbolo da realidade do repouso espiritual tem implicações com a futura, bem como com a passada e a presente salvação. O sábado é um elo especial com a consumação do prometido repouso de Deus. . . O sábado, como símbolo daquele repouso eterno é, num sentido especial, o sinal entre Deus e seu verdadeiro povo do concerto (Ezeq. 20: 12). Ele é o antegozo do eterno repouso e comunhão vindoura com Aquele que é o fundamento de nossa confiança e nosso Criador, Jesus Cristo. O sábado é um símbolo do profundo repouso de Deus no qual

entramos agora, enquanto aguardamos a experiência ainda mais completa da qual partilharemos se conservarmos firmes nossa confiança e esperança até o fim.

Concluiremos com as palavras de Vincent em *Word Studies in the New Testament*, Vol. IV, pág. 420:

"A salvação cristã, após ter sido exposta como a autoridade (de Cristo) sobre o mundo vindouro, como o livramento do temor da morte, agora é apresentada como a participação no descanso de Deus. O propósito dos versículos primeiro a décimo primeiro do quarto capítulo (de Hebreus) consiste em confirmar a esperança desse descanso, advertindo contra a possibilidade de perdê-lo. O descanso de Deus foi proclamado aos nossos antepassados; mas não entraram no mesmo devido à sua incredulidade. Tal descanso também nos foi proclamado. E podemos falhar como aqueles falharam, e devido á mesma razão".

Do livro *Reposo Divino para la Inquietud Humana*, de Samuel Bacchiocchi, no capítulo "O Sábado – Mensagem de Redenção", págs. 127-132, retirei os seguintes pensamentos esparsos por serem os mais expressivos:

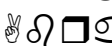
Neste capítulo vamos ver de que maneira o sábado tem sido utilizado na Bíblia por Deus, para dar a seu povo um vislumbre de sua salvação presente e futura.

"Anteriormente vimos, como a bênção e santificação do sábado são a expressão do desejo divino de transmitir aos homens vida abundante por meio de sua presença.

"Quando o pecado arruinou as perspectivas de uma vida feliz na presença de Deus, o sábado se converteu no símbolo do empenho divino para restabelecer essas relações rompidas após a queda.

"Havendo identificado em Heb. 4:4 a promessa que Deus fez de um repouso para seu povo com o descanso do sábado, o autor se sente livre para substituir no versículo 9 a expressão comum para 'descanso' **katapausis**, pelo termo mais específico de 'repouso sabático' – **sabbatismós**. Que este vocábulo se refere explicitamente à observância do sétimo dia, está provado pelo significado que este termo tem nos escritos de Plutarco, Justino Mártir e Epifânio, entre outros. Ademais, o verbo afim **sabbatizo** 'repousar' é empregado várias vezes na Septuaginta referindo-se claramente à observância do sábado (conf. Êxo. 16:30; Lev. 23:32; II Crôn. 36:21). Estes fatores advogam decisivamente em favor da interpretação de '**sabbatismós** – repouso sabático', como uma referência ao descanso do povo de Deus (4:7) no sétimo dia. De outro lado, aquele 'repouso de Deus' que os israelitas encontraram ao chegar à terra prometida atualiza-se no sábado, 'de maneira que resta um repouso sagrado para o povo de Deus' (4:9). Porém, por outro lado, esse descanso tem adquirido uma nova dimensão com a vinda de Cristo (4:3, 7).

"Para o autor de Hebreus, como disse Gerhard von Rad, a finalidade última da criação e a finalidade última da redenção se identificam na realização dos objetivos, que Deus havia simbolizado no descanso do sábado.

"O conceito de 'repouso sabático' – , como explica   , 'significa na mentalidade bíblica

felicidade e tranqüilidade, paz e harmonia.' A paz e o repouso do sábado, como aspirações políticas, permaneceram geralmente sem ser cumpridas, e se converteram em símbolos da era messiânica, chamara 'o fim dos tempos ou 'o mundo por vir.' – Teodoro Friedman observa que 'duas das três passagens nas quais Isaías menciona o sábado estão relacionadas com o tempo do fim (Isa. 56:4, 6; 58:13, 14; 66:22, 24) . . . Não é uma mera coincidência que Isaías empregue as palavras 'alegria' (אֵלֶּה וְזֶה) e 'honra' (כְּבוֹד וְהוֹדָה) tanto em suas descrições do sábado como nas do dia da restauração final (58:13 'considera este dia como dia de alegria. . . e digno de honra' conf. 66:10). A razão é clara: a alegria e o gozo que caracterizaram aquele dia estão ao nosso alcance, aqui e agora, no sábado.'

"A literatura rabínica e apocalíptica tardia proporciona exemplos mais específicos do sábado concebido como uma antecipação do mundo por vir.

"O tema do sábado, como sinal de liberação, aparece em diferentes formas no Antigo Testamento e na literatura judaica posterior. Sua condição de dia de descanso, faz que o sábado seja a primeira vez um símbolo e um agente de liberação física e espiritual particularmente eficaz. O fato de que o sábado proporcione liberdade da opressão do trabalho o converte na mais afetiva expressão da redenção divina. Daí a razão do sábado aparecer freqüentemente associado com o tema da salvação."

Referência:

1. *Studies in the Book of Hebrews*, de Ellet Joseph Waggoner, Boletim da Associação Geral, 1897, pág. 301.

ESTUDO EXEGÉTICO DE LUCAS 16:16

Introdução

As mensagens bíblicas são divinas, já que as idéias ou pensamentos foram inspirados por Deus, sob a orientação do Espírito Santo; porém, o modo de se expressar ou as palavras escolhidas são dos homens. Assim sendo é evidente que o profeta e outros escritores sagrados se serviram de suas habilidades e dos elementos de cultura da sua época. Como os costumes são alterados e as culturas ultrapassadas, torna-se difícil a compreensão de textos bíblicos escritos em contextos históricos milenares. Acrescido a este há o problema das cópias e traduções que contribui, às vezes, para que o texto sagrado não transmita exatamente a idéia do original. Após estas afirmações é fácil concluir que, muitas vezes, é necessário grande esforço e a orientação divina para que o pesquisador chegue a conclusões corretas concernentes ao que o mensageiro de Deus queria transmitir.

No Novo Testamento, um dos textos que tem sido tema para muitas discussões é Lucas 16:16, que aparece na tradução de Almeida Revista e corrigida:

"A lei e os profetas duraram até João; desde então é anunciado o reino de Deus, e todo o homem emprega força para entrar nele."

O profícuo ministério de Cristo, visando salvar o homem, encontrou os mais variados obstáculos. Uma leitura atenta dos Evangelhos nos revelará que seus maiores inimigos e os mais acérrimos questionadores não foram os ignorantes, mas os mestres de então – os saduceus e fariseus.

O contexto da passagem de Lucas 16:16 nos indica, que Cristo usou este verso num diálogo com os fariseus, que estavam ridicularizando ou minimizando as sublimes características messiânicas de Jesus. Foi para estes fariseus que Cristo declarou:

"A lei e os profetas vigoraram até João" – em outras palavras, eles ouviram a declaração do Mestre do cumprimento da lei e dos profetas em João.

Esta frase pronunciada há quase dois mil anos, retirada do seu contexto, tem sido usada por alguns comentaristas, como uma das principais provas bíblicas, da abolição dos 10 mandamentos com Cristo.

A finalidade primordial desta análise exegética é esclarecer e orientar os sinceros estudantes das Escrituras, de que nada existe neste texto, que possa ser usado como prova da anulação da eterna, santa e imutável lei de Deus.

Comentários sobre o Texto

Para uma correta interpretação de qualquer texto, o primeiro passo é ir ao original, neste caso ao grego, para ver como lá se encontra.

Lucas o escreveu assim:

o nomov kai oi profhtai ewv iwannou.

Ho nómos kai hoi profetai ewv Ioanu.

Sua tradução literal será: A lei e os profetas até João.

Como ponto de partida para a boa compreensão deste verso, é necessário saber que as palavras **duraram**, **vigoraram** ou **existiram**, que aparecem em algumas versões não se encontram no original. Um destes sinônimos foi introduzido como um acréscimo ou recurso usado pelo tradutor para complementação do sentido. Observe bem que na tradução de Almeida Revista e Corrigida "duraram" aparece em itálico, como prova de que não se encontra no grego.

Os três mais relevantes princípios hermenêuticos devem ser aplicados neste estudo para sabermos o que Cristo quis declarar. (Veja estes princípios no capítulo – Predestinação Bíblica).

Para uma adequada compreensão do seu sentido a passagem paralela de Mateus 11:13 deve ser colocada ao lado desta, porque diz a mesma coisa, mas com muito mais clareza:

"Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João".

Mateus nos esclarece que Lucas jamais pretendeu declarar que a lei e os profetas terminaram nos dias de João, mas simplesmente afirma que eles profetizaram até aquele tempo a respeito de Cristo.

A Bíblia está repleta de provas de que a lei e os profetas continuaram depois de João.

1ª) A Lei

Como poderia o Senhor estar afirmando em Lucas 16:16 que a lei se tornara perempta ou fora suprimida quando no verso seguinte declara alto e bom som: "E é mais fácil passar o céu e a terra, do que cair um til sequer da lei".

Mateus nos informa da lealdade de Cristo à lei: "Não cuideis que vim destruir a lei e os profetas". Mateus 5:17.

Na sua palestra com o jovem rico, nosso Senhor o advertiu: ". . . se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos".

2ª) Os Profetas

A Bíblia fala de muitos profetas nos tempos apostólicos.

Atos 2:17-18 – "... e profetizarão".

Atos 19: 6 – "... e ... profetizavam".

Atos 21:7-9 – "Filipe tinha quatro filhas donzelas, que profetizavam".

1 Cor. 14:29 – "Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três, e os outros julguem".

Os antinomistas são incoerentes em suas afirmações, porque ao declararem que a lei de Deus foi abolida depois de João, afirmam:

a) A Lei parou com João Batista, o precursor de Cristo.

b) A Lei vigorou até a 1ª vinda de Cristo.

c) A Lei de Deus findou na cruz.

Vemos aqui o ilogismo cronológico de três abolições da Lei.

O estudo do contexto é muito útil para melhor compreensão do assunto, pois este nos indica que nem Mateus nem Lucas está discutindo os Dez Mandamentos. Pelo contexto sabemos que muitos dos judeus eram descrentes da missão e do caráter de Cristo e do Seu precursor. Afirmavam sua crença em Moisés e em todos os profetas. Cristo procurou insistentemente provar-lhes que Ele era Aquele de quem os profetas falavam e que o reino de Deus lhes estava sendo pregado através de João Batista.

Qual o Real significado da Frase: "A Lei e os Profetas Até João"?

"A lei e os profetas". Isto é, os escritos canônicos do VT (vide Mat. 5:17; 7:12; 22:40; Luc. 24:27, 44; Atos 13:15; 28:23; vide Luc. 24:44).

"Até João". Isto é, João Batista. "Até" a pregação do "reino de Deus" por João os sagrados escritos do VT constituíam a orientação primária do homem para a salvação (veja Rom. 3:1, 2). A palavra "até" (gr. **mechri**) de maneira nenhuma implica – como alguns expoentes superficiais da Escritura querem nos fazer crer – que "a lei e os profetas", as Escrituras do VT, de algum modo perderam seu valor ou força quando João começou a pregar. O que Jesus quer dizer aqui é que até o ministério de João "a lei e os profetas" eram tudo o que os homens tinham. Veio o evangelho, não para substituir ou anular o que Moisés e os profetas tinham escrito, mas antes suplementar, reforçar, confirmar aqueles escritos (veja s. Mat. 5:17-19). O evangelho não toma o lugar do VT, mas é adicionado a ele. Este é claramente o sentido em que **mechri** (também traduzido "para") é usado em tais passagens da Escritura como Mat. 28:15 e Rom. 5:14.

Através do NT não há nenhum exemplo em que o VT é de algum modo depreciado. Pelo contrário, é nas Escrituras do VT que os crentes do NT encontravam a mais forte confirmação de sua fé; de fato, o VT era a única Bíblia que a primeira geração da igreja do NT possuía (veja João 5:39). Eles não o desprezavam, como fazem alguns hoje que se intitulam cristãos, mas honravam e estimavam-no. De fato, nesta mesma ocasião Jesus estabeleceu os escritos do VT como suficientes para conduzir os homens ao céu (veja Luc. 16:29-31). Aqueles que ensinam que as Escrituras do VT são sem valor ou autoridade para os cristãos, ensinam o contrário do que Cristo ensinou. Paulo afirmou que seus ensinoss incluíam "nada mais além daquilo que os profetas e Moisés disseram que viria". (Atos 26:22). Em seu ensino Paulo se referia constantemente à "lei de Moisés" e aos "profetas" (veja Atos 28: 23).

No sermão da Montanha Jesus deixou claro que Seus ensinoss de modo algum punham de lado os do VT. Ele declarou enfaticamente que não veio tirar das Escrituras do VT o menor "jota" ou "til" (veja Mat. 5: 18). Quando Ele declarou "mas Eu vos digo" (veja v. 22), o contraste que Ele delineou entre os ensinoss do VT e Seus ensinoss, não tinha em vista diminuir o valor ou importância dos primeiros, mas antes libertá-los dos estreitos conceitos dos judeus de Seus dias e amplificar e fortalecê-los.

Desde aquele tempo. Desde a proclamação do reino de Deus por João Batista, luz adicional tem estado a brilhar sobre o caminho da salvação, e os fariseus não tinham qualquer escusa para serem "cobiçosos" (veja v. 14). Tinha havido luz suficiente para eles no VT (veja vs. 29 a 31), mas eles tinham rejeitado aquela luz (João 5:45-47); agora eles tomavam a mesma atitude em relação à luz em acréscimo que brilhava através da vida e ensinamentos de Jesus (veja João 1:4; 14:6)."

Estas explicações se encontram no *SDABC*, Vol. V, págs. 828-829.

Conclusão

De conformidade com os ensinamentos de Cristo, a analogia das Escrituras, a comparação de passagens paralelas, e o contexto do verso, a única conclusão a que se chega é:

Uma melhor tradução da passagem seria: A lei e os profetas foram pregados até João.

À luz do que nos ensina claramente a Palavra de Deus, e apoiados no testemunho de abalizados comentaristas podemos concluir, sem nenhuma dúvida, que a lei de Deus permanece como disse Barclay: "inalterada e inalterável".

A Lei dos Dez Mandamentos representa o caráter de Deus, portanto é tão eterna quanto Ele próprio.

A afirmação de que o Velho Testamento foi proscrito juntamente com os profetas, não encontra base nos ensinamentos de Cristo nem nas declarações dos escritores do Novo Testamento. Veja Atos 26:22; 28:23.

A ausência de pontuação deixa os tradutores na possibilidade de colocarem a pontuação de acordo com suas idéias preestabelecidas.

É evidente, que a mudança de pontuação, pode alterar totalmente o significado de uma frase, como nos comprovam as afirmações de *Rui Barbosa na Réplica*, vol. II, pág. 195:

"Bem é que saiba o nosso tempo quanto bastará, para falsificar uma escritura. Bastará mudar um nome? Bastará mudar uma cifra? Digo que muito menos nos basta. Não é necessário para falsificar uma escritura mudar nomes, nem palavras, nem cifras, nem ainda letras, basta mudar um ponto ou uma vírgula.

"Ressuscitou; não está aqui. Com estas palavras diz o evangelista que Cristo ressuscitou, e com as mesmas se mudar a pontuação, pode dizer um herege que Cristo não ressuscitou.

Ressuscitou? Não; está aqui. De maneira que com trocar pontos e vírgulas, com as mesmas palavras se diz que Cristo ressuscitou: e é de fé; e com as mesmas se diz que Cristo não ressuscitou: e é de heresia. Vede quão arriscado ofício é o de uma pena na mão. Ofício que, com mudar um ponto, ou uma vírgula, de heresia pode fazer fé, e de fé pode fazer heresia".

Apresentaremos a seguir algumas declarações do *Comentário Adventista* ao explicar Lucas 23:43:

"Como originalmente escrito, o grego estava sem pontuação, e o advérbio **semeron** – 'hoje', está colocado entre duas sentenças que literalmente afirmam: 'em verdade a ti te digo' e 'comigo estarás no paraíso'. O uso grego permitia que aparecesse um advérbio em qualquer lugar numa sentença onde o orador ou escritor o desejasse colocar. Unicamente baseado na construção grega da sentença em consideração é impossível determinar se o advérbio 'hoje' modifica 'digo' ou 'estarás'. Existe qualquer uma das duas possibilidades. A questão é: Quis Jesus dizer, literalmente, 'Verdadeiramente eu te digo hoje', ou 'Hoje estarás comigo no paraíso'? A única maneira de conhecer o que Cristo queria indicar é descobrir respostas escriturísticas para algumas outras questões, tais como:

1ª) Foi Jesus ao paraíso no dia de Sua crucifixão?

2ª) O que ensinou Jesus concernente ao tempo em que os homens teriam a recompensa no paraíso?

1ª) Foi Jesus ao Paraíso no dia da Sua crucifixão?

Sabemos que Jesus não foi ao Paraíso no dia da crucifixão, pois ele mesmo declarou a Maria Madalena, três dias após a morte: "Não me detenhas; porque ainda não subi para meu Pai.. ." João 20:17.

Se Jesus não esteve no Paraíso naquele dia, é evidente que o ladrão também lá não esteve.

Uma leitura atenta de S. João 19:31-33 nos científica que o ladrão não morreu naquela sexta-feira:

"Então os judeus, para que no sábado não ficassem os corpos na cruz, visto como era a preparação, pois era grande o dia daquele sábado, rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados. Os soldados foram e quebraram as pernas ao

primeiro e ao outro que com ele tinha sido crucificado: chegando-se, porém, a Jesus, como vissem que já estava morto, não lhe quebraram as pernas.

O estudioso J. B. Howell, em seu *Comentário a São Mateus*, pág. 500 declara:

"O crucificado permanecia pendurado na cruz até que, exausto pela dor, pelo enfraquecimento, pela fome e a sede, sobreviesse a morte. Duravam os padecimentos geralmente três dias, e, às vezes, sete.

2ª) O que ensinou Jesus concernente ao tempo em que os homens teriam a recompensa?

A Bíblia está repleta de claros exemplos mostrando que o galardão dos justos será apenas após a volta de Jesus.

Dentre as muitas passagens destaques estas quatro:

- a) Apoc. 22:12 – "Eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras."
- b) S. Mat. 16:27 – "Porque o Filho do homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos e então retribuirá a cada um conforme as suas obras."
- c) I Pedro 5:4 – "Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, receberéis a imarcescível coroa da glória."
- d) II Tim. 4: 8 – "Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor reto juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda."

Há várias traduções da Bíblia que traduzem Lucas 23:42 da seguinte maneira: "Lembra-te de mim quando vieres no teu reino." Assim o verte: a *Trinitária*, *Matos Soares*, a *King James Version* e outras. Esta tradução está bem de acordo com o original grego, pois o verbo que aparece é $\epsilon\lambda\theta\epsilon\iota\varsigma$ – **erkomai**, que tanto pode ser traduzido por ir ou vir.

Arnaldo Christianini estudou bem este assunto em *Subtilezas do Erro*, páginas 221 a 224 e dele transcrevemos as seguintes afirmações:

"E no Apêndice N° 173, o famoso *Oxford Companion Bible*, esclarece: A interpretação deste versículo depende inteiramente da pontuação, a qual se baseia toda na autoridade humana, pois os manuscritos gregos não tinham pontuação alguma até o nono século, e mesmo nessa época somente um bento no meio das linhas' separando cada palavra. . . . A oração do malfeitor referia-se também àquela vinda e àquele Reino, e não a alguma coisa que acontecesse no dia em que aquelas palavras foram ditas."

E conclui no final do mesmo Apêndice:

"E Jesus lhes disse: 'Na verdade te digo hoje' ou neste dia quando, prestes a morrerem, este homem manifestou tão grande fé no Reino vindouro do Messias, no qual s6 será Rei quando ocorrer a ressurreição – agora, sob tão solenes circunstâncias, te digo: serás comigo no Paraíso".

"E a expressão "hoje" ligada ao verbo não é redundante, mas enfática. É encontrada na Bíblia. Leiam-se, por exemplo, Deut. 30:19; Zac. 9:12; Atos 20:26, e outros passas.

"A conclusão fatal é que S. Lucas 23:43 é um falso pilar em que se ergue a teoria da imortalidade inata no homem e seu imediato galardão *post mortem*".

Subtilezas do Erro menciona ainda várias traduções que vertem Lucas 23:43 da seguinte maneira:

"E Jesus lhe disse: na verdade te digo hoje: estarás comigo no Paraíso."

DIA DO SENHOR – ☺◆□✕☞&≡''' ☞○ℳ☞□☞ Apoc. 1:10

"Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor, e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta."

A expressão grega – **Kuriakê hemera** – dia do Senhor, não deixa dúvida alguma de que o profeta se refere a um dia de propriedade do Senhor, desde que a vocábulo **kuriakê** é adjetivo possessivo que está determinando o substantivo **hemera** – dia, como posse. Em outras palavras, João faz alusão a um dia semanal que, antes da visão, ele considerava como "dia do Senhor" propriedade do Senhor.

Esta expressão aparece apenas uma vez na Bíblia. Em I Cor. 11:20 encontramos uma frase mais ou menos semelhante a esta, referindo-se à Ceia do Senhor – &◆□✕☞&□□◆ ☞ℳ✕☞□■□■ – **kuriakón deipnon**.

A que dia está se referindo o apóstolo com esta afirmação?

Cinco posicionamentos são apresentados:

1º) Abrangendo toda a dispensação cristã e não qualquer particular dia de vinte e quatro horas.

2º) Uma segunda classe sustenta que se refere ao dia do Juízo.

3º) É uma referência ao dia do imperador.

4º) Um grupo mais numeroso, por óbvias razões, defende ardorosamente que é uma referência ao dia de domingo.

5º) Ainda outra classe mantém o princípio, que **Kuriakê hemera** significa o sétimo dia, o sábado do Senhor.

O Dia da Dispensação Cristã

Há ponderáveis razões para se rejeitar esta interpretação, considerando-se os seguintes fatores:

Segundo o contexto da passagem (Apoc. 1:9-10). Sabemos o lugar da visão – ilha de Patmos; o motivo de estar ali – por causa da palavra do Senhor; sua condição em visão – no espírito, e o tempo específico do recebimento da visão – no dia do Senhor. Estas circunstâncias nos cientificam de que o dia em que foi dada a visão tem uma existência real e não simbólica ou mística. Os que defendem que significa toda a dispensação cristã lhe atribuem um significado simbólica que não é admissível.

Dia do Juízo

Embora João tivesse tido uma visão sobre o dia do juízo, não poderia ter sido neste dia, porque este ainda estava no futuro.

Esta interpretação não pode ser aceita quando sabemos:

1º) Vincent em *Word Studies in the New Testament*, vol. II, pág. 425, comentando Apoc. 1:10, assim se expressa:

"Dia do juízo é expresso no Novo Testamento por                   

A História nos confirma que no Império Romano o Imperador era freqüentemente chamado de **Kúrios** – Senhor, conseqüentemente todas as coisas pertencentes ao Imperador eram denominadas de **Kuriakós** = do Senhor.

Isbon T. Beckwith, no livro *The Apocalypse of John*, pág. 435 nos diz que o primeiro dia do mês era chamado na Ásia Menor – "Dia do Imperador".

Embora houvesse o "Dia do Imperador" e a expressão "**Kuriakós**" para designar as coisas pertencentes ao imperador, seria difícil concluirmos que João se estivesse referindo a um dia imperial, quando atentamos para o fato de que ele fora perseguido e estava exilado, na ilha de Patmos, por negar-se a prestar culto ao imperador.

O *Comentário Adventista* pondera muito apropriadamente, ao explicar Apoc. 1:10.

"Parece mais provável que João tenha escolhido a expressão "**Kuriakê Hemera**", para designar o dia do sábado, como uma penetrante maneira de proclamar o seguinte fato: Como o imperador tinha um dia devotado a sua honra, assim o Senhor de João, por cuja causa ele agora sofria, também tem o seu dia".

Dia do Domingo

Este ponto de vista é defendido pela maioria dos comentaristas católicos e protestantes, interessados em justificar pela Bíblia que o domingo é o dia do Senhor.

Será que há provas bíblicas para fazer tal afirmação?

A resposta a esta pergunta apenas pode ser uma forte negação – nem uma prova bíblica jamais foi encontrada neste sentido.

A história eclesiástica nos confirma que os pais da igreja fizeram longo uso da expressão "**Kuriakê hemera**" para o primeiro dia da semana. Por esta razão muitos estudiosos argumentaram, que **Kuriakê hemera**, em Apoc. 1:10, também se refere ao domingo e que João não apenas recebeu sua visão naquele dia, mas também o reconheceu como o "dia do Senhor" pelo fato de naquele dia o Senhor haver ressuscitado dos mortos.

Esta argumentação não subsiste quando se pondera o seguinte, de acordo com o *SDABC*, vol. VI1, pág. 735:

"Existem razões tanto negativas como positivas para a rejeição desta interpretação. A primeira é o reconhecimento do princípio do método histórico que declara que uma alusão deve ser interpretada somente em termos da evidência que lhe antecede no ponto de vista do tempo, ou que lhe seja contemporânea e não por dados históricos dum período posterior. Este princípio tem um aspecto importante no problema do significado da expressão 'dia do Senhor' como aparece na presente passagem. Embora este termo ocorra freqüentemente nos Pais da Igreja com a significação de domingo, a primeira evidência conclusiva de tal uso não aparece senão na última parte do segundo século, no apócrifo Evangelho Segundo Pedro (9-12; ANF. Vol. 9, pág. 8), onde o dia da ressurreição de Cristo é denominado 'dia do Senhor'. Desde que este documento foi escrito pelo menos três quartos de séculos após João ter

escrito o Apocalipse, ele não pode ser apresentado como prova de que a frase 'dia do Senhor' no tempo de João se refere ao domingo".

O domingo ou primeiro dia da semana é designado no grego neotestamentário pelas expressões $\text{Ο} \text{Κ} \text{Τ} \text{Ε} \text{Ρ} \text{Τ} \text{Η} \text{Ρ} \text{Α} \text{Υ} \text{Α} \text{Τ} \text{Η} \text{Μ} \text{Ε} \text{Σ}$ – **mia ton sabbaton** – Mar. 16:2; Luc. 24:1; S. João 20:1, 19; Atos 20:7; I Cor. 16:2 e $\text{Τ} \text{Ο} \text{Κ} \text{Α} \text{Τ} \text{Α} \text{Β} \text{Β} \text{Α} \text{Τ} \text{Ο} \text{Ν} \text{Η} \text{Μ} \text{Ε} \text{Ρ} \text{Ο} \text{Ν}$ – **prote sabbatu** – Marcos 16: 9.

Arnaldo B. Christianini em *Subtilezas do Erro*, minuciosa análise histórica e exegética do livro *O Sabatismo à Luz da Palavra de Deus* de Ricardo Pitrowiski, inseriu um capítulo – "O Dia do Senhor", do qual destacamos estes pensamentos:

"... o fato de um profeta ter visão em determinado dia, não significa que tal dia deve ser guardado. A santidade de um dia repousa em base mais sólida, fundamenta-se num claro e insofismável 'assim diz o Senhor'.

"A afirmação de que 'dia do Senhor' nessa passagem se refira indiscutivelmente ao primeiro dia da semana é baseada em presunção sem nenhum valor probante. O fato de em fins do segundo século da era cristã surgirem escritos aludindo ao primeiro dia da semana como sendo 'dia do Senhor', não autoriza a dogmatizar que João também se referia ao domingo".

O Sábado – O Dia do Senhor

Tendo analisado as quatro posições anteriores, nossa atenção se fixará na declaração de que o sábado é o "dia do Senhor". Após os seis dias da Criação, Deus reservou o sétimo dia para Si, colocando sobre ele a Sua bênção e reclamando-o como Seu santo dia. Gên. 2:2-3.

A Bíblia está repleta de declarações convincentes de que o sábado é o dia do Senhor, destacando-se entre estas por sua clareza ímpar as seguintes:

- a) Êxodo 16:23 – "Amanhã é repouso, o santo sábado do Senhor."
- b) Êxodo 20:8-11 – "O sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus. ... porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou: por isso abençoou o Senhor o dia do sábado e o santificou."
- c) Isaías 58:13 – "... mas se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do Senhor digno de honra. ..."
- d) Mat. 12:8 – "Porque o Filho do homem é Senhor do sábado."

"Cristo se apresenta como – Senhor do sábado. Desde que é o Senhor dos homens, Ele é também Senhor sobre o que foi feito para os homens – o sábado – Marcos 2:28.

"Assim, quando a frase 'Dia do Senhor' é interpretada de acordo com as evidências anteriores e contemporâneas dos dias de João, torna-se evidente que não há referência a nenhum outro dia a não ser o sábado ou o sétimo dia da semana". – *SDABC*, Vol. VI1, pág. 736.

Em conclusão são oportunas ainda as asseverações do livro já citado de Arnaldo B. Christianini, págs. 177-178:

"Temos fundadas razões para crer que S. João se referia ao sábado. Porque, consoante a Bíblia, o único 'dia do Senhor' que nela se menciona é o sábado. . .

"O discípulo amado conhecia muito bem as palavras do Decálogo (Êxodo 20:10) bem como as de Isaías (Isa. 58:13). À vista disso, não precisamos ter dúvida quanto ao dia a que ele quis referir-se quando no Apocalipse escreveu: 'fui arrebatado em espírito no dia do Senhor'."

É uma verdade acaciana entre os comentaristas, que em nenhum lugar da Bíblia, se encontra uma afirmação que identifique o primeiro dia da semana como o dia do Senhor.

QUAL A MELHOR TRADUÇÃO DE APOC. 22:14?

Introdução

Não existe nenhum autógrafo do livro de Apocalipse, bem como dos demais livros da Bíblia. O que temos são cópias de cópias e estas, como nos informa a História do Texto Bíblico, por vários fatores, sofreram o risco dos erros dos copistas. Por exemplo alguns copistas tinham o hábito de colocar notas marginais ou ao pé da página acrescentando algo ao que estava copiando ou explicando-o. Um escriba posterior achando idéias válidas nestas notas e consentâneas com a doutrina bíblica, ele as introduzia no texto. Crêem os estudiosos que foi isto o que aconteceu com a doxologia do Pai Nosso, com as três testemunhas celestiais de I João 5:7-8, e com o anjo que agitava as águas em São João 5:4.

A inclusão de algumas palavras ou até frases, em um ou outro manuscrito do texto sagrado, não alterou nenhuma de suas doutrinas, nem deu origem a nenhuma doutrina nova e ainda mais, os textos envolvidos com problemas de Crítica Textual nada têm a ver com a doutrina da salvação ou da justificação pela fé.

A finalidade deste capítulo é esclarecer os problemas de Apoc. 22: 14, porque há nele implicações tanto doutrinaria como de Crítica Textual.

O Texto no Original e sua tradução:

a) No Grego:





 makarioi hoi plinontes tas stolas auton





 makarioi hoi piountes tas entolas autou.

b) Sua Tradução.

Em algumas traduções como a de Figueiredo, Ferreira de Almeida, *Bíblia de Jerusalém*, *New English Bible*, *Novo Testamento na Linguagem de Hoje*, *Novo Testamento Vivo* e estrangeiras como: Alford, Goodspeed, Spender, Moulton, Fenton, Weymouth, Moffatt, Wyclif, Knox encontramos:

"Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras. . ."; enquanto que as traduções: *The Holy Bible*, *King James Version*, *La Sacra Biblia*, *Giovani Diodati* (Italiana), a tradução siríaca e outras consignam:

"Bem-aventurados aqueles que guardam os seus mandamentos..."

Comentários Sobre o Texto

Não nos foi possível precisar a data em que o problema surgiu, entretanto quase todos os estudiosos do assunto têm chegado a um denominador comum quanto à divergência no texto; esta apareceu em consequência do equívoco dos copistas. A grande semelhança entre os dois textos no original (pois há apenas seis letras diferentes) fez com que os escribas substituíssem um pelo outro. A diferença entre as palavras "vestes" e "mandamentos" no grego é uma questão de letras iniciais. Vestes no acusativo plural é **stolas** e mandamentos **entolas** sendo a diferença de um "s" e de "en" nas respectivas palavras. Por isso muitos admitem que esta pequena diferença foi a causa da troca de algum copista.

Qual era o texto original?

A Crítica Textual não tem condições de dar uma resposta definitiva a esta pergunta. Os adventistas citávamos, em tempos passados, Apocalipse 22:14 como uma prova eloqüente da observância dos mandamentos como fator de nossa salvação, mas em virtude de ser uma passagem contraditória, hoje não o fazemos com tanta veemência.

A seguir se encontram soluções propostas pela crítica Textual e por renomados exegetas e comentaristas.

O *Comentário Adventista*, vol. VII, pág. 897, sobre este verso declara:

"Importante evidência textual pode ser citada para a variante 'que lavam as suas vestiduras'. Poucos manuscritos consignam 'que lavaram suas vestiduras'. Dos unciais primitivos, somente o Sinaítico e o Alexandrino contêm esta seção do Apocalipse, e

"A seguinte transliteração mostrará a semelhança:























, 'que lavam
suas vestes'

"À luz dos problemas de tradução aqui discutidos, pareceria mais sábio construir os fundamentos da doutrina da obediência aos mandamentos de Deus, sobre outras passagens das Escrituras que tratam da obediência, sobre as quais nenhum problema de evidência textual tenha surgido. Há muitas delas.

O *Comentário Exegético y Explicativo de la Biblia* de Roberto Jamieson, A. R. Fausset e David Brown da Casa Bautista de Publicaciones assim se expressa sobre Apoc. 22:14:

Conforme o *New Testament of our Lord and Savior Jesus, With Commentary and Critical Notes*, by Adam Clarke – Published by Lane & Scott (New York) 1950, temos a seguinte declaração:

"Para que eles tenham direito à árvore da vida, precisam ser obedientes aos mandamentos de Deus. Todavia, sem a graça, não há obediência, sem a obediência não há acesso à árvore da vida. Através da graça de Cristo nós recebemos o bem".

Conclusão

Creio serem oportunas e muito adequadas as palavras de C.W. Irwin, inseridas em *O Ministério Adventista*, maio e junho de 1954, pág. 20, como fecho destas considerações:

"Os escritores do Novo Testamento têm a tendência de dar mais ênfase ao princípio da justiça pela fé do que à justiça pelas obras da lei, do que resultou a tradução: 'Bem-aventurados aqueles que lavaram as suas vestiduras'. . . etc. Isto parece estar mais em conformidade com o espírito do Novo Testamento, e é, sem dúvida, a tradução dum original grego correto.

"De maneira nenhuma pode essa versão ser usada como argumento contra a validade e perpetuidade da lei de Deus, concretizada nos Dez Mandamentos. É simplesmente uma confirmação de que o escritor inspirado, nesse passo, não se referia aos Dez Mandamentos, mas enunciava um princípio de concerto novo de justiça pela fé.

"Tanto no Velho como no Novo Testamento a expressão "vestir" refere-se ao caráter. Em Zacarias, os trapos imundos representam a pobreza espiritual, pelo que, a mudança das vestes ou vestes brancas, é um símbolo da pureza de caráter, atingida apenas por meio da fé na graça salvadora de Jesus Cristo. Deste ponto de vista, o passo é esclarecedor e belo."

Nota

Este livro citado, publicação adventista da *Review and Herald*, é bastante útil para obreiros e mesmo leigos estudiosos.

O QUE CRÊEM OS ADVENTISTAS SOBRE A PARUSIA OU A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

A suprema esperança de todos os cristãos, através dos séculos, tem sido o cumprimento da promessa de Cristo de regressar a este mundo para por fim ao domínio de Satanás. Esta esperança se encontra alicerçada nas infalíveis promessas encontradas nas Escrituras Sagradas.

"Uma das verdades mais solenes, e não obstante mais gloriosas, reveladas na Escritura Sagrada, é a da segunda vinda de Cristo, para completar a grande obra da redenção".

"A doutrina do segundo advento é verdadeiramente, a nota tônica das Sagradas Escrituras."¹

Apesar das irrefutáveis provas bíblicas, que apresentam a maneira da sua segunda vinda, interpretações errôneas têm surgido para explicar este evento glorioso.

Uma série de debates tem surgido em torno da palavra grega "**parusia**". Diante desta realidade, é necessário estudá-la e compará-la com outras palavras usadas na Bíblia, para designar a "Vinda de Cristo" a fim de compreendermos melhor o assunto.

A Bíblia nos apresenta insofismáveis provas de como será o regresso de Cristo à Terra. Atos 1:10-11; 3:20-21; Fil. 3:20; Tito 2:13; Heb. 9:27.

Termos usados para o regresso de Cristo.

A Volta de Cristo é chamada com muita propriedade de "Segunda Vinda", mas nas Escrituras várias palavras são usadas para designar este acontecimento, sendo as principais estas:

1ª) **Apocalipsis**

É uma transliteração da palavra grega, cuja tradução seria revelação de algo que não se vê.

O Novo Dicionário da Bíblia, referindo-se a esta palavra afirma:

"Sua volta será também um **Apocalipsis**, um desvendamento ou descoberta, quando o poder e a glória, que agora já Lhe pertencem, em virtude de Sua exaltação e presença celestial (Fil. 2:9; Efés. 1:20-23; Heb. 1:3; 2:9) serão desvendados diante do mundo (I Ped. 1:13).

2ª) **Epiphania**

Esta palavra designava no grego clássico o aparecimento de uma divindade que se encontrava escondida.

Este vocábulo traduzido em português por aparição ou manifestação, refere-se à vinda de Cristo, como se Ele saísse de um lugar escondido, para nos trazer as ricas bênçãos da salvação. (II Tess. 2:8; I Tim. 6:14; Tito 2:13).

3ª) **Faneroo**

O excelente dicionário de Arndt and Gingrich traduz este verbo assim:

- a) Revelar, fazer conhecido, mostrar: I Cor. 4:5; Tito 1:3.
- b) Tornar visível ou conhecido, ser revelado: Mar. 4:22; João 3:21; Rom. 16: 26; Efés. 5:13.
- c) Aparecer, revelar-se. Aparece em quatro passagens com referência à segunda vinda de Cristo: Col. 3:4; I Ped. 5:4; 1 João 2 :28; 3:2.

4ª) **Parusia**

Das quatro apresentadas é a mais conhecida e mais importante para descrever a segunda vinda de Cristo, por isso requer de nós um estudo mais minucioso.

Que é Parusia?

Palavra grega proveniente do verbo grego "**pareimi**" que significa estar presente. A palavra **parusia** é usada 24 vezes no Novo Testamento. Catorze vezes nas Epístolas Paulinas, quatro em Mateus, duas em Tiago, três em II Pedro e uma em 1 João.

Todos os comentários e dicionaristas são unânimes em afirmar que o termo grego significa, presença, chegada, vinda, volta e que é usado duas vezes para presença (II Cor. 10:10; Fil. 2:12) e 22 vezes para a vinda de Cristo (Mat. 24: 3, 27, 37; I Cor. 1:8 etc. etc.)

O alentado *Dicionário do Novo Testamento* de Tayer ao estudar a palavra "**parusia**" afirma:

"No Novo Testamento acha-se, especialmente, relacionada com o Advento, isto é, a futura volta visível de Jesus, procedente do céu, o Messias, que virá para ressuscitar os mortos, decidir o último julgamento e estabelecer de maneira aparente e gloriosa, o Reino de Deus".

Apesar desta uniformidade, quanto à sua significação, idéias antibíblicas têm surgido em sua interpretação. Dentre estas as duas mais conhecidas são:

I. A dos Dispensacionalistas ou do Arrebatamento Secreto

Suas idéias sobre a segunda vinda de Cristo são pregadas insistentemente e aceitas por bom número de pessoas.

Crêem numa futura dupla vinda de Cristo separada por um período de sete anos. Afirmam:

"A primeira destas é a parusia ou simplesmente 'a vinda' quando se dará o rapto dos santos, também chamado rapto secreto".³

Esta vinda será secreta e apenas conhecida pelo desaparecimento dos eleitos. Ensinam ainda, que neste evento Cristo não descerá à Terra, mas permanecerá nas alturas sem ser visto pelos homens. Este acontecimento denomina-se a "vinda para seus santos", 1 Tes. 4:15-16 e será seguido por um intervalo de sete anos. Durante este período sucederão algumas coisas, assim descritas por eles:

". . . Esta será seguida de um intervalo de sete anos, durante os quais o mundo será evangelizado, Mat. 24: 24; Israel convertido, Rom. 11:26; a grande tribulação ocorrerá, Mat. 24:21-22 e o anticristo ou o homem do pecado será revelado, II Tess. 2:8-10".⁴

Esta doutrina não é autorizada pelas Sagradas Escrituras, porque contém uma série de implicações sem apoio bíblico.

Por exemplo: A Bíblia nos afirma que a segunda vinda de Cristo será um só evento. Será visível como nos confirmam Atos 1:11; Heb. 9: 27; Apoc. 1:7.

II. A das "Testemunhas de Jeová"

Defendem com bastante insistência o extravagante ensino de que Cristo já voltou à Terra.

Esta heresia teve origem com Carlos Russell, fundador do movimento. Seu ensino tem sofrido algumas mudanças, vindo harmonizar datas díspares. Carlos Russell dizia que Cristo tinha vindo no ano de 1874. Seus seguidores afirmam hoje que esta vinda de Cristo se deu em 1914, e para contornarem esta discrepância dão a seguinte explicação:

Com a segunda presença de Cristo em 1874 se iniciou a idade evangélica, que durou por um período de 40 anos, isto é, até 1914.

Ensinam as Testemunhas de Jeová que Cristo já está aqui e que sua vinda se processou de forma visível e que só pode ser visto pelos olhos espirituais.

Em que passagens se baseiam para negarem a segunda vinda de nosso Senhor de forma visível e corpórea e defenderem a presença invisível de Cristo? Evidentemente, em nenhum texto bíblico se encontra esta idéia, que foi arquitetada, em 1871, na mente do fundador da seita – Russell.

Estabeleceram suas conclusões baseadas em premissas falsas, isto é, interpretando mal Mat. 23:39 e S. João 14:19.

Afirmam em *Make Sure of All Things*, pág. 321: "O retorno de Cristo será invisível, porque Ele testemunhou que o homem não poderia vê-lo, outra vez, em forma humana".

As afirmativas de Cristo não servem de fundamento para as suas excêntricas conclusões, porque violaram dois princípios fundamentais da hermenêutica:

1º) Ao fazer a exegese da Bíblia, o intérprete deve ter em vista o contexto.

2º) Esqueceram-se da Regra Áurea da Interpretação, chamada por Orígenes de Analogia da Fé. O texto deve ser interpretado através do conjunto das Escrituras e nunca através de passagens isoladas.

O principal problema relacionado com vinda visível ou invisível é uma consequência da tradução da palavra grega **parusia**, que deveria ser traduzida, como já vimos, apenas duas vezes por presença, mas eles sempre a traduzem desta maneira. Para atingirem seus objetivos fizeram sua própria tradução da Bíblia, a chamada Novo Mundo.

Parusia pode, conforme o contexto, ser traduzida por presença, mas na maioria dos casos traduzi-la assim, seria uma violação do sentido - Mat. 24:3, 27, 37, 39; I Cor. 15:23.

O ensino russelita apresenta algumas contradições como as seguintes:

1ª) A Bíblia ensina que com a vinda de Cristo terminariam os males da humanidade. Como explicar que milhões de pessoas morreram, desde esse ano, por meio de guerras, terremotos e pestilências?

2ª) É humanamente impossível harmonizar que Cristo tenha vindo em 1914, com suas próprias palavras em S. Mateus 24:30, 36.

3ª) Se com a presença de Cristo os males aumentaram, as Testemunhas de Jeová precisam confessar que Cristo não é um bom governante. A Bíblia ensina exatamente o contrário.

4ª) Os perversos serão destruídos com a sua vinda. II Tess. 2:8.

Foram eles destruídos em 1874 ou em 1914?

5ª) Cristo ensinou que a Ceia deveria ser comemorada até que Ele voltasse. I Cor. 11:26. Se Ele já voltou, as Testemunhas de Jeová não deveriam mais comemorá-la.

Para uma boa compreensão da segunda vinda de Cristo, é mister saber, o que a Bíblia de maneira clara e precisa nos ensina.

A maioria dos cristãos, inclusive os adventistas, crêem no tocante à Segunda Vinda de Cristo, apenas na veracidade do Testemunho Bíblico. Várias passagens nos esclarecem como será este glorioso acontecimento, base da acalentada esperança cristã.

Henry H. Halley disse:

"É melhor não dogmatizar acerca de certos eventos relacionados com Sua Segunda Vinda. Porém, se a linguagem é um veículo do pensamento, certamente se requer muita explicação e interpretação para retirar das palavras de Jesus algo que não signifique o que Ele conceituava sobre Sua Segunda Vinda, apresentado como um evento histórico, bem definido, no qual, Ele, pessoal e literalmente (embora não em seu corpo de carne, senão em seu corpo glorificado) aparecerá para reunir a si mesmo em eterna glória aqueles que foram redimidos por seu sangue."⁵

O ensino da Bíblia, quanto à maneira da vinda de Cristo, poderia ser sintetizado nos seguintes tópicos:

1º) Será um regresso físico.

Que o regresso de Nosso Senhor será físico, deduz-se claramente de passagens bíblicas, tais como: Atos 1:11; Heb. 9:27 e Apoc. 1:7, Jesus voltará à Terra em corpo, não no corpo corrompido pela degradação ocasionada pelo pecado, mas no corpo renovado e glorioso, Jesus estava deixando os discípulos em pessoa e assim mesmo, em pessoa, promete voltar.

2º) Será uma vinda repentina.

A Bíblia nos ensina que esta vinda será repentina, inesperada, tomando a muitos de surpresa, Mat. 24:37 a 44; 25:1-12; Mar. 13:33-37; I Tes. 5:2, 3; Apoc. 3:3; 16:15.

Embora haja muitos sinais estes não nos autorizam a marcar ano, mês ou dia para este evento, Os sinais são advertências para nossa preparação, porque não sabemos o dia nem a hora em que Cristo deve voltar.

3º) Será uma vinda gloriosa

Sua segunda vinda, embora pessoal, física e visível, será bem diferente da primeira. Não virá no corpo de sua humilhação, mas no corpo glorificado e com vestes reais. Virá como Rei dos Reis e Senhor dos Senhores.

4º) Sua vinda será universalmente visível e até audível. Mat. 24:26-31; Apoc. 1:7.

Conclusões

Depois de estudar como será a Segunda Vinda de Cristo, conforme a Bíblia, concluímos:

A idéia Dispensacionalista, embora bem arquitetada por seus defensores, baseia-se em argumentos humanos. A autoridade suprema em assuntos religiosos – a Bíblia – não os aprova, portanto não podem ser aceitos. As idéias russelitas partem de várias premissas falsas à luz da Bíblia, começando pela tradução errada da palavra grega *parusia*. Sendo a Bíblia a norma do pesquisador sincero, conclusões que ela não aprova devem ser colocadas de lado.

Apesar da exuberante luz encontrada nas Escrituras Sagradas há grupos, como os dois já citados, e pessoas isoladas que não aceitam os seus ensinamentos sobre a maneira da Segunda Vinda de Cristo. Quão terrível será para estes o glorioso aparecimento nos ares de Cristo em Sua glória, na glória de Seu Pai e na glória de miríades de santos anjos, Tétricas são as palavras bíblicas que descrevem a sua angústia. Apoc, 6:15-17.

Dia glorioso e feliz para os remidos justos e para os que morreram com a fé e a esperança postas em Jesus Cristo.

As palavras de Jesus em S. Mateus 24:23 seriam excelente advertência aos que divergem de um "assim diz o Senhor", para não acreditarem em ensinamentos não alicerçados nas Escrituras Sagradas.

Demos graças a Deus, prezado leitor, pela segura palavra inspirada, que nos científica de que a Segunda Vinda de Cristo será visível fisicamente e que todos terão a sublime oportunidade de vê-lo em glória e majestade. A Bíblia confirma: "Todo olho o verá."

Eu almejo vê-lo. Não aspira você a idêntico privilégio?

Referências:

1. O Conflito dos Séculos, Ellen G. White, pág. 323.
2. Novo Dicionário da Bíblia, pág. 512.
3. *Teologia Sistemática*, L. Berkhof, pág. 832.
4. *Idem*, pág. 833.
5. *Ibidem*, pág. 935.

DENOMINAÇÃO PARA O DOMINGO NO NOVO TESTAMENTO GREGO

Afirmam alguns estudiosos que ele é denominado o "Primeiro dos Sábados", ou o "Principal dos Sábados" de acordo com o original grego.

Se atentarmos para o grego e o modo dos judeus denominarem os dias da semana, veremos que tais afirmações são insustentáveis.

A expressão "primeiro dia da semana" é usada oito vezes no Novo Testamento e foi traduzida da frase grega:

○)(ε''' ♦♦'''■ ♦εοοε❖♦♦■ – **miá ton sabbáton** ou de outras com pequenas variações e em Marcos 16:9 de:

□□♦❖♦❖ ♦εοοε❖♦♦□♦ – **prote sabbátu**.

A expressão mais geral, para o primeiro dia da semana, é formada em grego de dois elementos:

1º) A palavra **miá**, numeral grego, na sua forma feminina.

2º) Da palavra grega **sábbaton**, nome neutro, que significa sábado.

Se a palavra **miá** é feminina, percebe-se logo, que não pode referir-se ao vocábulo "**sábbaton**" que é neutro. "**Miá**" sendo o numeral feminino precisa concordar com outra palavra feminina e esta é "**hemera**", dia em grego, que está subentendida, levando-nos a concluir que a tradução correta e fiel da expressão original grega deve ser: "O primeiro dia da semana."

Todos os conhecedores do grego concordam ser esta uma boa tradução, porque os dicionários gregos confirmam que a palavra "**sábbaton**" também significa semana. Isto é confirmado pelos dicionários e por aqueles que nos dias dos apóstolos falavam o grego.

I. *The Analytical Greek Lexicon*

Sábbaton – propriamente cessação do trabalho, descanso; o sábado judaico, usado tanto no singular como no plural – Mat. 12:2, 5, 8; Luc. 4:16; uma semana, singular e plural – Mat. 28:1; Mar. 16:9.

A Greek – English Lexicon of the New Testament. . . . Arndt and Gingrich.

a) Verbete **sábbaton** – o sétimo dia da semana no calendário judaico, marcado pelo descanso do trabalho e por especiais cerimônias religiosas.

b) Semana – no singular – **dis tou sabbáton**, dois dias em uma semana - Luc. 18:12.

Prote sabbáton – no primeiro dia da semana (domingo) - Mar. 16:9.

No plural (**he**) **miá (ton) sabbáton** (isto é – **hemera**) – o primeiro dia da semana - Mat. 28:1.

II. O evangelista Lucas (18:12) citando as palavras do fariseu, declara: Jejuo duas vezes na semana. Em grego está:

■⚡♦♦Ⓜ♦♦❖♦ ⓂⓂ♦ ♦□♦''' ♦ⓂⓂⓂⓂⓂⓂ♦♦❖♦♦□♦ – **nesteuo dis tu sabbatu**; que numa tradução literal seria: Jejuo duas vezes no sábado. Não há necessidade de muita acuidade mental, para concluir que o homem não poderia estar afirmando, que jejuava duas vezes durante um único sábado. Com facilidade concluímos que ele queria dizer que jejuava duas vezes durante a semana, ou no período marcado por dois sábados sucessivos.

Os judeus designavam os dias da semana usando a expressão "primeiro", "segundo", "terceiro", etc. dos sábados, subentendendo-se evidentemente a palavra dia, que em grego é do gênero feminino. Em outras palavras, os judeus denominavam o domingo como o primeiro dia depois do sábado.

Este processo, encontrado no Novo Testamento, é comprovado com exemplos de escritores gregos e latinos dos primeiros séculos, Embora numerosos, os seguintes são suficientes para nosso esclarecimento:

- a) **Didachê**, ou Ensino dos Apóstolos (cerca de 150 A.D.) livro 5, capítulo 19.
- b) Constituição dos Santos Apóstolos (cerca de 390 A.D.).
- c) Sobre o Jejum, de Tertuliano (cerca de 225 A.D.) capítulo 14.
- d) Narração sobre o Salmo 80, de Agostinho (cerca de 420 A.D.), parágrafo segundo.

Não apenas os textos neotestamentários usam a expressão – **miá sabbáton**, para o primeiro dia da semana, já que esta denominação se conserva até hoje nas Igrejas da Síria e Etiópia.

Concluímos portanto que a expressão "**miá sabbáton**" foi corretamente traduzida para o português por primeiro dia da semana.

Em segundo lugar, não resta dúvida alguma, sobre o fato de que a Bíblia não faz menção especial de qualquer espécie, ao primeiro dia da semana como querem defender os guardadores do domingo.

O Dr. Aníbal Pereira Reis, em seu livro *A Guarda do Sábado*, págs. 140-141, com bastante sagacidade e astúcia tenta provar, através de sofismas baseados em Marcos 16:2 e 9 que o domingo é o principal dia da semana.

Nestes dois versos temos a expressão: primeiro dia da semana, com a seguinte diferença em grego:

Mar. 16:2 – ○❖ⓂⓂ♦♦□❖■ ♦ⓂⓂⓂⓂⓂⓂ♦♦❖♦♦■ – **miá ton sabbáton**.

Mar. 16: 9 – □□♦❖♦Ⓜ ♦ⓂⓂⓂⓂⓂⓂ♦♦❖♦♦□♦ – **prote sabbátu**.

No grego no primeiro verso está o numeral cardinal e sábado no genitivo plural, enquanto no segundo se encontra o numeral ordinal e sábado no genitivo singular, ou

duas expressões diferentes para expressar a mesma coisa. Os escritores gregos podiam tanto usar o numeral cardinal quanto o ordinal, na mesma acepção, como nos comprovam os exemplos de Mar. 16:2 e 9.

Pelo fato de primeiro, significar também principal, Dr. Aníbal defende que nesta passagem tem este significado, deduzindo que a tradução correta de Marcos 16:9 deve ser: "E tendo ressuscitado na manhã do principal dia da semana", para ele o domingo.

Que autoridades e passagens bíblicas ele cita para comprovar sua estranha conclusão? Evidentemente nenhuma, desde que estas reflexões foram arquitetadas em suas lucubrações, mas não estão escudadas em princípios exegéticos e nas declarações das Santas Escrituras.

Concluir da expressão "primeiro dia da semana" o significado de principal dia da semana, interessado em defender pela Bíblia a valorização do domingo, com desprestígio do sábado é muita ousadia no campo da exegese bíblica.

O que mais nos admira e se torna mais grave é que no prólogo do seu livro declarou: "Minha posição no tocante ao cumprimento do sábado está absoluta e indubitavelmente enraizada na Bíblia, a Infalível Palavra de Deus".

É inacreditável chegar a tais desmandos diante desta afirmação.

O professor de Teologia Moral no Instituto Filosófico – Teológico de Petrópolis, Dr. Frei Antônio Mosser afirma, na página 477 da *Revista Eclesiástica Brasileira*: "O que Jesus fez não foi abolir o sábado. Nem podia fazê-lo, pois na compreensão dos judeus o sábado foi instituído pelo próprio Deus. O que Jesus fez foi libertar os homens do jugo em que o sábado tinha sido transformado pelo empobrecimento da teologia rabínica. Ele liberta o homem da letra do sábado".

Na página 485 o mesmo autor afirma:

"Está historicamente comprovado que o repouso dominical foi introduzido pelo Decreto de Constantino, em 321. O Decreto dizia mais ou menos o seguinte: "Que todos os juízes e habitantes das cidades descansem no venerável dia do sol".

Eusébio, bispo de Cesaréia, contemporâneo de Constantino, o Grande, não tardou em declarar o seguinte:

"Tudo o que era de obrigação no dia de sábado, nós o transferimos para o dia do Senhor, que é propriamente (o dia) mais nosso, como o mais elevado que é em categoria e mais digno de honra do que o sábado judaico". – Eusébio, *De Vita Constantin*, Livro III, cap. 33, pág. 413.

Note bem a sua declaração – Nós. Prova evidente e insofismável de que não havia nenhuma autoridade para tal mudança conferida por Cristo ou pelos apóstolos.

Apesar do decreto de Constantino, o sábado continuava a ser observado até que um golpe mais decisivo o veio a atingir.

A. D. Prynne em sua *História dos Concílios*, Vol. 1, parágrafo 39 assim se expressa:

"O sábado do sétimo dia foi observado por Cristo, pelos apóstolos e pelos primeiros cristãos até que o Concílio de Laodiceia a certos respeito como que aboliu a sua observância."

"O Concílio de Laodiceia, em 364, resolveu em primeiro lugar a observância do Ceia do Senhor e em seguida proibiu sob anátema a observância do sábado judaico".

COMO HARMONIZAR AS 36 HORAS, MAIS OU MENOS, QUE CRISTO ESTEVE NA SEPULTURA, COM SUA DECLARAÇÃO EM MAT. 12:40?

S. Mateus 12:40 tem sido, muitas vezes, citado como prova de contradição, no texto sagrado, por pessoas interessadas em desprestigiar a veracidade da Bíblia.

Baseados ainda nesta passagem há outro grupo defendendo a tese de que Jesus teria morrido na quarta-feira.

Para que haja uma explicação cabal do problema é preciso estudar a passagem relacionando-a com passagens paralelas e compreender bem o que estas palavras significavam para os ouvintes contemporâneos.

Tomando as palavras de Mat. 12:40 ao pé da letra, poderá alguém afirmar que Cristo esteve na sepultura 72 horas, mas relacionando-as com outras declarações bíblicas, ver-se-á que esta não é a realidade. Lucas, claramente, demonstra que Jesus foi sepultado no final do dia da preparação e ressuscitou no primeiro dia da semana, ainda de madrugada.

Jesus esteve na sepultura, como nos relatam os evangelhos, no seguinte período de tempo:

- a) parte da sexta-feira
- b) todo o dia de sábado

c) parte do domingo.

Não apenas a índole das línguas hebraica, grega e latina podia usar uma parte para expressar a totalidade, porque esta peculiaridade existe também em nossa língua. Qualquer estudante de português sabe muito bem, que no capítulo da linguagem figurada, ele encontra a sinédoque, figura que toma o singular pelo plural, o plural pelo singular, a parte pelo todo, etc.

Observe nossas expressões:

- Ele tem duas mil cabeças de gado.
- O rapaz pediu a mão da moça (hoje pouco usada).

Será interessante a colocação do versículo no seu contexto.

Os escribas e fariseus pediram-lhe um sinal. Mat. 12:38. Era costume deles assim proceder com os que se proclamavam mensageiros de Deus. I Cor. 1:22. Queriam um sinal, porque não aceitaram os milagres relatados anteriormente, como realizados pelo poder divino.

Pelo comportamento empedernido e apóstata, demonstrado, não tinham o direito de pedir sinal e se Cristo lho desse, não aceitariam. Nenhum outro sinal lhes seria dado a não ser o sinal do profeta Jonas.

Qual o significado do sinal do profeta Jonas?

O *Comentário Adventista* ao explicar este verso defende que o sinal prefigurava tanto a pregação como a ressurreição de Jesus. Assim como Jonas escapara da morte para pregar aos ninivitas a mensagem de arrependimento e salvação, do mesmo modo Cristo através de Sua ressurreição levaria a todos que o aceitassem a salvação.

Barclay defende que o sinal de Jonas simbolizava apenas a pregação de Jesus. Ver William Barclay – *El Nuevo Testamento*, Vol. II, páginas 56-58.

O Desejado de Todas as Nações, pág. 406 declara:

" "Hipócritas", disse Jesus, "sabeis diferenciar a face do céu" – estudando o céu, podiam predizer o tempo – "e não conheceis os sinais dos tempos?" (Mat. 16:3) palavras de Cristo, proferidas com o poder do Espírito Santo que os convencia do pecado, eram o sinal dado por Deus para salvação deles. E sinais vindos diretamente do Céu foram, concedidos para atestar a missão de Cristo. . . . "E suspirando profundamente em Seu espírito, disse: Por que pede esta geração um sinal?" "Nenhum sinal lhe será dado, senão o sinal do profeta Jonas." Mat. 16:4. Como Jonas estivera três dias e três noites no ventre da baleia, havia Cristo de estar o mesmo tempo "no seio da terra". E como a pregação de Jonas fora o sinal para os ninivitas, assim o era a de Cristo para Sua geração."

Os versos seguintes de Mat. 12:40 parecem comprovar que Jesus se referia tanto à Sua pregação quanto à ressurreição.

Três Dias e Três Noites

Em seu anseio de harmonizar declarações bíblicas, aparentemente conflitantes, comentaristas têm aventurado as mais variadas soluções. Por exemplo, *The Interpreter's Bible*, Vol. VII, pág. 403, defende que o verso 40 não foi pronunciado por Jesus, mas acrescentado por Mateus para explicar melhor o sinal do verso 39. Conclui assim citando a passagem paralela de Luc. 11:29-32.

Outros, como W. G. Seroggie, no livro *Guide to the Gospel*, apresentam a estapafúrdia solução de que Cristo foi crucificado na quarta-feira. O texto bíblico está repleto de claras alusões confirmativas de que este evento ocorreu na sexta-feira (Mar. 15:42-43; Luc. 23:46, 54; João 19:14, 42).

A solução se encontra no seguinte:

Se todos hoje, compreendessem bem o método da contagem do tempo dos dias de Jesus este problema nunca teria surgido. A expressão "três dias e três noites" tinha para os judeus, que viviam no Oriente, uma conotação diferente, do que tem para nós hoje, que vivemos no mundo ocidental. A maneira de contar o tempo, chamada "contagem inclusiva" incluía o dia (ou ano) inicial, bem como o dia (ou ano) final, sem considerar quão pequena fosse a fração do dia iniciante ou finiciante.

Há exemplos deste processo nos escritos sagrados e profanos:

I. Sagrados

1º) 1 Samuel 30:12 e 13 declara. . . "pois havia três dias e três noites que não comia pão nem bebia água". Então lhe perguntou Davi: "De quem és tu, e de onde vens?" Respondeu o moço egípcio: "Sou servo de um amalequita e meu senhor me deixou aqui há três dias." Note bem as expressões diferentes para o mesmo período de tempo.

2º) Outro exemplo concludente se encontra em Ester 4:16 e 5:1 ". . . e jejuai por mim e não comais nem bebaís por três dias, nem de noite nem de dia. . . Ao terceiro dia Ester se aprontou. . ." É claro que o período de três dias não havia chegado ao fim quando ela se apresentou perante o rei, se fosse diferente, estaria: no quarto dia.

3º) As crianças em Israel eram circuncidadas ao terem 8 dias (Gên. 17:12), porém, a circuncisão ocorreria no oitavo dia devido a contagem inclusiva (Lev. 12:3; Luc. 1:59).

Os exemplos bíblicos poderiam ser multiplicados, mas estes são suficientes para nos elucidarem sobre Mateus 12: 40.

II. Profanos

A *Enciclopédia Judaica Universal* no item – "dia", assim se expressa: "Nas práticas religiosas, a parte de um dia é freqüentemente contada como um dia completo. Tal é o caso dos sete dias de luto, se o funeral ocorre à tarde: a curta porção restante do dia é contada como um dia completo. Na contagem da data da circuncisão no oitavo dia após o nascimento, mesmo, uns poucos minutos do dia restante após o nascimento são considerados como um dia completo".

Era comum no Egito, Grécia e Roma a "contagem inclusiva" como nos atestam seus documentos. Por exemplo, os gregos chamavam a Olimpíada, que se realizava de quatro em quatro anos de **pentaeteris** (período de cinco anos) por contarem o ano inicial e o final.

O *SDABC*, Vol. II, pág. 136 confirma as declarações anteriores:

"A maneira de contar o tempo empregada na Bíblia é a chamada contagem inclusiva, que considera tanto a primeira como a última unidade de tempo incluídas dentro do período. Este sistema era também usado por outras nações como se pode ver através de documentos. Uma inscrição egípcia que registra a morte de uma sacerdotisa no quarto dia do 129 mês, relata que o sucessor dela chegou no 12º dia, quando se passaram 12 dias. É evidente que, pela nossa maneira de contar diríamos que os doze dias, passados a partir do 4º dia, chegariam à data de 16".

Broadus e outros pesquisadores citam uma frase do Talmude de Jerusalém que nos é útil: "um dia e uma noite juntos formam um  e qualquer parte deste período é contada como um todo. O termo hebraico , corresponde ao grego **nicthmeron**, que significa, noite e dia, como está empregado em II Cor. 11:25. Não foi este o vocábulo empregado por Mateus, talvez em virtude de estar fazendo uma citação do Velho Testamento (Jonas 1:17).

Seria de bom alvitre frisar que "três dias e três noites" só aparece em Mal. 12:40, porque nas passagens paralelas são usadas estas outras expressões equivalentes: três dias, depois de três dias, ao terceiro dia. Cristo o fez por estar citando o Velho Testamento (Jonas 1:17), mas deve ficar bem claro, que está usando em hebraísmo, ou a contagem inclusivo.

Textos que mencionam este mesmo período de tempo.

Em três dias	Depois de três dias	No terceiro dia
Mat. 26:61; 27:40	Mat. 27:63	Mat. 16:21; 17:23; 27:64
Mar. 14:58	Mar. 8:31	
		Luc. 9:22; 24:21, 46
João 2:19		

Para uma compreensão mais ampla do problema seria útil consultar o *Comentário Adventista*, Vol. I, pág. 82, e Vol. II, págs. 135-137.

Conclusão

A passagem de Mat. 12:40 não deve ser citada por nenhum incrédulo como prova de contradição nas Santas Escrituras.

Nenhuma dificuldade existe para harmonizá-la com o período em que Cristo esteve na sepultura, se for considerada a cultura hebraica e o contexto histórico da época.

Se o problema, aparentemente existe, este é dirimido, quando se considera a contagem diferente dos orientais.

Vale ainda ressaltar, mais importante do que o tempo da estada de Cristo na tumba, foi a sua morte vicária, que nos propicia a salvação. Demos sempre graças a Deus pelo sublime sacrifício de Cristo por nós.

JESUS – FILHO DE DEUS E FILHO DO HOMEM

A Bíblia pode ser lida com várias finalidades.

Alguns a lêem com o objetivo de descobrir contradições, para assim refutar suas verdades.

Outros a lêem como sendo a palavra de Deus, a revelação da vontade divina, aceitando que se Seu autor é infinitamente sábio e imutável, tudo o que ela nos revela está certo e visa a nossa salvação.

Deus, em Seu infinito amor á humanidade, ensinou as mesmas verdades de maneiras diferentes, para que nós, limitados, pudéssemos entendê-las adequadamente.

Vários vocábulos bíblicos, que identificam a Jesus nos seus diversos aspectos como um Ser divino e em Sua relação para com o homem, têm sido usados por

peças não orientadas pelo Espírito Santo, como prova de que Ele é dependente de Deus, subordinado a Ele, como se fosse possível separar estes dois seres como distintos e tendo objetivos diferentes.

Quando a Bíblia chama a Jesus "o primogênito da criação de Deus" e "o princípio da criação de Deus", querem considerá-lo como a primeira coisa criada por Deus. Quando a Bíblia O chama "o Unigênito Filho de Deus", vêm nestas palavras defesa para a sua idéia de que Cristo é o único gerado para ser Seu Filho.

Outros vocábulos empregados na Bíblia têm sido usados com a finalidade de apoucar a pessoa de Cristo colocando-O abaixo de Deus.

A palavra Filho, estudada nesta pesquisa, é também uma das muitas que são mal interpretadas. Se Jesus era Filho de Deus, então não há dúvida que Ele é inferior ao Pai, Ele procede do Pai, portanto não é igual a Deus.

Para a boa compreensão do assunto que estamos estudando é necessário primeiro analisar o verdadeiro sentido da palavra "Filho" na Bíblia.

No Velho Testamento a palavra Filho é o mais comum termo de relação; ali ela aparece cerca de 4.850 vezes. A palavra hebraica para filho (בן ■) é também usada como um termo de associação, como para jovens, estudantes ou ouvintes, para quem aquele que fala permanece como pai, ou expressa o fato de que aquele que fala para um subordinado o considera como filho.

Em geral entre os hebreus, o termo "filho" indicava semelhança a seu pai ou o direito de participação naquilo de que alguém é considerado filho.

Mat. 8:12 – "Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes."

Ainda mais, é bom saber que faz parte do gênio da língua hebraica, substituir o adjetivo por um substantivo e que os autores do Novo Testamento conservaram esta particularidade de estilo. Assim compreenderemos bem que as expressões "filhos da paz, filhos da desobediência, filhos da luz", corresponderiam a pessoas pacíficas, desobedientes e iluminadas, sendo uso dos hebreus chamar filho de um vício ou de uma virtude a quem tivesse aquele vício ou esta virtude. Em Efésios 2:3 a expressão "filhos da ira" significa aqueles que pela sua maldade estão expostos à ira divina contra o pecado.

O livro *The Christology of the New Testament* de Oscar Cullmann, pág. 138, declara o seguinte:

"O aramaico **bar** (filho) é muito freqüentemente usado em um sentido figurado. Para 'mentiroso' o idiomatismo hebraico é 'filho da mentira'; pecadores são 'filhos do pecado'; um homem rico é 'filho da riqueza'."

A palavra hebraica para filho (בן ■; aramaico **bar**) tem sentido muito mais amplo do que nas línguas modernas como nos diz o *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Editora Vozes Ltda., pág. 577.

As pesquisas feitas nos revelam ser um termo de múltiplos significados no Velho Testamento, sendo os mais comuns:

1º) Um neto – II Reis 9:20. Jeú era filho de Josafá e neto de Ninsi.

2º) Uma bondosa maneira de um senhor idoso dirigir-se a um jovem amigo, estudante ou companheiro. I Sam. 26:17, 21 e 25.

3º) Possuidor de uma qualidade, como filho da paz. Luc. 10:6.

4º) Seguidor da fé, como em filhos de Deus. Gên. 6:2.

5º) Seres celestiais, criados por Deus, evidentemente anjos. Jó 1: 6.

6º) Produto do nascimento espiritual, ou adoção; cristãos tornam-se filhos e filhas de Deus através da fé. Rom. 8:14, 15 e 23.

7º) Um descendente. Por isso Jesus é chamado Filho de Davi.

8º) Pertencente a determinada classe – os filhos dos profetas. I Reis 20:35; Amós 7:14.

Uma vez que o termo apresenta tão amplos significados na Bíblia, é preciso atentar bem para o contexto e para os princípios hermenêuticos, ao ser ele usado com referência a Cristo, para não o considerarmos literalmente, podendo chegar a interpretações errôneas. Por esta amplitude de significados para os hebreus, não podemos limitar o seu significado à relação de genitor como é comum na língua portuguesa.

Que significam as expressões – Filho de Deus e Filho do homem em relação a Jesus Cristo?

Filho de Deus

A única passagem do Velho Testamento onde o termo é encontrado é em Dan. 3:25, quando o rei Nabucodonosor viu um semelhante ao Filho de Deus (como está na Septuaginta) na fornalha ardente. Outras vezes é encontrado o termo filho, mas aplicado aos homens como filhos de Deus, o que aconteceu com Davi.

Nos Evangelhos Sinóticos Jesus nunca chama a si mesmo "Filho de Deus", mas em João isso acontece seis vezes.

O uso da expressão "Filho de Deus" aparece 11 vezes em Mateus; 7 vezes em Marcos; 9 vezes em Lucas; 2 vezes em Atos; 17 vezes nos escritos de João e 18 vezes nos de Paulo. Um total de 64 vezes em o NT.

"Sem dúvida alguma, a comunidade primitiva ao designar a Jesus como Filho de Deus queria com ela expressar sua crença na efetiva divindade de Jesus". – *Enciclopedia de la Biblia*.

Há evidências bíblicas de que expressavam tal crença em uma fórmula de profissão de fé, como em Rom. 1:3 e 4.

Jesus foi chamado por Deus como Seu Filho, o que ocorreu por ocasião do Seu batismo e no Monte da Transfiguração. Filho de Deus nestas passagens sugere não somente o Messias, mas também o Senhor de II Coríntios 3:7 a 4:6 em cujas faces a glória de Deus brilhou, não temporariamente, como na face de Moisés, mas permanentemente. João 17:5 – "e agora, glorifica-Me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que Eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo".

Marcos usa o título Filho de Deus como sua designação favorita para Jesus, o que pode ser notado logo no seu primeiro verso. Marcos 1:1 – "Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus."

Em contraste com Marcos (1:10-11), que pode ser entendido como ensinando que Jesus se tornou Filho de Deus por ocasião de Seu batismo, Lucas diz que Ele é o Filho de Deus logo no Seu Nascimento, mesmo considerando que sua investidura com a dignidade messiânica possa ocorrer mais tarde.

A doutrina das Escrituras, universalmente aceita pela igreja cristã, inclui os seguintes aspectos:

1º) Cristo é o Filho eterno como o Pai é o Pai Eterno. Tanto Cristo como os apóstolos falam de seu estado preexistente.

2º) O Filho é no mais completo sentido participante da mesma natureza que o Pai. Possui os mesmos atributos, realiza as mesmas obras e reclama honra igual ao Pai.

Aplicado a Jesus Cristo é um título que realça Sua divindade; enquanto o título "Filho do Homem" realça a Sua humanidade.

Como "Filho de Deus" Cristo está ligado ao Céu e participa desde a eternidade na natureza divina, como "Filho do homem" está ligado à humanidade, participando da natureza humana.

A prova máxima de que o título "Filho de Deus" indicava a natureza divina de Cristo nós a temos nos relatos seguintes:

Jesus ao declarar-se "Filho de Deus" gerou ódio nos judeus, que protestaram por Ele ter-se feito igual a Deus (João 5:18) e além disso ainda disse ser Ele o próprio Deus (João 10:33) o que era considerado uma blasfêmia para os judeus, pois consideravam a Jesus apenas como homem comum.

Quando Jesus estava perante o Sinédrio, o Sumo Sacerdote disse: "Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo o Filho de Deus. Respondeu-lhes Jesus: Eu o sou." Este seu testemunho em se declarar o Filho de Deus levou os judeus a condená-Lo e crucificá-Lo. Mat. 26:63-66; Luc. 22:67-71.

Em Luc. 1:35 o anjo declara a verdadeira divindade de Jesus, todavia ele une aquela divindade à verdadeira humanidade. "O Ente santo que há de nascer, será chamado Filho de Deus."

Desta declaração se deduz que o anjo não deu o nome Filho de Deus para a natureza divina de Jesus, mas para a pessoa santa, que estava para nascer da virgem, pelo poder do Espírito Santo. A natureza divina não tem começo. Era Deus manifestado em carne – I Tim. 3:16; era o "Logos" que estando desde a eternidade com Deus, fez-Se carne e habitou entre nós – S. João 1:14. Eternidade é aquilo que não teve começo, nem permanece em nenhuma referência a tempo.

O apóstolo Paulo nos afiança que o próprio Deus se manifestou em Cristo – Col. 2: 9; sendo esta a mesma ênfase do quarto evangelho.

O evangelho de Marcos apresenta uma dupla Cristologia – Jesus Cristo é ao mesmo tempo o Filho de Deus e Filho do homem. A expressão "Filho de Deus"

apresenta-O como participante da divina essência; ao passo que "Filho do homem" mostra a sua identificação com o homem, o verdadeiro representante do homem, identificando-se com o homem em todos os seus problemas, menos quanto ao pecado.

Pelo ensino do Novo Testamento concluimos o seguinte: para que Cristo conduzisse os homens a uma verdadeira e plena comunhão com Deus foi necessário que Ele fosse ao mesmo tempo verdadeiro homem e verdadeiro Deus.

Pelo exposto até aqui, conclui-se que esta expressão designa a natureza divina e exaltada do Salvador dos homens.

Filho do Homem

Esta expressão é usada 94 vezes no Novo Testamento, sendo empregada por Mateus, 32 vezes; Marcos, 14; Lucas, 26; João 12; Atos, 7; Heb. 1; e Apocalipse, 2; sempre pelo próprio Cristo, exceto em são João 12:34, Atos 7:56, Heb. 2:6 e Apoc. 1:13; 14:14.

Outras fontes mencionam 83 vezes referindo-se a Cristo.

Qual o seu exato significado? Em parte já foi explicado ao tratarmos da expressão "Filho de Deus".

"Um termo para homem, ser humano; uma figura apocalíptica, no Novo Testamento, um título para Jesus". – *The Interpreter's Dictionary of the Bible*.

É uma expressão hebraica que significa uma posição humilde ou ausência de privilégios especiais.

"O contexto em que o termo filho é usado em João 1:51 (depois de 1:45); 3:13 (depois das objeções de Nicodemos) e 6:27, 33 (em relação com a recusa dos judeus de crerem em Jesus (parece indicar que para João, exatamente como os sinóticos, Jesus quis com esse termo acentuar propositadamente a sua natureza humana. Isso é confirmado por João 5: 27, onde o motivo por que Jesus é constituído Juiz do mundo é que ele é Filho (◆✠❖""□◆ ☉■□□◆❖□□◆① sem artigo, indicando-se portanto a natureza humana em geral, o que chama mais a atenção porque no contexto imediato trata-se de Jesus como Filho de Deus; juízo foi confiado ao Filho de Deus humanado, a fim de que os homens fossem julgados por alguém que pode compreender a sua fraqueza (confira Heb. 4:15)". – *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Editora Vozes Ltda. Petrópolis, 1971, pág. 588.

Nos evangelhos sinóticos esta expressão com referência a Jesus divide-se em três classes:

1º) Aparece num grupo de passagens com referência à vida de Jesus aqui na terra. Mar. 2:10 e 26; Luc. 19:10.

2º) Neste grupo se refere aos sofrimentos e morte de Jesus. Mar. 8:31; 9:31; 14:21.

3º) Nesta classe a frase tem referência à segunda vinda de Cristo. Mat. 24:30; 25:31.

Pelo cotejo dos três grupos de passagens, vemos que a expressão é usada por Cristo em conexão com Sua missão, Sua morte e Sua ressurreição e ainda com Seu segundo advento.

Qual a Idéia de Jesus Quando Empregava a Frase em Questão?

Creemos que para Jesus o título era messiânico, indicando Aquele de quem os profetas tanto falaram e por quem o povo tanto esperava. Esta expressão era usada por Jesus para preparar o povo para a revelação clara de que Ele era o Messias.

"Ele não usava o título Messias para evitar complicações políticas, já que os israelitas esperavam um Messias político e dominador." – *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, vol.4, pág.413.

O título designa-O como o Cristo encarnado e leva-nos para os milagres pelos quais a criatura e o Criador estavam unidos na pessoa divina – humano, divindade sendo identificada com a humanidade, a fim de que a humanidade pudesse se transferir de novo na imagem divina.

Quando usada por Nosso Senhor, era sem dúvida reminiscência de Daniel 7:13-14, onde o Filho do homem recebe o seu domínio eterno.

O título Filho do homem assegura-nos que o Filho de Deus, na verdade, veio viver na Terra como um homem entre os homens a fim de que Ele pudesse morrer por nós. "Porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar Sua vida em resgate de muitos" Mar. 10:45.

Conclusão

Para a nossa mente ocidental os termos "Pai" e "Filho", sugerem por um lado a idéia de origem e superioridade, e por outro lado, a idéia de dependência e subordinação. Numa linguagem teológica, porém, eles são usados no sentido oriental ou semítico de igualdade com respeito à natureza (mesma natureza). Quando as Escrituras chamam a Jesus Cristo como o Filho de Deus, elas querem afirmar a verdadeira divindade de Cristo. Quando O denominam Filho do homem querem realçar a Sua humanidade.

Esta idéia é bastante clara nos conceitos emitidos pelos teólogos adventistas, como nos comprovam estas duas destacadas obras.

1ª) "O título acentua a realidade de Sua natureza humana, assim como o título semelhante, 'Filho de Deus' confirma sua divindade." – *Seventh-Day Adventist Bible Dictionary*, by Siegfried H. Horne.

2ª) "O termo 'Filho de Deus' dá ênfase à identidade de Cristo com Deus, Sua natureza divina, e Sua íntima e pessoal relação com o Pai. O termo 'Filho do Homem' dá ênfase a Sua identidade com o homem, Sua natureza humana, e Sua íntima e pessoal relação com a humanidade." – *Problems in Bible Translation*, publicação da Review and Herald, pág. 243.

Apesar destas declarações tão evidentes, antes de concluir é preciso acrescentar o seguinte:

"Tradicionalmente o título, Filho do homem, tem sido empregado para designar a humildade de Cristo para distinguir de Sua natureza divina. Certamente esta significação está envolvida, mas uma muito mais profunda significação emerge de um mais atento exame de seu uso." "Com esta expressão Cristo reivindica sua natureza divina." – The Zondervan – *Pictorial Encyclopedia of the Bible*, vol. V, pág. 485.

A obra *The Christology of the New Testament* de Oscar Cullman na página 162, nos informa:

"A Teologia clássica sempre contrastou Filho do Homem e Filho de Deus. Do ponto de vista do dogma posterior "verdadeiro Deus – verdadeiro homem", entendeu-se a designação "Filho do Homem" apenas como uma expressão da "natureza humana" de Jesus em contraste com sua "natureza divina". Nessa época os teólogos não estavam familiarizados com as especulações judaicas sobre a figura do Filho do Homem, e não levaram em consideração o fato de que por meio desse próprio termo Jesus falou de seu divino caráter celestial."

Com efeito há passagens na Bíblia onde a expressão "Filho do Homem" é usada, que mais parecem indicar a sua divindade do que a humanidade.

Os exemplos mais frísantes parecem ser estes:

- a) Mateus 24:30. "Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e muita glória."
- b) Mateus 25:31. "Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então se assentará no trono de sua glória."
- c) S. João 3:13. "Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem."
- d) Lucas 5:24. "Mas, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados - disse ao paralítico: Levanta-te, toma o teu leito, e vai para casa."

O Espírito de Profecia parece confirmar que o título "Filho do homem" designava também a divindade de Cristo.

"Deus adotou a natureza humana na pessoa de Seu Filho, levando a mesma ao mais alto céu. É o 'Filho do homem' que partilha do trono do Universo. É o 'Filho do homem', cujo nome será 'Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz'." – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 25.

As idéias seguintes do comentário de E.G. White sobre S. João 1:1, no *SDABC*, vol. 5, págs. 1126-1130 são oportunas sobre este assunto:

I. Natureza divina – humana

"Ele era Deus enquanto estava na Terra, mas despojou-se da forma de Deus, e em seu lugar tomou a forma e o estilo de um homem.

"Ele velou a Sua divindade com as vestes da humanidade, mas não se apartou da Sua divindade. Um Salvador divino-humano, Ele veio para estar na testa da raça caída, para partilhar da sua experiência desde a meninice até a varonilidade.

"As duas expressões 'humano' e 'divino' estavam em Cristo, intimamente e inseparavelmente unidas e no entanto elas tinham uma individualidade distinta.

"Cristo não nos deu a impressão que tomou a natureza humana; em verdade Ele a tomou".

II. Cuidado ao tratar com a natureza humana de Cristo

"Seja cuidadoso, excessivamente cuidadoso ao demorar-se sobre a natureza humana de Cristo. Não O apresente diante do povo como um homem com propensão para o pecado. Ele é o segundo Adão. O primeiro Adão foi criado um ser puro e sem pecado, sem uma nódoa de pecado sobre si, ele era a imagem de Deus. Ele podia cair, e ele caiu pela transgressão. Por causa do pecado sua posteridade nasceu com propensões inerentes da desobediência. Mas Jesus Cristo foi o Unigênito Filho de Deus. Ele tomou sobre si a natureza humana, e foi tentado em todos os pontos como a natureza humana é tentada. Ele podia ter pecado, podia ter caído, mas em nenhum momento houve nele uma propensão má."

"Quando Cristo foi crucificado, foi Sua natureza humana que morreu. A divindade não morreu, isso teria sido impossível." – *SDABC*, vol. V. pág. 1113.

Nota: Este capítulo recebeu orientação especialmente das seguintes fontes:

- ♦ *El Nuevo Testamento Comentado* – William Barclay.
- ♦ *Bible Commentary – Beacon Commentary and Critical Notes* de Adam Clarke.
- ♦ *Enciclopedia de la Biblia*.
- ♦ *O Novo Dicionário da Bíblia*.
- ♦ *Seventh-Day Adventist Bible Commentary e Dictionary*.
- ♦ *The Interpreter's Bible*.
- ♦ *The Interpreter's Dictionary of the Bible*.
- ♦ *Teologia Bíblica* de A. B. Langston.
- ♦ *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*.
- ♦ *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*.

UMA CONTRADIÇÃO EXPLICADA PELO GREGO

Há duas passagens em Atos, que muitas vezes são citadas pelos catadores de contradições na Bíblia, para provarem que o texto bíblico não merece confiança.

Seguem-se as passagens da Almeida Edição Revista e Corrigida.

"E os varões, que iam com ele, pararam espantados, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém." Atos 9:7.

"E os que estavam comigo viram, em verdade, a luz, e se atemorizaram muito; mas não ouviram a voz daquele que falava comigo." Atos 22:9.

Os revisores dessa edição não atentaram bem para o original, por isso aparece o problema, pois no primeiro caso diz que ouviram a voz e no segundo que não a ouviram. Posteriormente, os responsáveis pela Edição Revista e Atualizada no Brasil, mais bem orientados quanto à técnica de tradução fizeram com que a incoerência, em parte desaparecesse, pois as passagens rezam assim:

"Os seus companheiros de viagem, pararam emudecidos, ouvindo a voz, não vendo, contudo, ninguém." Atos 9:7.

"Os que estavam comigo, viram a luz, sem contudo perceber o sentido da voz de quem falava comigo." Atos 22:9.

Sem me demorar com comentários de muitos eruditos, quero apenas apresentar o que escreveu Kenneth S. Wuest no livro *Jóias do Novo Testamento Grego*, págs. 36 e 37 com a mesma epígrafe que iniciamos este trabalho e depois a apresentação do *Comentário Adventista*.

"Lucas, que escreveu o livro de Atos, registrou para nós, sob a inspiração do Espírito Santo, a experiência de Paulo na estrada para Damasco, conforme a ouviu relatada pelos lábios do próprio Paulo (Atos 9). Lucas também registra o discurso de Paulo em sua defesa perante os judeus (Atos 22), conforme a ouviu da parte do apóstolo. Em 9:7 é feita a declaração que os homens que estavam em companhia de Paulo ouviram a voz de Alguém que falava com ele, enquanto em 22:9 lemos que os mesmos não ouviram essa voz. Nesse caso temos uma incoerência na tradução em português.

"Ora, cremos num texto bíblico infalivelmente inspirado. Afirmamos a inspiração verbal dos manuscritos originais hebraicos e gregos e em nossos dias o criticismo textual tem dado a possibilidade de que os manuscritos que possuímos, no caso do Novo Testamento, dão um texto correto de 999 palavras entre cada 1.000. Não cremos na inspiração verbal de quaisquer traduções. Portanto, o texto grego é nosso último tribunal de apelo.

"No grego de Atos 9:7, a palavra traduzida como "voz", está no caso genitivo, enquanto que em 22:9, está no acusativo. A regra gramatical nesse particular estabelece que na primeira vez a voz foi ouvida apenas como um som. O sentido das palavras não foi compreendido. Os homens que estavam com Paulo ouviram o som, mas não entenderam as palavras que nosso Senhor dirigiu a Paulo. Mas, na segunda vez, a regra diz que não apenas a voz foi ouvida, mas as próprias palavras não foram

compreendidas. Assim os homens que estavam com Paulo não ouviram a voz de modo a entender as palavras.

"A incoerência não é realmente uma contradição no texto grego. O crente confia na Bíblia. É ela a própria Palavra de Deus, dada por revelação e registrada por inspiração."

O SDABC apresenta sobre Atos 9:7 o seguinte:

"**Ouviram uma voz.** À primeira vista esta declaração parece contradizer o que está declarado no cap. 22:9, onde Paulo declara que seus companheiros não ouviram a voz. Contudo, um cuidadoso estudo dos dois relatos nos ajuda a explicar esta aparente discrepância. O verbo $\alpha\kappa\omicron\upsilon\omicron\iota$ – ouvir, pode referir-se ou à faculdade dos ouvidos de ouvirem o som (veja Mat. 11:15; 13:15) ou à faculdade da mente de compreender o que ouve (veja Mar. 4:33; I Cor. 14:2). Na presente passagem (Atos 9:7) a palavra traduzida por voz está no caso genitivo. Em grego isto indica que os companheiros de Paulo somente ouviram o som da voz, mas não compreenderam o que foi dito. No capítulo 22:9, a palavra traduzida por 'voz' ($\φωνη$) está no caso acusativo, e este com a negativa 'não' significa que eles não ouviram a voz bastante distintamente, para compreender o que foi dito (confira cap. 9:4), onde está relatado que Saulo compreendeu, Lucas usa o acusativo para dizer que ele ouviu a voz."

Do livro *Gálatas* de Merrill C. Tenney, pág. 86 retirei esta última declaração:

"A aparente discrepância nos relatos entre Atos 9:7 que diz que 'seus companheiros de viagem, pararam emudecidos, ouvindo a voz' e Atos 22:9, que diz 'viram a luz, sem contudo perceber o sentido da voz' pode ser explicada pela suposição que ouviram um som que reconheceram ser uma voz, mas que para eles parecia inarticulada. Mas é perfeitamente próprio apelar para a distinção nos casos, na aparente contradição entre $\alpha\kappa\omicron\upsilon\omicron\iota$ (Atos 9:7) e $\φωνη$ (22:9). Ver A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament*, pág. 506."

A DOXOLOGIA DO PAI NOSSO

Denomina-se Doxologia do Pai Nosso a parte final da Oração do Senhor, ou sejam as palavras: "pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre, Amém."

Esta doxologia tem sido questionada pelos eruditos da Crítica Textual, mas como estamos acostumados a usá-la e diante da sua beleza e solenidade, parece ser quase temeridade ventilar este problema. Mas sendo ele real, precisamos tratar dele realisticamente. O Pastor Christianini a ele se referiu, em artigo no *Ministério Adventista*, Maio-Junho de 1972, páginas 16 e 17; posteriormente, pela mesma revista, Janeiro-Fevereiro de 75; o Professor Aécio Cairus do nosso colégio irmão da Argentina, tocou na mesma tecla, reconhecendo que ela não foi ensinada por Cristo, mas talvez por predileção pessoal, insiste que estas palavras não devem ser retiradas.

Apresentarei o problema, porque todas as pessoas esclarecidas devem conhecê-lo evidentemente, deixando a cada um o direito de seguir a orientação que melhor lhe convier.

Sempre me lembro do incidente passado na sala onde Cristo foi julgado, com um grupo de turistas e a freira que nos orientava. Depois de interessante e útil palestra relembrando episódios do julgamento de Cristo, ela pediu que todos juntos cantássemos um hino católico, que nós desconhecíamos. Pastor Vyhmeister, líder do grupo, atalhou incontinentemente, sugerindo que todos recitássemos a Oração do Senhor, o que foi feito sob a liderança da freira. Chegando à expressão – livra-nos do mal, ela silenciou, enquanto todos prosseguimos na doxologia. Sem dúvida ela estava mais certa do que nós.

Para melhor compreensão deste estudo, são necessárias algumas rápidas noções de Crítica Textual, como classificação dos manuscritos, seu agrupamento em famílias e o que é uma variante.

I. Classificação de Manuscritos

À medida que novos manuscritos iam sendo descobertos, os estudiosos sentiram a necessidade de classificá-los, visando facilitar seu estudo e referências posteriores.

A primeira classificação foi feita por Johann Jacob Wettstein, na introdução de uma edição crítica do Novo Testamento Grego, publicado em 1751-1752. Ele classificou os manuscritos unciais conhecidos, pelas letras do alfabeto latino e os minúsculos pelos números arábicos – 1, 2, 3, 4, 5 etc. Os papiros ainda não eram conhecidos no seu tempo. Posteriormente, Tischendorf e Von Soden, prosseguiram neste processo classificatório, mas estes estudos foram colocados de lado, especialmente o de Von Soden devido à complexidade do seu processo. A classificação aceita hoje, mundialmente, é a de Gaspar René Gregory, que nada mais é do que a ampliação do processo começado por Wettstein.

Tischendorf introduzira as letras do alfabeto grego para os unciais, desde que as letras do alfabeto latino já não eram suficientes para os manuscritos conhecidos no seu tempo.

Em 1900, em virtude do número de manuscritos unciais, haver superado as letras dos alfabetos grego e latino, Gregory sugeriu que os unciais fossem designados por números arábicos, precedidos de um zero, para não haver confusão com os minúsculos.

O único manuscrito classificado com letra do alfabeto hebraico foi o sinaítico, que recebeu a letra alef, isto para destacá-lo dos demais, a pedido de Tischendorf.

Os papiros foram classificados com a letra P seguida de um número P1 , P2 , P3 , P4, P5, P6 . . .

Dos manuscritos unciais os mais conhecidos são estes:

Ⲁ – alef ou 01

A – alexandrino ou 02

B – vaticano ou 03

C – efraimita ou 04

O número aproximado dos manuscritos existentes é mais ou menos o seguinte: Unciais 250, minúsculos 2.700, papiros 80, lecionários 2.000.

II. Famílias de Manuscritos

Os manuscritos são classificados em famílias, levando-se em consideração as semelhanças ou diferenças que apresentam. A finalidade desta classificação foi descobrir os manuscritos mais antigos, porque mais se deveriam assemelhar aos originais. São quatro as principais famílias de manuscritos:

- a) Bizantina com sede em Antioquia;
- b) Ocidental com sede em Roma;
- c) Alexandrina com sede em Alexandria;
- d) Cesareense com sede em Cesaréia.

III. Variante

É a maneira diferente da mesma passagem se apresentar nos manuscritos. Expressando-nos de outra maneira: Quando os manuscritos que contêm a Bíblia em seu idioma original diferem entre si em algum pormenor, o modo diferente de cada manuscrito chama-se "variante". A finalidade principal da Crítica Textual é concluir qual seja a melhor variante, indubitavelmente a que tem mais probabilidade de ser a original e autêntica.

O Novo Testamento Grego, normalmente, traz uma folha com o Aparato Crítico, conjunto de sinais indicando as mudanças que copistas, algumas vezes intencionalmente, porém, muitas outras despercebidamente introduziram no texto que estavam copiando. É papel primordial da Crítica Textual detectar estas variantes,

escoimando o texto das omissões, mudanças ou acréscimos que por acaso tenham aparecido.

Após esta digressão pelo reino da Crítica Textual, façamos alguns comentários sobre o término do Pai Nosso.

Quase todas as Bíblias evangélicas registram estas palavras finais, enquanto as Bíblias católicas jamais perfilharam este caminho. Modernamente há a tendência de eliminá-la nas Sociedades Bíblicas, como podemos notar na *American Standard Version* (1901), na *The New English Bible* (1970), e em *O Novo Testamento Vivo*. A *Almeida Revista e Atualizada no Brasil* e o *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* a colocam entre colchetes, como indicação de que esta parte não se encontra no texto grego que serviu de base para a tradução.

A Crítica Textual, depois de um estudo detalhado e consciencioso, concluiu que ela apenas se encontra nos seis seguintes manuscritos unciais: K, L, W, delta, teta, e Pi. Os peritos nesta matéria estão bem cientes de que estes manuscritos, dos 252 existentes, não estão entre os mais significativos. Dos 2.700 manuscritos cursivos, apenas 19 apresentam a doxologia. Poucas das inúmeras versões antigas, como a siríaca, copta, latinas, etíope, armênia, egípcia, gótica a consignam. Diante desta realidade os entendidos da Crítica Textual da Bíblia aconselham os tradutores a suprimirem definitivamente a doxologia,

O Comentário Adventista segue orientação idêntica ao declarar:

"Esta cláusula apresenta a doxologia do Pai Nosso. Importante evidência textual pare ser citada em favor da sua omissão. Não consta da versão de S. Lucas desta oração (S. Luc. 11:4). Contudo, o sentimento que ela expressa é escriturístico, em estilo paralelo com I Crôn. 29:11-13."

Como Surgiu a Doxologia?

Algun copista, conhecedor de outras orações que continham esta terminação, e crendo que o Pai Nosso estava incompleto, achou por bem acrescentá-la, na página que estava copiando. Outros copistas, observando que a doxologia dava realce e beleza à oração, seguiram a mesma trilha, fazendo assim com que ela fosse proliferando em vários textos gregos, até chegar ao *Novo Testamento Grego* de Erasmo e ao famoso *Textus Receptus*. Os manuscritos usados por Erasmo, segundo os estudiosos foram 13, pertencentes à família bizantina, que continha a doxologia. Os manuscritos cesareenses também a trazem, mas ela não se encontra nas outras duas famílias.

Os comentaristas têm chegado à conclusão de que a Oração de Davi de 1 Crôn. 29:10-19, onde há uma doxologia deve ter influenciado algum copista a colocar uma idêntica na oração de Cristo. Note bem as palavras dos versos 11 a 13:

"Tua, Senhor, é a grandeza, o poder, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu, Senhor, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos. Riquezas e glória vêm de ti, tu dominas sobre tudo, na tua mão há força e

poder; contigo está o engrandecer e a tudo dar força. Agora, pois, ó nosso Deus, graças te damos, e louvamos o teu glorioso nome."

Uma outra semelhante doxologia, apenas mais reduzida, é encontrada em II Tim. 4:18, rezando assim: "A ele glória pelos séculos dos séculos. Amém."

Para concluir este comentário, quero acrescentar as palavras do Professor Aécio Cairus:

"Toda evidência textual a favor da doxologia pode, pois, reduzir-se a estas duas famílias: cesareense e antioquiense. Por exemplo, a mui autorizada versão Peshitto (siríaca) é tomada também de manuscritos antioquienses. O interessante é que estas duas famílias 'mancam da mesma perna': suas variantes têm a tendência de serem expressões mais polidas e literalmente mais elegantes que as de outros manuscritos. Como a doxologia é um agregado que dá mais polimento e elegância ao Pai Nosso, o testemunho antioquiense e cesareense é suspeito. Por outro lado, os manuscritos ocidentais têm a tendência para variantes longas e intercalações, pelo que o seu silêncio aqui resulta em testemunho contra, bastante forte.

"Outra evidência externa confirma as primeiras impressões: a Didaquê, espécie de manual eclesiástico do segundo século prescreve belas liturgias para todas as ocasiões, com doxologia muito semelhante a de que nos ocupamos. Quando cita o Pai Nosso, fá-lo com esta doxologia, e a área de influência da Didaquê foi justamente a cesta oriental do Mediterrâneo (incluindo-se Cesaréia e Antioquia). Daria a impressão de que as palavras com que finaliza o Pai Nosso em nossa Bíblia se originaram com esta liturgia e foram incluídas involuntariamente (pela força do constante ouvir) pelos copistas cesareenses e antioquienses nas Escrituras.

"Conquanto as evidências aqui apresentadas não sejam a rigor definitivas, ilustram muito bem princípios que convêm conhecer. De qualquer modo, não há porque interromper o costume de usar estas formosas palavras quando oramos. O comentário ou utilização que delas faz a Sra. White, só garantem a sanidade e veracidade declarativas não a origem ou canonicidade, a menos que queiramos canonizar também os escritos pagãos que Paulo cita, para exemplo. Mas nos dão razões de sobra para utilizar a formosa doxologia sem a qual, para os que estamos habituados a ouvi-la, o Pai Nosso perderia algo de sua sonoridade." – *O Ministério*, Janeiro-Fevereiro de 1975, páginas 13 e 16.

AS TRÊS TESTEMUNHAS DE I JOÃO 5:7-8 COMMA JOANINA

I. Definição

Os comentaristas católicos, apreciadores da terminologia latina, denominaram de Comma Johanneum o inciso ou interpolação, que aparece em 1 João 5:7-8, mas que a Crítica Textual, através de notáveis comentaristas e insígnies exegetas têm provado que não são de autoria da apóstolo João.

Estas palavras acrescidas ao texto sagrado são também denominadas de – "as três testemunhas celestiais."

II. O Texto

I João 5:7 e 8 aparece assim no original:

7. □♦✠ ♦□ℳ✠ ℳ✠✠■ □✠ ○☉□♦✠□□♦■♦ℳ♦
 ☞☞ ♦□ □■ℳ♦○☉ &☉✠ ♦□ ♦⬆♦□ &☉✠ ♦□□□ ☉✠
 ○☉ &☉✠□□ □✠□□ ♦□ℳ✠ ℳ✠ ℳ■ ℳ✠✠■

"Hoti treis eisin hoi martirountes,

"to pneuma kái to hidor kaito haima, kai hoi treis eis heneisin."

Sua tradução literal seria:

"Porque três são os que testificam: o espírito, a água e o sangue e os três para um são."

Algumas traduções da Bíblia trazem um **acréscimo** a este texto, que tem sido denominado – "as três testemunhas celestiais", por aparecer da seguinte maneira: **"no céu: o Pai, a Palavra e Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra."**

Por isso a Almeida antiga rezava assim: "Porque três são os que testificam (no céu o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra) – o espírito, e a água e o sangue; e estes três concordam num".

Traduções modernas fiéis ao original não consignam as palavras, que aparecem entre parênteses na citação acima.

"Pois há três que dão testemunho: o Espírito, a água e o sangue, e os três são unânimes num só propósito." – *Almeida Edição Revista e Atualizada* no Brasil.

"Há três testemunhas: o Espírito, a água e o sangue. E os três estão de pleno acordo." – *A Bíblia na Linguagem de Hoje*.

A Bíblia de Jerusalém assim traduz:

"Porque três são os que testemunham: o Espírito, a água e o sangue e os três tendem ao mesmo fim." com as seguintes notas explicativas:

O texto dos vv. 7-8 está acrescido na Vulgata de um inciso ausente nos antigos manuscritos gregos, nas antigas versões e nos melhores manuscritos da Vulgata, e que parece ser uma glosa marginal introduzida posteriormente no texto.

Os três testemunhos convergem. O sangue e a água se unem ao Espírito (I João 2:20, 27; João 3:5; 4:1) para testemunhar (conf. João 3: 11) em favor da missão do Filho que dá a vida (I João 5:11; João 3:15).

III. O Problema

Embora a passagem tenha suscitado polêmicas e sugerido longas discussões, aqui se encontra o essencial para nossa orientação.

O *SDABC*, Vol. 7, pág. 675 tem o seguinte comentário sobre este problema:

"A evidência textual atesta a omissão da passagem 'no céu, o Pai, o Verbo, e o Espírito Santo: e estes três são um. E três são os que dão testemunhos na terra. . .' A passagem tal como aparece na KJV não se encontra em nenhum manuscrito grego anterior aos séculos XV e XVI, As palavras controvertidas acharam seu caminho para a KJV através do texto grego de Erasmo. Diz-se que Erasmo se ofereceu para incluir as palavras duvidosas em seu Testamento Grego se lhe mostrassem um manuscrito que as contivesse. Uma biblioteca em Dublin produziu tal manuscrito (conhecido como 34) e Erasmo incluiu a passagem em seu texto. Crê-se agora que as edições posteriores da Vulgata adquiriram a passagem por erro de um copista, que inseriu um comentário exegético marginal, no texto bíblico que estava copiando. As palavras em questão têm sido amplamente usadas em defesa da doutrina da Trindade, mas em virtude de tal evidência esmagadora contra sua autenticidade, elas não devem ser usadas com este objetivo."

Bruce Metzger em seu livro – *The Text of the New Testament*, págs. 101 e 102 nos esclarece mais:

"Erasmo ao publicar o *Novo Testamento Grego*, em 1516, foi criticado pelos defensores do Cardeal Ximenes, por não haver colocado estas palavras no seu trabalho. Erasmo replicou que não tinha achado qualquer manuscrito grego contendo estas palavras, E descuidadamente prometeu que inseriria a Comma Joanina, como era chamada, em futuras edições se um único manuscrito grego pudesse ser achado que a contivesse. Esta cópia lhe foi apresentada. Segundo os estudiosos, parece que este manuscrito grego foi escrito, em 1520, por um frade franciscano chamado Froy, que tirou estas palavras da Vulgata Latina. Erasmo cumpriu a promessa e colocou estas palavras em sua terceira edição (1522), mas em longa nota ao pé da página explicou sua suspeita de que o manuscrito tinha sido preparado para o confundir".

Como Sabemos Que Estas Palavras Não Foram Escritas por João?

Além dos pensamentos já apresentados pode-se acrescentar:

1º) A passagem não se encontra em nenhum manuscrito grego dos primeiros séculos.

Apenas aparece em 4 manuscritos gregos posteriores e da seguinte maneira:

- a) O manuscrito 61, que hoje se encontra na biblioteca de Dublin, o mesmo apresentado a Erasmo e que tem causado tantos dissabores aos estudiosos do Texto Bíblico.
- b) Um manuscrito do século XII, N° 88, está em Nápoles, com a passagem escrita na margem.
- c) O de número 629, dos séculos XV ou XVI, pertencente à biblioteca do Vaticano.
- d) Um manuscrito do século XI de número 635, cuja passagem se encontra registrada na margem.

A passagem também não aparece em Manuscritos da Vulgata Latina antes do ano 800 A.D.

2º) Ela não foi traduzida para as versões ambas da Bíblia, como nos atestam a siríaca, a armênia, capta, árabe, etíope e outras.

3º) Não foi citada pelos Pais da Igreja.

Esta é uma prova concludente de que não se achava nas Escrituras. Se eles a conhecessem, sem dúvida, a teriam usado profusamente para condenar o arianismo vicejante naqueles idos.

4º) Pelo princípio da Crítica textual, denominado – Probabilidade Intrínseca – conclui-se que foi uma introdução indevida, por quebrar o fluxo do pensamento do apóstolo João.

5º) Consultando o Índice dos escritos de Ellen G, White não encontramos nenhum lugar em que tenha citado esta passagem.

Conclusão

Embora esta declaração sobre as "três testemunhas celestiais" esteja em plena harmonia com a teologia bíblica sobre a Trindade, ela não deve ser usada para prová-la, pelas razões que acabam de ser expostas.

Os comentaristas são unânimes em afirmar que João não escreveu a passagem em apreço, mas que teve sua origem na anotação ou nota marginal que um copista fizera no texto que estava copiando. Um outro copista achando-as inspiradoras e oportunas ele as introduziu num manuscrito posterior.

Nada melhor para condenar e concluir este estudo do que as sintéticas palavras de Vincent ao comentar I João 5:7-8:

"Estas palavras são rejeitadas pelo veredito geral de autoridade da Crítica Textual".

Nota

O periódico "O Pregador Adventista", Janeiro-Fevereiro de 1949, pág. 22, trouxe a seguinte informação sobre A Comma Joanina:

"Cipriano – Bispo de Cartago (que morreu em 258) escreveu as palavras na margem do versículo, como simples anotação sua. Mais tarde foram acrescentadas aos manuscritos posteriores da Vulgata de S. Jerônimo".

QUAL O SIGNIFICADO DE HILASTÉRION EM ROM. 3:25?

A palavra **hilastérion** é muito importante por ser a chave para a compreensão da obra expiatória de Cristo.

Além de Romanos 3:25 é usada em apenas mais um texto do Novo Testamento, isto é, Heb. 9:5, onde é empregada para denominar o propiciatório do santuário hebraico. Neste passo o termo está empregado com propriedade, desde que **hilastérion** é usada na Septuaginta como tradução do hebraico **כִּפּוּרִים** – propiciatório. De acordo com Êxodo 25:17-22 devia ser posto sobre a arca do concerto um **כִּפּוּרִים** – lâmina de ouro puro. De cima deste **כִּפּוּרִים** Deus falaria com Moisés (v. 22). Sobre esta peça de ouro era espargido no Dia da Expição ou **kippurim** o sangue dos sacrifícios.

Lutero traduziu **כִּפּוּרִים** por "gnadenstuhl", correspondente ao inglês "mercy seat", que seria para nós "lugar de misericórdia", Tyndale traduziu **hilastérion** como lugar de expiação.

Para os Setenta, **hilastérion** não era apenas uma cobertura para a arca, mas indicava mais o meio e o lugar de expiação.

O propiciatório era o local da expiação, pois ali Deus se encontrava com os homens para remissão do pecado. De modo idêntico, por meio de Cristo – o grande mediador entre Deus e os homens – há uma mediação com Deus. Paulo nos afiança que é através dele que temos acesso a Deus (Efés. 2:18).

Os dois problemas fundamentais com o termo **hilastérion** de Rom. 3:25 seriam estes:

1º) O que significa exatamente esta palavra em grego?

2º) Que termo em nossa língua o traduziria com mais propriedade?

É um adjetivo neutro substantivado, usado por Paulo como meio expiatório.

Os dicionários são omissos na apresentação do significado etimológico da palavra, apenas definindo-a como: aquilo que expia ou propicia, um meio de expiação, dádiva para conseguir expiação. Etimologicamente expiar é tirar, enquanto propiciar é cobrir, por isso as duas palavras podem ser empregadas adequadamente para o sacrifício de Cristo em favor do homem.

Não há em nossa língua nenhuma palavra que transmita toda a significação original. Tem sido traduzido por: propiciatório, propiciação, expiação, sacrifício propiciador, sacrifício expiatório. Seja qual for o seu significado, o certo é que a palavra indica algo que expia pecados. Ela nos revela a "**apolitrosis**", ou a redenção do pecador e com isso a revelação da justiça divina.

O comentário seguinte do Professor assistente na Andrews, Edward W. H. Wick, no livro – *Let Me Assure You*, pág. 23 satisfaz as nossas dúvidas quanto a um aspecto da melhor tradução:

"A idéia de propiciação (assim traduzida na K.J.V.) é uma idéia pagã. Ela expressa idéia de que Deus está irado e portanto deve ser aplacado. Isto é propiciação e eis porque a palavra não é realmente cristã. Deus iniciou o plano da salvação, a expiação. Ele não necessita ser persuadido a perdoar o pecado do homem através de qualquer sacrifício que este possa oferecer. Deus mesmo agiu em Jesus Cristo, de sorte que não é Deus que precisa ser apaziguado com referência ao pecado por um sacrifício, de modo semelhante àquele oferecido às divindades pagãs. Deus não precisa ser aplacado."

Os parágrafos seguintes da publicação *The Bible Translator*, outubro de 1953, págs. 160-161 nos são úteis para melhor compreensão de **hilastérion**:

"É particularmente importante compreender as palavras do Novo Testamento para expiação, sacrifício, perdão, propiciação e reconciliação, não em seu sentido grego pagão, mas no sentido em que foram usadas na Septuaginta para traduzir as correspondentes palavras hebraicas. Tomemos por exemplo o verbo **hilaskomai** (propiciar) e palavras cognatas. No uso grego pagão **hilaskomai** denota o apaziguamento da ira de um caprichoso poder, oferecendo-lhe um dom ou aturando-lhe a vingança ou a adoção de qualquer outro expediente. Mas na Septuaginta ele é usado como o equivalente do notável termo hebraico **כִּפָּר**, a palavra usada no Velho Testamento para designar o cancelamento do pecado, por um gracioso e justo Deus do concerto, quando o penitente adorador reconhecia o seu delito. Outras palavras derivadas da mesma raiz no Velho Testamento hebraico, que pertencem ao mesmo contexto do **כִּפָּר** = propiciatório, o lugar onde o pecado é apagado; **כִּפָּר** = expiação (como em **כִּפָּר** & **כִּפָּר**, o dia da expiação) e **כִּפָּר** = resgate. Na Septuaginta **כִּפָּר** é traduzida por **hilaskomai** ou sua forma intensiva **exilaskomai** (traduzida por purgar, purificar, reconciliar, fazer expiação); **כִּפָּר** por **hilastérion**; **כִּפָּר** por **hilasmos** ou o intensivo **exilasmos**. Deste modo estas palavras gregas tomam o

significado de suas equivalentes hebraicas ao invés do significado que tinham no paganismo grego; e transmitem o sentido de realizar um ato por meio do qual é removida a culpa ou contaminação".

Todas estas palavras se relacionam com a palavra hebraica básica "&𐤀𐤁𐤁𐤁𐤁𐤁𐤁", que significa cobrir ou ocultar, sendo uma cobertura para o pecado. Em outras palavras, seria a eliminação do pecado que está impedindo a comunicação entre o homem e Deus. Muitos eruditos não concordam com a idéia de cobrir ou ocultar o pecado, porém, deve-se ter em mente que a palavra está empregada no sentido figurado de perdoar, esquecer, expiar, purificar.

Talvez ninguém, com mais propriedade do que Vincent, captou as idéias Vétero e Neotestamentárias do verdadeiro significado da expiação. Atente bem para suas judiciosas palavras ao comentar Rom. 3:25 :

"Assim como a superfície de ouro cobria as tábuas da lei, assim também Jesus Cristo está por sobre a lei, vindicando-a como santa, justa e boa, e assim, igualmente, vindicando as reivindicações divinas que nos exigem obediência e santidade. E assim como o sangue era anualmente aspergido sobre a tampa de ouro, pelo sumo sacerdote, assim também Cristo é exigido 'em seu sangue' não vertido para aplacar a ira de Deus, para satisfazer a justiça de Deus ou para compensar pela desobediência humana, mas sim, como a mais elevada expressão do amor divino pelo homem, tendo participado, junto com a humanidade, até a morte a fim de que pudesse haver reconciliação do homem com Deus, mediante a fé e a rendição a Deus".

"No Velho Testamento a idéia de sacrifício como uma propiciação retrocede ante o caráter pessoal que está por trás do sacrifício, e que unicamente dá-lhe virtude. Veja 1 Sam. 15:22; Sal. 40:6-10; 50:8-14; 51:16-17; Isa. 1:11-18; Jer. 7:21-23; Amós 5:21-24; Miq. 6:6-8. O Novo Testamento enfatiza o retrocesso, colocando a ênfase sobre o efeito purificador e vitalizante do sacrifício de Cristo, Veja João 1:29; Col. 1:20-22; Heb. 9:14; 10:19-21; I Pedro 2:24; 1 João1:7; 4:10-13".

"O verdadeiro significado do oferecimento de Cristo concentra-se, portanto, não sobre a justiça divina, mas sobre o caráter humano; não sobre a remissão da penalidade através de uma transformação moral; não sobre a satisfação da justiça divina, mas sobre o ato de trazer o homem alienado em harmonia com Deus". – *Word Studies in the New Testament*, Vol. III, págs. 43-45.

Em seguida são encontradas as declarações dos estudiosos adventistas sobre esta importante palavra:

"Esta é a interpretação aceita e defendida pela maioria dos eruditos da Bíblia."

"Em Rom. 3:25, **hilastérion** é usada em conexão com Cristo. A tradução dos versos 24 e 25 é: 'Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para **hilastérion** pela fé no seu sangue.' Como deve ser isto traduzido? A forma da palavra requer lugar. Uma pessoa, Jesus Cristo, deve ser incluída. Está envolvido um sacrifício, como demonstrado pela referência ao sangue de Cristo. Sua morte é significativa. Se o sacrifício deve ser enfatizado, alguém pode dizer: **oferta de propiciação**, Se a Pessoa é enfatizada então **Propiciador** é uma melhor sugestão. Se o ato da Pessoa como um sacrifício é básico,

então **propiciação** é o termo adequado. Se o lugar é mais importante, **propiciatório** é mais conveniente".

"Tão certo como a tampa da arca do concerto era o lugar, e, típica e espiritualmente, o meio de expiação dos pecados humanos por Deus, assim Cristo é simultaneamente a Pessoa, o Meio e o Lugar da expiação. Isto é expresso no **hilastérion** de Rom. 3:25. A tradução de *Revised Standard Version* 'como uma expiação' é aceita como válida pelos estudiosos". – *The Problems in Bible Translation*, págs. 215 e 216.

Alguns estudiosos afirmam que Cristo não pode ser apresentado como propiciatório, alegando razões que não são conclusivas.

Outros crêem que Cristo é um símbolo do propiciatório pelo seguinte:

1º) O termo está em conformidade com a tipologia do Velho Testamento, onde Cristo aparece como a nossa páscoa.

2º) Paulo faz uso da palavra **hilastérion** no sentido mais geral de sacrifício em propiciação oferecido a Deus para anular os pecados e os seus daninhos efeitos.

3º) Nesta interpretação frisa-se uma excelente idéia contrastante; o propiciatório jazia oculto entre cortinas; em contraste Deus propôs – "□□□◆)(◆≈≡ℳ○)((" (expor publicamente para que todos vejam) a Cristo, em seu caráter, como o verdadeiro propiciatório que faz intercessão entre nós e Deus.

Como o propiciatório era o lugar onde o perdão, a expiação era efetuada, assim o lugar cristão de expiação é a cruz. Jesus significa para o mundo o que o propiciatório significava para o povo de Israel. Em Cristo a expiação foi realizada no Calvário, justamente como no Dia da Expiação, a expiação era efetuada no lugar santíssimo. Na cruz Deus demonstra Sua misericórdia, e isto torna o lugar de expiação o lugar onde os pecados são perdoados.

Na Septuaginta a palavra é empregada como "meio de expiação", sendo este meio Cristo, aparecendo o homem como o necessitante e Deus como o agente.

Hilastérion tem o significado básico de propiciar, C. H. Dodd diz que **hilastérion** é expiação.

As citações que se seguem do Espírito de Profecia são relevantes, oportunas e esclarecedoras deste tema tão sublime – a obra expiatória de Cristo.

"Visto que a lei divina é tão sagrada como o próprio Deus, unicamente um ser igual a Deus poderia fazer expiação por sua transgressão. Ninguém a não ser Cristo, poderia redimir da maldição da lei o homem decaído, e levá-lo novamente à harmonia com o Céu. Cristo tomaria sobre Si a culpa e a ignomínia do pecado – pecado tão ofensivo para um Deus santo que deveria separar entre Si o Pai e o Filho. Cristo atingiria as profundidades da miséria para libertar a raça que fora arruinada". – *Patriarcas e Profetas*, pág. 63.

"Cristo se deu a Si mesmo como sacrifício expiatório, para a salvação de um mundo perdido". – *Testimonies*, Vol. 8, pág.

"Cristo plantou a Cruz entre o Céu e a Terra, e quando o Pai contemplou o Sacrifício de Seu Filho, curvou-Se ante ele em reconhecimento de sua perfeição, 'É o

suficiente disse Ele, a expiação está completa'." – *Review and Herald*, 24 de setembro de 1901.

Conclusão

Quero terminar e sumariar com o que declarou Edward W. H. Wick no livro já citado, pág. 24:

"A fim de descobrir o que Paulo quer dizer em Romanos ao afirmar que Jesus é a propiciação, devemos ir a outro lugar no Novo Testamento onde a palavra é empregada, e este é em Hebreus, na descrição do santuário. Ali a palavra é usada para a tampa da arca, o lugar entre os querubins. Ali o sangue era aspergido no Dia da Expição. Em outras palavras, havia o lugar onde a expiação era feita em prol dos israelitas. Assim, de acordo com Romanos, se Jesus é nosso **hilastérion**, Ele é o lugar onde, ou o meio pelo qual nossa expiação é feita.

"Expição significa o perdão dos pecados, o cancelamento dos mesmos. Assim Jesus é o meio da expiação, a maneira pela qual os pecados são cobertos. Propiciação significa o desvio da ira, a expiação significa o apagamento do pecado. O sacrifício é o meio pelo qual a expiação é feita. O sacrifício de Jesus é a maneira pela qual os pecados são perdoados".

PARACLETO –

Este vocábulo que é usado no Novo Testamento 5 vezes, aparece apenas nos escritos joaninos (4 vezes no evangelho 14:16, 26; 15: 26; 16: 7; e uma vez na primeira epístola – 2:1). A forma verbal **paraclein** e o substantivo **paráclesis** são freqüentes nos escritos neotestamentários, porém, não são usados por João.

Paracleto não aparece na Septuaginta, A palavra é formada da preposição – **pará** = ao lado de, junto a; e do verbo – **kaleo** = chamar; significando portanto – chamado para o lado de, alguém chamado para ajudar ao lado de outrem.

Os gnósticos usavam esta palavra com o sentido de assistente ou ajudante. No grego clássico **paracleto** é usada com o sentido de advogado, alguém que pleiteia a causa de outrem, sentido este que passou ao grego helenista, nos escritos de Josefo, Filo e também para os papiros dos tempos apostólicos. No início a palavra apenas designava um advogado, mas o seu sentido se ampliou, indicando idéias de consolo e conselho. O verbo **paracleo**, tão comum na Septuaginta, ocorre com freqüência, para indicar o auxílio que Deus concede, aos seus filhos, a fim de ajudá-los em todas as suas necessidades.

Paracleto é usado no Novo Testamento tanto para o Espírito Santo quanto para Cristo. O Espírito Santo não se limita ao papel de um advogado, pois Cristo declara que ele nos guiará a toda a verdade, convencerá o mundo do pecado, havendo de operar a nossa transformação para que nos qualifiquemos para o céu.

Para Arthur John Gossip a obra do Espírito Santo é a seguinte: "O Espírito que ele 'Deus' nos envia, é um Espírito poderoso, que insta conosco de forma intensa. Ele impele, ele reaviva, ele revigora, ele infunde novo ânimo e nova coragem aos descoroçados e, repondo na ordem as fileiras dispersas, permite-nos tirar a vitória da própria derrota".

Qual a Melhor Palavra em Português Para Traduzir o Paracletos Grego?

A *Almeida Revista e Atualizada* traduz por **Consolador**. A tradução inglesa *R.S.V.* traz **Conselheiro**. *Goodspeed* preferiu chamá-lo de **Ajudador**. A *New English Bible* o identifica como **Advogado** nas cinco referências onde aparece, concordando com a maioria das traduções quanto a I João 2:1, que se refere a Cristo e não ao Espírito Santo. Destas quatro traduções crêem os eruditos que a melhor é **Ajudador**, por ser mais abarcante, no que concordamos. Veja o *Novo Testamento Interpretado* de Russell Champlin, 11 Vol. pág. 534.

Parte do trabalho de intercessão de Cristo consiste em proteger seu povo das tentações e acusações de Satanás, como nos diz Paulo em Rom. 8: 33 e 34. Satanás é o acusador dos irmãos. Apoc. 12: 10. Acusar não é obra de Cristo. Paulo nos indica em Romanos que quando Satanás acusa o pecador arrependido, Cristo diante de Deus

intercede em seu favor. Para aqueles que reclamam os méritos de Cristo, não há condenação. Cristo veio destruir as obras do diabo (Heb. 2:14-15). Ele derrotou a Satanás na cruz (João 12: 31-32). Ele continua a mesma obra de refutar as acusações do adversário.

A menos que o povo de Deus tenha ao seu lado Alguém mais poderoso, apto a afastar as acusações do inimigo ele poderá cair presa de seus estratagemas e ceder aos seus ataques.

Apenas seremos vitoriosos sobre o príncipe das trevas se tivermos ao nosso lado o **Paracleto** Divino fortalecendo-nos e amparando-nos das ciladas do inimigo.

ESTUDO DAS PALAVRAS – ANÁTEMA E MARANATA

Anátema

A palavra na sua origem grega é formada da preposição **aná** – em cima, sobre e de uma forma do verbo **tithemi** – pôr, colocar.

Em grego este termo indicava uma oferta votiva para o sacrifício, ou que era colocada em cima do altar. Olhando para o seu significado atual de excomunhão, condenação, maldição, reprovação enérgica, repreensão solene, é fácil concluir que ela sofreu profunda transformação semântica. Júlio Nogueira diz que a palavra anátema depois passou a significar o que o Espírito do Mal põe de lado, isto é, coisa maldita.

Temos em grego duas palavras para anátema, isto é,      e     , uma com *épsilon* e a outra com *eta*. Crêem alguns, serem ambas a mesma palavra com grafia diferente; como as variantes portuguesas coisa e cousa; flecha e frecha. No grego bíblico as duas formas apresentam diferença de significação, pois      significa dedicado em um mau sentido e     , num sentido positivo. Um confronto entre as passagens de Atos 23:14; Rom. 9:3; I Cor. 12:3; Gál. 1:8 com Luc. 21:5 nos convencerão desta realidade. Nas quatro primeiras encontramos anátema com e breve e na última com e longo.

Na Septuaginta (tradução do hebraico para o grego do Velho Testamento) encontramos a palavra anátema traduzindo a hebraica *hérem*, cem a idéia de coisa dedicada, devotada, mas também amaldiçoada como nos confirmam as passagens de Lev. 27:28; Núm. 21: 3 e Deut. 7:26.

O Dicionário de Arndt and Gingrich apresenta o mesmo significado para estas duas formas.

Maranata

Esta expressão merece de nossa parte um detido estudo, porque ela está relacionada com uma das nossas crenças fundamentais, a Segunda Vinda de Cristo, como revelamos no próprio nome que identifica a nossa igreja – Adventistas do Sétimo Dia.

Desde os tempos mais remotos, esta palavra teve seu ingresso na liturgia da igreja.

Antes do seu estudo seria bom lembrar, que embora apareça no mesmo verso ao lado de anátema, não deve ser unida com ela como se fosse uma só frase. A expressão "**Maranata**" constitui-se num período após anátema.

Maranata aparece apenas uma vez na Bíblia, empregada por Paulo em I Coríntios 16:22. A *Edição Revista e Atualizada* no Brasil de João Ferreira de Almeida nos apresenta este verso com a seguinte redação :

"Se alguém não ama ao Senhor, seja anátema. Maranata."

O *Novo Testamento Vivo*, tendo como finalidade principal transmitir a mensagem do original numa linguagem mais compreensiva, apresenta as duas palavras não transliteradas, mas com o seu significado em português, isto é:

"Se alguém não ama o Senhor, essa pessoa é maldita. Senhor Jesus, vem! "

A *Bíblia na Linguagem de Hoje*, com o mesmo escopo, de que aqueles que lêem as Sagradas Escrituras a entendam, traz a segunda palavra no original, porém apresentando a sua tradução:

"Quem não amar o Senhor, que seja amaldiçoado! Maranata' – Venha, nosso Senhor!"

O vocábulo **Maranata** não é de origem grega nem hebraica, mas aramaica. Os estudiosos não nos sabem informar a razão de Paulo a haver empregado. Sabemos que esta carta foi escrita pelo secretário Sóstenes (I Cor. 1:1), porém, como era o costume de Paulo, o fecho de suas epístolas era do próprio punho (16:21). O apóstolo conhecendo muitas línguas (I Cor. 14:18), era também bom conhecedor do aramaico e por alguma predileção por esta palavra, ele a empregou. Talvez possamos conjecturar que fosse uma expressão muito vulgarizada em seu tempo.

Conforme os comentaristas do *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, o fato de Paulo haver escrito em grego para cristãos de língua grega, usando esta fórmula aramaica, explica-se provavelmente pela suposição de que tal fórmula proveniente de uma comunidade de língua aramaica (provavelmente na Palestina), fazendo parte, talvez, de um hino ou de um formulário litúrgico, ficou conhecida e usada em todas as comunidades cristãs, assim como **amém** e **aba**.

"Esta fórmula é uma profissão de fé em Jesus como Senhor e na sua volta." – *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Verbete – Maranata, págs. 937-938.

Qual o Significado de Maranata?

Dentre as alternativas propostas estas são as que mais se destacam:

1ª) De conformidade com o comentarista Buxtrof, a palavra em épocas bem afastadas de nós era usada em uma fórmula judaica de excomunhão.

"O vocábulo maranata é encontrado em anátemas judaicos, de acordo com um epitáfio do V século proveniente de Salámis, Se alguém sepultar aqui outro cadáver, ao lado de nós dois preste conta a Deus, e seja anátema maranata." – *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, pág. 938.

2ª) Um grupo de estudiosos opina, com certa insistência, que este vocábulo foi usado no início da era Cristã como senha para os primitivos seguidores de Cristo. Esta explicação, embora plausível, não nos é comprovada por autoridades insuspeitas.

3ª) Consoante alguns etimologistas a palavra será decomposta da seguinte maneira: **Mar** = Senhor; **an** = nosso e **athá** = veio. Os três elementos constitutivos significam: O nosso Senhor veio.

Arnaldo Christianini nos informa o seguinte: Houve mesmo um escritor que, a respeito desta frase fez a seguinte observação: Os judeus que esperavam a vinda do Messias, diziam freqüentemente: **Marãn! Marãn!** (Senhor nosso! Senhor nosso!). E os cristãos lhes respondiam: **Marãn-athá** (O nosso Senhor já veio). – *Revista Adventista*, junho de 1958, pág. 12.

4ª) Outros estudiosos insistem que o sentido da frase não é passado, mas sim futuro, desde que a língua hebraica apresenta a seguinte característica, embora o verbo não esteja no futuro ele indica um futuro profético. Os crentes primitivos eram animados diante das lutas e adversidades com a expressão encorajadora – **Marán-athá** = O nosso Senhor virá.

5ª) Nesta classe se encontram aqueles que explicam a expressão **Marán-athá**, como sendo optativa, ou expressando um desejo; assim a traduziram: "O nosso Senhor, vem". Ela nos transmite o mesmo desejo expresso pelo apóstolo João em Apoc. 22:20 : "Ora vem, Senhor Jesus."

6ª) A frase expressaria um apelo ou chamado para que os pecadores aceitassem a Cristo: Vem ao Senhor Jesus.

7ª) O vocábulo tem um sentido de advertência, diante da proximidade do retorno de Cristo: Nosso Senhor está vindo.

8ª) De acordo com o pesquisador Hommel "**Maránata**" significaria "Nosso Senhor é o sinal" ou "Nosso Senhor é     e    " (Primeira e última letras do alfabeto hebraico; confira Apoc. 21:6). Esta explicação não teve muita acolhida.

Conclusão

ÓSCULO SANTO

Inúmeras vezes a Casa Publicadora Brasileira recebe cartas, consultando por que os adventistas não praticamos o ósculo santo, como recomendado por Paulo e Pedro em suas epístolas.

Definição: Ósculo é o termo erudito, derivado do latim osculum correspondente a nossa forma popular beijo.

É do conhecimento de todos, que o beijo era no passado e ainda continua sendo na presente, em alguns países do Oriente, a maneira mais afetiva de cumprimentar. Presidentes e demais autoridades que visitam países, como a Rússia, são saudados desta maneira, como nos mostram os meios de comunicação.

Vejamos o uso do beijo em várias circunstâncias no Antigo Testamento:

- a) Indicativo de profunda afeição. Gên. 27:26-27; 31:28; 50:1; I Sam. 20:41.
- b) Sinal de reconciliação. Gên. 45:15.
- c) Manifestação de despedida. I Reis 19:20; Rute 1:9, 14.
- d) Símbolo de homenagem. I Sam. 10:1.
- e) Um ato de adoração religiosa. Os. 13:2.
- f) Símbolo de traição. II Sam. 20:9.

Neste sentido, um dos mais famosos beijos mencionados na Bíblia, foi o de Judas, dado em Jesus. Mat. 26:48; Mar. 14: 44; Luc. 22:47.

As passagens citadas nos indicam que o beijo era usado como símbolo de afetividade, amor, rito religioso, aproximação e traição entre os homens.

Em o Novo Testamento de modo idêntico o beijo era indicativo de amizade ou afeição, como nos indicam os seguintes passos:

- a) A mulher adúltera beijando os pés de Cristo. Luc. 7:38.
- b) O pai do filho pródigo beijando-o pelo seu regresso ao lar. Luc. 15:20.
- c) A despedida de Paulo da Igreja de Éfeso. Atos 20:37.

O problema com este assunto surge com o denominado "ósculo santo", uma expressão de afeto comunitário e mencionado cinco vezes em o Novo Testamento, nas seguintes passagens: Rom. 16:16; I Cor. 16: 20; II Cor. 13:12; I Tes. 5:16 e I Ped. 5:14. Nesta última passagem é chamado ósculo de amor. Este beijo era uma expressão de amor cristão e de acordo com os comentaristas provavelmente se restringia a pessoas do mesmo sexo. O vocábulo santo é muito elucidativo para nós, porque mostra que esta saudação devia ser considerada em seu verdadeiro caráter puro e elevado.

Desta recomendação dos apóstolos não se deve inferir, como alguns têm feito, que o ósculo fosse obrigatório por ocasião da Ceia do Senhor.

A descrição feita sobre este tema por Russel Norman Champlin, em *O Novo Testamento Interpretado*, vol. III, pág. 880 é muito esclarecedora, por essa razão pedimos vênica para transcrever os seguintes parágrafos:

"Seria mesmo de esperar que esse costume fosse preservado na igreja cristã, como expressão de amizade e de afeto mútuo. Nos primeiros tempos do cristianismo, o ósculo santo era simplesmente uma parte das saudações, quando os crentes se reuniam em seus cultos públicos. Porém, não demorou muito para que fosse transferido para a própria liturgia, primeiramente como um sinal de despedida, após a oração final, que encerrava cada reunião, mas, finalmente, como parte do rito da Ceia do Senhor. Justino Mártir (M. Apol. I, op. 65), relata-nos como o ósculo santo era usado nas despedidas e quando da celebração da Ceia do Senhor, e como o ósculo santo fazia parte dos cultos religiosos dos cristãos. Justino Mártir viveu mais ou menos em torno de 150 d.C., o que nos permite observar que essa prática do 'ósculo santo', pelo menos em alguns segmentos da igreja cristã, havia perdurado por século e tanto. A prática do ósculo santo, como parte integrante da liturgia cristã, é mencionada nas Constituições Apostólicas *séc. III d.C.), o que significa que houve lugares onde essa

prática sobreviveu por nada menos de três séculos, Na Igreja Ortodoxa Grega, que representa uma boa parcela da cristandade atual, essa prática tem sido preservada até hoje, sendo praticada quando das festividades religiosas.

"Vários autores defendem, com boas razões, a tese de que o ósculo santo, entre os crentes primitivos, não se limitava, a ser praticado entre 'mulheres com mulheres' e 'homens com homens'. Os costumes orientais, entretanto, indicam que o ósculo santo era aplicado ou na testa ou na mão, na palma ou nas costas da mão, e nunca nos lábios. Tertuliano (150 d.C.), também o denominava de 'ósculo da paz', e Clemente de Alexandria denominava-o de 'ósculo místico' (século III d.C.).

"Além do seu emprego durante as festividades religiosas, conforme se verifica entre a Igreja Ortodoxa Grega até hoje, vários grupos cristãos menores têm preservado essa prática de uma maneira ou de outra, tal como sucede entre os chamados dunkers (irmãos Batistas Alemães). Alguns eruditos bíblicos insistem que essa prática é obrigatória, como uma ordem e uma prática apostólica. *Outros insistem que se tratava meramente de uma prática própria dos tempos apostólicos, que expressava amizade e afeição mútua, crendo que essa afeição mútua, por haver sido preservada na igreja cristã, tornou desnecessária a continuação do símbolo antigo, pois, em nossas culturas modernas, o aperto de mãos e o abraço teriam o mesmo simbolismo que tinham o ósculo no oriente.*

"Em algumas culturas, como nos Estados Unidos da América do Norte, seria reputado como algo inteiramente impróprio um homem oscular a outro homem, quanto mais uma mulher que não fosse a sua esposa ou sua irmã carnal, dentro da comunidade evangélica ou da sociedade em geral. Na Índia, os homens costumam andar de mãos dadas, como também sucede entre as mulheres, sem dar qualquer idéia de homossexualidade. Na América do Norte e também no Brasil, por exemplo, um homem andar de mãos dadas com outro seria considerado como algo fora do lugar, dando a entender alguma intenção sexual pervertida. Da mesma maneira o ósculo é considerado como uma aberração, sobretudo quando praticado entre homens. Por essa razão é que alguns grupos evangélicos têm achado ser melhor, em algumas culturas, evitar essa forma de demonstração de afeto, reduzindo o ósculo ao mero aperto de mãos." (Grifos meus).

O que se segue é uma parte da resposta dada a um consulente da *Revista Adventista* sobre o assunto que está sendo ventilado:

"A Reforma protestante (do Século XVI) não considerou o ósculo santo como ordenança evangélica, tendo-o como mero costume oriental, Comentadores como Clarke dizem que, na igreja primitiva, os cristãos não se beijavam apenas nas reuniões públicas, mas também em seus encontros ocasionais nas ruas e nos lares. Diz ainda este último comentarista que, crescendo o número de adeptos, a prática se foi tornando mais e mais difícil, a ponto de ser afrouxada e quase abandonada.

"A Igreja Adventista do Sétimo Dia oficialmente não exige que, no ritualismo da Ceia, se pratique o ósculo santo, como o fazem alguns ramos pentecostalistas. Apenas mantêm o sentido da cordialidade cristã. Após o lava-pés os adventistas se abraçam

mutuamente, e mutuamente apertam-se as mãos, como ocorre também nos lares, nos limites do santo sábado. Cumprimentos, abraços e palavras cordiais repassadas de animação cristã conservam o sentido do antigo ósculo santo.

"Há, no entanto, alguns irmãos que fazem questão de oscular, e crêem que o ósculo santo é uma ordenança que ainda deve ser observada, e citam em abono de sua atitude, os seguintes trechos do Espírito de Profecia:

" 'Foi então que a sinagoga de Satanás conheceu que Deus nos havia amado a nós, que lavávamos os pés uns aos outros e saudávamos os irmãos com ósculo santo '. – *Vida e Ensinos*, pág. 58.

" 'A santa saudação mencionada no evangelho de Jesus Cristo pelo apóstolo Paulo deve ser considerada no seu verdadeiro caráter. Trata-se de um ósculo santo. Deve ser considerada como um sinal de amizade para cristãos amigos quando partem, e quando se encontram de novo após semanas ou meses de separação. Em I Tes. 5:26, Paulo diz: 'Saudai a todos os irmãos com ósculo santo'. No mesmo capítulo ele diz: 'Abstende-vos de toda a aparência de mal'. Pode não haver aparência de mal quando o ósculo santo é dado no tempo e em lugar próprio'. *Primeiros Escritos*, pág. 127.

"Nada se deve opor a um adventista sincero que plenamente convicto em matéria do ósculo, o pratique crendo que assim cumpre melhor o sentido da amizade e cordialidade cristãs. Nada pode marear a limpidez e a pureza da intenção. Argumentam alguns que hoje, dada a maré montante de homossexualidade que avassala nosso mundo agonizante, tal prática não deve ser incrementada. Não aceitamos isto. A Bíblia diz que 'tudo é puro para os que são puros', e num ambiente de pessoas de coração afinado com o céu, cremos mesmo que esta prática é altamente salutar, embora, como dissemos, oficialmente nossa igreja não considera o assunto." *Revista Adventista*, dezembro de 1975, págs. 30 e 31.

NOVO EM GREGO E NOVO EM PORTUGUÊS

Para o nosso vocábulo "novo" o grego nos apresenta dois vocábulos com nuances de significação, ou sejam "■℣❖□v" néos e "&⊙⋈■□❖v" – kainós.

Os dicionários nos apresentam a seguinte distinção entre as duas palavras:

Néos seria traduzida em português por novo, jovem, recente, jovial, novo no sentido de tempo, recém-formado, etc.

Kainós é o novo na espécie, no caráter, no modelo, renovado, melhorado, de maior excelência, não novo no tempo, mas novo na forma ou qualidade, melhor que o velho. A distinção pode ser notada com mais propriedade com a resposta à seguinte pergunta. Qual seria a diferença entre adquirir um livro novo – **néos** e outro novo – **kainós**? A resposta seria: para o ato de adquirir um livro recém impresso, o grego usa **néos**, e para o fato de adquirir um livro conservado, **kainós**. O exemplo poderia ser ampliado para um carro **néos** e o carro **kainós**, um terno **néos** e outro **kainós**.

Para a nossa língua com suas limitações vocabulares, em relação ao grego, isto é quase inexplicável.

A *International Standard Bible Encyclopedia*, vol. 4, pág. 2.140, falando sobre a diferença entre **néos** e **kainós**, explica que **kainós**, denota novo com respeito à qualidade; e **néos** com respeito ao tempo, aquele que tem recentemente vindo à existência. A nova tumba **kainón nemeon** (Mat. 27:60), na qual Jesus foi colocado, não tinha sido feita recentemente, mas uma na qual nenhum morto tinha sido colocado.

A nítida distinção entre estes dois adjetivos em grego nos é útil no campo da exegese para melhor compreensão dos seguintes temas:

I. Novo Mandamento

As passagens de São João 13:34; I João 2:7 e 8 e II João 5, têm sido mal interpretadas pelos protestantes e por outros opositores dos Dez Mandamentos, por afirmarem que Cristo dando um novo mandamento, automaticamente estava anulando a lei que foi dada no Monte Sinai. A língua grega não autoriza tal interpretação, desde que nestes versos o adjetivo **kainós** não significa novo no tempo, recente, mas novo na forma ou qualidade.

O *SDA Bible Commentary*, vol. 5, págs. 1031, 1032, tecendo considerações sobre João 13:34 nos notifica:

"O mandamento do amor não era em si mesmo novo. Ele pertencia às instruções dadas pelo Senhor, através de Moisés – Lev. 19: 18. O mandamento era novo no sentido de que uma demonstração tinha sido dada do amor e que os discípulos agora eram convidados a imitar. Pela sua revelação do caráter do Pai, Jesus abriu ao homem um novo conceito do amor de Deus. O novo mandamento aos homens, era para que perseverassem no mesmo relacionamento, de uns para com os outros, que Jesus tinha cultivado com eles e a humanidade em geral. Onde o velho mandamento ordenou aos homens que amassem seus vizinhos como a eles mesmos, o novo estimula a amar como Jesus tinha amado. O novo era de fato mais difícil que o velho, mas a graça para o seu cumprimento seria abundantemente provida."

II. Novas Línguas

A diferença entre estes dois adjetivos nos é muito útil na problemática questão do dom de línguas.

Nas discutidas declarações de Marcos 16, questionadas pela Crítica Textual, é predito que os crentes falariam novas línguas (**glossais lalessousin kainais**, 16:17). O emprego do vocábulo **kainós** e não o sinônimo **néos** é esclarecedor neste assunto. Conforme já explicado anteriormente, **kainós** se refere ao novo primariamente em referência à qualidade, ao novo não usado, enquanto **néos** se refere ao recente.

Roberto Cromacki, em *Movimento Moderno de Línguas*, pág.72, afirma:

"É admitido por todos que o fenômeno de falar línguas não ocorreu no Velho Testamento, nem no período dos evangelhos acontecendo somente pela primeira vez no dia de Pentecostes. Portanto, se o falar línguas tivesse envolvido línguas desconhecidas, nunca antes faladas, então Cristo teria usado **néos** (novo em referência ao tempo). Mas, visto que ele empregou **kainós**, tem que se referir a línguas estrangeiras, que eram novas àquele que as falasse, porém, que já existiam antes."

Estas novas línguas de Marcos 16:17 são as mesmas encontradas em Atos 2:4, com a denominação de outras línguas. O pronome empregado para outras é **ἑτεραι** – **heterai**, isto é, diferentes das que eles estavam acostumados a falar.

III. A Nova Terra

Em Apoc. 21:1 lemos: "Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe."

É confortador saber que a Nova Terra (**kainé**) vista por João é esta nossa Terra, renovada pelo poder de Deus. Sabemos também que o pecado obliterou o plano divino para esta Terra, mas graças ao plano da salvação esta abençoada Terra, que nos viu nascer, depois de purificada pelas chamas destruidoras será o lar edênico dos salvos.

Assim como esta terra será renovada (**kainé**), a nossa vida também precisa ser renovada pelo poder de Deus. Devemos submeter-nos à justiça de Cristo, para que esta renovação seja completa. "E assim, se alguém está em Cristo, é nova Criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas." II Cor. 5:17.

Quando o revelador descreveu o novo céu e a Nova Terra nesta passagem ele usou a palavra grega "**kainós**" que quer dizer nova em qualidade, contrastando com **néos** que significa nova em tempo.

O *Comentário Adventista*, vol. 7, pág, 889, consigna:

"João estava, provavelmente, ressaltando o fato de que os novos céus e a nova Terra serão criados dos elementos purificados dos velhos, e assim serão novos em qualidade, e serão diferentes. Os novos céus e a nova Terra serão então uma recriação, uma nova feitura dos elementos existentes."

IV. Novo Concerto

A expressão Novo Concerto, em grego "**diateke kaine**" usada em Heb. 8:8 significa restaurar ou renovar. É um novo renovado, melhorado, de maior excelência.

Nem sempre a diferença entre **kainós** e **néos** é bem nítida, como na referência a novo homem, que aparece na Bíblia: **kainós ântropos** e **néos ântropos**.

E. W. Bullinger no precioso *A Critical Lexicon and Concordance*, pág. 523, estabelece para este caso a seguinte distinção:

"Quando as duas palavras são usadas para a mesma coisa, há sempre esta diferença: assim o **kainós ântropos**, o novo homem, é aquele que difere do anterior; o **néos** é aquele que é renovado segundo a imagem daquele que o criou." Em Efésios 2:15 – "aboliu na sua carne a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois criasse em si mesmo um novo homem, fazendo a paz"; encontra-se o **kainós ântropos**. Em Colossenses 3: 10 – "e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou", aparece **néos ântropos**.

Conclusão

Creio que o estudo destas duas palavras é proveitoso para a explicação de passagens bíblicas, a fim de que os torcedores da verdade, não empreguem declarações como "novo mandamento" e "novas línguas" para apoiarem ensinamentos não defensáveis pelas Sagradas Escrituras.

A IRA DE DEUS E A IRA DO HOMEM

Introdução

Este é um dos assuntos mais difíceis de ser explicado dentro das Escrituras, porque estas condenam a ira e de outro lado apresentam tantas referências à ira de Deus. Este estudo tenciona esclarecer os estudantes da Bíblia sobre a necessidade de fazer nítida distinção entre ira humana (que também pare sofrer dupla distinção) e o real significado da expressão ira de Deus.

Sobre a importância do tema basta mencionar estes aspectos:

1º) O *Theological Dictionary of the New Testament* de Kittel dedica 62 páginas ao estudo da palavra ira:

2º) Há uma compreensão totalmente errada, de modo geral no mundo e mesmo entre nós com respeito à expressão "ira de Deus".

Faz pouco tempo obtive da Biblioteca Evangélica de São Paulo uma brochura, que é um sermão intitulado "Pecadores nas Mãos de um Deus Irado" de autoria de Jonathan Edwards, um destacado teólogo e erudito dos Estados Unidos no século XVIII.

Suas ponderações sobre a ira divina são verdadeiramente absurdas. Para termos uma idéia precisa do que ele pregou basta este trecho:

"Ó pecador, considera o temível perigo em que te achas! E sobre uma grande fornalha de ira, um abismo hiante e sem fundo, cheio do fogo da ira, que és seguro na mão daquele Deus, cuja ira é provocada e despertada contra ti, tanto quanto contra muitos dos condenados do inferno.. ."

O sermão é todo neste mesmo diapasão, mostrando uma distorção total do caráter de Deus.

Comentários Gerais

Definição de Ira

"Mágoa ou paixão que a injúria desperta na pessoa injuriada; raiva, cólera. Desejo de vingança." – *Laudelino Freire*.

No consenso comum esta palavra significa fúria, raiva, cólera, com um desordenado desejo de vingança. Esta seria a ira humana, por isso é condenada na Bíblia.

Ira do Homem

De acordo com o *Dicionário Enciclopédico da Bíblia* (Editora Vozes Limitada, Petrópolis) a ira do homem geralmente é reprovada na Escritura; quanto ao Velho Testamento sobretudo, nos escritos de Salomão. O motivo parece ser mais utilitário desde que a ira nos causa prejuízo.

- Prov. 15:18 – "O homem iracundo suscita contendas, mas o longânimo apazigua a luta."
- Prov. 18:19 – "Homem de grande ira tem de sofrer o dano."

O Novo Testamento também condena a ira, basta ler:

- ❖ Mat. 5: 22 – "Quem se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento."
- ❖ Efésios 4:31 – "Longe de vós toda a amargura, e cólera e ira..."

Pode-se ler ainda: Gál. 5:20; Ecles. 7:9; Jó 5:2, Sal. 37:8; Prov.14:17.

A ira está classificada pela Igreja Católica entre os sete pecados capitais; sendo os outros seis: orgulho, avareza, luxúria, gula, inveja, preguiça. Destes sete há dois que merecem, no uso corrente da linguagem, uma exceção muito honrosa, o orgulho e a ira. Falamos habitualmente em santo orgulho (a justa soberba) como em santa ira (o ódio bem fundado). Quando nos orgulhamos de atos que merecem o nosso respeito e representam verdadeiros paradigmas de nossa conduta, o orgulho deixa de ser pecado para se transformar em virtude. É o santo orgulho. Quando odiamos a injustiça, o erro, o pecado e discernimos, com isso, o bem do mal, o certo do errado, a virtude do relaxamento, esse ódio se transfigura e se redime. É a santa ira. Desta santa ira o próprio Jesus nos deu o exemplo, como se vê na sua maneira de falar sobre os fariseus e no seu comportamento no templo. Estas atitudes estão relatadas em Marcos 3:5 e Mat. 21:12.

Em Marcos 3:5 no grego se encontra: olhando-os ao redor, com ira – **orguê**.

Não seria a esta ira que se refere a Palavra Divina, quando preceitua: "Irai-vos e não pequeis" (Efés. 4:26)?

A Palavra Ira no Original

No Velho Testamento a palavra ira é a tradução de várias palavras do original hebraico, enquanto no Novo Testamento ira é a tradução de três palavras gregas:

□□Υοζζ❖ – **orguê**; □✠○□❖v – **thimós**;
 □Ϟ□□□Υο✠♦○□❖v – **parorguismós**:

1ª) □□Υοζζ❖ – **orguê**, a mais usada no Novo Testamento, por aparecer 385 vezes.

É ira com desejo de vingança. É a ira pensara, mais calma, mais firmada na vontade e na razão, **orguê** é usada para a ira do homem:

Efés. 4:31; Col. 3:8; I Tim. 2: 8; Tiago 1:19, 20; para a ira de Cristo contra os fariseus, relatada em Marcos 3:5; mas também para o julgamento final de Deus: Mateus 3:7; Luc. 3:7; Rom. 1:18; 2:5, 8; 3:5; 12:10; Efésios 2:3; 5:6; Col. 3:6; I Tess. 1:10; 5:9.

2ª) □✠○□❖v – **thimós**, empregada apenas 18 vezes, 10 das quais se acham no Apocalipse. É a paixão irascível, ira a ferver, ira como algo em ebulição.

W. E. Vine Expository Dictionary of the New Testament Words, pág. 55 assim a distingue de **orguê** – "**thimós** expressa mais o sentimento interno, **orguê** a emoção ativa."

Vincent afirma: "Tanto **orguê** como **thimós** são unidos no Novo Testamento para ira ou cólera, e sem qualquer distinção comumente observada. **Orguê** denota um mais profundo e mais permanente sentimento, um hábito mental estabelecido, enquanto que **thimós** é uma agitação mais turbulenta, embora temporária. Ambas as palavras são usadas na frase ira de Deus, que comumente denota uma manifestação distinta do juízo divino (Rom. 1: 18; 3: 5; 9: 22; 12: 19)." – *Word Studies in the New Testament*, vol. II, pág. 110.

De acordo com *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, vol. I, pág. 135, a distinção a ser feita é esta:

"Se há qualquer distinção entre estas duas palavras no Novo Testamento em relação à emoção humana, parece que **thimós** denota melhor a paixão irrefletida da ira (por ex. Luc. 4:28); **orguê**, a indignação moral mais relativamente considerada (Tiago 1:19).

Nota: Há autores que afirmam que nenhuma distinção rode ser feita entre estas duas palavras.

3ª) □Ϟ□□□Υο✠♦○□❖v – **parorguismós**.

Nesta palavra se encontra uma reforçada forma de **orguê**. Ela aparece apenas uma vez no Novo Testamento em Efés. 4:26, com o sentido de ira provocada.

O verbo cognato         – **parorguidzo**, irritar, excitar à ira é usado duas vezes: Rom. 10:19 e Efés. 6:4.

Vine ao explicar **parorguismós** de Efés. 4: 26 afirma:

"O verbo precedente, **orguidzo**; neste verso faz supor uma ocasião justa para o sentimento. Isto é confirmado pelo fato de que é uma citação do Salmo 4:4 (Septuaginta), onde a palavra hebraica significa tremer com forte emoção." – *Expository Dictionary of the New Testament Words*, pág. 56.

Ira de Deus

Uma pesquisa na Bíblia nos leva à conclusão de que a ira humana e a ira de Deus são totalmente distintas.

Freqüentemente o princípio da ira de Deus é apresentado em termos antropomórficos. Veja apêndice.

Russel Norman Champlin, em seu comentário sobre Romanos 1:18 pondera:

"A ira de Deus não indica alguma forma de emoção humana, que perturbe o equilíbrio emocional das pessoas e as torne desejosas de ferir às outras, em forma de ações maldosamente planejadas, conforme a ira humana geralmente obriga as suas vítimas a fazerem. A ira de Deus é ordinariamente aludida em termos escatológicos, referindo-se ao julgamento que haverá no futuro dia do Senhor."

"É a justa indignação de Deus quando do julgamento contra o pecado." – Idem, comentário de Rom. 5:9.

F. F. Bruce no livro: *Romanos – Introdução e Comentário*, pág. 69 ao analisar Rom. 1:18 nos esclarece:

"Se se pensa que a palavra ira não é muito apropriada para usar-se com relação a Deus, é provavelmente porque a ira como a conhecemos na vida humana, constantemente envolve paixão egocêntrica, pecaminosa. Com Deus não é assim. Sua 'ira' é a reação da santidade divina face à impiedade e rebelião. Paulo decerto concordaria com Isaías ao descrever esta ira de Deus, como 'sua obra estranha' (Isaías 28:21) à qual Ele a aplica lentamente e com relutância. ...

"A idéia de que Deus é ira não é mais antropopática do que o pensamento de que Deus é amor. A razão pelo qual a idéia da ira divina está sempre sujeita a mal-entendidos é que a ira entre os homens é eticamente errada. E contudo, mesmo entre os homens não falamos da ira justa?"

Há dois extremos que devem ser evitados ao tratar-se da ira de Deus. O primeiro pertence àqueles que O apresentam cheio de amor e longanimidade e como um Pai amoroso não irá destruir os seus filhos, portanto não acreditam na severidade ou na ira de Deus. No extremo oposto se encontram os que apresentam a Deus como um ser vingativo e irado que fará os homens queimarem para sempre. Muitos sacrifícios têm sido feitos para aplacar esta ira.

Não há nenhuma discrepância nos versos que apresentam a Deus cheio de bondade e amor com aqueles que revelam sua ira contra o pecado e os pecadores que acintosamente o rejeitam. O amor requer julgamento. A severidade divina é sempre manifestação do amor.

Como bem se expressou Arthur John Gossip:

"Mas no Novo Testamento os homens não ouvem qualquer choque entre a ira divina e a longanimidade divina: pelo contrário, ficam certos tanto da bondade como da severidade de Deus; certos de que a sua severidade faz parte da Sua bondade, e que, se essa severidade estivesse ausente, ele não seria bom, porquanto os alicerces morais do mundo se desequilibrariam e entrariam em colapso."

Do cotejo de várias passagens bíblicas os estudiosos têm chegado à conclusão de que há uma dupla necessidade da ira de Deus, que neste caso seria sinônimo de sua justiça:

1ª) Para que haja manutenção das leis divinas que pedem justiça.

2ª) Para extermínio do pecado e dos pecadores impenitentes que se opuseram à misericórdia divina.

A Bíblia nos apresenta a ira de Deus desviada após confissão do pecado e arrependimento. Salmo 106:43-45; Jer. 3:12, 13; 31:18-20; Luc. 15:18-20.

A ira de Deus é justa. Salmo 58: 10, 11; Rom. 6:2, 8; Apoc. 16:6, 7.

De acordo com Rom. 2:4 e 5 a ira de Deus significa o juízo de Deus.

Ela é usada contra:

a) Os ímpios – Isa. 13:9; Rom. 1:18; Efés. 5:6.

b) A apostasia – Heb. 10:26-27.

c) A idolatria – Deut. 29:27-28; Jos. 26:16; Jer. 44:3.

d) Aqueles que se opõem ao evangelho. Salmo 2:2, 3, 5; I Tess. 2:16.

Ela é temperada com misericórdia no caso dos santos. Salmo 30: 5; Isa. 26:20; Jer. 30:11.

Ela deve conduzir-nos ao arrependimento. Isa. 42: 24-25; Jer. 4:8.

O livro *Essays in Honor of Edward Heppenstall – The Stature of Christ* apresenta como capítulo final: "An Interpretation of the Wrath of God", de Morris D. Lewis, trabalho honesto, bem fundamentado e que expressa de maneira feliz a crença adventista sobre este empolgante tema. Para que se tenha melhor compreensão do problema aqui se encontram traduzidos das primeiras 8 páginas, das 22 de sua pesquisa, alguns trechos mais significativos:

"As centenas de textos bíblicos que descrevem a ira como uma característica de Deus criam um problema. O amor na personalidade da Divindade parece estar em conflito com as muitas referências às demonstrações de cólera, furor e ira de Deus. Uma referência típica é aquela de Jeremias retratando a exasperação divina por causa da pecaminosidade dos habitantes de Jerusalém.

"Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: . . . eu planejarei contra vós com mão estendida, e com braço forte, e com ira, e com indignação e com grande furor. E ferirei

os habitantes desta cidade, assim os homens como os animais: de grande pestilência morrerão. (Jer. 21:4-6).

"A maioria dos teólogos modernos hoje crêem que em adição à característica divina de amor, a personalidade da Divindade, às vezes, se inflama ante a rebelião do homem e exhibe cólera e ira para testificar contra a odiosidade do pecado. Alguns escritores tendem ao raciocínio de que a ira de Deus é justificável porque é expressa somente após incessante agravamento dos pecadores. Outros enfatizam que a ira de Deus apenas confirma sua santa aversão ao pecado."

"Seja qual for o arrazoamento para justificar a característica de cólera e ira na natureza da Divindade, a argumentação é destituída de fundamento escriturístico. Os Escritos da Inspiração como registrados por Isaías testificam da declaração do próprio Deus: "Não há indignação em mim": (Isa. 27: 4). O mesmo escritor também confirmou a atitude divina no verso nove do capítulo 54:9 – ". . . assim jurei que não me irarei mais contra ti, nem te repreenderei." A palavra hebraica mais freqüentemente usada para provocação é a mesma palavra usada muitas vezes para ira. Ficar zangado e ser provocado e mostrar ira são expressões muito semelhantes e intimamente relacionadas. Mas de Cristo, a escritora de *O Desejado de Todas as Nações* disse: "Sua calma resposta proveio de um coração imaculado, paciente e brando, que não se irritava."¹ Cristo nunca foi agitado por pecadores a ponto de revidar com uma atitude excitada. "O qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia não ameaçava" (I Ped. 2:23). Cristo nunca foi provocado à cólera ou ira, e ele expressava o caráter de Deus o Pai.

"Que Deus é soberano é indisputável. Como o termo ira de Deus está relacionado com a soberania da Divindade, liga-se primeiramente com a operação da lei. Quer em função da natureza, quer em função do relacionamento moral do homem, a mesma posição predominante de Deus permanece.

Disse o salmista, falando de Deus: "Tu firmaste a terra, e firme permanece. Conforme o que ordenaste, tudo se mantém até hoje; porque todas as coisas te obedecem." Sal. 119:90, 91. Em outra referência o escritor depois de exaltar o poder criador de Deus em estabelecer o sol, a lua, as estrelas e as águas, concluiu: "Louvem o nome do Senhor, pois mandou, e logo foram criados. E os confirmou para sempre, e lhes deu uma lei que não ultrapassarão. (Sal. 148:5, 6).

São estas apenas umas poucas das muitas referências em que Deus é retratado como constantemente controlando a natureza pela lei natural. Neste contexto a operação da natureza é declarada Sua serva.

Os processos da natureza que dão vida, alimento, beleza e prazer são os servos de Deus. Eles executam Seu mando. Esses mesmos processos podem tornar a ser uma tempestade ou uma praga para destruir o homem e a natureza. As funções destrutivas da natureza podem muito bem ser chamadas a ira ou a cólera de Deus.

"O Senhor é um Deus zeloso e que toma vingança, o Senhor toma vingança e é cheio de furor: o Senhor toma vingança contra os seus adversários, e guarda a ira contra os seus inimigos. O Senhor é tardio em irar-se, mas grande em força, e ao

culpado não tem por inocente; o Senhor tem o seu caminho na tormenta, e na tempestade, e as nuvens são o pó dos seus pés" (Naum 1:2-3).

O Senhor tem o Seu caminho nas tempestades; elas, também, são Suas servas. Tempestades de tal violência podem destruir os ímpios" (Jer. 23:19-20). Quer as operações da natureza sejam tranqüilas e serenas, quer sejam violentas e destruidoras, ambas as funções são mencionadas como sendo a mão de Deus.

A Palavra Inspirada fornece uma compreensão mais profunda e atribui as funções naturais de destruição aos poderes do mal. Disse Isaías: "Eis que o Senhor mandará um homem valente e poderoso; como uma queda de saraiva, uma tormenta de destruição, e como uma tempestade de impetuosas águas que transbordam, violentamente e derribará por terra" (Isa. 28:2).

O valente e poderoso é a força satânica. Em outra referência em Isaías o profeta observou o poder de Deus como a força que cria o destruidor. ". . . também criei o assolador para destruir". (Isa. 54:16). O artigo com a palavra assolador indica uma pessoa específica. A mesma palavra aqui empregada ocorre em Êxo. 12:23, e nesta referência é traduzida por destruidor e tem também consigo o artigo. Satanás é o poderoso como uma tempestade destruidora fazendo devastação em a natureza.

Ellen White faz as mesmas observações:

"Assim foi que Lúcifer, "o portador de luz", aquele que participava da glória de Deus, que servia junto ao Seu trono, tornou-se, pela transgressão, Satanás, o "adversário" de Deus e dos seres santos, e destruidor daqueles a quem o Céu confiou a sua guia e guarda."²

"Satanás também opera por meio dos elementos a fim de recolher sua colheita de almas desprevenidas. Estudou os segredos dos laboratórios da Natureza, e emprega todo o seu poder para dirigir os elementos tanto quanto o permite Deus. . . . nos violentos furacões e terríveis saraivadas, nas tempestades, inundações, ciclones, ressacas e terremotos, em toda parte e sob milhares de formas, Satanás está exercendo o seu poder."³

Para o observador casual a fúria da tempestade parece ser a demonstração direta do poder divino. Isto não é totalmente verdade. O princípio bíblico de soberania atribui a Um que comanda todos os atos feitos sob Sua autoridade.

Isto se verifica claramente no trato de Davi com o amalequita que pretendia ter matado Saul. Em uma referência (II Sam. 1:15), é dito que Davi chamou um de seus jovens para lançar-se sobre o amalequita e matá-lo, e em outro relato (II Sam. 4:10), Davi disse que lançou mão do homem e o matou. Aqui não há nenhuma contradição. O que foi feito por aqueles que estavam sob o comando de Davi é dito ter sido feito pelo próprio Davi. Este mesmo princípio é verdade na descrição do profeta da soberania de Deus sobre todas as forças da natureza. A fúria da tempestade é declarada ser a ira de Deus, quando em realidade a ira é Satanás usando os elementos da tempestade quando Deus permite.

Como pode ser dito que Deus trouxe a tempestade e ao mesmo tempo declarar que Ele não estava nas funções destrutivas da natureza? Quando as impetuosas exibições da natureza ocorreram no vento, terremoto e fogo, foi dito ao profeta Elias

que Deus não estava nelas. (I Reis 19:11, 12). A declaração acima de *O Grande Conflito* torna claro que tempestades e calamidades da natureza são a obra do diabo, não de Deus. Satanás usa as leis de Deus para destruir. As leis são de Deus. O propósito de destruir é o intento de Satanás. A destruição é a obra do poder maligno, até onde Deus o permite.

Enfermidade, sofrimento e morte são obra de um poder antagônico. Satanás é o destruidor, Deus é o Restaurador.⁴ Onde quer que a Bíblia fale de Deus como estando a causar destruição através dos elementos da natureza, a destruição ocorre apenas por Sua soberana permissão e através da operação de Suas leis.

"Nada ocorre na Terra ou no Céu sem o conhecimento do Criador. Nada pode acontecer sem Sua permissão."⁵

A obra de destruição no mundo natural é a obra de Satanás; é dito ser de Deus apenas no sentido de Sua soberania.

Para entender a ira, é muito importante ver a relação íntima entre a lei natural e a lei moral.

"Os homens podiam aprender do desconhecido pelo conhecido; coisas celestiais foram reveladas pelas terrenas; . . . As coisas naturais eram o veículo para as espirituais; cenas da Natureza e da experiência diária de Seus ouvintes eram relacionadas com as verdades das Escrituras Sagradas."⁶

Todo o esquema do ensino bíblico está baseado na íntima relação das leis natural e moral. Paulo concluiu: "Não erreis; Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia na sua carne, na carne ceifará a corrupção; mas o que semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna" (Gál. 6:7, 8).

Cristo repetiu o mesmo princípio básico de ensino quando Se referiu à Sua morte como um grão de trigo caído no solo. (João 12:24, 25).

É mais evidente perceber a lei física na operação de cada simples função do corpo humano. É menos aparente, mas certamente como concreto, concluir que a operação da evolução e inteligência humanas está em conexão com a lei moral.

Como supremo Soberano do Universo, Deus ordenou leis para o governo não só de todos os seres vivos, mas de todas as operações da Natureza. Todas as coisas, quer grandes quer pequenas, animadas ou inanimadas, acham-se sujeitas a leis fixas, que não podem ser desrespeitadas. Não há exceções a esta regra; pois coisa alguma feita pela mão divina, foi esquecida pela mente divina. Mas se bem que tudo em a Natureza seja governada pela lei natural, o homem, tão-só, como ser inteligente, capaz de compreender seus reclamos, é responsável à lei moral.⁷

Cada função, seja física ou mental, está operando por lei. É bastante íntima a influência de uma sobre a outra, e o princípio funcional é também íntimo. A autora White, tendo citado Sal. 19:1-6, disse: "O salmista relaciona a lei de Deus no mundo natural com as leis dadas às Suas inteligentes criaturas."⁸ Assim, a mesma função operacional de vida e destruição na lei natural seria encontrada também na lei moral.

Os dez mandamentos são a regra básica para a vida e a morte; amor e ódio. O segundo mandamento estabelece este duplo conceito.

". . . Porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até à terceira geração daqueles que me aborrecem. E faço misericórdia em milhares aos que me amam e guardam os meus mandamentos" (Êxo. 20:5, 6).

A lei diz que Deus visitará suas iniquidades sobre aqueles que odeiam e a Sua misericórdia sobre aqueles que amam. Um princípio muito importante e distinto é formulado aqui que envolve a natureza da ira e a fonte de sua origem. Deus é a fonte de misericórdia sobre aqueles que amam, mas iniquidade e ira vêm sobre o homem tendo o próprio homem como fonte.

A palavra para visitar no texto acima é a mesma palavra usada para mandamento no texto seguinte: "As obras das suas mãos são verdade e juízo; fiéis todos os seus mandamentos." (Sal. 11:7). O princípio da visita é uma lei. Quando o Senhor visitar os pecadores, Ele visitará os seus pecados sobre eles. (Êxo. 32:34). Esta função da lei moral é precisamente a mesma que a lei da natureza; o que é semeado, o mesmo é ceifado. Se alguém semeia na carne, colherá na carne. O profeta Jeremias falando dos falsos profetas disse que o Senhor visitaria sobre eles a maldade de suas ações. (Jer. 23:2). No mesmo capítulo o profeta explicou o processo mais detalhadamente.

"Portanto, o caminho deles será como lugares escorregadios na escuridão; serão empurrados e cairão nele; porque trarei sobre eles calamidade, o ano mesmo em que os castigarei, diz o SENHOR" (Jer. 23:12).

O Senhor visitaria os caminhos escorregadios sobre eles, e eles cairiam em trevas. Assim, o dia da visita é um dia de recompensa. (Osé. 9:7). O dia da visita é o dia em que os pecados que o pecador semeou tornar-se-ão uma ceifa. A visita dos pecados sobre os pecadores funciona à parte da intervenção direta de Deus. Visitar a iniquidade dos pais sobre os filhos é retribuir o mal dos pecadores sobre si mesmos. Este processo é chamado a ira de Deus.

"E aos que são fiéis em Seu serviço, promete-se a misericórdia, não meramente à terceira e quarta geração, como é ameaçada a ira contra os que O aborrecem, mas a milhares de gerações."⁹

Na citação acima a autora cita o comentário do segundo mandamento e iguala o termo "visita a maldade dos pais sobre os filhos" com ira. Deste modo, o processo de visita como uma operação de lei traz ira sobre aqueles que odeiam. Paulo faz a mesma declaração em Rom. 4:15 – ". . . a lei opera a ira".

A lei moral como a lei natural opera em um sentido duplo, para a vida e para a morte. Paulo salientou distintamente a operação da lei do pecado como outra lei e a denominou a lei do pecado e da morte.

"Mas vejo, nos meus membros, **outra** lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros." "causou-me a morte" (Rom. 7:23, 13).

"Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte." (Rom. 8:2).

A palavra **outra** está enfatizando outra em qualidade de preferência a outra em número. (A palavra outra de Rom. 7:23 em grego é $\mu\upsilon\alpha\lambda\lambda\alpha$ – **héteros** e não

– **álos**, por ser **álos** outro da mesma qualidade e **héteros** – outro de natureza diferente. Nota do autor do livro.)

Deus fala de ambos os grupos, aqueles que são governados por Sua lei de amor. Falando de Israel, o Senhor disse que eles eram Seus servos (Lev. 25:55) Também, a maioria dos ímpios são chamados Seus servos. Assim o Senhor falou de Nabucodonosor quando ele primeiro veio contra Judá. Sua soberania é inquestionável no domínio do pecado e da justiça. A operação da vontade é do homem; a operação da lei é Sua. Como declarou Davi que a ação de seu oficial subordinado era sua própria, assim Deus fala do caminho dos pecadores como Sua própria realização.

"Eu sou o SENHOR, que faço todas as coisas, que sozinho estendi os céus e sozinho espraiei a terra; que desfaço os sinais dos profetizadores de mentiras e enlouqueço os adivinhos; que faço tornar atrás os sábios, cujo saber converto em loucuras" (Isa. 44:24, 25).

O Senhor conduz os tortuosos e aqueles que obram a maldade (Sal. 125:5). O Senhor conduz os mentirosos, os adivinhadores, os sábios, e os tortuosos pela função de Sua lei do pecado em suas vidas. Os poderosos da Terra são a vara da indignação de Sua ira.

"Ai da Assíria, cetro da minha ira! A vara em sua mão é o instrumento do meu furor." (Isa. 10:5).

"O orgulho assírio, conquanto usado por Deus por algum tempo como a vara de Sua ira, para punir as nações, não deveria sempre prevalecer."¹⁰

A ira não era uma expressão pessoal da Divindade. Os assírios, como servos de Deus da lei do pecado, estavam sob Seu soberano controle. A palavra hebraica para ira neste contexto é a mesma usada em muitos lugares.

Deus usou Sisaque como Sua ira.

". . . Humilharam-se, não os destruirei; antes, em breve lhes darei socorro, para que o meu furor não se derrame sobre Jerusalém, por intermédio de Sisaque." (II Crôn. 12:7)

Não havia nenhuma expressão de ira da parte de Deus neste exemplo. O Egito, como os outros poderosos da Terra, era o servo de Deus. "Eu dei ordens aos meus consagrados, sim, chamei os meus valentes para executarem a minha ira, os que com exultação se orgulham." (Isa. 13:3). Deus usa a ira dos homens para controlar os homens. Assim disse o profeta: "Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, com mão poderosa, com braço estendido e derramado furor, hei de reinar sobre vós" (Ezeq. 20:33).

A operação da lei do pecado (ira de Deus) é a relação de homens maus contra os homens maus. Desta forma, Deus governa em sociedade com a ira dos homens maus para com homens maus.

"Quando pais ou governadores negligenciam o dever de punir a iniquidade, Deus mesmo tomará o caso em Suas mãos. Seu poder restringidor será em certa medida removido dos agentes do mal, de tal forma que uma sucessão de circunstâncias se levantarão, as quais punirão o pecado com pecado."¹¹

Assim, vemos na Bíblia e no Espírito de Profecia que Deus não é um Deus de ira. Ele é um Deus que tem soberano controle de tudo, mesmo dos ímpios. As expressões nas Escrituras que parecem indicar Deus com raiva e ira são, na realidade, a verificação de Seu soberano controle.

A lei moral do Deus de amor funciona pelo desejo e intenção da divindade; a lei do pecado e da morte, que é a ira de Deus, funciona pela permissão de Deus. É um idiomatismo da semântica bíblica para atribuir a Deus aquilo que em Sua providência Ele permite que ocorra. "Deus domina sobre tudo" (Sal. 103:19). Isto inclui também os ímpios. (II Crôn. 20:6). O trato de Deus para com os ímpios é o da permissão. Do contrário, a Bíblia parece contradizer-se.

"Pois, ainda que entristeça a alguém, usará de compaixão segundo a grandeza das suas misericórdias; porque não aflige nem entristece de bom grado os filhos dos homens" (Lam. 3:32, 33).

No primeiro versículo acima, é declarado que Deus causa aflição e no seguinte é dito que Ele não aflige ou entristece. Jeremias disse que o Senhor afligiu Jerusalém. (Lam. 1:12) e Jó disse que o Todo-Poderoso não aflige (Jó 37:23). A verdade é encontrada na avaliação das citações de Lamentações. O Senhor não aflige de Seu coração; isto quer dizer, não é Sua intenção segundo Sua santidade. O Senhor permite que a aflição ocorra.

"Nós lemos que Deus tentou a Abraão, que Ele tentou aos filhos de Israel. Isto significa que Ele permitiu que ocorressem circunstâncias para testar sua fé, e conduzi-los a olhar para Ele para obter auxílio."¹²

Desta forma, o Espírito de Profecia e a Bíblia concordam na semântica da permissão divina. O que é dito do que Deus faz no reino do pecado é feito somente pela Sua permissão. Um bom exemplo disto é encontrado em Isaías: "Eu formo a luz, e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas estas coisas" (Isa. 45:7).

Sob esta luz, Jeremias disse: "Acaso não procede do Altíssimo assim o mal como o bem?" (Lam. 3:38). O mal não procede do coração de Deus. A divindade somente permite que o mal ocorra.

Tais contradições aparentes são numerosas na Bíblia. As declarações da ira de Deus são somente uma delas. Há um princípio muito definido e padronizado revelado em uma longa conseqüência de causa e efeito do pecado. O eminente sábio hebreu Mainmonides mostrou todos os eventos humanos como uma fila de dominós, tendo efeito contingente sobre os eventos bem sucedidos. Sejam eles bons ou maus, Deus foi a primeira grande causa. Então, citou ele o idiomatismo dos profetas hebreus que cancela os eventos intermediários e conecta o primeiro ao último como se não houvesse entre eles registro intermitente. Ao invés de um caso sem envolvimento com o mal ou a ira, parecia como se Deus fosse o real causador.

"Satanás procura esconder dos homens a ação divina no mundo físico – a fim de conservar fora das vistas a incansável operação da primeira grande causa."¹³

"Os homens têm geralmente atribuído a Deus tais características de raiva, ira, tentação, maldade, enviando fogo e oprimindo o coração dos homens, quando na

realidade tais termos são usados para estabelecer Deus como a primeira causa e, por conseguinte, o soberano da terra. É tempo de as dissimulações de Satanás serem expostas. Assim fazendo, Satanás é removido de seu alto e cobiçado lugar e sujeito a uma linha de ação permitida por Deus. Satanás pode exercer sua autoridade usurpada somente como Deus permite."¹⁴

"Seus sofrimentos são muitas vezes representados como sendo castigo a eles infligido por decreto direto da parte de Deus. É assim que o grande enganador procura esconder sua própria obra. Pela obstinada rejeição do amor e misericórdia divina, os judeus fizeram com que a proteção de Deus fosse deles retirada, e permitiu-se a Satanás dirigi-los segundo a sua vontade."¹⁵

Quantas vezes a ira que veio a Israel foi interpretada como vinda de Deus. Assim, Satanás oculta sua obra, atribuindo-a a Deus. Ele tem alistado muitos teólogos ao seu lado para ajudá-lo nesta fraude.

"Satanás exerce domínio sobre todos os que Deus não guarda especialmente. Ajudará e fará prosperar alguns, a fim de favorecer os seus próprios intuitos; trará calamidade sobre outros, e levará os homens a crer que é Deus que os aflige."¹⁶

Após outros exemplos, confirmações e elucidações para ilustrar as maneiras distintas de agir de Deus e Satanás, Morris D. Lewis conclui suas ponderações declarando:

Embora a ira do homem opere pela lei de Deus, pela mesma lei o amor de Deus opera a ira do homem. Deus não é um Deus de ira, mas um Deus de amor.

Conclusão

Quando a Bíblia fala da ira de Deus ela nos deseja ensinar que Ele é justo e tem aversão ao pecado.

Ira de Deus é uma expressão bíblica que significa o castigo dos ímpios no Juízo Final.

Ira de Deus é outra expressão para a justiça divina.

Apêndice

Os judeus apresentavam a divindade com reações humanas antropomórficas.

A palavra antropomorfismo significa em grego –  – **antropos**, homens e  – **morfê**, forma. Seria atribuir a Deus formas e qualidades humanas. A Bíblia fala da boca, lábios, mãos, olhos, etc. de Deus. Atribui ainda à Divindade as paixões e sentimentos experimentados pelos homens, por isso fala em cólera, alegria e vingança de Deus.

Referências

1. *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 700.
2. *Patriarcas e Profetas*, pág. 40.
3. *O Grande Conflito*, págs. 589-590.

4. *O Ministério da Cura*, pág. 11.
5. *Minha Vida Hoje*, pág. 291.
6. *Parábolas de Jesus*, pág. 17.
7. *Mensagens Escolhidas*, vol. I, pág. 216.
8. *SDABC*, vol. III, pág. 1114.
9. *Idem*, pág. 306.
10. *Profetas e Reis*, pág. 349.
11. *Profetas e Reis*, pág. 728.
12. *SDABC*, vol. I, pág. 1094.
13. *Patriarcas e Profetas*, pág. 509.
14. *Desire of Ages*, pág. 130.
15. *O Grande Conflito*, pág. 35.
16. *O Grande Conflito*, pág. 589.

ALMA E ESPÍRITO

É interessante, antes do estudo destas duas palavras, saber que existem duas doutrinas relacionadas com este tema.

1ª) Conhecida com o nome de tricotomia (divisão em três partes) segundo a qual o homem é constituído de corpo, espírito e alma.

2ª) Chamada de dicotomia (divisão em duas partes) por defender que o homem é formado de duas partes: corpo, sendo a alma e o espírito uma só coisa, isto é, a parte imaterial do homem.

I. Origem, tradução, vezes usadas e definições

1ª) O que é alma?

O melhor é ir ao original hebraico no VT e ao grego no NT para nossa melhor compreensão.

A palavra hebraica para alma é "נֶפֶשׁ". נֶפֶשׁ é o substantivo derivado do verbo נָפַשׁ, que é usado somente três vezes no Velho Testamento (Êxo. 23:12; 31:17; II Sam. 16:14) cada vez significando para reviver a si mesmo, ou tomar alento.

De acordo com o livro *Questions on Doctrine*, pág. 512 ela é usada 75 vezes no Velho Testamento. conforme citação de E. W. Bullinger em *A Critical Lexicon and Concordance*, pág. 721, este termo é usado no Velho Testamento 752 vezes, E. W. Bullinger nos informa ainda que ela é traduzida de 44 maneiras diferentes, sendo agrupadas em 4 classes distintas com finalidades didáticas. Estas classes são:

a) Criatura

- b) Pessoas
- c) Vida e Vidas
- d) Desejos

Outros estudiosos falam em 754 vezes. Esta divergência não nos deve preocupar porque ela é resultante de manuscritos diferentes em que se basearam os pesquisadores.

De acordo com alguns exegetas "■ℳ□≈ℳ♦≈" é traduzida 473 vezes por alma; 118, por vida; 29 em lugar de pessoa; 15 vezes por corpo; 5 vezes por morte; 4 vezes por vontade e ainda por apetite, lascívia, etc.

O melhor dicionário hebraico, o de Gesenius assim define a palavra ■ℳ□≈ℳ♦≈: "Fôlego, o espírito vital, o mesmo que o grego ☐◆er&≈❖ e o latim anima, mediante o qual vive o corpo, a saber, **o princípio de vida manifestado no fôlego**".

Hastings – *One Volume Dictionary of the Bible*, declara:

"A alma é usada no Velho Testamento para qualquer ser animado, quer humano quer animal, ao passo que espírito é o princípio universal que comunica vida proveniente do Criador".

Vincent – *Word Studies in the New Testament*, vol. II, pág. 400 assim define alma:

"É o princípio de individualidade, a sede das impressões pessoais. . . a sede dos sentimentos, desejos, afeições e aversões".

Buck, em seu *Dicionário Teológico* afirma sobre alma:

"Aquela substância ou princípio vital, imaterial e ativa no homem, mediante o qual se exerce a percepção, a memória, a razão e a vontade".

Quando "■ℳ□≈ℳ♦≈" se refere a seres humanos, ela deve com propriedade ser traduzida por pessoa.

Confira:

- a) Gên. 14:21 – ". . . Dá-me a mim as almas e a fazenda toma para ti."
- b) Gên. 46:18 – ". . . e que deu a Jacó estas dezesseis almas (isto é pessoas).
- c) Levítico 4:2 – "Quando uma alma pecar por ignorância (isto é, pessoa)".

A Palavra Alma em Grego

Em grega a palavra para alma é ☐◆er&≈❖ – **psiquê**, que ocorre 105 vezes no Novo Testamento, sendo traduzida da seguinte maneira:

- alma – 58 vezes
- vida – 40 vezes
- mente – 3 vezes
- você – 1 vez
- nos – 1 vez
- cordialmente – 1 vez

Em artigo inserto na *Revista Adventista*, junho de 1952, pág. 25, de Emery Gohen, encontram-se os seguintes conceitos sobre o significado da palavra alma:

"Esta palavra significa: vida, criatura vivente, alma, etc. As Escrituras registram que a alma come, tem fome, pode ser batida, pegada, tocada, trabalha, tem preguiça, etc. etc.

- a) Alma em sentido de vida – Gên. 35:18; Mat. 10:28.
- b) Alma, criatura vivente – Gên. 2:7; Atos 2:41.
- c) A alma come, jejua, engorda – Luc. 12:19; Sal. 69:10; Prov. 11: 25.
- d) A alma trabalha e pode também ter preguiça – Isa. 53:11; Prov. 13:4.
- e) Josué matou almas à espada - Jos. 10:30, 35 e 39.
- f) A alma de Jesus (a pessoa) esteve no inferno (sepulcro), mas ressuscitou) – Sal. 16:10.

"Presentemente não existe alma imortal, pois só Deus possui a imortalidade' (I Tim. 6:16). Se o homem tivesse em si inerentemente uma imortalidade, não teria havido necessidade de Cristo vir morrer para trazer-nos o que já tínhamos. Agora todos somos mortais (Isa. 51:12).

"Aceitando o Evangelho alcançaremos a imortalidade no dia de Cristo e da ressurreição (II Tim. 1:10; I Cor. 15:52-54; Filip 3:20-21). A doutrina que muitos pregam de uma alma pessoal consciente e concreta além túmulo, é puramente pagã e diabólica (ver Gên. 3:4; Apoc. 12:9).

"No dia do juízo, com a volta de Jesus, Ele chamará dos sepulcros todos os homens, para recompensá-los conforme suas obras (ver João 5:28 e 29; S. Mat. 16:27; S. Lucas 14:14)".

A definição é a mesma da palavra hebraica "■𐤎■𐤌𐤏𐤔𐤕".

O *SDABC* Vol. VIII páginas 1036-1037 diz o seguinte a respeito da palavra **psiquê**: "fôlego, vida, princípio de vida, criatura viva, pessoa, as afeições, os sentimentos. .. O uso desta palavra em grego, no N.T. é similar a ■𐤎■𐤌𐤏𐤔𐤕𐤕 no V.T. Esta é usada tanto para a vida animal, como para a vida humana".

2ª) O que é espírito?

O *Theological Dictionary of the New Testament*, conhecido, entre nós como de Kittel, por ser este o nome do editor, sempre com sua prolixidade cansativa dedica ao estudo desta palavra 119 páginas. (Vol. VI, 333 a 451). Ele a define como sendo:

- a) Vento
- b) Respiração
- c) Vida
- d) O Princípio que dá vida física
- e) O poder Criativo de Deus.

W. E. Vine conforme seu *Expository Dictionary of the New Testament Words*: "Espírito é o princípio de vida dado ao homem por Deus."

Esta definição é bem bíblica de acordo com Gên. 2:7 e a declaração de São João 6:63, onde **pneuma** aparece como o principio de vida.

O *SDABC Dictionary* assim define espírito: "respiração, vento, elemento vital, mente". pág. 1040.

Lutero disse: "O **pneuma** é a parte mais elevada e nobre do homem, pois o capacita para captar as coisas incompreensíveis, invisíveis e eternas, em suma, é a morada em que a fé na Palavra de Deus se sente em casa."

O espírito foi também definido como o ponto de contato entre Deus e o homem.

Diferença Entre Espírito e Alma

Espírito é o princípio de vida – é geral. Alma é individual, pessoal.

A *International Standard Bible Encyclopedia* faz a seguinte distinção: "O espírito – **pneuma** é o sopro do fôlego de Deus na criatura, o princípio de vida proveniente de Deus. A alma – **psiquê** é a possessão individual do homem, o que distingue um homem de outro e da natureza inanimada".

O *Pregador Adventista*. Setembro-Dezembro de 1948, na página 23 assim especifica uma da outra:

"A alma (**psiquê**) é o homem, a ser vivo e consciente; é a força sensitiva, é a vida mesma".

"O espírito (**pneuma**) é a vida em ação, é seu elemento agente, é sua força pensativa, é seu caráter".

Pneuma corresponde ao hebraico     , que é usada no Velho Testamento 377 vezes, sendo quase sempre traduzido por espírito, vento ou respiração.

     é traduzida da seguinte maneira:

- a) Sopro – 33 vezes – Ezeq. 37:5
- b) Vento – (respiração) – 117 vezes – Gên. 8:1
- c) Espírito – 76 vezes – Juízes 15:19
- d) Vida – 25 vezes – Sal. 146:4
- e) Fôlego – 9 vezes – Ezeq. 11:5
- f) Espírito de Deus – 94 vezes – Isa. 63:10
- g) Sede das emoções – 3 vezes – I Sam. 1:15.

Espírito (**pneuma**) é mais usada no Novo Testamento do que a palavra alma (**psiquê**), pois ali se encontra 220 vezes; sendo na língua inglesa traduzida por 16 palavras diferentes.

Pelas afirmações anteriores concluímos que as palavras "     (755) e "     (377) no hebraico e "**psiquê**" (105) e "**pneuma**" (220), no grego, ocorrem cerca de 1.460 vezes no texto original.

II. Comentários sobre estas palavras

É importante enfatizar que se a Bíblia declara que tanto "     como "**psiquê**" podem morrer, como declaram as passagens de Ezeq. 18: 4; Apoc. 16:3 e

Atos 3:23. Há aqui a prova máxima de que estes vocábulos não indicam que a pessoa possa ter uma existência consciente e independente após a morte.

A palavra     usada em Gên. 2:7 é também empregada para designar a condição do animal em Gên. 1:20, 21, 24; 2:19.

A afirmação de Gên. 2:7 é importante para nós: "Então formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra (isto é o corpo), e lhe soprou nas narinas, o fôlego de vida (chamado espírito), e o homem passou a ser alma vivente." A combinação do sopro (fôlego) e do corpo resultou em uma alma vivente. Aqui não existe a declaração que foi dada ao homem uma alma vivente, mas que ele se tornou uma alma vivente.

O que precisa ser bem frisado desta declaração é que a pessoa é uma alma, e não que a pessoa tem uma alma.

Ponderará alguém: Mas há muitas expressões na Bíblia, como "minha alma", "tua alma", "sua alma", "a alma deles", que parecem indicar que a pessoa tem uma alma. Estas expressões, na maioria dos casos, são usadas para substituir os pronomes pessoais correspondentes. Seriam peculiaridades ou substituições literárias, como em português, minha alma = me, tua alma = te, a alma deles = eles ou lhes.

No Salmo 7:2 temos esta confirmação: "Para que ele não arrebate a minha alma como leão..." significa: Para que ele não me arrebate como leão...

Outros exemplos bíblicos da palavra alma usada como pronomes pessoais nós os temos em Mat. 11:29 – ". . . e achareis descanso para vossas almas" (isto é, para vós); II Cor. 12:15 – "Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol das vossas almas." É evidente que aqui significa em favor de vós.

João comumente emprega a palavra alma (**psiquê**) para designar o princípio da vida natural (João 10:11, 15; 13:37; 15:13; 1 João 3:16; Apoc. 8:9; 12:11; 16:3). Em todas as passagens, excetuando-se a última a palavra     – **psiquê** está traduzida por vida na tradução de Almeida – Edição Revista e Atualizada no Brasil. Em Apoc. 16:3 foi traduzida por ser vivente. Há dois excelentes exemplos bíblicos, um de João e outro de Lucas onde a palavra original **psiquê** foi adequadamente traduzida por vida: João 10:11 – "Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas." Atos 20:24 – "Porém, em nada considero a vida preciosa para mim mesmo..."

Freqüentemente a Bíblia usa alma em nosso sentido de coração, como acontece nas passagens de Luc. 1:46; 2:35, S. João 10:24 e Atos 14:2.

The Interpreter's Dictionary of the Bible ao estudar a palavra alma nos informa que este vocábulo freqüentemente está impregnado da filosofia platônica e de idéias gnósticas. Afirma ainda que no Velho Testamento nunca significa a alma imortal, mas é essencialmente o princípio de vida, o ser vivo.

Se você quiser compreender melhor como todos os sistemas religiosos anticristãos criam na imortalidade da alma e assim influenciaram o mundo cristão, leia, se possível, o artigo – "A idéia da Imortalidade em Tempos Remotos", de Arnaldo B. Christianini, escrito no Ministério Adventista, Novembro-Dzembro, 1962, págs. 23 a 24.

O *SDAB Dictionary* consigna na página 1.037:

"A idéia de que 'alma' pode ter existência sensível separada do corpo ou que ela possui uma essência imortal é totalmente estranha à Bíblia".

Podemos afirmar seguramente que o estudo dos vocábulos alma e espírito revela que nem uma vez trazem em si a mais remota idéia de eternidade.

Valter R. Martin no livro *The Truth About Seventh Day Adventism*, pág. 130 concorda plenamente com a crença adventista ao declarar: "O estudo minucioso de todos os adjetivos usados nas Escrituras para qualificar a palavra 'espírito' da maneira como é aplicada ao homem, indica que nenhum deles deixa transparecer a mínima idéia de imortalidade".

Onde quer que a Bíblia empregue a palavra "alma", nunca se refere a alguma coisa que vive à parte do homem.

Pneuma e os Escritos Paulinos

A palavra **pneuma** (espírito) apresenta uma grande gama de significados como pode ser comprovado pelos escritos paulinos.

Merecem destaque estes:

- a) Hálito ou sopro de Deus – II Tes. 2:8.
- b) A alma humana tomada pela pessoa em geral – I Cor. 16:18.
- c) A alma como intelectiva ou a consciência – I Cor. 2:11.
- d) Anjos e demônios – Heb. 1:14; Efés. 2:2; I Tim. 4:1.
- e) Aplica-se como apelativo a Cristo – II Cor. 3:17.
- f) A divina natureza de Cristo – Rom. 1:4.
- g) A terceira pessoa da Trindade – Rom. 8:9-11 ; I Cor. 2:8-12.

Interessante é notar que o apóstolo Paulo emprega apenas 12 vezes a palavra **psiquê**, que deveriam ter os seguintes significados de acordo com o original:

- a) Seis vezes como o significado de vida – Rom. 11:3; 16:4; I Cor. 15:45; II Cor. 1:23; Fil. 2:30; I Tes. 2:8.
- b) Três indicam desejo – Efés. 6:6; Fil. 1:27; Col. 3:23.
- c) Uma vez indica emoção – I Tes. 5:23.
- d) Dois exemplos são pessoais – Rom. 2:9; 13:1.

A palavra **pneuma**, que aparece 220 vezes em o Novo Testamento, como já foi afirmado, é usado 91 vezes para denominar o Espírito Santo.

Explicação de Algumas Passagens

Há duas passagens bíblicas, onde quase sempre **psiquê** é traduzida por alma, porém não deveria sê-lo:

- a) S. Luc. 12:19 – "Então, direi à minha alma: Tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come e bebe, e regala-te."

Neste texto, **psiquê** está empregada no sentido de pessoa, isto é, uma pessoa falando consigo mesmo.

- b) S. Luc. 12: 20. Neste verso lemos: "Louco, esta noite te pedirão a tua alma. .
."

Entende-se que a pessoa iria morrer, logo **psiquê** deveria ser traduzida por vida. A prova é que nos versos 22 e 23 **psique** foi traduzida por vida.

- c) Comentários sobre Mateus 10:28 – "Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma: temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo."

O contexto desta passagem muito nos ajuda em Sua exegese.

Jesus está admoestando os discípulos para enfrentarem as perseguições que viriam, com o risco de tirar-lhes a própria vida. Os versos 23, 25 e 26 nos dão esta idéia. A admoestação de Cristo culmina com as palavras: "Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma."

Esta declaração de Cristo queria dizer o seguinte: Eles não deveriam temer os perseguidores que poderiam no máximo tirar-lhes a vida terrestre; mas não podiam evitar a ressurreição para a vida eterna. Temei antes aquele que pode fazer perecer na **geena** tanto a alma como o corpo. Em outras palavras, com este verso Jesus nos quis ensinar que os homens aqui poderão terminar com a nossa vida, mas quem tem a vida nas Suas mãos é Deus que pode terminar com toda a possibilidade da existência no dia do juízo final.

O temor deveria ser no sentido de a pessoa não estar preparada para a morte, pois isto significaria a perda da vida eterna.

Este texto, como se encontra nesta tradução, que não é boa, por traduzir **geena** por inferno e **psiquê** por alma, contradiz o conceito dos imortalistas, pois se a alma pode perecer ela não é imortal.

A tradução carreta deste verso seria: "Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a vida eterna, temei antes, aquele que pode fazer perecer na **geena** tanto corpo como a vida eterna.

- d) O "Espírito" que volta para Deus de Ecles. 12:7.

Aqui está a descrição bíblica do que acontece ao homem quando ele morre. Mas o que é esse espírito que retorna a Deus? Uma passagem do Novo Testamento nos elucidada. Tiago 2:26 – "Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta."

Tiago nos diz que o espírito é que mantém o corpo vivo. Há traduções bíblicas que trazem em vez de espírito – fôlego ou sopro de vida, como aparece na tradução bíblica dos monges beneditinos (Editora Ave Maria).

"Antes que a poeira retorne à terra para se tornar o que era; e antes que o sopro de vida retorne a Deus que o deu".

O livro *Consultoria Doutrinária* da Casa Publicadora Brasileira, págs. 93-94 assim explica este verso:

"Esse fôlego, dado por Deus a todos os homens, bons e maus, e aos animais é recolhido por Deus. Por ocasião da morte, Deus recolhe o fôlego da criatura, para reintegrá-lo no ar, a fim de que na ressurreição Ele proceda de novo como na criação: fará assoprar o fôlego do ar para as narinas dos ressuscitados. Lemos em Ezeq. 37:9 e

10: 'Assim diz o Senhor Deus: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. . . E o espírito (ou fôlego) entrou neles e viveram e se puseram em pé, um exército sobremodo numeroso'. Tal ocorrerá na ressurreição final. O homem não tem poder para reter seu fôlego. Cristo e Estêvão, ao expirarem, pediram a Deus que lhes recebesse o fôlego".

As duas palavras, fôlego e espírito, são usadas na Bíblia uma em lugar da outra.

e) Gên. 35:18 – "Ao sair-lhe a alma (porque morreu), deu-lhe o nome de Benoni; mas seu pai lhe chamou Benjamim."

Esta passagem tem sido muito citada pelos defensores da idéia de que a alma tem existência separada do corpo.

A palavra     usada neste texto tem o significado de vida, por isso a frase deveria ser traduzida: "como sua vida estava saindo".

As Palavra Imortal e Imortalidade na Bíblia

Conforme *SDA Bible Commentary*, pág. 502 são estas as referências:

I. "A palavra imortal é usada duas vezes na Bíblia, referindo-se a Deus.

a) I Tim. 1:17 – "Assim, ao Rei eterno, imortal.. ."

b) Rom. 1:23 – "e mudaram a glória do Deus incorruptível. .." – *A Revised Standard Version* traduz por imortal.

II. Imortalidade – grego **athanasia** – que nunca morre, ocorre apenas 5 vezes no texto sagrado:

a) I Tim. 6:16 – "o único que possui imortalidade" = Deus.

b) Rom. 2:7 – O cristão é descrito como buscando a imortalidade.

c) II Tim. 1:10 – Cristo nos trouxe a imortalidade.

d) I Cor. 15:53 – Com a segunda vinda de Cristo os justos ressuscitados receberão a imortalidade.

e) I Cor. 15:54 – "O corpo mortal se revestirá da imortalidade".

Se a Bíblia não ensina que o homem é imortal como apareceu esta crença? Se nos reportarmos ao capítulo 3 de Gênesis encontraremos cabal resposta para esta indagação. O diabo através da serpente disse á mulher: "É certo que não morrereis". Gên. 3:4.

Satanás continua ensinando através dos séculos, de maneira insidiosa e constante, que o homem não morre. Este ensino originado com o diabo continua tendo extraordinário sucesso, desde que é aceito por quase toda a humanidade, porém ele se opõe aos claros ensinamentos das Santas Escrituras, que declaram que o homem que poderia ter vivido para sempre se não pecasse, caiu sob a condenação da morte por ter pecado, tornando-se no momento em que pecou portanto mortal (Jó 4:17; Rom. 6:12; 8:11; I Cor. 15:53-54; II Cor. 4:11).

A advertência de Pedro (I Pedro 5:8) para os seus dias, continua muito válida para nós hoje.

Conclusão

Embora a Bíblia nada ensina sobre uma alma ou espírito consciente que sobrevive após a morte do corpo, ela fala muito sobre a vida após a morte. Nenhuma distinção é feita entre a maneira da morte do justo ou do ímpio. Assim como morre um morre o outro. Mas há uma diferença cardinal com relação ao futuro dos justos e dos ímpios mortos. Todos permanecem no pó até o tempo da ressurreição. Então viverão novamente para enfrentar as conseqüências de suas escolhas durante o tempo de vida. João 5:28, 29; 1Tes. 4:16, 17. Os que aceitaram a oferta de Cristo de vida eterna e imortalidade a receberão por ocasião da vinda do Senhor. Os que rejeitaram esta oferta não podem receber vida de nenhuma outra fonte. (João 1:4; 3:16; 17:2; I João 5:12).

O que é verdadeiro para o homicida mencionado em I João 3:15 é verdadeiro para qualquer pecador que não aceite a Cristo como Seu Salvador.

'Aquele que tem o Filho tem a vida'. I João 3:15. Literalmente a expressão diz: 'tem a vida', e se refere à 'vida eterna' de I João 5:11. Esta vida começa com o novo nascimento do cristão (João 3:7), e continua pela eternidade. I João 3: 14; 5:11, 12; S. João 1:4; 5:24; 10:28; 12:25. Aquele que é vitorioso em Cristo nunca perde este dom. Morte, dissolução física, e sono inconsciente até a ressurreição não elimina o dom da vida por Cristo. Para os mortos que dormem não há consciência do lapso de tempo entre a morte e a ressurreição.

O conceito da imortalidade da alma, esta sobrevivendo após a morte do homem, como um espírito sensível e inteligente, com uma existência separada do corpo, penetrou durante o período intertestamentário, através da influência da filosofia grega, sobre o pensamento judeu. Durante os três primeiros séculos DC, a teologia cristã adotou a idéia da mesma origem, especialmente de Platão. Segundo o historiador grego, Heródoto, os gregos tomaram emprestado este conceito dos egípcios. O conceito popular é base para várias doutrinas tal como a idéia de que após a morte o homem vai para o céu, purgatório ou inferno, e que os perversos vão ser queimados eternamente. As Escrituras ensinam que somente Deus é imortal, ou tem a imortalidade (I Tim. 6:16), que o homem pode alcançar a imortalidade somente por Cristo (S. João 3:16; II Tim. 1:10), que o homem recebe esta dádiva quando aceita a Cristo (I João 5:10-12) e que esta imortalidade será concedida aos salvos simultaneamente na ressurreição e na segunda vinda de Cristo (Rom. 2:7, 8; I Cor. 15:20-26, 21-54).

Se cremos no que a Bíblia ensina quanto a este assunto, precisamos aceitar:

1º) Que haverá uma ressurreição – I Cor. 15; I Tess. 4:13-17.

2º) Que se processará um julgamento final – Atos 17:31.

Haveria necessidade da ressurreição se ao morrer a pessoa já recebesse a sua recompensa?

Qual a necessidade do julgamento se a pessoa já se encontra no Paraíso gozando das bênçãos de Deus?

O AMOR – A MAIOR DAS VIRTUDES

QUATRO VERBOS PARA AMAR EM GREGO

O grego, sendo uma das mais ricas línguas do mundo, tem o poder inigualável de expressar sutis diferenças de significado por palavras distintas. Frequentemente o grego apresenta várias palavras para expressar mudanças de significados, enquanto nós o fazemos mediante um só vocábulo. Em português todas as cambiantes do rico sentimento do amor são expressas por uma palavra, enquanto o grego o faz através de quatro formas distintas. São elas:

1ª) O verbo $\alpha\gamma\alpha\mu\alpha\iota$ – **agapao** e o substantivo $\alpha\gamma\alpha\pi\eta$ – **ágape**.

2ª) O verbo $\phi\iota\lambda\omega$ – **fileo** e o substantivo $\phi\iota\lambda\iota\alpha$ – **filia**

3ª) O verbo $\sigma\tau\epsilon\rho\gamma\omega$ – **stergo** e o substantivo $\sigma\tau\epsilon\rho\gamma\eta$ – **storge**.

4ª) O verbo $\epsilon\rho\omega$ – **erao** e o substantivo $\epsilon\rho\omega\varsigma$ – **eros**.

Distinção Entre Estas Quatro Formas

1) **Agapao** é considerar com reverência, admirar por algum bem, amar de modo mais elevado. No grego clássico significava saudar afetuosamente. Sua grande diferença com **fileo** é a seguinte: **agapao** não tem nada do calor e da afetividade que caracteriza o **fileo**.

2) **Fileo** é olhar para alguém com afetuosos consideração, ter afeição, amizade, gostar de; podendo até ser traduzido por acariciar, beijar. Pode ser usado para o amor entre o marido e a esposa. No Novo Testamento **fileo** é usado para expressar o amor de pai e mãe e de filho e de filha (Mat. 10:37). É usado para o amor de Jesus por Lázaro (João 11:3, 36) e uma vez é usado para o amor de Jesus pelo discípulo amado (S. João 20: 2).

3) **Stergo** é um verbo que está mais relacionado com afeição familiar. Seria traduzido com propriedade para o português por amar com ternura, suportar.

Pode ser usado para o amor de um povo por seu governo, mas o seu uso mais normal é descrever o amor entre cônjuges, e entre pais e filhos. Platão escreveu: "Um filho ama (**stergein**) e é amado por aqueles que o geraram".

Este verbo não aparece no Novo Testamento, mas apenas em um adjetivo cognato – $\phi\iota\lambda\sigma\tau\epsilon\rho\gamma\omega\varsigma$ – **filóstorgos** – Rom. 12:10, traduzido na Almeida Revista e Atualizada no Brasil por "amor fraternal". Paulo o usa como indicação de que a comunidade cristã não é uma sociedade, mas uma família.

4) **Erao** – usado principalmente para o amor entre os sexos, Tanto em grego como os derivados em português (erotismo, erótico) nos evidenciam que este verbo adquiriu uma conotação pejorativa. A nossa palavra *amante* expressa esta idéia decadente do vocábulo.

Também não é usado no Novo Testamento, porém, aparece duas vezes na Septuaginta em Ester 2:17 e Prov. 4: 6.

Sendo que **erao** expressava o lado negativo do amor, isto é, a palavra desprezível, e que **stergo** estava ligado mais com afeição familiar, elas tinham que ser colocadas de lado, por não expressarem os vastíssimos conceitos do amor cristão.

Das afirmações anteriores, concluímos que as duas que se sobressaem e merecem nosso especial interesse são: **agapao** e **fileo**, sendo João o escritor bíblico que mais constantemente usa estas duas palavras.

Agapao

O verbo                                       

"Quer o homem seja um santo, quer seja um pecador, o único desejo de Deus é o maior bem daquele homem, Ora, isto é o que significa **ágape**. **Ágape** é o espírito que diz: 'Não importa o que qualquer homem faz a mim, eu nunca procurarei o seu mal; eu nunca procurarei vingança; eu sempre procurarei apenas o seu mais elevado bem'."

"O **ágape** cristão é impossível para qualquer um, exceto para um homem cristão".

"O grande presidente dos Estados Unidos, Abraão Lincoln, soube muito bem praticar este **ágape** cristão, Ele foi acusado de tratar seus oponentes com demasiada cortesia e amabilidade, quando era seu dever destruí-los. Sua resposta foi interrogativa: Não destruo meus inimigos quando faço deles meus amigos?"

Fileo

Este verbo é usado 25 vezes no Novo Testamento, 22 das quais significando amar e 3 com o significado de beijar.

Há um fascinante calor nesta palavra, Ela significa olhar para alguém com afetuosa consideração. Esta palavra tem em si todo o calor da verdadeira afeição e do verdadeiro amor.

Umas poucas vezes **fileo** é usado para expressar o amor do Pai pelo Filho – João 5:20; para o amor de Deus pelo homem (João 16:27); para a devoção que o homem deve prestar a Jesus (I Cor. 16:22); mas as ocorrências de **fileo** no Novo Testamento são comparativamente poucas, quando comparadas a **agapao** que é usado quase seis vezes mais.

Kenneth S. Wuest, no livro *Jóias do Novo Testamento Grego*, da Imprensa Batista Regular, páginas 57 e 60 tentou mostrar as diferenças entre as formas **agapao** e **fileo**, Destacam-se de suas afirmações:

"**Agapao** é termo grego que significa um amor despertado pelo senso de valor do objeto amado, e que leva o indivíduo a prezar tal objetivo. Origina-se na percepção da preciosidade do objeto".

"A qualidade desse amor é determinada pelo caráter daquele que ama, mas também pelo caráter do objeto amado".

"**Fileo** é o amor que consiste ao ardor aceso no coração pela percepção de algo que no objeto amado lhe confere prazer. É a reação do espírito humano àquilo que o atrai por ser-lhe agradável".

"Quando usados no bom sentido, ambos são legítimos, mas o primeiro representa o amor mais nobre".

Apesar destas afirmações e de outras anteriores há estudiosos que tentam provar que não há nenhuma diferença entre estes dois vocábulos, aludindo muitas provas em que aparecem como sinônimos; porém esta afirmação não deve ser levada muito a sério desde que os fatos comprovam que na maioria dos casos elas são empregadas para expressar sentimentos distintos.

O *SDABC*, apresenta os textos de João 14:23 e 16:27 para mostrar que as duas expressões podem ser usadas como sinônimos perfeitos, Apesar desta declaração há

muitas fontes que mostram distinção de significado entre as duas palavras, bastando citar:

a) E. W. Bullinger – *A Critical Lexicon and Concordance*, págs. 467-470.

b) Vincent – *New Testament Words*, em muitos passos, como este; "Deve notar-se a diferença entre     – **agapao** e     – **fileo** no grego clássico ou profano e no grego bíblico. No grego clássico **agapao** é uma palavra mais fria do que **fileo** e menos íntima. No Novo Testamento está livre de qualquer frieza e é mais profunda em seu significado que **fileo**, apesar desta última ter uma conotação mais humana."

Moulton afirma: "Se é que devem ser diferenciadas, uma se refere ao amor reverencial e a outra ao amor de companheirismo."

Que é Amor?

Já falamos muito sobre o amor, mas ainda não o definimos.

Todas as definições conseguidas são limitadas e ineficazes para expressar este atributo divino.

Os seguintes pensamentos (eu chamaria de tentativas para defini-lo) são úteis para ampliarem nossa compreensão deste profundo sentimento.

"O amor é o caminho mais curto de recondução a Deus".

"Amor é uma gota celeste colocada no cálice da vida para lhe corrigir o amargor".

No dizer de Leibnitz: "O amor é aquela qualidade que encontra sua felicidade no bem alheio".

Para Guerra Junqueira "O amor é uma escada sublime que prende o ser humano ao doce olhar de Jesus".

De acordo com Ellen G. White: "O amor é uma planta de origem divina que deve ser cultivada entre nós".

Goethe assim se expressou: "O amor consegue em um momento o que o trabalho dificilmente pode conseguirem uma era".

O escritor Patrício Ramiz Galvão numa síntese significativa declarou: "Nada no mundo vive e prospera senão à sombra do amor".

Diante destas afirmações fácil é concluir que o amor inegavelmente é a maior de todas as virtudes, é a virtude característica da fé cristã. Aliás, nem há necessidade de concluirmos, porque isto Paulo já nos declarou enfaticamente em I Coríntios 13.

O amor é superior à fé e à esperança, pois como bem salientou o estudioso de palavras gregas De Wett – "O amor é a maior dessas virtudes, porque contém em si mesmo a raiz das duas outras virtudes: cremos em alguém a quem amamos, e esperamos somente naquilo que amamos".

O amor deveria governar as ações de toda a família de Deus. (Ver João 13:35 e 14:21).

"Deus é amor (1 João 4: 16) e o amor é a imagem de Deus estampada na alma; onde o amor se encontra, a alma está bem moldada, e o coração está preparado para toda a boa obra". – Mathew Henry.

O amor é virtude e força, pois:

- a) Aperfeiçoa a pessoa diante de Deus. Mat. 5:48.
- b) O amor impele as pessoas a fazerem as obras do Senhor.
II Cor. 5:14 – "Porque o amor de Cristo nos constrange."
- c) Faz com que o indivíduo mantenha um bom relacionamento com o próximo – S. João 13: 35.
- d) Afasta a contenda e dissensões entre os crentes. Mat. 24:12.

Pense bem nestas 10 significativas frases:

- 1ª) A palavra mais elevada é Deus.
- 2ª) A mais veloz é tempo.
- 3ª) A mais doce é lar.
- 4ª) A mais forte é retidão.
- 5ª) A mais rastejada é hipocrisia.
- 6ª) A mais comprida é eternidade.
- 7ª) A palavra mais querida é mãe.
- 8ª) A mais triste é nunca.
- 9ª) A mais negra é pecado.
- 10ª) A mais significativa e mais terna é amor.

Embora João seja conhecido como o discípulo do amor, Paulo foi o apóstolo que melhor nos apresentou as características do amor cristão.

Dentre muitas outras destaquemos estas dez :

- 1ª) O amor é generoso – II Cor. 8:24.
- 2ª) O amor é longânimo – Efés. 4:2.
- 3ª) O amor é prático, resultando em ação – Heb. 6:10.
- 4ª) O amor resulta em perdão e restauração – II Cor. 2: 8.
- 5ª) O amor é sincero – Rom. 12: 9; 11 Cor. 6: 6; 8: 8.
- 6ª) O amor é inocente, não prejudica a ninguém – Rom. 13:10.
- 7ª) O amor é salvador e santificador – II Tes. 2:13.
- 8ª) O amor controla e ama a verdade – II Tes. 2:10.
- 9ª) O amor é o poder motivador da fé. Gál. 5:6.
- 10ª) O amor é o aperfeiçoamento da vida cristã – Col. 3:14.

Em todas estas citações bíblicas a palavra usada no original é **ágape**. Evidentemente a vida cristã deve ser edificada sobre o sólido pilar do amor.

O Diálogo do Amor Entre Cristo e Pedro Relatado em S. João 21:15-17

O Mestre pergunta ao discípulo acerca do relacionamento entre ambos. Por três vezes Cristo perguntou a Pedro se ele o amava, recebendo sempre a mesma resposta.

Nas primeiras duas perguntas Cristo usou o verbo **agapao**, porém Pedro respondeu com o verbo **fileo**. Na terceira interpelação Cristo mudou para **fileo** e a resposta do discípulo continuou sendo idêntica às duas primeiras.

A que conclusões chegaremos pelo uso dos verbos **agapao** e **fileo** em João 21:15-17?

"Apesar das duas palavras também serem usadas quanto ao amor de Deus aos homens (João 14:21, **agapao**) (João 20:2, **fileo**), a distinção entre as duas permanece e elas nunca são usadas indiscriminadamente na mesma passagem".

As idéias dos comentaristas podem ser apresentadas nestas três proposições:

1ª) Pedro teria considerado o termo **agapao** no seu contexto secular muito frio para definir a verdadeira paixão pessoal que nutria pelo Seu compreensivo Mestre ressuscitado.

2ª) Pedro usa a palavra menos exaltada como que para indicar a consciência de sua própria fraqueza. Ainda assim ele confirma seu grande afeto pelo Mestre, desta vez sem qualquer comparação com seus condiscípulos (Alford, Vincent).

3ª) Nosso Senhor usa a mais nobre palavra da linguagem grega e depois muda o vocábulo preferido por Pedro; porém, assegura-lhe que o futuro martírio deste demonstrar-lhe-ia que o amor ao Mestre não é baseado apenas no deleite, mas na apreensão mais ampla da preciosidade das coisas eternas.

Como comprovação de que os autores divergem, quanto às palavras serem sinônimas ou diferentes no significado, vamos concluir com a resposta dada por Bruce, a um de seus consulentes, sobre o texto de S. João 21:15-17.

Pergunta: O uso das palavras para 'amor' em João 21:15-17 é geralmente explicado afirmando-se que **fileo** denota afeição natural e **agapao** um amor mais elevado. Freench, entretanto, parece apresentar uma interpretação diferente, explicando **fileo** como um amor pessoal e desarrazoado, e **agapao** como o amor de um raciocínio mais conexo. Como o senhor comentaria isto?

Resposta:

"Se algum comentarista à base de qualquer uma dessas diferenciações no uso joanino dos dois verbos para amor puder mostrar satisfatoriamente qual é a diferença entre os dois em João 3:35 e 5:20, estarei preparado para considerar se há uma diferença entre os dois em S. João 21:15-17. Ambas as passagens, João 3:35 e 5:20, afirmam que "o Pai ama o Filho"; mas o verbo na passagem anterior é **agapao** e nesta última é **fileo**. É o amor do Pai pelo Filho em uma passagem afeição natural e na outra um amor mais elevado? Ou é ele em um lugar um amor pessoal e desarrazoado e na outra um amor de raciocínio mais conexo? Penso que não. Outra vez, nas referências ao discípulo "a quem Jesus amava", **agapao** é usado de modo permutável no grego helenístico. Na Septuaginta, em Gên. 37:3, **agapao** é usado na afirmação de que "Israel amava a José mais do que a todos os seus filhos", porém no verso seguinte, onde nos é dito que "seus irmãos vendo que seu pai o amava mais do que a todos os seus irmãos", o verbo empregado é **fileo**. Entretanto um e o mesmo verbo é usado em ambas as passagens no texto hebraico. Conseqüentemente, eu não estou convencido

por aquelas interpretações que vêm mais significado na mudança de verbo em João 21: 15-17." – *Answers to Questions*, de F. F. Bruce, pág. 73.

GLOSSOLALIA OU DOM DE LÍNGUAS

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo estudar o abarcante e controvertido tema do dom de línguas; tendo como finalidade principal traçar uma linha divisória entre o verdadeiro e o falso, porque sabemos muito bem que para todo movimento genuíno e inspirado por Deus, Satanás apresenta uma contrafação.

A Bíblia nos fornece a orientação segura para distinguir o veraz do ilusório, portanto só ela determinará a distinção entre a verdadeira $\Upsilon \bullet \square \blacklozenge \square \bullet \textcircled{\text{S}} \bullet \text{X} \textcircled{\text{S}}$ teopnéustica e a $\Upsilon \bullet \square \blacklozenge \square \bullet \textcircled{\text{S}} \bullet \text{X} \textcircled{\text{S}}$ inspirada pelo inimigo da Palavra de Deus.

Sendo que através da história da Igreja nenhum dom espiritual tem ocasionado tanta controvérsia como o dom de línguas, ele precisa ser bem conhecido por nós.

Em nossos dias o moderno movimento de línguas tem despertado grande interesse no mundo religioso. Basta citar que apenas nos Estados Unidos, as estatísticas nos cientificam de que 2.000 pastores das igrejas filiadas ao Conselho Nacional das Igrejas falam em línguas. De outro lado, calculam os estudiosos, que também nos Estados Unidos, o número de católicos que falam línguas atinge 100.000.

O escritor Robert G. Gromacki, autor do livro *Movimento Moderno de Línguas* fez a seguinte declaração:

"Os dons carismáticos estão se agigantando não somente entre professos pentecostais, mas também entre religiões tidas como ortodoxas e muito mais rígidas quanto a maneira de pensar. Hoje em dia, protestantes, católicos e espíritas estão em comum acordo, que para solucionar os grandes problemas existentes nas igrejas concernentes ao relacionamento de irmão para irmão, a solução é uma só: apoderar-se de dons extraordinários como cura, profecia, e falar em línguas. Isto vai ser o cimento que vai unir mais e mais os crentes em geral."

Espero que este estudo ajude a iluminar a senda da verdade, clareando um pouco mais o caminho dos que procuram palmilhá-lo com segurança.

Definições e Explicações

A palavra $\Upsilon \bullet \square \blacklozenge \square \bullet \textcircled{\text{S}} \bullet \text{X} \textcircled{\text{S}}$, de acordo com seus elementos constitutivos, significa: **Glossa** = língua – **lalia** = o ato de falar (do verbo **laléo**), significando assim – falar línguas.

João F. Soren, assim define:

"O dom de línguas é um milagre divino em que, no exercício da vontade e sabedoria divinas, o Espírito Santo concede a alguns crentes o poder de falarem em idiomas que não aprenderam pelos processos naturais, e isto para o fim de testemunharem eles de Jesus Cristo perante os que não crêem."

Elemer Hasse o define com bastante precisão:

"Dom de línguas é a divina capacitação de se poder exprimir numa língua estrangeira."

Em outras palavras: Dom de línguas é a possibilidade que o Espírito Santo concede ao crente para falar um idioma totalmente desconhecido para ele.

Os comentaristas de um modo geral afirmam: Esse dom consistia de poderes milagrosos conferidos aos apóstolos para pregar o Evangelho a todas as nações nas suas respectivas línguas.

É bom saber que este dom não é necessário para a salvação da pessoa, mas uma concessão dada por Deus para levar a salvação a outros.

O *Interpreter's Dictionary of the Bible*, vol. 4, pág. 671 declara que a $\Upsilon \bullet \square \blacklozenge \square \bullet \infty \bullet \times \infty$ foi um notável fenômeno do cristianismo primitivo, mas logo a seguir acrescenta que este fenômeno não estava circunscrito ao cristianismo, desde que era encontrado em muitas das religiões do mundo antigo.

No livro *A Doutrina do Espírito Santo*, pág. 51, João F. Soren afirma: "O fenômeno glossolálico é universal no sentido que aparece nas mais variadas circunstâncias, tempos e lugares. Encontramo-lo em o Velho Testamento. Descobrimo-lo nas religiões pagãs e étnicas. Reponta em seitas neopagãs e em diversos ramos e grupos do cristianismo primitivo, medieval e hodierno. Constatamo-lo ainda em manifestações psicopáticas e psiconeuróticas, sem qualquer influência religiosa."

Se os dons são concedidos por Deus para edificação da igreja (I Cor. 14:12, 26), ele pode conceder o privilégio de falar línguas para testificar a seu favor, desde que isto se torne necessário.

Comentários Gerais

O Batismo com o Espírito Santo e o Falar Línguas

Indica a Bíblia que toda a pessoa batizada com o Espírito Santo falaria línguas? Os pentecostais declaram de maneira enfática que os cristãos que recebem o Espírito Santo precisam falar línguas.

Eis suas declarações:

"Um cristão que não foi batizado com o Espírito Santo, tendo como prova disso o falar em línguas, é um fracalhão espiritual, comparado com aquilo que poderia ser caso fosse batizado com o Espírito Santo, de acordo com Atos 2:4."

É dogma entre as igrejas pentecostais, que o batismo no Espírito Santo sempre vem acompanhado das línguas.

A Constituição das Assembléias de Deus afirma:

"O batismo no Espírito Santo é testemunhado pelo sinal físico inicial do falar em outras línguas, segundo o Espírito de Deus lhes concede."

Esta afirmação seria defensável pela Bíblia? De modo nenhum, pois uma pesquisa bíblica nos informa que de dezoito notáveis relatos do batismo com o Espírito Santo, catorze não apresentam nenhuma referência a línguas.

Na Igreja Apostólica há muitas evidências da manifestação do Espírito Santo na vida e na obra dos crentes sem o aparecimento do dom de línguas.

Os seguintes exemplos são concludentes:

1º) Os sete diáconos foram homens cheios do Espírito Santo, mas não há nenhuma menção de que tivessem falado línguas.

2º) Os samaritanos ao crerem na Palavra de Deus receberam o Espírito Santo, porém, não foram agraciados com o dom de línguas.

O pastor luterano Larry Christenson estudando os relatos sobre o batismo, no livro de Atos, pergunta:

"Significará isso que todo aquele que recebe o Espírito Santo fala em línguas – e que se alguém não falou em línguas não recebeu realmente o Espírito Santo?" Sua resposta é: "Não creio que se possa tirar essa conclusão fixa das Escrituras." – *Revista Trinity*, vol. III. Nº 1).

Que Significa ser Batizado com o Espírito Santo?

O Espírito Santo é descrito como vindo aos crentes antes do batismo (Atos 10:44-48), seguindo-se ao batismo (Atos 19:5, 6) e algum tempo indeterminado após o batismo (Atos 8:12-17).

Se a palavra batismo significa "imersão", o batismo pelo Espírito Santo indica que somos imersos pelo Espírito Santo em Cristo. Esta idéia é confirmada pela descrição paulina de Tito 3:5-7. Ela é mais evidente na linguagem do *Novo Testamento Vivo* – "Então Ele nos salvou – não porque fôssemos suficientemente bons para sermos salvos, mas por causa da sua bondade e compaixão – quando lavou os nossos pecados e nos deu a nova alegria de sermos a morada do Espírito Santo. Que Ele derramou sobre nós com maravilhosa abundância – e tudo por causa daquilo que Jesus Cristo nosso Salvador fez, a fim de que Ele nos pudesse declarar justos aos olhos de Deus."

Requisitos para Receber o Espírito Santo

A Bíblia nos apresenta quatro requisitos essenciais para o recebimento do Espírito Santo:

1º) Fé.

"E todos nós, como cristãos, podemos ter o Espírito Santo prometido por meio desta fé." Gálatas 3:14.

2º) Arrependimento.

"Cada um de vocês deve abandonar o pecado, voltar-se para Deus e ser batizado no nome de Jesus Cristo para o perdão dos seus pecados: então vocês também receberão o Espírito Santo, que será dado a vocês." Atos 2:38.

3º) Obediência.

"Nós somos testemunhas destes fatos, e bem assim o Espírito Santo, que Deus outorgou aos que lhe obedecem." Atos 5:32.

Se obedecer a Deus é guardar os seus mandamentos, conclui-se que quem vive em consciente violação de qualquer um dos Dez Mandamentos não poderá esperar receber o Espírito Santo.

4º) Oração. "E se gente pecadora como vocês dá aos filhos o que eles precisam, não percebem que o Pai celeste fará pelo menos tanto assim, e dará o Espírito Santo àqueles que O pedirem?" Luc. 11:13.

O Dom de Línguas no Novo Testamento

Há cinco passagens do Novo Testamento mencionado o dom de línguas. Uma em Marcos, três em Atos e uma em I Coríntios.

Ei-las em ordem cronológica :

I. Marcos 16:17 – "Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: em meu nome expelirão demônios; falarão novas línguas."

Este dom é mencionado por Cristo em forma de uma promessa, que lhes possibilitava pregar o evangelho na linguagem daqueles que iam ouvir as boas novas de salvação.

O adjetivo "novas" não quer dizer línguas inexistentes, como defendem alguns, mas línguas estrangeiras que eles falariam sem as terem aprendido.

É interessante saber que há em grego duas palavras para novo – **néos** e **kainós**. **Néos** é novo no sentido de tempo, recente e **kainós** é novo na forma ou qualidade. Cristo aqui usou **kainós** porque se referia ao novo não usado. [Ver *Novo em Grego e Novo em Português*, p. 286]

Roberto Gromacki no livro já anteriormente citado, página 72 afirma: "Se o falar línguas tivesse envolvido línguas desconhecidas nunca antes faladas, então Cristo teria usado **néos** (novo em referência ao tempo). Mas, visto que ele empregou **kainós**, tem que se referir a línguas estrangeiras, que eram novas àquele que as falasse, porém, que já existiam antes".

Eram idiomas novos para aqueles que os falariam. A denominação de novas indicava o contraste com as línguas por eles faladas.

É Autêntica a Terminação de Marcos?

A Crítica Textual muito tem discutido sobre a autenticidade da conclusão do evangelho de Marcos (16:9-20). Os dois melhores e mais antigos manuscritos completos da Bíblia, o Sinaítico e o Vaticano, não a contêm. Nenhum manuscrito grego do quinto século tem os versos 9 a 20 do cap. 16. Embora os manuscritos

posteriores tragam estes versos, temos que concordar com as declarações do Dr. A. T. Robertson, grande erudito grego e autor de uma das melhores gramáticas para o Novo Testamento: "Assim, os fatos são mui complicados, porém eles argumentam fortemente contra a genuinidade dos vs. 9 a 20 de Marcos 16." – *Word Pictures in the New Testament*, pág. 402.

Nota: Veja neste Livro o ponto: A Discutível Terminação do Evangelho de Marcos.

O Desejado de Todas as Nações, pág. 821 declara o seguinte:

"Um novo dom foi então prometido. Deviam pregar entre outras nações e recebiam poder de falar em outras línguas, Os apóstolos e seus cooperadores eram homens iletrados, todavia mediante o derramamento do Espírito, no dia de Pentecostes, sua linguagem, fosse no próprio idioma, ou no estrangeiro, tornou-se pura, simples e correta, tanto nas palavras como na pronúncia."

II. Atos 2:1-13

Este relato circunstanciado do dia de Pentecostes (transliteração da palavra grega **pentekostes** – cinquenta, quinquagésimo dia após a ressurreição de Cristo) é o mais significativo de toda a Bíblia, onde nos informa que os apóstolos foram milagrosamente capacitados para falarem em várias línguas a fim de que os presentes os ouvissem falar em seus respectivos idiomas.

O falar línguas de Atos 2 era um sinal de que o dom do Espírito Santo tinha sido dado aos apóstolos por Cristo, conforme sua promessa.

De maneira nenhuma pode-se defender que estas línguas eram celestiais, extáticas, desconhecidas, ininteligíveis, espirituais. Por que? Porque esta idéia não está contida na Bíblia. O relato divino é este: "Não são, porventura, galileus todos esses que aí estão falando? E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna?" Lucas apresenta a seguir a relação de dezesseis regiões lingüísticas, cujos habitantes ouviam os apóstolos falarem nas línguas de sua procedência.

O milagre de Pentecostes consistiu no seguinte: Deus concedeu aos discípulos a faculdade de falarem nas línguas maternas representadas pelas diversas nacionalidades mencionadas em Atos 2:9-10. Este milagre era uma evidência de que o Espírito Santo viera, e um sinal para os judeus de que Jesus era verdadeiramente o Messias e ainda de que a mensagem apostólica era verdadeira.

O livro *Atos dos Apóstolos*, págs. 39 e 40 confirma as afirmações feitas:

"O Espírito Santo, assumindo a forma de línguas de fogo, repousou sobre a assembléia. Isto era um emblema do dom então outorgado aos discípulos, o qual os capacitava a falar com fluência línguas com as quais não tinham nunca entrado em contato. . . . Esta diversidade de línguas teria sido um grande embaraço à proclamação do evangelho; Deus, portanto, de maneira miraculosa, supriu a deficiência dos apóstolos. O Espírito Santo fez por eles o que não teriam podido fazer por si mesmos em toda uma existência. Agora podiam proclamar as verdades do evangelho em toda a parte, falando com perfeição a língua daqueles por quem trabalhavam. Este maravilhoso dom era para o mundo uma forte evidência de que o trabalho deles levava o sinete do céu."

Quase todos os comentaristas, através dos séculos concordam que os discípulos, nesta ocasião, falaram as línguas das nações representadas em Jerusalém. Alguns estudiosos declaram firmemente, que este milagre de pregar numa língua, que a pessoa antes não conhecia, nunca mais se repetiu na História da Igreja. Gromacki faz isto claro em *Movimento Moderno de Línguas*, primeiro capítulo.

III. Atos 10:46

"Pois os ouviam falando em línguas e engrandecendo a Deus."

Temos aqui o relato do episódio acontecido, em Cesaréia, na casa de Cornélio. Do relato de Lucas se conclui que as línguas aqui mencionadas não eram ininteligíveis, pois Pedro e os companheiros "os ouviam engrandecendo a Deus".

A diferença entre este relato e o de Atos 2 parece ser a seguinte: No Pentecostes o falar em línguas foi o meio usado por Deus para anunciar o evangelho aos judeus que vieram a Jerusalém. Na casa de Cornélio o falar línguas foi um "sinal" para que os circunstantes cressem que Deus não faz acepção de pessoas. Atos 10 :34-35; 11:17.

IV. Atos 19:1-6

Alguns varões de Éfeso, sobre os quais Paulo impusera as mãos "falavam línguas e profetizavam".

Pelo fato da discrição não entrar em pormenores, faltam-nos elementos para conclusões mais definidas.

E. G. White nos informa que estes homens "receberam também o batismo do Espírito Santo, que os capacitou a falar as línguas de outras nações e a profetizar." – *Atos dos Apóstolos*, pág. 283.

V. I Coríntios 12 a 14

Nestes capítulos não há o relato descritivo do dom de línguas. O pastor batista João F. Soren, no artigo "O Dom de Línguas à Luz do Novo Testamento" declara enfaticamente: "Não há evidência segura de que tenha havido em Corinto, à luz da exposição do Apóstolo Paulo em 1 Cor. 12, 14, a manifestação do dom carismático de línguas, ou seja a capacitação concedida pelo Espírito Santo para que os crentes ali falassem idiomas que nunca estudaram ou aprenderam normalmente, à maneira do que se verificou no dia de Pentecostes. . .

"Os coríntios competiam em torneios poliglóticos na igreja, falando publicamente em idiomas estrangeiros ou então tartamudeando em êxtase nervosa, para impressionar os ouvintes. Não tinham eles o dom carismático de línguas. Isso era algo muito diferente do que ocorrera no Pentecostes. Ao invés de darem um sinal convincente do poder do evangelho para a salvação de todo aquele que crê, o sinal que davam eles para os incrédulos era outro. A confusão, a balbúrdia era tal que, para os incrédulos, a casa de Deus mais dava a impressão de ser uma casa de dementes. I Cor. 14:23."

J. Reis Pereira, em artigo colocado no livro *A Doutrina do Espírito Santo*, pág. 77 nos esclarece:

"As línguas de I Coríntios eram sons ininteligíveis. Davam a aparência de uma língua, mas ninguém poderia compreendê-la. Para interpretá-la seria necessário um outro dom, o dom de interpretação. Tais são as línguas faladas em assembléias pentecostais de nossos dias, o dom que prova o batismo no Espírito Santo, segundo os pentecostais. Tais são as línguas faladas em igrejas de outras denominações, até mesmo batistas, em nossos dias, ao que nos informam. . .

"Línguas ininteligíveis, extra-humanas, sons incompreensíveis, necessitando de um intérprete tais seriam as línguas da Igreja de Corinto, segundo a interpretação que estamos considerando."

Estudiosos competentes das Escrituras têm chegado à seguinte conclusão:

O falar línguas na Igreja de Corinto era um afastamento ou abuso do dom recebido pelos 120 cristãos no Pentecostes.

Pelo relato de Paulo sabemos que algumas poucas palavras compreensivas tinham muito mais valor do que centenas em uma língua desconhecida. "Dou graças ao meu Deus, porque falo mais línguas do que vós todos. Todavia eu antes quero falar na igreja cinco palavras na minha própria inteligência, para que possa instruir os outros, do que dez mil palavras em língua desconhecida." (I Cor. 14:18 e 19). Em outros escritos paulinos, referentes aos dons do Espírito, não há nenhuma referência ao tão decantado dom de línguas. Ver Romanos 12 e Efésios 4.

Em Nota Adicional sobre I Cor. 14 o *SDA Bible Commentary* declara entre outras coisas o seguinte:

"Que a língua falada sob a influência do dom em Atos 2 era uma língua estrangeira, que poderia ser facilmente compreendida por um estrangeiro daquela língua.

"A manifestação de I Coríntios era diferente daquela do dia de Pentecostes, porque a língua não era uma língua falada por homens, e por este motivo nenhum homem poderia entendê-la, a menos que estivesse presente um intérprete, que possuísse o dom do Espírito para compreender a língua. (I Cor. 12:10).

"Após enumerar uma lista de características que devem ser notadas na descrição paulina de I Cor. 14, acrescenta:

"Esta lista de características do dom torna claro que o apóstolo não está tratando de um dom falsificado. Ele enumerou "línguas" entre os genuínos dons do Espírito (cap. 12:8-10), e em nenhuma parte sugere que a manifestação descrita no cap. 14 não é de Deus. Pelo contrário, louva-a (cap. 14: 4, 17), alega que ele falava em línguas mais do que os Coríntios (v. 18), desejava que todos possuíssem o dom, e recomenda os crentes a não proibirem o seu exercício (v. 39). Seu objetivo através da discussão é mostrar o seu devido lugar e função e advertir contra o seu abuso."

Outras partes desta Nota Adicional que merecem destaque são estas:

"Seja qual for a opinião adotada, uma coisa é certa, que a manifestação do dom no Pentecostes e os propósitos para os quais ele foi dado (Atos 2) diferiam em muitos aspectos do dom manifestado em Corinto. O dom em Corinto servia para edificar o

orador, não os outros (I Cor. 14:4). Paulo não encorajou seu uso em público a não ser que um intérprete estivesse presente (versos 19, 28)."

"Por causa de certas obscuridades em relação à maneira precisa pela qual o dom se manifestou antigamente, Satanás tem achado fácil falsificar o dom. Exclamações incoerentes eram bem conhecidas e largamente encontradas dentro do culto pagão. Também em tempos posteriores, sob o disfarce de cristianismo, várias manifestações das chamadas línguas têm aparecido de tempos em tempos. Contudo, quando estas manifestações são comparadas com especificações escriturísticas do dom de línguas, elas são achadas ser algo muito em desacordo com o dom antigamente comunicado pelo Espírito. Essas manifestações portanto devem ser rejeitadas como espúrias. Entretanto, a presença do dom falsificado não nos deve levar a tratar levianamente o dom genuíno. A manifestação correta do dom a que Paulo se refere em I Cor. 14 realizou uma função proveitosa. É verdade que dela abusaram, mas Paulo tentou corrigir os abusos e indicar a operação do dom em seu devido lugar e função."

O principal desacordo com os pentecostais começou quando os líderes religiosos concluíram que o falar em línguas, os gritos de júbilo, as lágrimas, o rolar pelo chão não passa de um emocionalismo que destrói a verdadeira adoração.

Origem do Pentecostalismo Moderno

John L. Sherrill no livro *Eles Falam em Outras Línguas*, pág. 53, afirma que o falar línguas nos tempos modernos surgiu nos Estados Unidos com o jovem ministro metodista chamado Chales F. Parham. Na véspera do ano novo de 1900 ele colocou as mãos sobre a cabeça da senhorita Ozman, e orando, dos lábios da moça saíam sílabas em voz baixa, que nenhum deles podia entender. Os pentecostais consideram essa data como muito importante na sua história, desde que para eles foi a primeira vez, desde os dias da igreja primitiva, que alguém falou em línguas.

Diferenças Entre o Dom de Atos 2 e o Falar Línguas dos Pentecostais Modernos

Já vimos que as línguas de Atos 2 foram de natureza sobrenatural, isto é, os apóstolos pelo poder do Espírito Santo falaram línguas estrangeiras que não haviam aprendido antes.

Se o movimento pentecostal ou neopentecostal é uma volta ao padrão bíblico, então o movimento carismático hodierno deve ser idêntico ao dos apóstolos. Se as línguas de Atos 2 eram línguas conhecidas, as de hoje também o devem ser.

Vejamos se os fatos confirmam esta realidade. Uma análise imparcial e conscienciosa nos indica que as "línguas" destes movimentos modernos não se assemelham a nenhuma língua conhecida. Tal declaração se baseia nos seguintes itens:

- 1º) A ausência de qualquer estrutura lingüística.
- 2º) O uso excessivo de uma ou duas vogais apenas.
- 3º) Os sons e os vocábulos são totalmente desconhecidos.

William J. Samarin, professor de antropologia e línguas da Universidade de Toronto, em seu livro *Tongues of Men and Angels*, pág. 227, afirma:

"Na construção, bem como na função, as *línguas* são fundamentalmente diferentes das línguas existentes."

Esta sua afirmação foi feita, depois de pesquisas baseadas no estudo de línguas diferentes, faladas nas reuniões pentecostais na Europa e América do Norte.

Outra declaração bastante conclusiva pertence ao Dr. William Welmers, professor de línguas africanas da Universidade da Califórnia,

"Eu devo declarar sem reservas que as gravações que examinei não se assemelham estruturalmente a uma língua. Não há mais do que sons de vogais contrastantes, e poucos sons peculiares de consoantes; estes combinam para formar bem poucos conjuntos de sílabas que se repetem muitas vezes em ordem variada." – *Letter to the Editor Christianity Today*, 8 de novembro de 1963.

Explicações para o Moderno Movimento de Línguas

Dentre as múltiplas explicações existentes estas se destacam por sua preeminência:

1ª) Ação diabólica.

Sabemos que antes do verdadeiro derramamento do espírito, Satanás irá introduzir uma contrafação.

"Nas igrejas que puder colocar sob seu poder sedutor, fará parecer que a bênção especial de Deus foi derramada; manifestar-se-á o que será considerado como grande interesse religioso. Multidões exultarão de que Deus esteja operando maravilhosamente por elas, quando a obra é de outro espírito." – *O Grande Conflito*, pág. 464.

2ª) Fraude.

Os estudiosos destes movimentos afirmam ser comuns o engano, a simulação na prática deste dom, bem como com os dons de curar, profetizar e outros. Há muitos que fingem estar falando uma língua estranha quando na realidade existe apenas exibicionismo.

3ª) Hipnose.

Esta é a explicação mais comum, do ponto de vista psiquiátrico e psicológico, para a maioria dos casos de pessoas que falam "línguas".

4ª) Catarse psíquica.

Ira Jay Martim explica o fenômeno das línguas como uma catarse psíquica.

Para esta classe, quando a pessoa aceita a Cristo, ela tem paz, confiança em Deus, fica livre do pecado, enfim seria uma purificação ou catarse. Este estado produz em muitos grande prazer, expressando estes sentimentos por cânticos, testemunhos e falar línguas.

5ª) Orgulho espiritual.

Considerado como o clímax da experiência espiritual o fenômeno de línguas, quando obtido facilmente, produz a exaltação própria. Este falar línguas leva a pessoa a se orgulhar.

Gromacki, na obra já citada, no capítulo "A Natureza do Movimento Moderno de Glossolalia", estudando as fontes que podem determinar a experiência glossolálica moderna, cita estas: divina, satânica, psicológica e artificial.

"Eu tenho sido instruída que quando alguém pretende exibir estas manifestações peculiares (falar em línguas, dançar, gritar, pular, etc.), isto é uma evidência decisiva que não é obra de Deus." – *Manuscrito* 115, 1908.

Conclusão

Através do estudo feito concluímos que nenhum dom espiritual tem ocasionado tanta controvérsia na Igreja como o dom de línguas.

A história nos confirma que o fenômeno glossolálico não pertence exclusivamente à Bíblia, desde que foi achado mesmo entre religiões pagãs.

Na realidade aprendemos, que a verdadeira natureza da glossolalia bíblica consistia de línguas estrangeiras faladas por crentes, que nunca as haviam aprendido e que este dom era controlado pelo Espírito Santo.

A glossolalia moderna em sons desconhecidos não tem nenhuma base nas Escrituras Sagradas.

Os estudiosos da moderna glossolalia crêem que estes fenômenos muitas vezes são explicados pela psicologia e como o resultado da contrafação diabólica do verdadeiro dom escriturístico.

Uma análise das passagens bíblicas onde houve tais manifestações nos fornece a orientação segura para a glossolalia.

Esta pode ser assim sintetizada:

1ª) O objetivo deste dom nos dias apostólicos era evangelístico e não para servir de sinal ou confirmação dos crentes.

2ª) Pelo estudo feito o dom relatado em Atos 2 referia-se a uma língua existente, que a pessoa passava a falar com fluência pelo poder do Espírito Santo.

3ª) Não há nenhum indício de que fosse uma língua ininteligível e extática.

4ª) A finalidade principal deste dom era a edificação dos crentes e o desenvolvimento da causa de Deus.

Objetivávamos com o presente trabalho clarificar um pouco mais este tema, ajudando a sanar dúvidas em assunto tão controvertido. Esperamos que se este objetivo não foi totalmente atingido, ao menos ele o tenha sido em parte.

Nota

Na elaboração deste tema valemo-nos de Dicionários, Comentários, artigos de revistas, estudos esparsos e de alguns livros, destacando-se entre estes por nos fornecerem os melhores subsídios os três seguintes:

- 1) Movimento Moderno de Línguas de Robert G. Gromacki;
- 2) Luz Sobre o Fenômeno Pentecostal de Elemer Hasse;
- 3) A Doutrina do Espírito Santo do Parecer da Comissão dos Treze.

Quem se interessar por uma visão mais ampla do assunto, deveria lê-los.

A HERMENÊUTICA E A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Tentativa de um leigo para mostrar o outro lado da Teologia da Libertação

O Que é Hermenêutica?

Hermenêutica é a ciência da interpretação de textos, de acordo com as regras e princípios, cientificamente formulados.

Schleirmacher explica hermenêutica como sendo: "a doutrina da arte de compreender."

Louis Berkhof a define como "a ciência que nos ensina os princípios, as leis e os métodos de interpretação."

O objetivo da interpretação bíblica é apresentar a revelação de Deus numa linguagem que seja compreensiva ao homem moderno.

Roberto M. Grant definiu a tarefa da interpretação de qualquer registro do pensamento humano como sendo a exposição do que o autor quer dizer em termos de nossas próprias formas de pensamento.

A hermenêutica estabelece princípios, métodos e regras necessárias para elucidar palavras ou frases, cujo sentido não esteja bem claro. A hermenêutica teológica procura traduzir, interpretar e fazer compreensiva a mensagem da Bíblia na situação contemporânea.

Os Teólogos da Libertação e a Hermenêutica

Os teólogos da Teologia da Libertação têm interpretado a Bíblia de maneira peculiar e distinta do que Cristo nos quis ensinar. Para comprovar esta afirmação basta notar algumas das asseverações seguintes:

"A teologia da libertação seria a contínua mudança de nossa interpretação da Bíblia em função das contínuas mudanças de nossa realidade presente, tanto individual quanto social. Hermenêutica quer dizer interpretação. O caráter circular dessa interpretação significa que cada realidade nova obriga a interpretar de novo a revelação de Deus, a mudar, com ela, a realidade e, daí, voltar a interpretar. . . e assim sucessivamente." – Juan Luís Segundo. *Libertação da Teologia*, pág. 10.

Na página 12 o mesmo autor diz: "Nossa nova hermenêutica é o modo de interpretar a fonte de nossa fé, que é a Escritura, com os elementos à nossa disposição."

As duas declarações seguintes de William R. Le Roy, pronunciadas no 10º Congresso Mundial do Concílio Internacional das Igrejas, em 22 de junho de 1979,

são a confirmação máxima de uma interpretação bíblica totalmente alheia à orientação divina:

"A mensagem da Teologia da Libertação é muito simples. Salvação significa libertação política. É a libertação de qualquer forma de opressão (definida por eles) que possa impedir o homem da verdadeira e completa humanização. O pecado e a culpa são basicamente problemas sociais em sua definição e origem."

"A esperança da teologia da libertação é um reino a ser concretizado dentro do processo histórico pelo esforço humano."

Quero fazer minhas as palavras do Pastor Karl McIntere, Presidente do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs:

"O reino de Deus é espiritual e cabe à Igreja repudiar o marxismo e pregar o Evangelho, em sua forma única e autêntica, sem procurar nova interpretação da Bíblia de acordo com as conveniências do momento".

Leonardo Boff e Clodovis Boff, figuras exponenciais desta teologia, no livro *Da Libertação*, pág. 17 e seguintes apresentam os seguintes conceitos interpretativos:

"A Mediação Hermenêutica (julgar).

"A hermenêutica é a ciência e a técnica da interpretação mediante a qual nos habilitamos a compreender o sentido original de textos (ou realidade) não mais compreensíveis imediatamente pelos homens de hoje. Referimo-nos aqui às Escrituras Cristãs e aos textos maiores de nossa fé, conservados na Tradição. Entre nós e a Bíblia há uma distância de mais de 2.000 anos; a mentalidade mudou e as palavras ganharam novos sentidos. Como captar a Palavra de Deus, que é a luz para nossa ação, se esta Palavra vem encarnada naquela mentalidade e naquelas palavras? Como se depreende, precisamos construir uma ponte, isto é, interpretar. Daí falarmos em mediação hermenêutica.

"Mediante a mediação hermenêutica elaboramos os critérios teológicos com os quais vamos ler o texto sócio-analítico (a realidade). Só assim a realidade social com suas contradições é apropriada teologicamente e vira uma página religiosa. O que Deus nos tem a dizer com os problemas sociais captados adequadamente pela racionalidade científica? Este é o desafio; aqui não basta a razão, entra a fé.

"Mediante a fé, a Escritura e . . . identificamos na realidade, presença ou ausência de Deus, resposta ao Seu desígnio salvífico ou negação dele. Onde a análise social diz pobreza estrutural, a fé vai dizer pecado estrutural; onde a análise diz acumulação privada da riqueza, a fé vai dizer pecado de egoísmo, e assim por diante."

O que é a Teologia da Libertação?

É sempre difícil definir, porque definir é limitar.

Procuraremos defini-la com idéias de alguns dos seus mais ardorosos defensores:

"A teologia da libertação é sinal de um novo Momento da História da Igreja na América Latina, portanto é uma teologia especificamente 'latino-americana'. Esta teologia acentua uma das tarefas mais importantes e urgentes: a reflexão teológica

sobre o sentido do compromisso da Igreja e dos cristãos com a justiça, com a libertação dos povos.

"Teologia da libertação é uma maneira nova de fazer teologia. Seria uma 'teologia das realidades' em que vivem os cristãos.

"A teologia latino-americana da libertação é elaborada num contexto cristão de pobreza, de dependência, de subdesenvolvimento. Sua preocupação básica é a justiça, a libertação dos oprimidos.

"A teologia da libertação assume nossa realidade social como ponto de partida de sua reflexão teológica com uma profunda consciência da exploração, injustiça, miséria, dependência e aspirações frustradas que marcam esta sociedade." – Segundo Galilea, *Teologia da Libertação*, págs. 11-17.

Os teólogos da libertação declaram que se o termo não está na Bíblia, a realidade nela se encontra; citando como exemplos característicos os seguintes:

- a) Esaú iria libertar-se de Jacó. (Gên. 27:40).
- b) Os filhos de Israel sendo libertos da opressão egípcia.
- c) As referências dos salmos à libertação. (Salmos 105:43; 135:24).
- d) Cristo libertando-nos da escravidão do pecado. (Isa. 61:1; João 8:36; Rom. 7:6; Gál. 5:1).

"A Teologia da Libertação não se apresenta como discurso abstrato, mas como experiência vivida. . . Sua expressão teológica acha em G. Gutierrez o melhor de seus teóricos. O conteúdo da Teologia da Libertação? É o mesmo que o da Teologia católica de sempre (a divindade de cristo, a redenção pelo mistério pascoal da cruz, os sacramentos, o pecado, a fé...); somente a apresentação assumiu um aspecto mais evangélico, mais eficaz e mais latino-americano." – Hubert Lepargneur, *Teologia da Libertação*, pág. 123.

"No fundamento da teologia da libertação se encontra uma mística: o encontro com o Senhor no pobre que hoje é toda uma classe de marginalizados e explorados de nossa sociedade, caracterizada por um capitalismo dependente, associado e concludente. Uma teologia – qualquer que seja – que não possua em sua base uma experiência espiritual é sem fôlego a tagarelice religiosa. Parte-se da realidade miserável como a descrevem os bispos em Puebla, 'como o mais devastador e humilhante flagelo que é a situação de desumana pobreza em que vivem milhões de latino-americanos, vítimas de salário de fome, de desemprego e subemprego, da desnutrição, da mortalidade infantil, da falta de moradia adequada, dos problemas de saúde e de instabilidade no trabalho (Nº 29). Quem não se apercebe desta realidade escandalosa não pode entender o discurso da teologia da libertação.

"Dizem os bispos em Puebla: 'À luz da fé, vemos a distância crescente entre ricos e pobres como um escândalo e uma contradição com o ser cristão. *O luxo de uma minoria constitui um insulto à miséria das grandes massas. Esta situação é contrária ao desígnio do Criador e à honra a ele devida*'. (Nº 28). (grifo nosso).

" 'Ao analisarmos mais a fundo tal situação descobrimos que essa pobreza não é uma etapa transitória e sim produto de situações e estruturas econômicas, sociais e políticas, que dão origem a este estado de Miséria' (Nº 30).

"O interesse principal da teologia da libertação é criar uma ação da Igreja que ajude, efetivamente, os pobres." – Leonardo Boff e Clodovis Boff – *Da Libertação*, págs. 11 a 13.

Este mesmo livro afirma na pág. 31:

"Insistimos que há uma única teologia da libertação, vale dizer, um igual ponto de partida (realidade social miserável) e uma mesma meta, a libertação dos oprimidos."

Outro estudioso desta teologia nos apresenta nova faceta desta problemática da seguinte maneira:

"A Teologia da Libertação pedia emprestado ao marxismo o seu conceito de praxis, na qual se uniriam intimamente teoria e prática.

"A Teologia da Libertação responde ainda ao conceito marxista de ideologia 'conjunto de representações (mitos, crenças, idéias, teorias) que pretendem ser independentes da base material econômica, ou que consideram como a realidade que determina esta base.'" – Hubert Lepargneur, *Teologia da Libertação*, pág. 43.

Vemos assim que este tipo de teologia visa precipuamente libertar e emancipar socialmente os oprimidos.

Estes conceitos e outros que poderiam ser alinhados nos dão uma idéia bastante real deste movimento teológico.

Como Nasceu a Teologia da Libertação?

No Concílio Mundial das Igrejas que se reuniu em Genebra, em 1966, houve violentos ataques ao capitalismo e ao mundo livre. Alguns oradores deste conclave, tais como Richard Shaull, advogaram o uso da violência física para obtenção da justiça social e a necessidade radical de transformação das estruturas sociais.

Estas afirmações estão de acordo com as declarações de líderes da igreja católica nos nossos dias, tais como:

D. Quirino Schmitz, bispo de Teófilo Otoni, declarou:

"Quando as famílias pobres estão cada vez mais pobres e os ricos afirmam que está tudo bem, o povo deve usar meios agressivos de reivindicar seus direitos."

Pouco antes, o prelado sublinhara que São Tomás de Aquino fala nas perspectivas de conflitos civis armados, como estratégia para o restabelecimento da justiça e liberdade.

Em recente palestra, feita em Porto Alegre, por ocasião do encerramento do seminário da Frente Agrária Gaúcha, D. Ivo Lorscheiter, bispo de Santa Maria e presidente da CNBB, diante de trabalhadores rurais, teve a coragem de afirmar:

"Em casos extremos, a única solução para a conquista de mudanças sociais é a luta armada, e a Igreja deve aceitar esta situação como inevitável."

Estas afirmações dos dois bispos apareceram na Folha de S. Paulo de 21 de julho de 1981, como parte de um artigo de Plínio Correia de Oliveira, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Conforme Hugo Assmann, em seu livro *Teologia desde la Praxis de la Libertación*, esta teologia começa depois de Medellin, porque este movimento se apresenta explicitamente como uma forma latino-americana de teologia política.

O enfoque primordial da teologia da libertação medellística seria este: Nós não somos chamados a proclamar o evangelho para os descrentes, mas na América Latina o principal desafio é libertar o homem da sua situação social oprimida pelas classes dominantes.

Hugo Lepargneur, no livro *Teologia da Libertação*, primeiro capítulo, assim o inicia:

A Teologia da Libertação de que tratamos nas páginas seguintes é suficientemente conhecida na América Latina para dispensar longa apresentação. Tudo parece ter começado com a reunião de representantes dos Episcopados Latino-Americanos, que se deu em Medellin (Colômbia) no segundo semestre de 1968. Tratava-se de incentivar e coordenar a renovação pós-conciliar da América Latina, repercutindo os temas do Concílio Vaticano II e adaptando-os às condições peculiares destes países cristãos. Sem muita previsão daquilo que iria acontecer, a tônica dos textos elaborados foi posta sobre a libertação integral dos povos do continente, tudo quanto era empecilho para seu desabrochar humano e cristão . . . A conscientização processou-se em certos meios com notável fervor e desenvolveu o tema. Desde então a palavra Libertação obteve grande sucesso. A partir dos vários documentos de CELAM (Medellin, 1968), assim como das experiências de comunidades de base em várias regiões, os elementos mais dinâmicos do cristianismo latino-americano esboçaram o que vem a se chamar 'Teologia da Libertação', ou 'Teologias da Libertação', para quem percebeu as variantes entre diversas correntes." – Pág. 9.

Líderes da Teologia da Libertação

Os pregadores destas idéias, embora não sejam muitos em número, fazem um grande trabalho por serem muito combativos.

Em sua maioria são sacerdotes e sociólogos católicos-romanos, tais como Juan Luis Segundo, do Uruguai; Gustavo Gutierrez, do Peru; Camilo Torres, da Colômbia; Paulo Freire, D. Hélder Câmara e Hugo Assmann, do Brasil; e José Porfírio Miranda, do México.

Os cinco mais influentes líderes protestantes deste movimento são: José Bonino, da Argentina; Fals-Borda, da Colômbia; Emílio Castro, do Uruguai; Rubem Alves e Richard Shaull, do Brasil. Shaull, missionário presbiteriano no Brasil, hoje se encontra no Seminário de Princeton.

Ensinos dos Teólogos da Libertação

I. A Teologia da Libertação e o Socialismo ou Comunismo.

Os teólogos da libertação estão convencidos de que o socialismo é a pré-condição necessária para a construção de uma sociedade justa e humana.

A defesa de Bonino, de idéias extremadas, nos causa estupefação. Proclama a necessidade do diálogo com os comunistas como a única solução viável para os problemas sociais da América Latina. Atente bem para esta declaração:

"A inclinação comum da solidariedade humana os une (isto é, cristãos e marxistas) em sua oposição à desumana e opressiva organização da sociedade e vida humana." – *Christian and Marxists*, José Miguez Bonino, pág. 119.

Como bem declarou William R. Le Roy: "A falácia e a hipocrisia da declaração acima pode ser facilmente percebida por qualquer cristão com discernimento."

Os sacerdotes reunidos em Itaici, no dia 3 de fevereiro de 1981, no Encontro Regional de Fé e Política, ouviram um de seus membros falar longamente sobre os caminhos que levaram sua igreja a afastar-se de vários aspectos do capitalismo até rejeitá-lo totalmente, fazendo clara opção pelo socialismo.

Tão penetrante é este ensino em todo o mundo, que violência e guerrilha estão sendo apoiadas e propagadas por clérigos, estudantes e leigos dentro da igreja.

Alguém poderá pensar: Isto é exagero de quem está redigindo, mas não o é, prezado leitor, pois, basta ler jornais e revistas e ouvir os informativos para nos conscientizarmos desta realidade.

Jarbas Passarinho, então presidente do Senado, com seu descortino político, em artigo inserto na Folha de S. Paulo, do dia 23/06/1981 com o título "O Pecado Venial de Pedro", numa linguagem franca tornou esta realidade bastante convincente. Em entrevista a este mesmo jornal, em 30 de agosto de 1981, declarou entre outras coisas o seguinte:

"Várias Comunidades Eclesiais de Base, estimuladas por uma parcela da Igreja progressista que fez uma opção pelo socialismo, estão tentando invadir terras em áreas conflituosas do País e com isso criando um estado de espírito que pode resultar num banho de sangue."

Segundo o senador, ao optar pela luta ao lado dos pobres, a Igreja se deixaria envolver pela doutrina marxista. Para ele a ação pastoral operária, de um lado, e a ação pastoral da terra, de outro, mostram hoje nitidamente a existência de um autêntico partido socialista dentro do Brasil. Ele segue afirmando que mesmo depois do Concílio Vaticano II não se dizia que o capitalismo era intrinsecamente mau, porque o socialismo daquela ocasião era interpretado como o socialismo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e seus satélites, era mau porque era tirânico, enquanto o capitalismo poderia proporcionar a democracia. Agora depois de Medellin e de Puebla as coisas mudam bastante e uma parcela ponderável da Igreja progressista fez uma opção pelo pobres ou pelo socialismo.

Em notável discurso no Senado, no dia 9/9/81, o então senador Jarbas Passarinho voltou a insistir em suas denúncias anteriores, declarando mais: "Quando algumas Comunidades Eclesiais de Base incitam à invasão de propriedades privadas, praticam

a luta de classes ... e ensejam um conflito sangrento potencial de extrema gravidade, fazem-me temer pelo futuro."

A invasão de terras a que estamos assistindo, nestes dias, com o apoio ostensivo de uma parcela da Igreja e com a influência marcante dos comunistas nos deixa preocupados, porque prevemos que seu desenlace não será muito alvissareiro.

A Igreja deveria impedir com toda a tenacidade, que essa falsa doutrina conhecida como Teologia da Libertação serva de instrumento da revolução marxista. Pastores protestantes, padres e bispos estão tentando usar a Palavra de Deus para conseguir uma nova sociedade, um novo sistema social, um "Reino de Deus" precedido pela revolução comunista. A Igreja católica até já foi cognominada por um líder do governo (Júlio Martins) de Igreja vermelha, porque tentou implantar no Brasil o absurdo de uma aliança entre Cristo e Marx. A teologia da libertação nada mais é do que marxismo usando terminologia cristã. A Bíblia é torcida e reinterpretada para apoiar a revolução e a matança e também para poder destruir as estruturas sociais existentes. A origem desta doutrina foi Moscou.

A prova máxima da decisiva influência comunista nesta teologia, nós a temos no livro *Libertação da Teologia* de Juan Luis Segundo, pág. 17 e seguintes. Atente apenas para esta declaração:

"Tampouco o modo de conceber e formular os problemas da sociedade será o mesmo que foi antes de Marx. Aceite-se ou não tudo o que Marx disse, conceba-se desta ou daquela maneira seu pensamento social atual que não seja, numa ou noutra medida 'marxistas', quer dizer, profundamente devedor a Marx. Neste sentido, a teologia da libertação da América Latina é certamente marxista."

Ele declara seu temor, de que esta última frase seja citada fora do seu contexto, eu a estou citando porque creio que ela se encaixa muito bem no contexto do meu assunto.

II. Os Teólogos da Libertação e seu Envolvimento Político.

Neste subtópico muito poderíamos escrever sobre a distinção entre as coisas do estado e as coisas de Deus. Se é próprio ou não a igreja se envolver em questões políticas? A fim de não nos estendermos demais, limitar-nos-emos a transcrever um parágrafo da "Carta aos Irmãos" produzida no Encontro de Bispos em Itaici, nos dias 20 a 24 de abril de 1981:

"Uma outra maneira de fazer ação política é através dos partidos políticos. Não devemos ter medo de entrar na política, pois do contrário, seremos derrubados e enganados pelos politiquinhos espertos e gananciosos. Jesus disse que a gente deve ser simples como a pomba e esperto como a serpente. Por isso devemos discutir entre nós os programas e a prática dos partidos políticos, descobrir quais os interesses que eles defendem, qual a mudança de sociedade que eles propõem. Tudo isto devemos fazer com muita seriedade, para poder descobrir quem são os lobos que chegam até nós

vestidos de ovelhas, e quais são os partidos que realmente vêm do povo e defendem os interesses e os direitos do povo trabalhador."

III. A Teologia da Libertação e os Pobres.

O padre Segundo Galilea, em *Teologia da Libertação*, pág. 17, assim se expressou:

"Dizíamos que o original da teologia da libertação é que ela parte da realidade eclesial latino-americana. Por isso mesmo, seu enfoque é diferente do de outras teologias elaboradas na Europa e nos Estados Unidos.

"Estas escolas teológicas partem de contextos cristãos de opulência, de expansão cultural, a partir de mundos 'desenvolvidos'. Sua preocupação básica é a secularização, a perda de fé num mundo científico e ilustrado. O interlocutor desta teologia é o 'não crente'.

"A teologia latino-americana da libertação é elaborada num contexto cristão de pobreza, de dependência, de subdesenvolvimento. Sua preocupação básica é a justiça, a libertação dos oprimidos. Seu interlocutor não é primariamente o não-crente (o povo latino-americano mantém uma forte religiosidade), mas sim o 'não-homem', aquele que a marginalização e a miséria mantêm numa situação subumana."

Este autor, no mesmo livro, na parte intitulada "A Dimensão Salvadora do Serviço ao Pobre, declara:

"É uma das questões mais significativas da teologia da libertação, que reflexiona a partir de um continente de pobres. A intuição fundamental é que no cristianismo o essencial é o sentido do pobre, uma opção pelos pobres, o serviço da libertação dos pobres. Isto constitui um critério decisivo para Jesus em ordem à salvação.

"Este tema é muito rico. Vou formulá-lo, em seus termos essenciais, no esquema de síntese a que me propus.

"Na vida cristã, o sentido do pobre é tão capital, que é inseparável do próprio sentido de Deus. Isto é ensinamento permanente dos profetas, para os quais o culto a Deus é vão sem justiça e o amor ao pobre, e a verdadeira conversão dá-se no serviço ao irmão, particularmente o oprimido e o necessitado (cf. Isa. 1:10-17; 58:6-7; etc.).

"Parece inútil insistir como na Nova Lei, o Evangelho de Jesus, este sentido do pobre, como encontro salvador com Deus, ficou reforçado e foi levado a novas dimensões. São bem-aventurados (Luc. 6:20); a eles dirige-se principalmente a Boa Nova (Luc. 4:18; 7:22). Há uma presença privilegiada do Senhor nos pobres, nos sofredores e nos oprimidos: 'Em verdade eu vos digo: Todas as vezes que fizestes isto (dar de beber, comer, visitar o enfermo e o preso, vestir o despido, etc.) a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes' (Mat. 25:40).

"Nesta mesma parábola do juízo final, o serviço libertador (ainda material) do pobre é o caminho da salvação, e a falta de sentido do pobre, como irmão necessitado, o caminho da perdição (cf. Mat. 25:31 ...).

"Para Jesus o cumprimento da lei da salvação se resume no amor a Deus e no amor ao irmão (cf. Mat. 22:37-40) e este amor ao irmão, em seu ensinamento, verifica-se na misericórdia com o irmão necessitado, o pobre." – Págs. 50-51.

A teologia da libertação coloca muita ênfase na chamada "Igreja dos Pobres"; isto é, "Igreja com e a partir dos pobres. Ensinam que os pobres são os recipientes privilegiados do Evangelho. Esta afirmativa destoa com os ensinamentos bíblicos, como a declaração de que Deus não faz acepção de pessoas. O relato bíblico nos informa que não apenas os humildes pastores celebraram o nascimento de Cristo, mas também os sábios e ricos com seus dispendiosos presentes. As páginas sagradas estão repletas de exemplos de ricos que levaram vidas coerentes com os ensinamentos divinos. Deus chama iletrados e cultos para o seu ministério como nos atestam as escolhas de Pedro e Paulo.

Sendo a situação dos pobres precária em várias partes do mundo, como sentimos na América Latina, não será o papel da Igreja combater esta situação para que haja mais igualdade entre os seres humanos?

Sim, a preocupação com o pobre é de origem divina, mas o transformá-lo em guerrilheiro para promovê-lo na sociedade é contrário aos ensinamentos bíblicos. Jamais olvidemos que a missão precípua da igreja é espiritual. Jesus tornou isto bem claro ao afirmar: "o meu reino não é deste mundo".

IV. Seu Conceito de Pecado.

Pecado de acordo com a teologia é a transgressão da lei de Deus, mas a teologia da libertação crê ou defende que a opressão dos ricos sobre os pobres é pecado, isto é, uma ofensa a Deus. O Padre Clodovis Boff na *Revista Eclesiástica Brasileira* Nº 37, dezembro de 1977 enfocou este mesmo tema com o substancioso artigo – "O Pecado Social".

"O ponto de referência para a conversão já não é mais o coração pecador que está em rebeldia contra um Deus santo; mas agora o ponto focal para a conversão refere-se àquilo que é externo, como as estruturas sociais. Concluimos que para eles pecado é sinônimo de opressão social e injustiça de qualquer espécie, logo a libertação do pecado só é possível pela derrota daquelas estruturas sociais opressivas."

Notem bem a declaração de Hubert Lepargneur, no livro *Teologia da Libertação*, pág. 10: "O pecado que mobiliza as mais sonoras denúncias não é mais o pecado pessoal do fiel, mas o pecado coletivo das estruturas ou o pecado anônimo dos poderes nacionais, estrangeiros ou 'internacionais', que corrompem a ordem social por egoísmo e ganância, sede de poder e imperialismo."

Como igreja cremos que há injustiças sociais, e que os cristãos têm uma responsabilidade social (Mateus 22:39), mas não podemos aceitar os métodos de conseguirem justiça social defendidos por seus líderes, como já vimos anteriormente. Nossa posição como igreja diante da Teologia da Libertação está bem expressa no artigo "Reforma ou Redenção" do Pastor Enoch de Oliveira, publicado na *Revista Adventista*, dezembro de 1983, págs. 11 a 13.

Conclusão

O desejo de que houvesse em nosso mundo justiça social com extermínio da miséria é louvável, mas a maneira apresentada para atingir esse desiderato pelos Teólogos da Libertação é errada, porque se opõe aos princípios do Evangelho ensinados por Cristo.

Nada mais oportuno do que concluir com um parágrafo da *Declaração Sobre a Teologia da Libertação* do 10º Congresso Mundial de Igrejas Cristãs:

"Portanto, nós declaramos que a 'teologia da libertação', como defendida e ensinada hoje sob a análise marxista, embora vestida de terminologia religiosa, é *satânica* em sua origem; *política* em seu propósito; *horizontal* em seus interesses; *decepcionante* em suas promessas; *desumana* e opressiva em sua ética social; *tirânica* em sua natureza; *destrutiva* em seu conceito de liberdade e de direitos humanos; *anti-sobrenatural* em suas pressuposições religiosas; *antropocêntrica*, porque salienta a capacidade do homem para emancipar-se, e assim nega a depravação total; *Antibíblica* no seu esforço para unir ou sintetizar dois sistemas de crença radicalmente opostos (o natural versus o sobrenatural), *antisocial* na sua filosofia, pois escraviza o homem e aumenta seus problemas sociais; e, *desesperada* em sua mensagem, pois abandona o homem nos seus pecados, no seu estado de rebelião e de egoísmo ignora a Cruz e o Sangue de Cristo, e destina o homem ao inferno e à separação do amor de Deus. . . ." – Relator: William R. Le Roy.

Nota

Para a apresentação deste trabalho consultei muitos livros, revistas populares e religiosas, como a *Revista Eclesiástica Brasileira*; e vários artigos de jornais. Dentre os livros destacam-se como mais significativos os seguintes: *Libertação da Teologia* de Juan Luis Segundo; *Teologia da Libertação* de Segundo Galilea; *Frontiers of Theology in Latin America*, editado por Rosino Gibellini; *Teologia da Libertação* de Hubert Lepargneur; *Teologia do Político e Suas Mediações* de Clodovis Boff; *Da Libertação* de Leonardo Boff e Clodovis Boff.

BIBLIOGRAFIA

- Alford Henry. *Alford's Greek Testament*. Grand Rapids, Guardian Press, 1976.
- An Exegetical and Critical Commentary*, 6 volumes. Grand Rapids, Michigan: Guardian Press, 1976.
- Almeida, Antônio de. *Manual de Hermenêutica Sagrada*. S. Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1957.
- Almeida. João Ferreira de. *A Bíblia Sagrada*. Edição Revista e Corrigida e Edição Revista e Atualizada na Brasil. Rio de Janeiro. 1962, 1963.
- Angus. Joseph. *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1971.
- Arndt. William and Gingrich F. W. *A Greek English Lexicon on The New Testament*. 4ª Edição. London: The University of Chicago Press, 1952.
- Assmann, Hugo. *Teologia desde la Praxis de la Libertación*. 2ª Edição. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1976.
- Barbosa, Rui. *O Papa e o Concílio*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Livraria Almenara Editora, Sem data.
- Barclay, William. *El Nuevo Testamento Comentado*. Buenos Aires. Editorial La Aurora, 1973.
- _____ *New Testament Words*. London: SCM Press, 1964.
- _____ *The Letters to the Corinthians*. Philadelphia: The Westminster Press, 1964.
- Barrett, C. K. *The Gospel According to St. John*. London: William Clowes and Sons, 1958.
- Berkhof, Louis. *Princípios de Interpretação Bíblica*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1965.
- Berkouwer, G. C. *Divine Election*. Grand Rapids, Michigan: WWB Eerdmans Publishing Company, 1960.
- Berrara, J. H. *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel of St. John*.
- Bíblias. Além da Almeida já citada foram usadas as seguintes traduções: *Bíblia de Jerusalém*, *Tradução de Matos Soares*, *Moffatt*, *Figueiredo*, *King James Version*, *New English Bible*, *O Novo Testamento Vivo*, *O Novo Testamento na Linguagem de Hoje*, *Tradução do Novo Mundo* e outras.
- Blass, F. and Debrunner. *A Greek Grammar of the New Testament*. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.
- Boff, Clodovis. *Teologia do Político e Suas Mediações*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda. 1978.
- Boff. Leonardo e Clodovis Boff. *Da Libertação*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda. 1979.
- Broadus, J. A. *Comentário Expositivo Sobre El Nuevo Testamento*. El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1966.
- Bruce, F. F. *Answers to Questions*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House.

- Bullinger, E. W, *A Critical Lexicon and Concordance*. 9ª Edição. Londres. Samuel Baster and Sons Limited, 1859.
- Champlin, Norman Russell. *O Novo Testamento Interpretado*, 6 volumes. Guaratinguetá, São Paulo: Sem data.
- Christianini, Arnaldo B. *Radiografia da Jeovismo*. 2ª Edição. Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1975.
- Clarke, Adam. *New Testament of Our Lord and Savior Jesus Christ. With Commentary and Critical Notes*. New York: Published by Lane and Scott, 1955.
- Consultoria Doutrinária*. Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1979.
- Dana, H. E. and Mantey, Julius R. *A Manual Grammar of the Greek New Testament*. 3ª Edição. New York: The Macmillan Company, 1968.
- Davis, John D. *Dicionário da Bíblia*. Rio de Janeiro. Casa Publicadora Batista, 1977.
- Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda., 1971.
- Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 4 volumes. São Paulo, Brasil. Edições Vida Nova.
- Erdman, Charles R. *Primeira Epistola de Paulo aos Coríntios*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1958.
- Fausset, A. R. e Brown David. *Comentário Exegético y Explicativo de la Bíblia*. Casa Bautista de Publicaciones.
- Galilea, Segundo. *Teologia da Libertação*. São Paulo. Edições Paulinas, 1978.
- Gibellini, Rosino. *Frontiers of Theology in Latin America*. Marynoll, New York: Orbis Books, 1979.
- Gromacki, Robert Glenn. *Movimento Moderno de Línguas*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista 1972.
- Hasse, Elemer. *Luz Sobre o Fenômeno Pentecostal*. São Bernardo do Campo, S. Paulo: Imprensa Metodista.
- Hendriksen, William. *New Testament Commentary*. 6ª Edição. Grand Rapids 6, Michigan: Baker Book House, 1975.
- Kittel Gerhard. *Theological Dictionary of the New Testament*. 8 volumes. Grand Rapids, Michigan, 1968.
- Lalli, Sabatini. *O Logos Eterno*. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1960.
- LaRondelle, Hans K, *Doutrina da Salvação*. Brasília 1982.
- Lenski, R. C. H. *The Interpretation of Sr. John's Gospel. The Interpretation of St. Mathew's Gospel*. Mineápolis, Minnesota: Augsburg Publishing House, 1961,
- Lepargneur, Hubert. *Teologia da Libertação*. São Paulo: Editora Convívio, 1979.
- Lewis, Morris D. *An Interpretation of the Wrath of God*, do livro *Essays in Honor of Edward Heppenstall – The Stature of Christ*. Lama Linda, California. Privately Printed and Published, 1970.

- Martin, Valter R. *The Truth About Seventh Day Adventism*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House.
- Metzger, M. Bruce. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, London, New York: United Bible Societies.
- _____. *The Jehovah Witnesses and Jesus Christ*.
- _____. *The Test of the New Testament*. New York and Oxford: Oxford University Press, 1968.
- Ministério Adventista, O (Revista). Vários números. Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira.
- Moule, C. F. D. *And Idiom – Book of New Testament Greek*. Cambridge: The University Press, 1968.
- Moulton and Milligan. *The Vocabulary of the Greek Testament*. Grand Rapids, Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1976.
- Nogueira, Júlio. *A Linguagem Usual e a Composição*. 9ª Edição. São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1956.
- Novo Comentário da Bíblia, O*. Editado em português pelo Reverendo Dr. Russell P. Shedd. São Paulo: Edições Vida Nova, 1963.
- Novo Dicionário da Bíblia, O*. Junta Editorial Cristã. Editor em português R. P. Shedd. Edições Vida Nova, 1966.
- Parecer da Comissão dos Treze. *A Doutrina da Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1963.
- Pereira, Eduardo Carlos. *O Problema Religioso da América Latina*. São Paulo: Livraria Independente Editora, Sem data.
- Pictorial Encyclopedia of the Bible*. 5 volumes. The Zondervan. Grand Rapids, Michigan, 1977.
- Problems in Bible Translation*, The. Washington, D. C. Review and Herald.
- Questions on Doctrine*. Washington, D. C. Review and Herald.
- Ryle, J. C. *Comentário do Evangelho Segundo S. Mateus, Marcos, Lucas e João*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1957.
- Segundo, Juan Luis. *Libertação da Teologia*. São Paulo: Edições Loyola, 1978.
- Septuaginta*. London: Samuel Bagster and Sons Limited. Sem data.
- Seventh-day Adventist Bible Commentary*. Washington, D. C. Review and Herald Publishing Association, 1953.
- Symposium on Biblical Hermeneutics*. Washington, D. C. General Conference of Seventy-day Adventists, 1974.
- Taylor, W. C. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento Grego*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista.
- The Analytical Greek Lexicon*. New York. Harper and Brothers Publishers. Sem data.
- The Interpreter's Bible*. A Commentary in Twelve Volumes. New York: Abingdon Press, 1962.
- The Interpreter's Dictionary of the Bible*. 4 volumes. New York: Abingdon Press, 1962.

- Trench, Richard Chemevix. *Synonyms of the New Testament*. Grand Rapids, Michigan: WM. 8. Eerdmans Publishing Company, 1969.
- Vick Edward W. H. *Let me Assure You*. Mountain View California: Pacific Press Publishing Association, 1968.
- Vincent, Marvin R. *Word Studies in the New Testament*. 4 volumes. Grand Rapids, Michigan: WM. 8. Eerdmans Publishing, 1957.
- Vine, W. E. *An Expository Dictionary of the New Testament Words*. London: Oliphants Ltd. 22ª Edição, 1975.
- White, Ellen G. *Evangelismo, Mensagens Seletas, O Desejado de Todas as Nações, Parábolas de Jesus, Patriarcas e Profetas, Primeiros Escritos, Profetas e Reis, Testemunhos Seletos*, vol. I, II, III, etc.
- Wilcox, M. C. *Questions and Answers*. Mountain View, California: Pacific Press Publishing Association, 1919.
- Wuest, Kenneth S. *Jóias do Novo Testamento Grego*. Imprensa Batista Regular.

Pedro Apolinário

O PROBLEMA DA DOR E DO SOFRIMENTO HUMANO

As seguintes perguntas nos devem levar à reflexão e a preparar o espírito para melhor compreensão deste tema.

- a) É a dor um bem ou um mal?
- b) Por que pessoas boas sofrem grandes males, enquanto maus e perversos, muitas vezes, estão livres de infortúnios?
- c) O que nos ensina uma melhor lição: a dor, o sofrimento; ou a segurança, a prosperidade?
- d) Por que Salomão diz em Ecles. 7:2 que é melhor ir à casa onde há morte, tristeza do que à casa onde há festa, alegria?
- e) Se Deus é amor e bondade por que permite Ele o sofrimento em nosso mundo?
- f) Sabemos dar uma resposta bíblica satisfatória para o problema da dor e do sofrimento?

Pregação é uma mensagem divina para uma necessidade humana. Creio sinceramente que há grande necessidade de compreender bem o problema da dor e do sofrimento entre nós.

Existem pelo menos quatro idéias apresentando razões para o sofrimento:

- 1ª) É a Vontade de Deus.
- 2ª) A pessoa está recebendo o castigo, por causa do seu pecado.
- 3ª) Sofremos porque Deus nos está disciplinando.
- 4ª) O sofrimento é causado por Satanás e pelo desobediência ou ignorância do homem.

Estas quatro explicações são apresentadas na Bíblia, especificamente no livro de Jó, mas três são respostas humanas, portanto erradas, enquanto a quarta é de origem divina, logo correta.

Queremos estudá-las para que todos tenhamos boa compreensão deste problema que nos preocupa e a todos atinge.

A finalidade do livro de Jó é apresentar uma solução correta para o problema da dor e do sofrimento.

É a dor um bem ou um mal?

Dor é advertência do perigo, dor é a guarda da vida.

Zenão, filósofo grego, do III século AC. foi o criador do estoicismo. O estoicismo é a doutrina que vê no sofrimento um benefício para o homem. O lema da escola era: Dor tu és uma bênção para nós. Os estóicos sofrem sem se queixarem.

1ª) É a vontade de Deus

Muitos afirmam que as tragédias e os dissabores da vida manifestam a vontade divina.

O poeta Magalhães Muniz expressa esta mesma idéia nestes dois versos:

O sofrimento é lâmpada sagrada,
Que a mão de Deus acende em nossa vida.

Esta é a idéia dos muçulmanos. Devem aceitar o sofrimento como a vontade de Deus. Islamismo significa submissão à vontade divina.

Esta afirmação é totalmente antibíblica.

Poderá Deus desejar que seres humanos criados à sua imagem sofram enfermidades e desgraças?

O próprio Jó, a exemplo de tantos hoje, pela estreiteza da mente era incapaz de compreender os planos divinos.

Jó 30:6 – "Sabei agora que Deus é que me oprimiu."

Jó 30:11 – "Porque Deus afrouxou a corda do meu arco, e me oprimiu..."

Jó 30:19 – "Deus, tu me lançaste na lama..."

Este raciocínio é humano, mais do que humano é diabólico, jamais endossado na Bíblia.

Deus não foi o causador do sofrimento de Jó – foi Satanás com o objetivo de que o paciente Jó visse a Deus, como um tirano e dele se afastasse.

Não tem ele conseguido este objetivo com muitas pessoas em nosso mundo?

Certo professor numa grande Universidade nos Estados Unidos foi atropelado por um carro, que o atirou ao chão, fraturando-lhe a perna. Depois de restabelecido ao assistir a um serviço religioso disse: "Não creio mais num Deus pessoal. Se houvesse Deus, Ele me teria advertido para eu tomar cuidado com o perigo do carro que se aproximava e me teria salvo dessa desgraça."

2ª) Com o sofrimento Deus está castigando a pessoa.

O livro de Jó nos parece contraditório, conflitante em algumas de suas afirmações. Fique bem claro que Deus não está aprovando afirmações de Jó e muito menos os conceitos errados dos seus amigos.

Os três amigos de Jó – Elifaz, Bildade e Zofar argumentavam que Deus o estava castigando por causa dos seus pecados.

Elifaz declara em Jó 4:7 – "Lembra-te: acaso já pereceu algum inocente? E onde foram os retos destruídos?"

No capítulo 5, verso 6 ele é mais enfático – "Porque a aflição não vem do pó, e não é da terra que brota o enfado."

Bildade com suas catilinárias – Jó 8: 4, 10-13 prossegue afirmando que Deus o está castigando porque ele é um pecador.

Como afirmar isto se o próprio Deus havia declarado em Jó 1:1, 8 que ele era um homem íntegro, reto, temente a Deus e que se desviava do mal.

"Permitiu que a aflição sobreviesse a Jó, mas não o abandonou. . . . Deus sempre tem provado o Seu povo na fornalha da aflição. É no calor da fornalha que a escória se separa do verdadeiro ouro do caráter cristão." – *Patriarcas e Profetas* págs. 129.

No capítulo 11 Zofar acusa Jó de iniquidade.

Quem está certo? Deus ou os homens?

Raciocínios humanos não se devem opor aos ensinamentos divinos. Os amigos de Jó eram pessoas boas e sinceras, mas com noções erradas a respeito do caráter de Deus.

Se passarmos ao Novo Testamento veremos que os discípulos também pensavam da mesma maneira. Encontrando o cego de nascimento perguntaram a Jesus: "Quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? A resposta de Cristo é enfática e elucidativa: "Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus". João 9:1-3.

Calamidades e desastres não significam castigo por pecados pessoais. Bons e maus se acham juntos na Terra e as tragédias sobrevêm a uns e a outros.

Como harmonizar esta declaração com as afirmativas bíblicas de que Deus cuida de seus filhos, que os anjos são seres ministradores enviados a nosso favor?

Após a triste tragédia que atingiu o Pastor José Monteiro, o Pastor _Enoch de Oliveira faz mais ou menos a seguinte declaração perante a Mesa Administrativa do IAE: "Está havendo poucos desastres diante da maneira ousada e imprudente de nossos pastores dirigirem seus automóveis".

Deus não vai intervir quando nós infringimos as leis do trânsito. Ele não vai operar um milagre, quando alguém cansado e vencido pelo sono, continua dirigindo o seu carro como muitos têm feito e como eu também já fiz. Da mesma maneira que Ele não pode intervir, ajudar-nos ao sermos desrespeitadores das leis da saúde, transgressores de leis criadas por Ele. Mas quantas vezes o povo de Deus não tem sido livrado da morte e dos sofrimentos que Satanás provoca como mundo.

Três vezes Cristo faz referências a Satanás como Príncipe deste mundo: João 12:31; 14:30; 16:11.

3ª) Sofremos porque Deus nos está disciplinando.

Não está esta idéia bastante arraigada em nosso meio?

O quarto acusador de Jó, o jovem Eliú parece ser o pai deste argumento. Isto está bem confirmado no capítulo 33:19 e 29. Há muitos Eliús em nossos dias, bem intencionados, mas totalmente equivocados quanto ao modo de Deus agir com o homem.

Muitos admitem que Deus em Sua infinita sabedoria e bondade submete o homem a uma tortura cruel para purificá-lo.

Alguém afirmou: "O sofrimento é a escada da purificação".

Em um Estudo Bíblico estampada na Revista Adventista do mês de Abril de 1952 pág. 11, há esta afirmação: "Deus nos purifica mediante a aflição. Isa. 48:10; Jó 23:10."

Se fosse assim não deveríamos abrandar o sofrimento, porque seria contrário aos planos divinos. Sabemos que é uma obra divina o aliviar a dor. Se a perfeição fosse adquirida pelo sofrimento teríamos a salvação pelas obras. As penitências teriam a aprovação divina. A salvação só é obtida pela graça de Cristo mediante a influência do Espírito Santo no coração.

Note bem: Se Deus usasse a dor, o sofrimento para nossa disciplina haveria uma incoerência com a teologia bíblica que ensina algo diferente. I Cor. 3:16-17. Ainda mais o apóstolo João, em sua terceira carta, verso 2 declara: "Desejo que tenhas saúde".

Há uma íntima relação entre a saúde do corpo e da alma. A condição física afeta a condição da alma, portanto o sofrimento não pode purificar a alma. Lendo o livro *Temperança*, especialmente, o capítulo Fumo, notaremos a nítida relação entre a saúde do corpo e da alma.

Mas não diz a Bíblia que Deus corrige, admoesta, disciplina os seus filhos?

Apoc. 3:19 – "Eu repreendo e castigo a quantos amo."

Heb. 12:6 – "Porque o Senhor corrige a quem ama, e açoita todo filho a quem recebe."

Sempre que Deus tomou medidas disciplinares com os homens, quando a sua maldade era extrema como no Dilúvio e em Sodoma e Gomorra, antes de fazê-lo enviou mensageiros apelando para que as pessoas se arrependessem. Já o fez e o fará novamente no futuro, mas Isaías 28:21 nos diz que esta obra é uma obra estranha à personalidade divina.

Alguém estará raciocinando assim: "Se as idéias dos amigos de Jó estão relatadas na Bíblia, então elas são certas."

A resposta a esta afirmação está em Jó 42:7 e 8. Deus repreendeu os amigos de Jó por havê-lo acusado injustamente, por haverem atribuído o sofrimento do patriarca à ira divina.

Através de perguntas que levassem Jó a raciocinar corretamente Deus o convence que tanto ele, quanto seus amigos, não compreendiam corretamente o trato de Deus com o homem. Nos capítulos 38 e 39 encontramos mais de 40 destas perguntas. Estas interrogações, em última análise, visavam mostrar a Jó e a nós que Deus é o Criador e Mantenedor de tudo.

Jó havia lutado com um crocodilo e o havia vencido e domesticado. Jó 41:8. Se Deus se deleitava em cuidar de um animal perigoso e para nós até repulsivo como o crocodilo, quanto mais não cuidaria do homem criado à Sua imagem e semelhança? Deus não se esquecera de Jó, sofrera com ele. Como pois afirmar que Ele era o autor do castigo?

Estará Deus alheio, indiferente às nossas dores e sofrimentos? A Bíblia está repleta de afirmações que mostram a identificação divina com os que sofrem. Os exemplos são muitos, mas estes três são bastante enfáticos:

1º) Salmo 9:9 – "O Senhor é também alto refúgio para o oprimido, refúgio nas horas de tribulação.

2º) Salmo 41:3. O Senhor nos assiste no leito da enfermidade.

3º) II Cor. 1:4. É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação.

4ª) Qual a explicação bíblica, divina para a dor e a sofrimento?

A dor surgiu como consequência de um desvio das ordens divinas da parte dos nossos primeiros pais.

Prov. 26:2 última parte afirma: "Assim a maldição sem causa não se cumpre."

A dor e sofrimento não podiam ser criados por Deus, pois são intrusos na criação divina. O culpado por estes males em nosso mundo é Satanás, e o homem que desobedeceu à ordem divina que preceituava – "mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais."

Deus dotando o homem do livre arbítrio, da liberdade, responsabilizou-o pelos seus atos. Apesar de avisado o homem contrariou os desígnios divinos.

Como alguém escreveu muito judiciosamente:

Deus fez o bem – o homem escolheu o mal.

Deus fez o homem justo, o homem procurou a impiedade.

Deus o fez feliz – ele procurou a desgraça e a miséria.

Em essência as Escrituras nos relatam o seguinte:

1º) O homem foi criado perfeito e colocado por Deus num mundo ideal.

A criação original é descrita como muito boa (Gên. 1:31), harmoniosa e ordenada, isenta de sofrimento.

2º) A condição de felicidade era obediência à vontade divina.

3º) Desobedecendo à lei divina o homem acarretou sobre si: sofrimento, miséria e morte.

"A história de Jó mostrara que o sofrimento é infligido por Satanás, mas Deus predomina sobre ele, para fins misericordiosos." – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 471.

A sentença divina foi bem explícita – "Com dor terás filhos. Maldita é a terra por causa de ti, com dor comerás dela todos os dias da tua vida."

A dor apareceu devido à desobediência dos nossos primeiros pais.

O poeta patricio Francisco Otaviano tornou clara a realidade de que todo o ser humano deve sofrer, pois em sua poesia *Ilusão da Vida* disse:

Quem passou pela vida em branca nuvem,
e em plácido repouso adormeceu;
quem não sentiu o frio da desgraça;
quem passou pela vida e não sofreu,
foi espectro de homem, não foi homem;
só passou ela vida, não viveu.

Annie Johnson Flint escreveu um lindo poema que diz:

Deus não prometeu céus sempre azuis,
veredas semeadas de flores por toda a vida;
não prometeu sol sem chuva,
nem alegrias sem tristeza ou paz sem dor;
mas Deus prometeu forças para o dia,
luz para o caminho, graças para as tribulações,
auxílio de cima, compaixão inalterável e imorredouro amor.

O profeta Daniel, não foi guardado de ir para a cova dos leões; porém o anjo do Senhor esteve, com ele ali.

José era justo, mas foi da mesma maneira para a prisão. As Escrituras dizem: "O Senhor, porém estava com José". Gên. 39:21.

Se tivermos de enfrentar dores e tribulações devemos estar confiantes que o Senhor estará conosco.

Heb. 13:6 – "Assim, afirmemos confiantemente: O Senhor é meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?"

Deus tolera o sofrimento e pode ser até que por meio de aflições, dores e tribulações esteja nos ensinando algumas lições, que de outro modo não aprenderíamos, mas jamais olvidemos que em todas nossas angústias Ele é angustiado. Isa. 63:9.

"Paulo tinha um sofrimento corporal, tinha má vista. Pensava ele que por meio da oração fervorosa a dificuldade fosse removida. Mas o Senhor tinha o Seu próprio propósito, e disse a Paulo: Não fales mais deste assunto. Minha graça é suficiente. Eu te capacitarei para suportares a enfermidade". – Comentários de E. G. White, SDABC, Vol. VI, p. 1117.

O sofrimento corporal foi permitido para que ele não se exaltasse. II Cor. 12:7.

Foi João Batista o culpado pelo seu sofrimento da prisão, pelo desfecho trágico de sua existência? Por que Deus permitiu que isto acontecesse é quase inexplicável por argumentos humanos.

Há algumas passagens na Bíblia que não podemos compreender muito bem.

- Salmos 116:15 – "Preciosa é aos olhos do Senhor a morte dos seus santos."
- Isa. 57:1 – "... pois o justo é levado antes que venha o mal."

O que nos ensina uma melhor lição: o sofrimento, o luto ou segurança e a prosperidade?

Há uma resposta na Bíblia para esta indagação.

Ela se encontra em Eclesiastes 7:2 e 3 – "Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete, pois naquela se vê o fim de todos os homens; e os vivos que o tomem em consideração. Melhor é a mágoa do que o riso, porque com a tristeza do rosto se faz melhor o coração."

Segundo a Bíblia os discípulos de Cristo recebem de Deus a força para suportar os sofrimentos, mas em nenhum lugar ensina um comportamento estóico.

A obra de Cristo consiste em livrar o homem do sofrimento, da corrupção e da morte (Rom. 8:21; I Cor. 15:26), bem como do pecado (Mat. 1:21).

Qual deve ser a nossa atitude para com a dor e sofrimento?

A resposta se encontra em I Pedro 4:16, 19.

Devemos aceitar a dor e o sofrimento com espírito cristão. Eles nos devem levar a confiar mais em Deus.

As aflições aceitas com espírito cristão suavizam as asperezas da vida, controlam as ambições humanas, removem o egoísmo e o orgulho.

Os sofrimentos nos ensinam a paciência e enriquecem a nossa experiência.

Goethe escreveu: "Se tua dor te incomoda faz dela um poema".

É interessante notar que muitas das mais belas páginas literárias, dos mais belos e sublimes hinos, das mais eloqüentes composições musicais foram inspirados em momentos de profunda tristeza. Foi a dor diante da morte do filho que levou Fagundes Varela a nos brindar com o *Cântico no Calvário*, uma das mais sublimes páginas da literatura brasileira.

Beethoven, Mozart e Haendel acometidos por cruéis sofrimentos compuseram músicas de imorredoura beleza.

Conclusão

Diante da dor e do sofrimento – os estóicos suportam, os epicuristas procuram o prazer como compensação; os budistas e os hindus, sem esperanças se retiram desiludidos; os maometanos se submetem, pois crêem ser a vontade de Deus. Mas nós firmados na palavra do Senhor os colocamos em seu devido lugar, e até podemos nos alegrar porque eles nos aproximam mais de Deus.

Graças a Deus pela declaração de *O Grande Conflito*, pág. 676:

"A dor não pode existir na atmosfera do Céu. Ali não mais haverá lágrimas, cortejos fúnebres, manifestações de pesar. 'Não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, ... porque já as primeiras coisas são passadas.' Apoc. 21:4. 'E morador nenhum dirá: Enfermo estou; porque o povo que habitar nela será absolvido da sua iniquidade.' Isa. 33:24."

Se no início da Bíblia há o relato da entrada da dor e do sofrimento, no seu final há promessas de um novo céu e uma Nova Terra, onde tudo isto estará no passado.

Demos Graças a Deus pela orientação segura da sua Palavra, porque esperamos uma Terra onde poderemos viver felizes, sem temor, decepções e sofrimentos.

Pedro Apolinário

Análise – Textos Bíblicos de Difícil Interpretação, vol. I, pp. 78-85.

O ESTUDO DE TRÊS PALAVRAS SAGRADAS

As três palavras são de origem hebraica e muito significativas porque são dirigidas a Deus – **Selá**, **Aleluia** e **Amém**.

Elas quase sempre se encontram transliteradas e não traduzidas, isto é, mantidas com a mesma pronúncia que têm no original. Elas serão estudadas na sua etimologia e em seu sentido atual.

1ª) Selá

Em breve esta palavra tornar-se-á desconhecida pelas novas gerações, levando-se em consideração, que a nossa Sociedade Bíblica já decidiu que não deverá aparecer mais em novas publicações da Bíblia.

Até hoje sua etimologia, mas especialmente seu real significado são incertos para os estudiosos. Os comentaristas apresentam as seguintes sugestões para o seu significado:

- a) Um sinal litúrgico (salal = elevar), talvez para que fossem elevadas a voz ou as mãos em atitude de oração.
- b) Deriva-se de uma raiz aramaica – sl = prostrar-se. Seria um sinal indicativo para que nesse ponto o adorador se prostrasse.
- c) Uma orientação musical dada aos cantores ou à orquestra para "elevar", isto é, cantar ou tocar mais forte, ou um acompanhamento mais alto. Esta explicação é a mais generalizada e mais aceita por todos.
- d) O original hebraico **selah** significa "descanso de um suspender ou erguer", podendo significar o suspender de uma balança para pesar.

- e) Na Septuaginta, ou a tradução dos setenta, do hebraico para o grego, **selah** foi traduzida por diapsalma – **diapsalma**, que significa intervalo, interlúdio, mudança de tom.

O *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Editora Vozes afirma ao estudar esta palavra: "Duvida-se, porém, se os próprios tradutores da versão dos LXX conhecessem bem o sentido de selah".

- f) Em outras traduções gregas como a de Áquila, **selah** foi traduzida por    – **aéi**, sempre; enquanto Teodocião traduz por      – **eís télos** = no fim; parecendo indicar uma bênção litúrgica semelhante a Amém e Aleluia.
- g) **Selá** é uma pausa para que o nosso pensamento seja elevado a Deus. É um suspiro pausado de alegria, quando alguém que amamos chega inesperadamente a nossa frente ou a nossa casa. Seria uma espécie de interjeição de alegria ou satisfação.
- h) Sela é o expressar harmonioso de todas as fibras de um coração que ansiasse pelo auxílio de Deus e de repente sentisse a doce serenidade da presença divina, como se conclui do Salmo 67:1.

A palavra é usada 74 vezes, sendo 71 nos Salmos e três vezes no livro de Habacuque – 3:3, 9, 13.

No Salmo 143:6 está: "A ti levanto as mãos; a minha alma anseia por ti, como terra sedenta – Selah". A palavra aqui significa fazer uma pausa e elevar a alma e não simplesmente a voz.

C.H. Spurgeon em seu livro *Tesouro de Davi*, comentando este versículo afirma:

"Minha alma qual terra sedenta tem sede de ti". Como a terra ressequida e rachada pela seca, abrindo a boca em súplicas silenciosas, o salmista também sentia a alma quebrantada pela saudade. Tinha sede do Senhor. Selá."

Habacuque, o professor hebreu, avaliando as calamidades que vieram sobre seu país e os subseqüentes castigos que adviriam aos caldeus, argumentou com Deus com todo o entusiasmo e impetuosidade de seu espírito, culminando com sua sublime e poética prece, na qual aparece três vezes a palavra "**Selá**".

2ª) Aleluia

A palavra hebraica "                     

Em 15 Salmos a expressão **aleluia** aparece tanto no início no fim (Sal. 106, 113, 135; 146-150); em outros apenas no início (Sal. 112); e ainda em alguns, somente no fim (Sal. 104, 105; 115-117).

A nota tônica dos Salmos era esta: louvai a Deus, desde que Davi e outros autores dos Salmos viam em todas as circunstâncias vida, favoráveis ou desfavoráveis motivos para louvar a Deus.

b) No Novo Testamento

Nesta parte da Bíblia ela aparece apenas 4 vezes em Apoc. 19, versos 1, 3, 4 e 6. Nestes versos ela indica o canto de júbilo dos Salvos no Céu, pelo privilégio da salvação.

Esta palavra na realidade, é a mais sintética de todas as doxologias conhecidas.

3ª) **Amém**

É uma palavra mais rica de significados no original. Vem do verbo hebraico **amén**, que significa: amparar, suportar, confiar, ser verdadeiro, o que permanece firme, verídico, seguro, eterno.

Sendo uma palavra tão rica em significações ela é usada:

- a) Para confirmação de um compromisso que se toma, como pode ser visto em I Reis 1:36 e Jer. 11: 5; ou para a pessoa declarar que aceita a maldição ou castigo caso não cumpra o compromisso. Um exemplo frisante se encontra em Deut. 27:15-26, onde os doze versículos culminam com um enfático "**amém**".
- b) Como fórmula de apoio a um desejo ou uma esperança, a exemplo da oração de Davi. I Crôn. 16:36.
- c) Como um título para Cristo em Apoc. 3:14. Esta é a única vez no Novo Testamento que **Amém** é usada como um nome próprio. Ele é aqui chamado – o Deus do **Amém**, porque ele é a autenticação e a segurança pessoais da verdade de Deus entre os homens.

Os comentaristas vêem nesta expressão uma influência de Isaías 65:16 que chama a Deus, como o Deus que dirá **Amém**. Nesta passagem de Isaías Deus é chamado duas vezes de **Eloim Amém = Deus do Amém**, cuja expressão também pode ser traduzida como o Deus da verdade, isto é, o Deus que garante o que promete com a verdade de suas palavras.

A identificação de Deus que diz **Amém**, em Isaías 65:15, com Cristo, o Amém de Apoc. 3:14 é uma prova irrecusável da divindade do nosso Salvador.

Cristo ao declarar-se como o Amém, deseja transmitir-nos a idéia de que Ele é a verdade de Deus aos homens, e que podemos crer em suas promessas. Ele é a segurança e o testemunho fiel e veraz da revelação divina.

Os salmos se dividem em 5 livros terminados assim:

- a) O primeiro em 41:13 (**Amém e amém!**)
- b) O segundo em 72:19 (**Amém e amém!**)
- c) O terceiro em 89:52 (**Amém e amém!**)
- d) O quarto em 106:48 (**Amém! Aleluia!**)
- e) O quinto evidentemente em 150:6 (**Aleluia!**)

Os três primeiros livros terminam com um duplo **amém**; o quarto, com **amém e aleluia**; enquanto o quinto, apenas com a palavra **aleluia**.

No final dos quatro primeiros livros o amém termina uma doxologia. O salmista o usa como o reconhecimento de que as declarações feitas são seguras e válidas.

Na liturgia do povo judeu a palavra era empregada no sentido de que quem a proferia cria na mensagem e aceitava o que estava sendo exposto.

Os filhos de Israel usavam **amém** no final da oração como uma palavra que resumia a prece, indicando que eles a aprovavam e a tornavam sua.

Sempre pensamos no **amém** como uma palavra usada para concluir uma frase ou oração, mas na Bíblia, muitas vezes, ela é usada no início de uma frase para indicar que o que se segue é importante. Se o seu uso indica a importância da declaração seguinte, a sua repetição no início da sentença denota que o que será dito é muito importante e solene. Por isso Jesus começou muitas das suas afirmações desta maneira, sendo relatadas 25 no evangelho de João. Elas são traduzidas por: *verdadeiramente; em verdade, em verdade* ou outras expressões equivalentes. Confira S. João 1:51; 3:3.

Os evangelhos sinóticos empregam a expressão "**amém**" 49 vezes, sendo 30 em Mateus, 13 em Marcos e 6 em Lucas. João no evangelho a usa sempre repetida 25 vezes. Nos demais livros neotestamentários ela é empregada 70 vezes.

Nossos pastores deviam ensinar seus membros a usarem o **amém** com propriedade, com contrição e com o verdadeiro espírito de adoração.

O amém pode ser pronunciado no momento impróprio, como aconteceu em determinada igreja, onde alguém orava mais ou menos assim:

"Graças te damos pela vida. Dá-nos força para vencer o mal. Tu sabes Senhor que o diabo está irado contra nós". Neste momento alguém (pode ser até muito sincero) proferiu um eloqüente **amém**, mas totalmente inadequado.

Observando a nossa igreja constatamos que bons costumes desaparecem, enquanto costumes reprováveis surgem e proliferam. Dentre os salutareos costumes esquecidos, em algumas igrejas, encontra-se o de não pronunciar o **amém** durante a oração e no seu final.

Bom seria que em nossas igrejas ao o pregador fazer um apelo para a vida de santificação, ou no final de uma oração os crentes respondessem com um sincero **amém**, querendo assim dizer: Faço minhas as palavras do pastor, aceito o que ele disse.

Em conclusão a estas três palavras sagradas declaramos:

Se realmente, alguém pudesse alcançar a inteira significação de um profundo e reverente "**Amém**", de um glorioso "**Aleluia**" e de um ansioso espírito de "**Selá**", os céus e a terra ressoariam com glória Amém.

Pedro Apolinário

Análise – Textos Bíblicos de Difícil Interpretação, vol. I, págs. 27-29.